



**CARLA LISBOA GRESPAN**

**HETEROTOPIAS *ON-LINE*: SOCIABILIDADES E PERFORMATIVIDADES  
JUVENIS LGBT NO *FACEBOOK***

CANOAS, 2019.

CARLA LISBOA GRESPAN

**HETEROTOPIAS *ON-LINE*: SOCIABILIDADES E PERFORMATIVIDADES  
JUVENIS LGBT NO *FACEBOOK***

Tese apresentada para fins de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto  
Orientador

CANOAS, 2019.

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G831h Grespan, Carla Lisboa.

Heterotopias on-line [manuscrito]: sociabilidades e performatividades juvenis no Facebook / Carla Lisboa Grespan – 2019.  
207 f.; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade La Salle, Canoas, 2019.  
“Orientação: Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto”.

1. Sociologia. 2. Diversidade sexual. 3. Juventude. 4. Sociabilidades.  
5. Redes sociais. I. Ratto, Cleber Gibbon. II. Título.

CDU: 316.346.32-053.6

Bibliotecário responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

CARLA LISBOA GRESPAN

**HETEROTOPIAS ON-LINE: SOCIABILIDADES E PERFORMATIVIDADES  
JUVENIS LGBT NO FACEBOOK**

Tese aprovada como requisito para a obtenção  
do título de Doutora em Educação do Programa  
de Pós-Graduação em Educação da  
Universidade La Salle – UNILASALLE.

Aprovada pela banca examinadora em 22 de março de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Regina Lahni  
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Regina Costa Ribeiro –  
Universidade Federal do Rio Grande / FURG

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosária Ilgenfritz Sperotto –  
Universidade Federal de Pelotas / UFPEL

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Miriam Correa de Lacerda  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Backes  
Universidade La Salle / UNILASALLE

---

Orientador – Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto –  
Universidade La Salle / UNILASALLE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto  
Universidade La Salle, Orientador e Presidente  
da Banca



Profª. Drª. Luciana Backes  
Universidade La Salle



Profª. Drª. Miriam Pires Correa de Lacerda  
UFRGS



Profª. Drª. Claudia Regina Lahni  
UFJF



Profª. Drª. Rosária Ilgenfritz Sperotto  
UFPEL



Profª. Drª. Paula Ribeiro  
FURG

**Área de Concentração:** Educação  
**Curso:** Doutorado em Educação

Canoas, 22 de março de 2019.

Dedico esta Tese a minha COMPANHEIRA DE VIDA, **Márcia Alves Dombkowsch**, por tudo o que representa uma relação de amor - o caminhar juntas, o incentivo e apoio incondicional - que possibilita concretizar meus/nossos sonhos.

## AGRADECIMENTOS

Nesta trajetória acadêmica, por vezes longa, mas prazerosa e gratificante, agradecer é reconhecer que sem o auxílio do outro seria impossível realizar esta Tese. Assim pretendo nomear, Instituições e Pessoas, que foram e são importantes para concretizar este objetivo de vida.

Início pelas Instituições de Ensino, Universidade La Salle por tod@s excelentes professor@s, todas as oportunidades de aprendizagem e incentivo a pesquisa; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo apoio financeiro e pela possibilidade de tempo para dedicação exclusiva aos estudos; e a Instituição de Fomento à Pesquisa, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que proporcionou apoio financeiro para conclusão desta pesquisa.

As Instituições Médicas, Clínica Oncotrata e Hospital Divina Providência, pela eficiência e cuidado, de su@s servidor@s, durante meu tratamento. Especialmente, a Dra. Ana Paula Muller, Dra. Andrea Moretto, Dr. Marcelo Bentacor Lontra.

@s professor@s Prof. Dr. Cledes Antonio Casagrande, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Dirléia Fanfa Sarmiento, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Elaine Conte, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Backes, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Miriam Correa de Lacerda, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Regina Costa Ribeiro, Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rosária Ilgenfritz Sperotto e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Regina Lahni por todas as oportunidades e trocas de conhecimento.

As minhas guias espirituais e terapêuticas, Mãe Margarete D'obá, e Margareth Osório por todos os esforços para curar minhas doenças do corpo/da alma e por mostrar os caminhos de fé com crítica, responsabilidade e humanidade.

A tod@s amig@s que estiveram ao meu lado incentivando meu processo de aprendizagem e mandando energias positivas para minha cura, principalmente, Alessandra Colares Cichovski e Jerônimo Simões Lauriente.

A minha família, especialmente, Vera Lucia Mayorca (sogra), Luciana Dombkowitsch (cunhada), Pierre Bedin e José Carlos Fernandes (irm@s) e Patrícia Guglieri Jardim (prima) pelo apoio incondicional tanto nos estudos como na saúde.

Ao meu querido orientador Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto por incentivar a produção de conhecimento, pela amizade e por me fazer acreditar, mesmo com todos os percalços do caminho, que esta tese seria concluída.

A minha amada esposa e companheira, Márcia Dombkowitsch, pela fé, pelo incentivo, pela ajuda e pela amizade nos momentos mais difíceis. Com certeza sem você este sonho não seria realizado.

*a política de identidade não é capaz de fornecer uma concepção mais ampla do que significa, politicamente, viver junto, em contato com as diferenças, algumas vezes em modos de proximidade não escolhida, especialmente quando viver juntos, por mais difícil que possa ser, permanece um imperativo ético e político. Além disso, a liberdade é mais frequentemente exercitada com outros, não necessariamente de uma maneira unificada e conformista. Ela não exatamente presume ou produz uma identidade coletiva, mas um conjunto de relações possibilitadoras e dinâmicas que incluem suporte, disputa, ruptura, alegria e solidariedade.*

*(...)*

*O exercício da liberdade é algo que não vem de você ou de mim, mas do que está entre nós, da ligação que estabelecemos no momento em que exercitamos juntos a liberdade, uma ligação sem a qual não existe liberdade. (BUTLER, 2018, p. 34 e 59)*

## RESUMO

Esta Tese aborda a juventude LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual) e a maneira como se relaciona com as redes sociais on-line e com a Rede de Movimento Social LGBT, tendo como objetivo compreender de que modo o exercício da ciberdemocracia, da amizade e da escrita de si entre jovens, que se relacionam pelo *Facebook*, podem se constituir como uma política de performatividade e um dispositivo de enfrentamento das precariedades. As 683 postagens (textuais e imagéticas), das *fan pages* de Organizações Não Governamentais que militam na Rede de Movimento Social LGBT - Jóvenes LGBT México (México), Federación Argentina LGBT – FALGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Rede Nacional de Adolescentes LGBT (Brasil) - construíram a cartografia dos bancos de dados e interações, analisadas através das ferramentas metodológicas de Análise de Rede Social (ARS), Análise de Discurso de Michel Foucault e Análise Imagética de Gillian Rose, sendo utilizado como arcabouço teórico de análise os Estudos Feministas, Culturais, de Gênero e, sobretudo, os Estudos Queer, sustentado em três eixos conceituais – Políticas de Performatividades, Precariedade e Sociabilidades. Esta concepção teórico-metodológica situa a pesquisa como exploratório-descritiva, netnográfica, de caráter qualitativo e relacionada aos processos educacionais que constituem os sujeitos no ciberespaço, sendo desenvolvida em três linhas de análise: Rede de Movimento Social, Ativismo *On-line* LGBT e Escrita de Si. Da análise do material, resultou a tese, segundo a qual, a amizade nas redes sociais on-line pode ser constituinte de uma potência revolucionária, uma combinação produtiva de desejos e afetos que subvertem as malhas da sociedade de controle, já que as redes colaborativas e a militância glocal produzem fissuras, práticas de liberdade que não operam pela vontade de dominação, mas pela resistência constituída no comum, articulada em multidão e agenciada por redes de afeto. A isso denomino *Heterotopias On-line*. Esta Cultura do Afeto é representada pelo amor revolucionário que tem significado na resistência, porque resistir é, ao mesmo tempo desejável e desejante. E é do resistir (cri)ativo que podemos construir um mundo melhor.

Palavras-Chave: Juventudes LGBT; Heterotopias On-line; Cultura do Afeto; Sociabilidades; Performatividade.

## ABSTRACT

This thesis deals with the LGBT youth (Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender) and how it relates to online social networks and the LGBT Social Movement Network, with the objective of understanding how the exercise of cyberdemocracy, friendship and self-writing among young people, who are related by Facebook, can constitute as a policy of performativity and a device to deal with precariousness. The 683 posts (textual and imagery) of the fan pages of Non-Governmental Organizations that militate in the LGBT Social Movement Network - LGBT Youth Mexico (Mexico), LGBT Argentina Federation - FALGBT (Argentina), Ex Aequo Network (Portugal), National Network of LGBT Adolescents (Brazil) - constructed cartography of databases and interactions, analyzed through the methodological tools of Analysis of Michel Foucault's Discourse Analysis and Gillian Rose's Imaging Analysis. The Feminist, Cultural, Gender Studies and, above all, the Queer Studies are used as theoretical framework of analysis, based on three conceptual axes - Policies of Performativity, Precariousness and Sociability. This theoretical-methodological conception places the research as exploratory-descriptive, netnographic, of a qualitative nature and related to the educational processes that constitute the subjects in cyberspace, being developed in three lines of analysis: Social Movement Network, LGBT On-line Activism and Writing Yes. From the analysis of the material, the thesis resulted, according to which, friendship in online social networks can be constituent of a revolutionary power, a productive combination of desires and affections that subvert the networks of the control society, since the collaborative networks and glocal militancy produce fissures, practices of freedom that do not operate by the will of domination, but by the resistance constituted in the common, articulated in multitude and agenciada by networks of affection. This is called Online Heterotopias. This Culture of Affection is represented by the revolutionary love that has meaning in the resistance, because to resist is at the same time desirable and desiring. And it is to resist (cri) active that we can build a better world.

Key words: LGBT Youth; Heterotopias Online; Culture of Affection; Sociabilities; Performativity.

## RÉSUMÉ

Cette thèse traite des jeunes LGBT (lesbiennes, gays, bisexuels et transgenres) et de son lien avec les réseaux sociaux en ligne et le réseau du mouvement social LGBT, dans le but de comprendre comment l'exercice de la cyberdémocratie, L'amitié et l'écriture de soi chez les jeunes, qui sont liés par Facebook, peuvent constituer une politique de performativité et un moyen de faire face à la précarité. Les 683 publications (textuelles et textuelles) des pages de fans d'organisations non gouvernementales qui militent dans le réseau du mouvement social LGBT - Jeunes LGBT Mexique (Mexique), Fédération Argentine LGBT - FALGBT (Argentine), Réseau Ex Aequo (Portugais), Réseau national des adolescents LGBT (Brésil) - cartographie élaborée de bases de données et d'interactions, analysée à l'aide des outils méthodologiques d'analyse du discours de Michel Foucault et analyse en imagerie de Gillian Rose - Les études féministe, culturelle, de genre et, surtout, les études Queer sont utilisées comme cadre théorique d'analyse, reposant sur trois axes conceptuels - Politiques de Performativité, précarité et sociabilité. Cette conception théorico-méthodologique place la recherche comme exploratoire-descriptive, netnographique, de nature qualitative et liée aux processus éducatifs qui constituent les sujets du cyberspace, en cours de développement dans trois axes d'analyse: Social Movement Network, LGBT On-line Activism et écriture. De l'analyse du matériel, la thèse a abouti, selon laquelle l'amitié dans les réseaux sociaux en ligne peut être constitutive d'un pouvoir révolutionnaire, une combinaison productive de désirs et d'affections qui subvertissent les réseaux de la société de contrôle, puisque les réseaux de collaboration et le militantisme glocal produit des fissures, des pratiques de liberté qui ne fonctionnent pas par la volonté de domination, mais par la résistance constituée dans le commun, articulée en multitude et agenciada par des réseaux d'affection. C'est ce qu'on appelle les hétérotopies en ligne. Cette culture de l'affection est représentée par l'amour révolutionnaire qui a un sens dans la résistance, car résister est à la fois souhaitable et désirant. Et c'est pour résister (cri) actif que nous pouvons construire un monde meilleur.

Mots-clés: Les jeunes LGBT; Hétérotopies en ligne; Culture de l'affection; Les sociabilités; Performativité.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Página do <i>Facebook</i> Jóvenes LGBT México .....	42
Figura 2 -	Página do <i>Site</i> Jóvenes LGBT México .....	42
Figura 3 -	Página do <i>Facebook</i> FALGBT .....	44
Figura 4 -	Página do <i>Facebook</i> Secretaria de Juventud .....	44
Figura 5 -	Página do <i>Site</i> Secretaria de Juventud .....	44
Figura 6 -	Página do <i>Facebook</i> Rede Ex Aequo .....	45
Figura 7 -	Página do <i>Site</i> ILGA Portugal .....	46
Figura 8 -	Página do <i>Site</i> Rede Ex Aequo .....	46
Figura 9 -	Página do <i>Facebook</i> Rede Nacional de Adolescentes LGBT .....	47
Figura 10 -	Página do <i>Site</i> Rede Nacional de Adolescentes LGBT .....	47
Figura 11 -	Manifesto da Rede Nacional de Adolescentes LGBT .....	48
Figura 12 -	App Espaço Livre .....	75
Figura 13 -	Mapa Colaborativo contra o Preconceito.....	76
Figura 14 -	Rede de Movimento Social .....	96
Figura 15 -	Dados da Homofobia no México .....	111
Figura 16 -	<i>Site</i> da ILGA .....	119
Figura 17 -	Ninguém Solta a Mão de Ninguém .....	163

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Etapas da Pesquisa da Netnográfica .....	28
Quadro 2 -	Distribuição de Usuári@s do <i>Facebook</i> no Mundo por Idade e Sexo a partir de julho de 2018 .....	36
Quadro 3 -	<i>Ranking</i> das Redes Sociais <i>On-line</i> no Brasil .....	36
Quadro 4 -	Média do Número de Fãs entre das Redes Sociais <i>On-line</i> no Brasil ....	37
Quadro 5 -	Média de Postagens entre das Redes Sociais <i>On-line</i> no Brasil .....	37
Quadro 6 -	Média do Número de Interações entre das Redes Sociais <i>On-line</i> no Brasil .....	37
Quadro 7 -	Taxa Média de Resposta entre das Redes Sociais <i>On-line</i> no Brasil ...	37
Quadro 8 -	Média do Número de Fãs das Redes Sociais <i>On-line</i> nos Países Pesquisados em julho de 2018 .....	38
Quadro 9 -	Média de Postagens de Mensagens nas Redes Sociais <i>On-line</i> nos Países Pesquisados em julho de 2018 .....	39
Quadro 10 -	Média do Número de Interações nas Redes Sociais <i>On-line</i> nos Países Pesquisados em julho de 2018 .....	39
Quadro 11 -	Taxa Média de Respostas nas Redes Sociais <i>On-line</i> nos Países Pesquisados em julho de 2018 .....	39
Quadro 12 -	Resumo das Pesquisas Científicas .....	56
Quadro 13 -	Perfil das Vítimas LGBT por Sexo e Identidade de Gênero .....	73
Quadro 14 -	Perfil das Vítimas LGBT por Cor/Raça e Tipo de Deficiência .....	73
Quadro 15 -	Perfil das Vítimas LGBT por Faixa Etária .....	73
Quadro 16 -	Perfil dos Suspeitos de Violações contra LGBTs por Sexo/Faixa Etária/Cor .....	74
Quadro 17 -	Estatística de Passosas LGBTs Mortas entre 2000-2017.....	77
Quadro 18 -	Perfil da Violência contra LGBTs no Brasil em 2017 .....	77
Quadro 19 -	Organizações Regionais da ILGA .....	120

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Classificações do Direito .....	92
Gráfico 2 -	Principais Temáticas das Postagens .....	92
Gráfico 3 -	Postagens com mais Reações d@s Usuári@s .....	93
Gráfico 4 -	Postagens mais Compartilhadas pel@s Usuári@s .....	94
Gráfico 5 -	Rede ILGA .....	120
Gráfico 6 -	Rede de Movimento Social LGBT na América Latina e Portugal .....	122

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 -	“Un joven denunció que la Policía lo detuvo “por puto”” .....	147
Imagem 2 -	“Ataque homofóbico en la Marcha del Orgullo de Buenos Aires” .....	148
Imagem 3 -	“Mariana Gómez, la joven que por besarse con su esposa terminó presa”	148
Imagem 4 -	“Brutal ataque homofóbico a integrante del equipo de rugby Ciervos Pampas”	149
Imagem 5 -	“Reunión con Daniel para asesorarlo sobre los pasos a seguir para efectuar una denuncia” .....	149
Imagem 6 -	““Zurdos y lesbianas de mierda” el grito del radicalismo contra los concejales del FIT em Jujuy” .....	149
Imagem 7 -	“Denuncia que no le vendieron un ramo de flores para su novia porque es lesbiana” .....	150
Imagem 8 -	“Reunión con Fernando Arruda, brasileño que sufrió ataque violento debido sua orientación sexual” .....	150
Imagem 9 -	“Conocida transexual fue brutalmente golpeada por um taxista” .....	151
Imagem 10 -	“Echaron a dos hombres del boliche por besarse, quisieron hacer la denuncia y un policía los amenazó” .....	151
Imagem 11 -	“Ni una prueba para sostener veinte detenciones – Fueron sobreseídas las 15 mujeres e los 5 hombres detenidos tras la manifestación del 8M pasado” .....	152
Imagem 12 -	“Una Fiesta popular eclipsada por un hecho de violencia y discriminación” .....	152
Imagem 13 -	“No madrugada do día de hoja a compañera trans Milagres Duarte fui brutalmente atingida por un cliente” .....	152

## LISTA DE SIGLAS

ARS	Análise de Rede Social
APP	Aplicativo
FALGBT	Federacion Argentina LGBT
GGB	Grupo gay da Bahia
ILGA	International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association
LGBT	Lesbicas, Gays, Bisexuais e Transexuais
LGBTIQ	Lesbicas, Gays, Bisexuais, Transexuais, Intersex e Queer
LGBTTTIQ	Lesbicas, Gays, Bisexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersex e Queer
ONG	Organização Não Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>22</b>
2.1	O <i>FACEBOOK</i> : UM CAMPO INVESTIGATIVO PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO .....	22
2.2	O CORPUS EMPÍRICO <i>ON-LINE</i> : PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE ....	28
2.3	APRESENTAÇÃO PRELIMINAR DO CAMPO DE PESQUISA .....	34
2.3.1	Jóvenes LGBT México .....	40
2.3.2	Federación Argentina LGBT – FALGBT .....	42
2.3.3	Rede Ex Aequo .....	44
2.3.4	Rede Nacional de Adolescentes LGBT .....	46
<b>3</b>	<b>MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA .....</b>	<b>49</b>
3.1	DISCURSOS SOBRE JUVENTUDES.....	49
3.1.1	Constituição do Conceito “Jovem/ns” e “Juventude/s” .....	50
3.1.2	Discursos Acadêmicos sobre Juventudes .....	54
3.2	ESPAÇOS <i>ON-LINE</i> : SOCIABILIDADES E POLÍTICA.....	61
3.3	JUVENTUDES LGBT: A PRECARIIDADE DE VIVER NAS SOMBRAS.	69
3.4	AMIZADE E ESCRITA DE SI: POTENCIALIDADES POLÍTICAS E VIRTUAIS .....	84
<b>4</b>	<b>LINHAS DE ANÁLISE .....</b>	<b>91</b>
4.1	DO MOVIMENTO SOCIAL PARA A REDE DE MOVIMENTO SOCIAL.....	95
4.1.1	Breve Histórico dos Movimentos Sociais LGBT .....	98
4.1.2	Movimento Social LGBT em Portugal .....	101
4.1.3	Movimento Social LGBT na Argentina .....	104
4.1.4	Movimento Social LGBT no México .....	108
4.1.5	Movimento Social LGBT no Brasil .....	113
4.1.6	ONGs Pesquisadas e a Rede de Movimento Social LGBT .....	118
4.2	ATIVISMO <i>ON-LINE</i> LGBT: O DIREITO A REIVINDICAÇÃO DA LIBERDADE .....	125
4.2.1	Ciberativismo e Heterotopia <i>On-line</i> .....	128
4.2.2	Heterotopias de Desvio: espaços de reivindicação da liberdade.....	134
4.2.3	Corpo: lócus de aliança e reivindicação na virtualidade .....	139
4.3	ESCRITA DE SI: O ESTAR JUNTO E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA..	146
4.3.1	Violência Ética: a imagem como forma de visibilizar as violações dos Direitos Humanos.....	147
4.3.2	Sociabilidade como Ética da Vida .....	159

4.3.3	Cultura do Afeto: a experiência coletiva na produção alternativa da subjetividade .....	164
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>172</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>176</b>
	<b>APÊNDICE A - Banco de Teses e Dissertações Capes.....</b>	<b>188</b>
	<b>APÊNDICE B - Banco de Teses e Dissertações da BDTD.....</b>	<b>191</b>
	<b>APÊNDICE C - Artigos SciELO.....</b>	<b>193</b>
	<b>ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....</b>	<b>194</b>
	<b>ANEXO 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido .....</b>	<b>195</b>
	<b>ANEXO 3 – Roteiro de Entrevista .....</b>	<b>196</b>
	<b>ANEXO 4 – Produção Científica Associada à Tese .....</b>	<b>197</b>
	<b>ANEXO 5 – Mapa Geral das Leis sobre Orientação Sexual no Mundo .....</b>	<b>204</b>
	<b>ANEXO 6 – Mapa Mundial sobre à Criminalização em Relação a Orientação Sexual .....</b>	<b>205</b>
	<b>ANEXO 7 – Mapa Mundial sobre à Legislações de Proteção as Pessoas LGBT.....</b>	<b>206</b>
	<b>ANEXO 8 – Mapa Mundial sobre o Reconhecimento de Direitos das Pessoas LGBT .....</b>	<b>207</b>

*Eu acredito é na rapaziada  
 Que segue em frente e segura o rojão  
 Eu ponho fé é na fé da moçada  
 Que não foge da fera e enfrenta o leão  
 Eu vou à luta com essa juventude  
 Que não corre da raia a troco de nada  
 Eu vou no bloco dessa mocidade  
 Que não tá na saudade e constrói  
 A manhã desejada<sup>1</sup>*

## 1 INTRODUÇÃO

Os passos que me trouxeram ao Doutorado em Educação percorreram várias trilhas acadêmicas e profissionais. A trilha acadêmica inicia com o curso de Magistério, antigo 2º Grau Profissionalizante, se bifurcando nas Licenciaturas de História e de Educação Física. Depois de alguns anos procurando por cursos que possibilitassem pesquisar as temáticas de gênero e sexualidade na interface com a Educação, voltei a trilha da Educação Física com a Especialização em Pedagogias do Corpo e da Saúde e o Mestrado em Ciências do Movimento Humano ambos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

As trilhas acadêmicas estão interligadas as trilhas profissionais, primeiro como professora da Rede Estadual de Ensino onde ministrou aula há mais de 28 anos, passando pelos vários níveis de ensino: Anos Iniciais do Ensino Fundamental (professora unidocente ou da disciplina de Educação Física); Anos Finais do Ensino Fundamental (disciplinas de História e/ou Educação Física); Ensino Médio (disciplinas de História e/ou Educação Física); Ensino de Jovens e Adultos – EJA (nível Fundamental e Médio – disciplina de História); Ensino Médio – Curso Normal (disciplina de Didática de Educação Física); e Ensino Médio Aproveitamento de Estudos – Curso Normal (disciplinas de Didática de Educação Física, Didática de Ciências Humanas e História da Educação).

A trilha profissional também foi bifurcada, uma pela experiência como Vice-Diretora e Coordenadora de Curso de Escola Pública da Rede Estadual de Ensino, outra pelas atividades de assessoria pedagógica como Técnica em Assuntos Educacionais na UFRGS, sendo que ao longo destas atividades exerci militância no movimento social LGBT. Desta forma, tanto minha vida acadêmica quanto a profissional e a militante, me constituíram como pesquisadora nos campos dos estudos sobre corpo, gênero, sexualidade e suas imbricações com a educação, o esporte e as mídias *on-line*.

---

<sup>1</sup> Música “E Vamos À Luta” composta por Gonzaguinha.

Minha trajetória proporcionou a publicação de vários artigos em revistas e livros da área da Educação, da Educação Física e das Mídias (2011 a 2018); um livro – “Mulheres no Octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades” - (lançamento – novembro/2015); a aprovação para o Doutorado em Educação da Unilasalle/Canoas na Linha Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação (março 2015); a inserção como pesquisadora no PPGEDU/Unilasalle/Canoas na linha de pesquisa “Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação” (2015), como integrante do Grupo de Pesquisa Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas (2015) e como bolsista CAPES/PROSUP (2016)<sup>2</sup>.

Estas caminhadas não só constituíram meus discursos, também construíram e desconstruíram minhas práticas pedagógicas, bem como embasam o método, os pressupostos teóricos, as metodologias e a temática adotada nessa tese. Desta forma, esta tese se contrapõe ao modelo de racionalidade da ciência moderna, notadamente gestado desde o século XVI, sob a lógica do racionalismo cartesiano e do empirismo baconiano que transformaram o mundo e as pessoas em algo quantificado, classificado, hierarquizado e que produziram discursos que buscam na suposta essência biológica, uma forma de fixar e estabilizar os sujeitos em uma identidade hegemônica, discriminando seus corpos, gêneros e sexualidades.

A sociedade moderna se ergueu sob a égide do processo heteronormativo, tendo a mídia massiva como uma de suas instâncias pedagógicas, concebida e organizada segundo os padrões do mercado de consumo. A partir do final do século XX, seus dispositivos de poder e subjetivação passam a reforçar o processo de modernização pautado pelo avanço da ciência e da tecnologia como o objetivo de controlar os fenômenos naturais, de afirmar a autonomia da subjetividade, de intensificar as redes de comunicação e o acesso ao conhecimento.

A constituição desta “sociedade em rede” deve ser entendida na interação entre duas tendências relativamente autônomas: o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e a tentativa da antiga sociedade de se (re)aparelhar através do poder da tecnologia para servir a “tecnologia do poder”. O modo de olhar esta sociedade deve visibilizar seus riscos éticos, ou seja, de que modo as tecnologias *on-line* qualificam as trocas comunicacionais, a autonomia, a responsabilidade e a interação das pessoas.

Segundo Pierre-Antoine Chardel (2012), os riscos éticos precisam ser analisados para além dos discursos e modos de representação que carregam essas tecnologias nos diferentes

---

<sup>2</sup> A lista completa da produção científica relacionada à Tese, já publicada em Periódicos qualificados e Anais de Eventos, pode ser consultada no Anexo 4 (Produção Científica Associada à Tese) com seus respectivos links, para consulta. Entende-se, neste contexto, que o processo de doutoramento não se restringe à produção da Tese ora apresentada, mas estende-se ao conjunto das produções que lhe foram dando corpo ao longo dos quatro anos de estudo.

contextos sociais que operam, principalmente, de mercado. Significa dizer que a cibercultura, atua de várias formas podendo reforçar representações heteronormativas e visibilizar a possibilidade de constituição de novos modos de sociabilidades apresentando um mosaico de performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades que precisa ser visto como um processo de desconstrução e descontinuidade de verdades.

Nesta acepção, compartilho das concepções de Boaventura Santos (2008), em relação ao conhecimento científico como algo que é socialmente construído, por isso histórico, imprevisível e múltiplo; um conhecimento que não descobre a verdade e sim cria verdades, portanto, não é neutro; devendo possibilitar o compartilhamento e para isso aberto a concessões.

Os Estudos Feministas, Culturais, de Gênero, as Teorias Pós-estruturalistas e, sobretudo, os Estudos *Queer*, dissociando a pretensa ordem linear entre sexo, gênero e desejo, possibilitaram este conhecimento aberto e compartilhado, colocando em pauta a discussão sobre as transformações sociais e biotecnológicas que fazem do corpo não só o centro de interesse das produções acadêmicas, como também o ponto mais frágil diante dos dispositivos de poder e de subjetivação que normatizam os gêneros, as sexualidades e as violências a partir de marcas biológicas restringindo-o em categorias identitárias e heteronormativas, o que Judith Butler (2015b) chama de violência normativa de gênero.

Especialmente na contemporaneidade, a sociabilidade deixa rastros, configura-se em discursos difusos, dispersos, inscritos textual e performaticamente, em grande quantidade e rapidez nas redes sociais *on-line*, das quais o *Facebook* é um exemplo. Essas redes têm se caracterizado, não somente como espaços de sociabilidade, como também espaços de resistência, sendo um local profícuo para pesquisar as sociabilidades juvenis na cultura contemporânea abrindo-se para o trânsito nas fronteiras dos corpos, dos gêneros e das sexualidades.

Os sujeitos escolhidos para esse estudo são as juventudes autodeclaradas Lésbica, Gay, Bissexual e Transexual – LGBT, devido às precariedades das “formas de viver nas sombras”, tendo como lócus de pesquisa as *fan pages* de Organizações Não Governamentais (ONG) que militam na Rede de Movimento Social LGBT, e por acreditar que o estudo pode potencializar as políticas de performatividades e minimizar a “vida precária”<sup>3</sup> das juventudes LGBT.

---

<sup>3</sup> Para Butler a precariedade é uma condição politicamente construída na qual determinadas populações são assimetricamente expostas a contextos de violência, perigo ou morte, existindo comunidades mais expostas à condição de precariedade, significando que pode ser compreendida como uma construção humana, acentuando seu caráter relacional e o valor diferenciado concedido à vida humana. (BUTLER, 2006 e 2015a)

Nesta segunda década do século XXI, sobretudo neste momento político e cultural brasileiro, atestam a importância de fazer da pesquisa em Educação um campo vivo de debate das questões atuais, aquelas que nos acossam no dia-a-dia como educadores, atropelados não só pelas “novidades” de modos de vida que ainda nem bem se constituíram, como pelo ressurgimento de formas de pensar e existir já bastante conhecidas, notadamente marcadas pelo autoritarismo, pela polarização estéril e pelo apagamento do diálogo franco e aberto com a alteridade. Desta forma, o contexto desta tese, pesquisa e (trans)formação se implicam direta e indissociavelmente. Não se trata de fazer “apenas” militância, mas de fazê-la “também”, sem descuidar do rigor epistemológico e intelectual que um empreendimento de pesquisa nesse nível de formação implica, necessariamente.

Esta pesquisa militante tem com o objetivo principal compreender de que modo o exercício da ciberdemocracia, da amizade e da escrita de si entre jovens, que se relacionam em/com *fan pages* de ONGs LGBT no *Facebook*, podem se constituir como uma política de performatividade e um dispositivo de enfrentamento das precariedades de “vidas que não merecem ser vividas”<sup>4</sup>.

Para que este objetivo fosse alcançado foi necessário:

- Mapear os discursos sobre corpo, gênero e sexualidade que permeiam as interações e sociabilidades no campo de pesquisa;
- Analisar as práticas discursivas (textuais e imagéticas) produzidas no campo de pesquisa e seus potenciais efeitos de sentido;
- Compreender de que maneira se constituem as relações de amizade a partir das sociabilidades e de uma determinada “escrita de si” no *Facebook*;
- Discutir de que modo se constituem as práticas de ciberdemocracia, seus limites e possibilidades no contexto pesquisado;
- Caracterizar e discutir as políticas de performatividades produzidas a partir das relações entre @s usuári@s<sup>5</sup> e as páginas pesquisadas, e a possibilidade destas de se constituírem como dispositivos de enfrentamento da precariedade dessa juventude LGBT.

Desta forma, esta pesquisa se sustenta em três eixos conceituais: Política(s) de Performatividade(s) que são as possibilidades de construção, de modelagens, dos enunciados que fazem acontecer, atribuem valores, descrevem, produzem, fissuram, visibilizando e

---

<sup>4</sup> Judith Butler traz a discussão o valor diferenciado concedido à vida humana visibilizando de que forma a discriminação opera na articulação entre o poder e o conhecimento produzindo “versões icônicas de determinadas populações” cujo sofrimento e perda parecem não ser lamentáveis. (BUTLER, 2015a)

<sup>5</sup> Como pesquisadora feminista, utilizo ao longo da tese a linguagem não sexista. (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2014).

rearticulando as representações em uma direção menos excludente, em que as categorias sejam um permanente lugar de oposição, de abertura e de releitura; Precariedade como o modo de compreender as inseguranças, as vulnerabilidades e as violências sofridas pelo “outro” na luta pelo suporte da sua vida; e Sociabilidade como os processos de interação social, não institucionais, fluidos e efêmeros, mais próximos do espírito humano, dotado de desejos e que possibilita o surgimento de novas formas sociais.

A tese divide-se em três capítulos, sendo o primeiro dedicado ao percurso metodológico, iniciando pelo campo investigativo (*Facebook*) e a sua importância na pesquisa em Educação, passando pelos procedimentos de análise do *corpus* empírico *on-line* e finalizando com a apresentação do campo de pesquisa. O segundo, apresenta o marco teórico, que está balizado pelos Estudos Feministas, Culturais, de Gênero e *Queer*, descrevendo os conceitos que operam analiticamente com os dados empíricos, mais especificamente: juventudes, sociabilidades, heterotopias, heterotopias *on-line*, ciberdemocracia, amizade e escrita de si.

O último capítulo é dedicado as três linhas de análise - Rede de Movimento Social, Ativismo *On-line* LGBT e Escrita de Si – apresentando um breve histórico da Rede de Movimento Social LGBT, a relação entre ciberativismo, corpo, heterotopias *on-line* e de desvio com o direito à reivindicação da liberdade, a construção do estar junto e a estética da existência a partir da visibilização das violações dos Direitos Humanos, da Sociabilidade como Ética da Vida e da Cultura do Afeto.

Em suma, da pesquisa desenvolvida, resulta a tese, segundo a qual, a amizade nas redes sociais *on-line* pode ser constituinte de uma potência revolucionária, uma combinação produtiva de desejos e afetos que subvertem as malhas da sociedade de controle, já que as redes colaborativas e a militância glocal produzem fissuras e práticas de liberdade que não operam pela vontade de dominação, mas pela resistência constituída no comum, articulada em multidão e agenciada por redes de afeto.

## 2 PERCURSO METODOLÓGICO

O termo metodologia, utilizado nesta tese, se refere ao modo de fazer uma investigação, ancorada nas maneiras de formulação dos questionamentos que constroem nossos problemas de pesquisa e se articulam com conjuntos de procedimentos de produção de dados e estratégias de descrição e análise. Desta forma, distante e mais livre do que a abordagem moderna do termo “método”. A metodologia pós-crítica pressupõe as abordagens teóricas dos Estudos *Queer*, Culturais e de Gênero, entre outras. (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 16)

O capítulo discorre sobre um modo de fazer investigação nos espaços *on-line* de sociabilidade partindo da caracterização do *Facebook* como campo de pesquisa para a área da Educação, passando pelos motivos de opção pela Netnografia como metodologia utilizada para produção e processamento dos dados empíricos, pelos critérios de escolha do campo de pesquisa, e opção pela Análise de Rede Social (ARS), Análise de Discurso Foucaultiana e Análise Imagética de Gillian Rose como procedimentos metodológico de análise dos dados produzidos, tendo como fechamento uma apresentação preliminar do campo de pesquisa.

### 2.1 O *Facebook*: um campo investigativo para pesquisa em Educação

O surgimento das redes sociais demandou novas propostas de pesquisa para esse ambiente. Nesta tese adoto uma investigação qualitativa a partir de uma perspectiva sociocultural, na qual se relacionam sujeitos e interatividade, sendo necessário olhar para os sujeitos participantes e os cenários de pesquisa como integrantes de uma totalidade, denominada contexto. Este contexto deve ser visto como uma teia, um entrelaçamento de memórias, vivências, relações, interpretações e possibilidades de experiências que ao mesmo tempo constitui o sujeito e reconfigura os cenários.

A humanidade de forma genérica, e as juventudes de forma específica, têm produzido infinidade de dados textuais e imagéticos (postados, compartilhados, curtidos) nos espaços *on-line*. As articulações e embates *on-line* entre os discursos hegemônicos e subordinados nos interpelam com modos de viver nossos corpos e nos constituem como sujeitos. Em relação as pesquisas online, Robert Kozinets (2010) aponta que:

A pesquisa e a teoria sobre comunidades online já têm mais de três décadas de história e envolvem todas as ciências sociais. O espaço social online das comunicações mediadas por computador foi uma vez considerado pobre, frio e igualitário. Mas os reais estudos dos grupos sociais online enfatizaram a diversidade e os atributos

culturais autênticos das comunidades online, e demonstraram o valor de uma abordagem observacional participante da internet. (KOZINETTS, 2010, p.27)

Partindo da afirmação de Robert Kozinets, passo a explicar a construção metodológica desta tese, começando pela abordagem da base “epistemológica” que a caracteriza. Este estudo está situado no campo dos chamados estudos pós-críticos ou pós-estruturalistas em Educação. Discutindo tal tradição de pesquisa, Marlucy Paraíso (2004) nos auxilia a resumir o caráter de tais investigações:

É preocupação dessas pesquisas expor o tipo de sujeito e de subjetividade que as diferentes práticas educativas formam, modificam, educam, fabricam, fixam, divulgam. Reunidas, essas pesquisas mostram que o sujeito (ou a subjetividade) é produzido, montado ou fabricado em diferentes práticas discursivas (tanto na escola como fora dela) que se combinam ou não para a regulação das nossas condutas. Defendem que o sujeito não existe fora da história, da linguagem, do discurso e das relações de poder. Enfim, mostram que é preciso estudar as diferentes práticas que investem uma infinidade de técnicas, estratégias e procedimentos na produção de certos tipos de sujeitos e de determinados “objetos”. (PARAÍSO, 2004, p. 293)

A ênfase de tal perspectiva consiste na desconstrução e reconstrução dos objetos de investigação, servindo-se da problematização como estratégia de base. Nomeada por alguns “metodólog@s” como reconstrutivista ou desconstrucionista, o mais importante aqui é situar seu caráter ético e político, já que sua formulação do que é conhecer não pode estar dissociada do que é agir social e politicamente.

Assim, é possível afirmar que “as pesquisas pós-críticas em educação no Brasil têm contribuído para a conexão de campos, para o desbloqueio de conteúdos, para a proliferação de formas e para o contágio de saberes minoritários”. Com isso, os “sentidos são multiplicados, os conhecimentos expandidos, os espaços de criação e invenção povoados. Elas têm-se posicionado contra a fixidez de significados, de narrativas, de valores, de classificações, de subjetividades, de verdades”. Um movimento amplo de pesquisas e pesquisador@s se articulam em torno de tal abordagem, mostrando a grandeza da indissociabilidade entre conhecimento, ética e política, “já que desarruma muito do já pensado na educação e mostra a importância de significar de outro modo, de criar, produzir, multiplicar e proliferar nesse terreno”. (PARAÍSO, 2004, p.295)

Afirmando a possibilidade do ciberespaço como *locus* de estudo e as redes sociais *on-line* como artefato cultural, abrem-se novas relações de poder/saber nos processos educacionais, pois no contexto cultural *on-line* podemos mapear os relacionamentos e conexões dos grupos

sociais, a inserção da tecnologia no cotidiano, suas relações com os processos pedagógicos e os modos de constituição dos sujeitos.

Segundo Rebeca Recuero Rebs (2009), as interações sociais advêm das áreas de sociabilidades que se desenvolvem nas redes sociais *on-line*, por exemplo, o *Facebook*.

Em meio a grandes promessas de superação de distâncias, dissociação do tempo e do espaço para a comunicação, na rapidez de interações, na ampliação de acessibilidade de informações e na liberdade de expressão que a Internet ofereceu, um fenômeno bastante peculiar destaca-se pelo efeito, tecnicamente, contrário de que os usos da Internet aparentavam ter como foco. [...] Ao buscarem o ambiente “sem fronteiras”, alguns usuários de redes sociais tendem a realizar uma marcação de territórios online [...] É justamente neste espaço de sociabilidade que os sujeitos vão se encontrar com o desígnio de estabelecer relacionamentos sociais e garantir trocas de experiência. (REBS, 2009, p. 1-3)

O procedimento metodológico está relacionado ao modo específico como o objeto será trabalhado nas diferentes fases da pesquisa, para produção e processamento dos dados utilizamos o método Netnográfico, baseado nos princípios da etnografia aplicado nos espaços *on-line*, que permite mapear, compreender e analisar os processos interativos d@s usuári@s e as produções de sentido na cultura *on-line*. A utilização da Netnografia como metodologia proporciona o estudo das práticas sociais *on-line* nos processos de sociabilidade, nos fenômenos comunicacionais e nas práticas de consumo. (BRAGA, 2007)

Marcio Noveli (2010) nomeia, aquel@ que utiliza o ciberespaço para fazer suas pesquisas, de netnógraf@

levanta, mas se encontra em sua casa, liga o computador, digita o endereço da comunidade virtual no browser e já está no campo. Lá, já transcritos e em farta quantidade, estão os discursos dos membros da comunidade. Uma comunidade da internet, cujo interesse comum é o consumo de algo. Opiniões, reclamações, dicas, sugestões, palpites. Um conjunto de discursos permeando o mesmo tema. Sujeitos de pesquisa: homens, mulheres e anônimos. Uma coleta de dados de pesquisa pronta e praticamente organizada para a análise do pesquisador. (NOVELI, 2010, p. 108-109)

Em relação aos procedimentos de produção de dados Robert Kozinets (2010, p. 93) alerta que não é uma tarefa fácil, não é “simplesmente juntá-los e “coletá-los””, pois assim seria “uma análise de “conteúdo” *on-line* em vez de um trabalho de campo netnográfico observacional participante “em” uma comunidade eletrônica”. E afirma que, esta produção não acontece apartada da análise de dados, estão entrelaçadas, devendo @ pesquisador/a compreender os sujeitos representados nas interações através de uma postura de pesquisa participativa

A coleta de dados em Netnografia significa comunicar-se com membros de uma cultura ou comunidade. Essa comunicação pode assumir muitas formas. Mas, qualquer forma que ela assuma implica envolvimento, engajamento, contato, interação, comunhão, relação, colaboração e conexão com membros da comunidade – não com um website da rede, servidor ou teclado, mas com as pessoas no outro extremo. (KOZINETS, 2010, p. 93)

O *Facebook* oferece 3 tipos de perfis: o perfil de usuáři@, o grupo de discussões e a *fan page*. Enquanto o perfil de usuário é voltado apenas para as pessoas físicas, os outros dois servem bem às empresas, associações, marcas, pessoas públicas e etc. A maioria das funções do *Facebook* são restritas para usuáři@s cadastrad@s, portanto, o *Google* não consegue indexar o conteúdo que se passa entre os próprios usuários. Com a abertura e *ranking* das páginas no *Google*, tornam-se muito valiosos os links que vem do domínio *Facebook.com*.

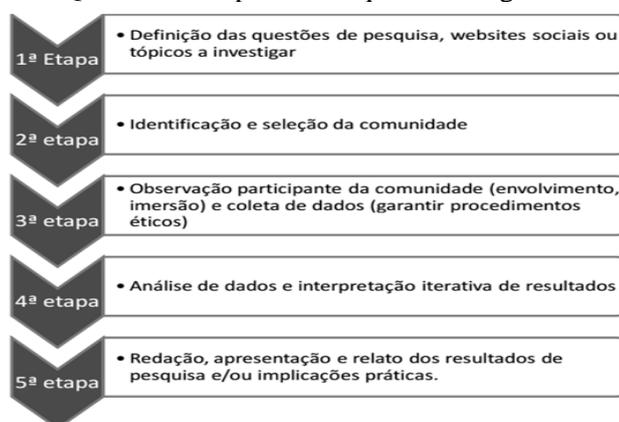
Os Grupos de Discussão oferecem a opção para páginas mais fechadas, tendo como características principais às voltadas à proteção das informações, sendo elas: para uma pessoa poder ler as informações contidas na página do Grupo, antes precisam ser aprovada pel@s moderador@s; é possível moderar as permissões de publicação no mural da página d@s usuáři@s. Uma das principais funções do Grupo, só permitida a este tipo de perfil, é a possibilidade de enviar mensagens diretas para a caixa de entrada de tod@s usuáři@s. O perfil de um Grupo pode ter no máximo 5.000 integrantes.

As *Fan Pages* estão na mesma linha dos Grupos de Discussão, foram criadas em resposta à crescente vontade d@s usuáři@s em se conectar com suas marcas, empresas ou celebridades favoritas, sendo que esta permite que qualquer pessoa entre e leia o conteúdo gerado pela página, possibilitando que as ferramentas de busca do *Google* possam vasculhar livremente, através das palavras-chave contidas na *fan page*. No momento em que um@ usuáři@ passar a curtir uma *fan page*, el@ recebe no próprio mural todas as atualizações da página e ao interagir com a mensagem, comentando ou curtindo, @s amig@s conectad@s @ usuáři@ irão ver que el@ participou daquele determinado post e poderão também interagir. O *Facebook* oferece para @s administrador@s de *fan pages* um ótimo relatório de estatísticas que contemplam dados e gráficos sobre as pessoas que participam, assim como também analisa a qualidade e o sucesso de cada uma das atualizações da página.

Os dados podem ser capturados de três formas: arquivais (cópia dos dados que @s usuáři@s criam sem intervenção d@ pesquisadora); extraídas (cópia das respostas d@s usuárias a perguntas e postagens realizadas pel@ pesquisador@); e notas de campo (anotações d@ pesquisador@ sobre as observações da interação realizada pela comunidade ou grupo

estudado). Utilizei as formas de arquivo e extração de postagens feitas pelas *Fan Pages* e usuáři@s.

Quadro 1 - Etapas da Pesquisa Netnográfica



Fonte: KOZINETS, 2010, p.63

Caracterizando as redes sociais *on-line*, neste caso o *Facebook*, como espaços de resistência e de sociabilidade, utilizei como descritores de seleção do campo de pesquisa, *fan pages*:

- 1º que possuíssem no seu nome a sigla LGBT;
- 2º ligadas a Rede de Movimento Social LGBT que se constituem como Organizações Não Governamentais (ONG);
- 3º que em sua organização possuíssem setor exclusivo para jovem(ns) ou juventude(s);
- 4º sediadas na América Latina ou em Portugal<sup>6</sup>;
- 5º ativas (com postagens de textos e fotos).

De acordo com os critérios estabelecidos foram encontradas em torno de 40 *fan pages*, sendo necessário um 6º descritor, uma *fan page* em cada um dos seguintes territórios América Central, América do Sul, Brasil e Portugal, foram escolhidas as *fan pages*: Jóvenes LGBT México (México), Secretaría de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Grupo e-jovem (Brasil).

Durante o período de produção de dados entre novembro de 2017 a fevereiro de 2018, ocorreram mudanças em duas *fan pages* Secretaría de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina) e Grupo e-jovem (Brasil), onde ambas deixaram de atualizar suas *fan pages*. Para sanar a debilidade na produção dos dados foram substituídas as *fan pages* no lugar do Grupo e-

<sup>6</sup> A escolha da América Latina, se dá pela proximidade geográfica e de Portugal porque na pesquisa utilizada na Google, sobre ONGs LGBT de língua portuguesa que possuía projetos ou programas para as juventudes, apareceu a Rede Ex Aequo como principal ONG.

jovem (Brasil) ficou Rede Nacional de Adolescentes LGBT (Brasil); e a Secretária de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina) foi trocada pela *fan page* principal da ONG a qual faz parte, Federación Argentina LGBT – FALGBT (Argentina).

Como o campo de estudo são as *fan pages*, acima descritas, e como objeto de investigação são as postagens textuais e imagéticas realizadas nas mesmas, se fez necessária a criação de uma conta no *Facebook* ativada em agosto de 2017. Para abarcar o objetivo de compreender os modos de sociabilidade entre @s internautas seguidor@s destas *fan pages*, foram adicionad@s o maior número possível de amig@s em cada *fan page* a ser pesquisada. Para a entrevista semiestruturada foram escolhid@s @s administrador@s das *fan pages*, indicad@s pelas ONGs, após o aceite do Termo de Consentimento ou Assentimento Livre e Esclarecido (anexo 1 e 2) - versões em português, português brasileiro e espanhol – disponibilizado por formulário do *google docs*, sendo enviado por e-mail o questionário, assim como as respostas.

Deixo explícito o caráter qualitativo desta pesquisa, ou seja, a quantidade de entrevistad@s não interfere na confiabilidade da mesma, pois @s mesm@s são uma parte dos dados produzidos para uma análise que aborda a interpretação do mundo. Segundo autor John W. Creswel (2007, p. 186) a preocupação da pesquisa é muito maior com o processo do que com o produto, o interesse do estudo está em verificar a maneira como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas, sendo uma pesquisa emergente em vez de estritamente pré-configurada. Na mesma linha de raciocínio, Roberto Jarry Richardson aponta que

o objetivo fundamental da pesquisa qualitativa não reside na produção de opiniões representativas e objetivamente mensuráveis de um grupo; está no aprofundamento da compreensão de um fenômeno social por meio de entrevistas em profundidade e análises qualitativas da consciência articulada dos atores envolvidos no fenômeno. (RICHARDSON, 1999, p. 102)

Desta forma, a validade da pesquisa não se dá pelo tamanho da amostra, mas pela profundidade com que o estudo é realizado, podendo decidir-se intencionalmente o tamanho da amostra, considerando, por exemplo, quais sujeitos são essenciais para compreender as relações conceituais, facilidade para se encontrar com as pessoas, tempo dos indivíduos para a entrevista e outros. Corroborando com a afirmativa, sendo esta pesquisa exploratória, as entrevistas foram realizadas com as pessoas indicadas pelas ONGs que mais se envolvem na temática estudada (anexo 3). Tendo uma abordagem teórico-empírica, o significado dos dados produzidos depende do referencial teórico utilizado, agregando impacto pertinente, no sentido de facilitarem a aproximação prática.

Após a delimitação do campo e sujeitos da pesquisa foram realizadas as seguintes etapas metodológicas:

- 1ª) Observação e produção dos dados contidos na aba “sobre” da *fan page* de cada ONG pesquisada;
- 2ª) Catalogação dos dados produzidos, a partir dos seguintes critérios: quando foi criada, localização da sede, quem administra a página, qual o objetivo, quem e quantas pessoas fazem parte, como funcionam as postagens (qual a frequência, tipos de postagens e quais conteúdos são priorizados);
- 3ª) Acompanhamento semanal das *fan pages* e da página da pesquisadora com o objetivo criar um banco de dados subdividido por ONG, seguindo os parâmetros: frequência de postagens (diária, semanal, quinzenal, mensal); tipo de postagens (fotos, reportagens, vídeos e/ou outros); temáticas das postagens; comentários d@s internaut@s; e compartilhamentos;
- 4ª) Organização do banco de dados de cada *fan page*, contendo título, data, tipo, tema, reações, comentários, compartilhamentos e mídia;
- 5ª) Contato com as ONGs, por *Messenger* ou e-mail para entrevista;
- 6ª) Produção de dados a partir das entrevistas realizadas;
- 7ª) Montagem de uma “Cartografia” (mapas dinâmicos de interação) a partir das postagens, tema, reações, comentários, compartilhamentos de cada *fan page*;
- 8ª) Análise dos bancos de dados e da “Cartografia” através das metodologias de Análise de Rede Social (ARS), Análise de Discurso de Michel Foucault e Análise Imagética de Gillian Rose.

## **2.2 O Corpus Empírico On-line: procedimentos de análise**

As técnicas de pesquisas científicas são os tipos de procedimentos de análise que a pesquisadora executa como parte da metodologia de investigação. Como o trabalho investigativo desta tese foi no ambiente *on-line* e as metodologias de análise neste ambiente, ainda pouco conhecidas, dentre elas escolhi as que mais se adequam a resolução dos objetivos propostos, sendo as seguintes: Análise de Rede Social (ARS), para investigar o registro das dinâmicas sociais *on-line*, com o mapeamento das interações e conversas em larga escala, além da popularidade e audiência das *fan pages*; Análise Imagética de Gillian Rose para as imagens postadas e Análise de Discurso de Michel Foucault para os conjuntos textuais postados ou comentados.

Pensando a rede como “estrutura de dados comumente encontradas em quaisquer serviços de mídia social que permitam às pessoas construir grupos de conexões”, estas podem ser densas com um único grupo muito conectado ou terem menos conexões entre seus membros; grupos separados que não se conectam entre si, mas falam sobre o mesmo assunto; ou focadas em torno de uma ou várias pessoas. (SMITH, 2015, p. 11)

As redes sociais *on-line* “são traduções das redes sociais nos espaços *off-line* dos indivíduos e suas conexões”, mas sua representação é diferenciada, devido aos “rastros” deixados pelas publicações, que podem ser recuperáveis, e a forma de acesso por meio de *sites*, sendo maiores, mais complexas e plurais. (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 23)

Segundo Nicole Ellison e Danah Boyd (2013) o *site* de rede social pode ser definido como

uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site. (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158)

Raquel Recuero (2014) conceitua o espaço construído pelas tecnologias e o coletivo que emerge da apropriação deste espaço, como “os públicos reestruturados na rede”, que tem suas interações caracterizadas pela: permanência (ficam inscritas na rede); buscabilidade (possíveis de serem recuperadas); replicabilidade (reproduzidas com facilidade); e escalabilidade (potencial de alcance e multiplicação). Estas características tornaram possíveis, não somente a observação, mas o mapeamento das interações das redes sociais mediadas pelos *sites*.

A Análise de Rede Social (ARS) não é algo novo, mas sua (re)inscrição no ciberespaço constituiu novos contextos para sua aplicação, principalmente, após a criação dos *sites* de rede social, que aceitando o registro de parte das dinâmicas sociais e seu acesso pelas pesquisadoras, possibilitam que as interações e conversações sejam mapeadas e analisadas em grande escala, com objetivo de compreender as interações entre redes sociais, os "padrões de laços sociais" e suas inter-relações.

Para Raquel Recuero (2014) faz-se necessário optar por coletar toda a rede ou por um estudo de caso de um determinado grupo, sendo que esta escolha leva em conta a rede ego centrada e seus graus de separação, ou seja, os dados a partir de um nó (ator-ego ou ator central) e suas conexões. O ator-ego pode ser um indivíduo isolado ou agrupado, como também organizações ou suas partes. No caso desta pesquisa, coletei quatro organizações sendo assim terá no total de 4 atores-ego.

A ARS será aplicada para o mapeamento de “públicos em rede” que é formada por uma comunidade, que necessariamente, não necessita que @s usuár@s tenham relação entre si, delimitando os dados quantitativos ao número de postagens, curtidas, compartilhamentos e comentários. E os qualitativos aos discursos produzidos e reproduzidos pelos nas postagens, curtidas, compartilhamentos e comentários.

Os procedimentos de análise qualitativa se apropriam da Análise de Discurso proposta por Michel Foucault quando o autor aponta que a relação do poder com a significação perpassa pela centralidade na linguagem, considerada um conjunto de sistemas de signos históricos e culturais que possibilitam a significação do mundo, produzindo sentidos e sujeitos e construindo o que aprendemos a chamar de “realidade”.

A centralidade na linguagem é ampliada por Michel Foucault (1996) com a noção de discurso como conjunto de enunciados de um determinado campo de saber, construídos historicamente dentro das relações de poder. Assim o discurso “é o objeto de desejo; [...] aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

O conceito de discurso tornar-se mais abrangente quando o relacionamos com o conceito de representação. Os discursos constroem e veiculam representações de mundo e de seus objetos dentro das relações de poder-saber, com o objetivo de naturalizar, classificar e hierarquizar o permitido/proibido, o certo/errado, o adequado/inadequado. Assim podemos conceituar representação como

as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2007, p. 17)

Quando nos apropriamos do discurso como objeto estamos, não somente, descrevendo ou explicando seus níveis linguísticos, mas questionando sobre as condições de emergência deste objeto, ou seja, interrogar quais dispositivos possibilitam uma prática discursiva e não outra em um momento histórico. Corroborando com esta ideia, Rosa Maria Bueno Fischer (2001) indica que para compreender como se procede a Análise de Discurso foucaultiana, devemos entender como estão interligados os conceitos de poder e discurso o que resulta em complexas formar de investigar as “coisas ditas”, mas desprendendo-se da noção dos discursos como mero conjunto de signos que intencionalmente carregam conteúdos ocultos e que como pesquisador@s iremos desvelar.

Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos. (FISCHER, 2001, p. 198-199)

A prática metodológica utiliza menos enquadramento teóricos, transitando nas ferramentas produzidas pel@s autor@s, constituindo um pensamento da diferença. Para Rosa Maria Bueno Fischer (2003), pesquisar na perspectiva foucaultiana de discurso

é fugir das explicações de ordem ideológica, das teorias conspiratórias da história, de explicações mecanicistas de todo tipo: é dar conta de como nos tornamos sujeitos de certos discursos, de como certas verdades se tornam naturais, hegemônicas, especialmente de como certas verdades se transformam em verdades para cada sujeito, a partir de práticas mínimas, de ínfimos enunciados, de cotidianas e institucionalizadas regras, normas e exercícios. Pesquisar a partir desses pressupostos históricos e filosóficos significa também, e finalmente, dar conta de possíveis linhas de fuga, daquilo que escapa aos saberes e aos poderes, por mais bem montados e estruturados que eles se façam aos indivíduos e aos grupos sociais. (FISCHER, 2003, p. 385-386).

A teoria do discurso foucaultiana relaciona as categorias de enunciado, formação discursiva e prática discursiva. Pensando o enunciado como parte constitutiva do discurso e produzido nas relações de poder/saber, restringe o significado sedimentando conflitos sociais, delimitando a realidade e produzindo uma formação discursiva, aqui compreendida como uma combinação de princípios com determinação espacial e temporal “que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa”. (FOUCAULT, 1986, p. 153)

A partir disto, afirmo que não existe discurso sem enunciados, muito menos enunciados destituídos de uma formação discursiva, sendo a tarefa d@ pesquisador/a indagar, exaustivamente, os textos escritos e imagéticos, ou seja, as práticas discursivas, fazendo emergir as regras de sua formação (desconstrução) e investigar os processos de produção de sentido numa determinada sociedade.

No livro “A Arqueologia do Saber”, Michel Foucault já explicita que a constituição dos discursos se processa a partir das relações de poder/saber no interior das práticas sociais e que relacionam os modos de falar e de ver, os enunciados e as visibilidades, os textos e as instituições. Desta forma, utilizo as palavras de Michel Foucault (1986) para afirmar que

os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p.56)

Adoto o conceito de Discurso como “um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”, porque permite situar um emaranhado de enunciados numa determinada organização, o que possibilita descrevê-lo em suas especificidades e apreendê-lo como acontecimento que produz verdades, saberes, sentidos e subjetividades. Desta forma, análise foucaultiana do discurso têm por objetivo fazer aparecer às condições de existência, os sistemas que regem sua emergência, seu funcionamento, suas modificações e os efeitos de verdade. (FOUCAULT, 1986, p.135)

A relação poder/saber discursiva define, em um determinado lugar e tempo histórico, o que pode ser dito e quem tem o direito de dizer, mas “é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros”. (FOUCAULT, 2010a, p. 30)

Análise do discurso do ciberespaço é pesquisar os sentidos evocados por textos, imagens, sons e vídeos na virtualidade. Para Pierre Lévy (1999), ocorre uma mudança de lugar do objeto, não habita mais na “realidade física”, mas em outra instância - codificada e projetada – num lugar não determinado, desterritorializado. O objeto torna-se dinâmico, pois pode ser realimentado por tod@s internautas que o utilizam de forma colaborativa e cooperativa, compartilhando-o indefinidamente.

o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude de presença física imediata. (LÉVY, 1999, p. 12).

A noção de “rede que religa pontos”<sup>7</sup> como blocos de informações que se unem a partir de conexões, descreve, perfeitamente, as relações de hipertextualidade presentes na *Internet*. Os conjuntos de discursos se reúnem e se distribuem em rede compondo uma parte do arquivo de uma época, proporcionando a captura da produção de sentidos de uma época. Assim, esta pesquisa se concentra no *Facebook*, um dentre os vários espaços heterotópicos constituídos na cibercultura, trabalhando com os enunciados que emergem nas páginas das *fan pages* de ONGs LGBT para analisar as formações discursivas que se constituem a partir destas, bem como qual arquivo de sentido estão relacionadas.

---

<sup>7</sup> FOUCAULT (2001).

Gillian Rose (2007) retoma o conceito de “cultura visual”<sup>8</sup>, utilizando-o para explicar de que maneira as tecnologias visuais passam a sobrepujar os textos escritos, sendo convertidas em uma das principais formas de comunicação e marco das sociedades pós-modernas e pontuando que a análise de imagem deve ultrapassar a superfície, ampliando, enriquecendo e historicizando a imagem. A reflexão em torno dos questionamentos provocados pela imagem é um dos preceitos fundamentais que ancoram o campo da Cultura Visual.

A cultura visual se expande e interliga domínios artísticos, científicos e tecnológicos assumindo um papel de destaque no campo da produção imagética, algum@s estúdios@s, abordam a visualidade como sendo a “construção cultural dos nossos olhares”, é o modo como construímos culturalmente nossas maneiras de ver. Os textos imagéticos e escritos nos interpelam diariamente e permitem que façamos diversas interpretações particulares do mundo. Para Gillian Rose (2007), imagens “nunca são janelas transparentes para o mundo. Elas interpretam o mundo; elas o apresentam em forma muito particulares”, ou seja, os sentidos seriam investidos sob os termos de visão (capacidade fisiológica de ver) e visualidade (modos de construção visão), sendo que ambos os termos são culturalmente construídos. (ROSE, 2007, p. 6)

Os registros imagéticos serão analisados sob esta perspectiva proposta por Gillian Rose (2007) devido sua articulação com os pressupostos foucaultianos, pois tanto para a análise de materiais visuais quanto escritos ou falados envolve a discussão das relações de poder. Para a autora, a Análise de Discurso Imagética tem como competência a interpretação processos de produção, disseminação, experiencição da imagem, bem como seus efeitos na relação com a construção das diferenças sociais, podendo dar maior atenção à produção de diferentes formas discursivas ou para as práticas institucionais, apontando as questões relativas aos regimes de construção de verdades.

Gillian Rose (2007, p. 15-16), indica que @s pesquisador@s devem adotam determinadas posturas diante das imagens a serem analisadas, considerando: analisar o contexto social da imagem, sem reduzi-las ao seu contexto; assumir que seu olhar é algo constituído a partir de determinado contexto histórico, sendo político; e que as representações visuais permitem a articulação de significados a respeito do mundo e na produção dos sujeitos sociais. Interpretar

---

<sup>8</sup> Para Nicholas Mirzoeff (1999 e 2002), “a cultura visual é uma tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor”. Segundo ele, “não se trata de uma história das imagens, nem depende das imagens em si mesmas, mas sim dessa tendência de plasmar a vida em imagens ou visualizar a existência, pois o visual é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial”.

imagens “é simplesmente isso, interpretação, e não a descoberta de sua 'verdade'”. (ROSE, 2007, p. 2).

Os procedimentos analíticos de Gillian Rose (2007) são organizados a partir de três instâncias - imagem por si mesma, produção e audiências - e três modalidades: social - que procura explicar as práticas socioculturais e econômicas; composicional - que possibilita a percepção da articulação entre a tecnologia e o conteúdo social; e tecnológica - que propõe compreender quais tecnologias são aplicadas na produção, reprodução e distribuição das imagens.

As Análises, Discursiva de Michel Foucault e Imagética de Gillian Rose, possibilitam que façamos determinados questionamentos, como: que visibilidades são ativadas; que posições de sujeito se criam; a que vontade de verdade atende; como se engendraram os saberes que precisaram ser ativados. E estes proporcionam a observação das práticas discursivas produzidas nas relações de poder e a descrição dos enunciados que tem representação de verdades e interpelam os sujeitos produzindo formas de viver. Este tipo de análise abre mão das certezas, tendo a dúvida como uma primeira atitude metodológica, uma atitude de sair da zona de conforto para entrar em um caminho de múltiplas possibilidades de interpretação e produção de sentido.

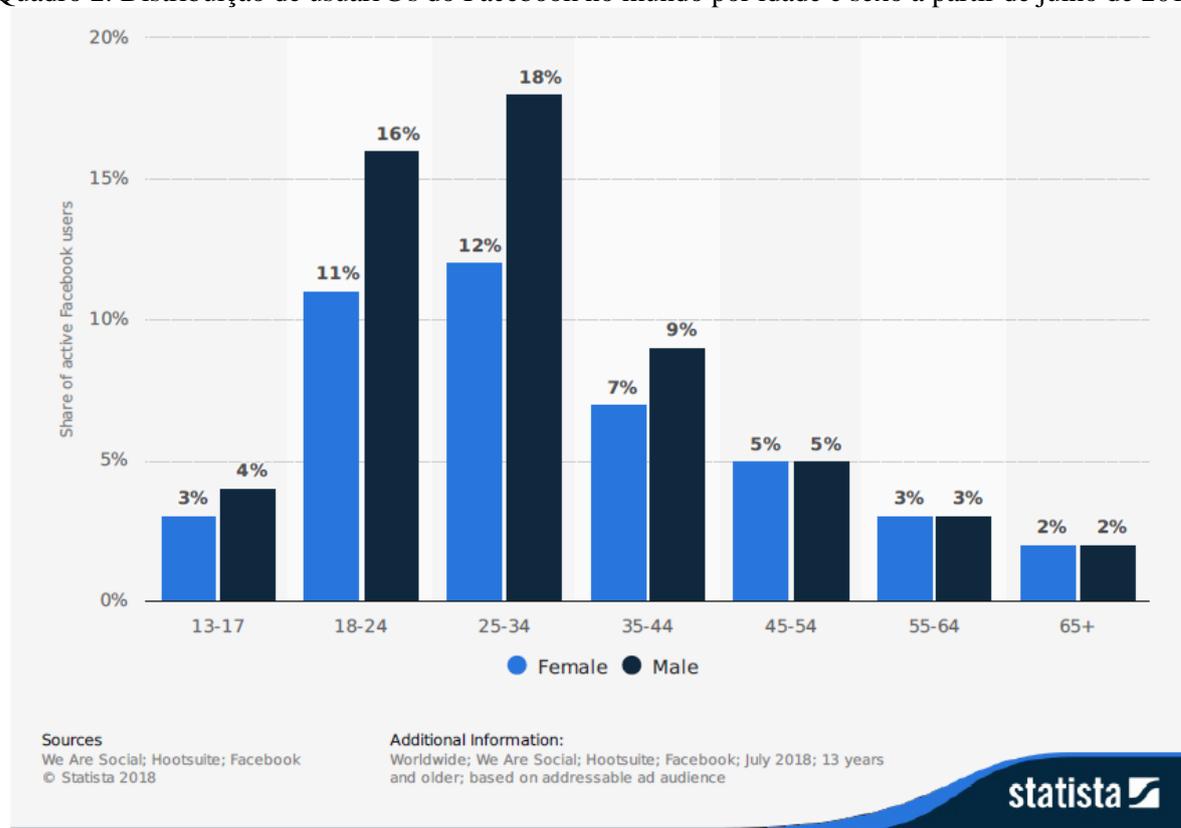
### **2.3 Apresentação do Campo de Pesquisa**

*Facebook* é uma rede social *on-line* lançada em 4 de fevereiro de 2004. Criada por alun@s da Universidade de Harvard (Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes) e de propriedade privada da *Facebook Inc*, tendo como objetivo configurar um espaço no qual as pessoas possam conectar com outras, fazer upload de fotos e vídeos compartilhar opiniões, *links*, materiais textuais e imagéticos.

Inicialmente conhecido como *thefacebook.com* era uma rede virtual d@s discentes da Universidade de Harvard, aos poucos foi incorporando outras universidades dos Estados Unidos (Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Universidade de Boston, *Boston College*, *Stanford*, *Columbia e Yale*). Em 2005 expandiu para circuitos universitário por todo o mundo, chegando a mais de 5 milhões de membros ativos e tornou-se conhecida simplesmente como *Facebook*. A partir de fevereiro de 2006, a rede virtual passa a permitir alun@s do ensino médio e trabalhador@s de empresas. Em setembro, do mesmo ano, foi aberta a inscrição para qualquer pessoa com 13 de idade e a opção d@s usuári@s se reunirem em várias comunidades.

Segundo Renato Santino (2018), até março de 2018, o *Facebook* teve “uma média de usuários ativos diários de 1,45 bilhões, enquanto a média mensal ficou em 2,20 bilhões. Ambos os números são 13% maiores do que eram no mesmo período de 2017, mostrando que nem mesmo polêmicas de privacidade impedem a empresa de continuar crescendo”. Estas cifras permitem que o *Facebook* figure no *Alexa Traffic Rank*<sup>9</sup>, em 3º lugar no mundo e 4º lugar no Brasil, sendo que o *ranking* é calculado usando uma combinação da média de visitantes diários para este *site* e *pageviews* no site ao longo dos últimos 3 meses, ficando atrás somente do *google.com* e *youtube.com*. (SANTINO, 2018, s/p)

Quadro 2: Distribuição de usuáři@s do Facebook no mundo por idade e sexo a partir de julho de 2018



Fonte: <https://www.statista.com>. 2018

<sup>9</sup> Fundada em 1996, Alexa serviço de análise web através de ferramentas mais ricas e significativas de análise de sites. <https://www.alexa.com/siteinfo/facebook.com>

Quadro 3: Ranking das Redes Sociais *On-line*

Rede social	Usuários ativos
#1 <a href="#">Facebook</a>	2.234.000.000 (+170)
#2 <a href="#">Youtube</a>	1.500.000.000
#3 <a href="#">WhatsApp</a>	1.500.000.000 (+200)
#4 <a href="#">Facebook Messenger</a>	1.300.000.000
#5 <a href="#">Instagram</a> 1	1.000.000.000 (+187)

Fonte: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>

O quadro 2 apresenta a distribuição de usuários do *Facebook*, por idade e sexo, em todo o mundo a partir de julho de 2018, sendo interessante pontuar que as porcentagens maiores estão localizadas entre as idades de 18 a 34 anos, pois esta pesquisa tem seu recorte exatamente na faixa etária considerada como juventude pelas políticas públicas (15 a 29 anos). Já o quadro 3 mostra a disparidade entre usuáři@s ativ@s das redes sociais *on-line*, colocando o *Facebook* em primeiro lugar e com diferença de 734 milhões de usuáři@s

Quadro 4: Média de Número de Fãs entre Redes Sociais *On-line* no Brasil

Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/brazil/>

Quadro 5: Média de Postagens de Mensagens entre Redes Sociais *On-line* no Brasil

Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/brazil/>

Quadro 6: Média de Número de Interações entre Redes Sociais *On-line* no BrasilQuadro 7: Taxa Média de Respostas entre Redes Sociais *On-line* no Brasil

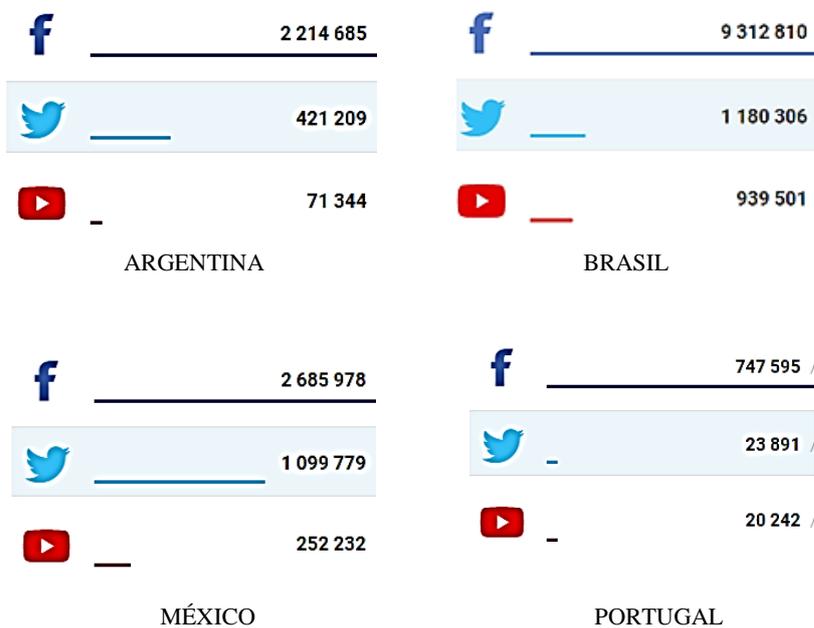
Os quadros 4 a 7 representam a comparação, do mês de julho<sup>10</sup> dos anos de 2016 a 2018, entre as redes sociais *on-line* *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*, onde o *Facebook* aparece em 1º lugar nas estatísticas de quantidade de fãs, de interações (postagens de comentários, fotos, vídeos e textos) e de respostas às postagens. Apesar de aumentar o número de postagens de mensagens ainda não conseguiu ultrapassar o *Twitter* e mesmo estando ainda à frente no número de fãs e de interações vem perdendo, consideravelmente, terreno para o *Youtube*.

Segundo a Folha de São Paulo<sup>11</sup> de 18 de julho de 2018, o *Facebook*, no primeiro trimestre/2018, atingiu a marca de 127 milhões de usuáři@s ativ@s no Brasil, sendo que o nosso país é o 3º em quantidade de usuários ativos na plataforma, perdendo apenas dos Estados Unidos e da Índia, e superando o *Whatsapp*, aplicativo de mensagens da mesma empresa, que tem 120 milhões de usuáři@s ativ@s no Brasil e 1,5 bilhão no mundo.

<sup>10</sup> Utilizado este mês devido o projeto de qualificação de tese.

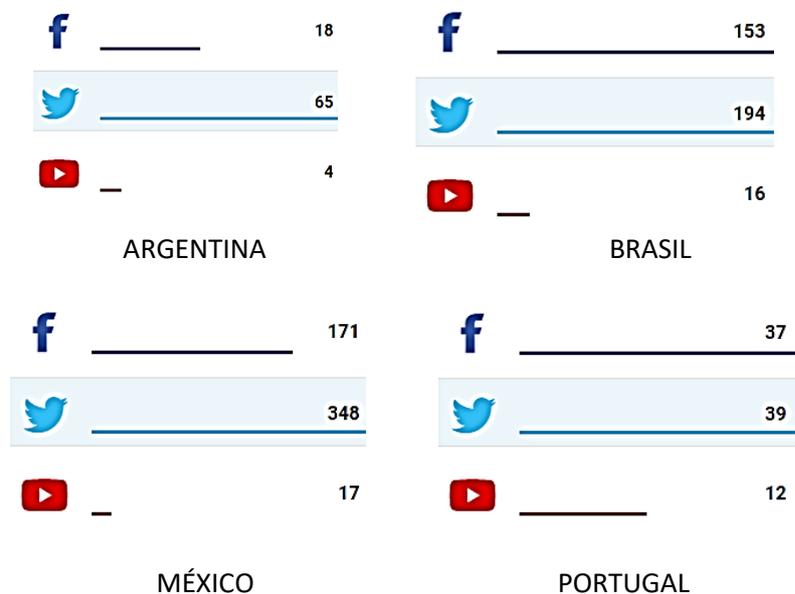
<sup>11</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 20 dez 2018.

Quadro 8: Média de Número de Fãs das Redes Sociais *On-line* nos países pesquisados em julho/2018



Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/2018/july/>

Quadro 9: Média de Postagem de Mensagens nas Redes Sociais *On-line* nos países pesquisados em julho/2018



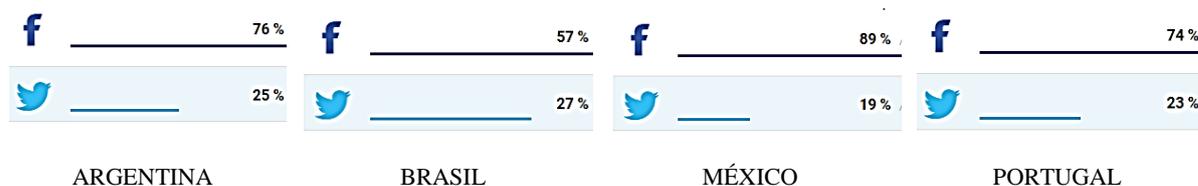
Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/2018/july/>

Quadro 10: Média de Número de Interações nas Redes Sociais *On-line* dos países pesquisados em julho/2018



Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/2018/july/>

Quadro 11: Taxa Média de Respostas nas Redes Sociais *On-line* dos países pesquisados em julho/2018



Fonte: <https://www.socialbakers.com/resources/reports/2018/july/>

Os quadros 8 a 11 fazem um comparativo entre as redes sociais *on-line* *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* das estatísticas de quantidade de fãs, número de postagens de mensagens, de interações (postagens de comentários, fotos, vídeos e textos) e de respostas às postagens entre os países pesquisados, onde Brasil aparece como primeiro lugar em todos os itens, mas devemos lembrar que é o país com maior densidade demográfica. Tanto no Brasil quanto no México o *Twitter* se mostra como a rede social *on-line* mais acessada para postagem de mensagens. Outro dado importante é o aumento da utilização do *Youtube* como meio de interação tanto no Brasil quanto em Portugal. No último quadro vemos o *Facebook* ser a rede social *on-line* mais utilizada como meio de respostas em Portugal e no México, provavelmente devido a entrada de outras redes sociais *on-line*, como o *Whatsapp*, largamente utilizado no Brasil.

As estatísticas de postagens no *Facebook* impressionam, temos milhões de pessoas ativas e engajadas interagindo na rede que a cada 60 segundos postam 510.000 comentários, 293.000 atualizações de status e 136.000 fotos e vídeos. Dentro destas postagens podemos analisar o

tipo de conteúdo que gera mais engajamento, obtendo o seguinte *ranking*: Imagens (3.5%), Vídeos (1.7%), *Links* (1.6%) e Texto Puro (1.2%). (PERON, 2016)

Em relação aos hábitos das pessoas em relação ao *Facebook*, os dados publicados pelo próprio desenvolvedor demonstram que: 67% dos usuáři@s acessam todos os dias; 92% acessam pelo menos 1 vez ao mês; 80% acessam a plataforma por meio de dispositivos móveis; 22 minutos é o tempo médio/por dia, que as pessoas gastam no *Facebook*; 11 horas é a média de tempo que as pessoas interagem na rede social; e o horário de pico de acessos nos dias de semana é entre 13h às 15 horas.

A apropriação pel@s usuáři@s das funcionalidades e serviços da *web* tem provocado uma mudança na utilização da mesma, passando de instrumental para relacional, posso dizer que se desenvolve uma forma de sociabilidade *on-line*, sendo que o *Facebook* aparece no topo destas redes sociais *on-line*, possibilitando novas experiências da individualidade e da coletividade, novos modos de uma escrita de si e redefinição das fronteiras entre o público e o privado. Um exemplo disto são as *fan pages* das ONGs LGBT, que são objeto de estudo desta pesquisa: Jóvenes LGBT México (México), Federación Argentina LGBT - FALGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Rede Nacional de Adolescentes LGBT (Brasil).

### 2.3.1 Jóvenes LGBT México

Jóvenes LGBT México é um dos programas da ONG YAAJ México. Segundo seus/suas organizador@s é uma associação civil que se dedica a proteção os direitos das pessoas LGBTTTI, a construção uma sociedade mais inclusiva e acompanhar as pessoas no processo de desenvolvimento humano. Tem como sede a cidade do México<sup>12</sup>.

YAAJ tem por objetivo principal promover e fortalecer a participação, colaboração e desenvolvimento de propostas de intervenção comunitária nas áreas de saúde, educação, emprego, tecnologia e meio ambiente, a partir de uma perspectiva de direitos humanos, gênero e diversidade. Através da construção de projetos, workshops, campanhas sociais e políticas públicas que nos permitem melhorar a vida de muitas pessoas em um país democrático que a não discriminação seja garantida.

---

<sup>12</sup> Rua Monte Alban # 7 Interior 6 entre La Morena e Diagonal San Antonio, Col. Narvarte, CDMX, e os principais meios de comunicação são: *site* (<http://yaajmexico.org/>), telefones (7031 3895 / 55-5455-9978 / 55-2945-5683 / 55-3651-9298), *Facebook* (<https://www.facebook.com/yaajmexico/>) e e-mail ([yaajmexico@gmail.com](mailto:yaajmexico@gmail.com)). Acesso em: 20 dez 2018.

A ONG tem como missão promover, defender e garantir os Direitos Humanos, Sexuais e Reprodutivos de tod@s através de programas e serviços, direcionados à população LGBTI do México, amigos e familiares, com foco nas áreas de saúde, educação, pesquisa, emprego, direitos humanos e cultura, buscando promover a participação da sociedade na geração de ações que impactem positivamente nos estilos de vida saudáveis, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a diversidade sexual.

Com base na missão e objetivos a YAAJ dispõe de três programas: “Jovem LGBT México” que consiste em um grupo de apoio para de jovens onde estes podem falar livremente sobre saúde sexual, depressão, fora do armário, relações, discriminação, entre muitos outros, tendo por objetivo construir redes de apoio entre os jovens; “Caminhando Juntos” um espaço que visa apoiar as famílias que tenham membro da comunidade LGBTTTI, construir um conhecimento em conjunto e gerar maiores alternativas de bem-estar; e “Ser Forte LGBTIQ” que tem por objetivo construir uma nova geração de ativistas através de ferramentas e conhecimento para o desenvolvimento de projetos que visem melhorar a situação da população LGBTTTI a partir de uma perspectiva de gênero e direitos humanos.

Devido juventude ser um dos recortes desta pesquisa, me detive no programa “Jóvenes LGBT México” que tem como meio de comunicação a *fan page* (<https://www.facebook.com/LGBTjovenesmexico/>) e o e-mail [yaajmexico@gmail.com](mailto:yaajmexico@gmail.com). A equipe de facilitadores é composta por Joaquín Díaz, Josué Morales Sotelo e Salvador Villagarcia. Preocupados com as situações d@s jovens enfrentam ao assumem sua homossexualidade, construíram um espaço que proporcionasse apoio, acompanhamento, informação, orientação, promovendo e garantindo a saúde emocional, sexual e a igualdade de direitos das juventudes LGBT, através de grupos de autoajuda, conferências e workshops, congressos, feiras, programas de rádio e TV. Os encontros ocorrem, quinzenalmente, aos domingos das 14h às 18h.

Figura 1: Página do Facebook Jóvenes LGBT México



Fonte: <https://www.facebook.com/LGBTjovenesmexico/>

Figura 2: Página do Site Jóvenes LGBT México



Fonte: <http://yaajmexico.org/jovenes-lgbt-mexico/>

### 2.3.2 Federación Argentina LGBT - FALGBT

A Federação Argentina LGBT - FALGBT foi constituída em 28 de junho de 2005, pela união das organizações lutavam pelo Movimento Social LGBT Argentino. Esta união produziu políticas públicas como as legislações: Casamento Igualitário; Identidade de Gênero; Reprodução Medicamente Assistida; contra a Discriminação na Cidade de Buenos Aires; a revogação de códigos que criminalizavam a diversidade sexual; o reconhecimento de filiação triplo; processamento rápido para o casamento igualitário para casais estrangeiros na Cidade de Buenos Aires; doação de sangue sem discriminação; diversidade na Educação Sexual Abrangente (ESI); a proibição de terapias de "cura" na Lei de Saúde Mental; inclusão e reconhecimento da vontade procriativa; criação de áreas de diversidade nos municípios, províncias e ministérios nacionais; formação sobre a diversidade, discriminação e identidade de gênero em todo o país; apresentação de planos para uma nova Lei Nacional Anti-Discriminação; criação da Caminhada da Diversidade; e apoio no projeto da nova Lei de HIV, Hepatites Virais e DST.

A FALGBT tem diversas secretarias. Uma delas é Secretária de Juventud, grupo de jovens divers@s que promovem, lutam e militam pelos direitos da diversidade sexual, constituindo um espaço de formação, aprendizagem, trabalho e, acima de tudo, companheirismo. Tem como sede a cidade de Buenos Aires<sup>13</sup>. O grupo trabalha diariamente e em conjunto sobre uma base ampla dos direitos humanos para que sua contribuição como jovem seja mais inclusiva e, sendo

<sup>13</sup> Av. 881 06 de maio "F" – CABA, e os principais meios de comunicação são: site (<http://www.falgbt.org/la-juve/>), e-mail ([juventudfalgbt@gmail.com](mailto:juventudfalgbt@gmail.com)), telefone (011- 43421689), *Twitter* (@juvenfalgbt), *Facebook* ([www.facebook.com/Juven.Falgbt](http://www.facebook.com/Juven.Falgbt)) e *Blog* (<https://www.blogger.com/blogin.g?blogspotURL=http%3A%2F%2Fjuvenfalgbt.blogspot.com.br%2F&bpli=1&pli=1>). Acesso em: 20 dez 2018.

uma parte da grande luta nacional, acreditam que trazendo novas ideias e acompanhando as conquistas, fortalecem a defesa e sustentabilidade dos direitos adquiridos. Lutam contra a subestimação da juventude e desejam de viver em um mundo melhor para tod@s, especialmente para as novas gerações. Querem que suas vozes sejam incluídas, tendo voto no momento de debater e decidir.

Elencam como missão os seguintes pontos: militar nas questões que atravessam as juventudes, especialmente aquelas relacionadas com a discriminação, a violência e estigmatização; promover e acompanhar as ações voltadas para o acesso à educação, saúde integral e trabalho, entre outros; trabalhar contra os preconceitos da sociedade, criando e apoiando campanhas de sensibilização e conscientização; apoiar @s jovens que estão em situações de violência, exclusão, assédio e/ou discriminação pela sua expressão de orientação sexual ou identidade de gênero; formar-se com base na diversidade e nos direitos humanos, para a cada dia crescer e melhorar como jovens ativistas; articular a militância juvenil em todo o país, através da realização de reuniões anuais para o fortalecimento conjunto de todas as províncias e a cidade de Buenos Aires; realizar atividades sociais e culturais para incentivar @s jovens a se unirem e participar; acompanhar e colaborar nas ações de promoção da FALGBT; e participar na organização da Marcha do Orgulho LGBTIQ.

Figura 3: Página do *Facebook* FALGBT



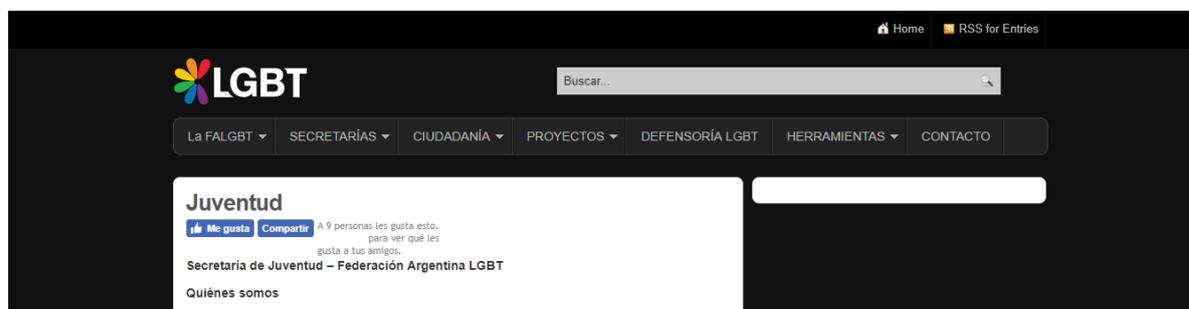
Fonte: <https://www.facebook.com/FALGBT/>

Figura 4: Página do Facebook Secretaría de Juventud



Fonte: <https://www.facebook.com/Juven.Falgbt/>

Figura 5: Página do Site



Fonte: <http://www.falgbt.org/la-juve/>

### 2.3.3 Rede Ex Aequo

A Rede Ex Aequo foi criada através do “Projeto Descentrar” da Associação ILGA Portugal, projeto financiado pelo Instituto Português da Juventude, que teve como objetivo ajudar a criar grupos de jovens para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes em Portugal. Associação ILGA Portugal (Associação Internacional de Lésbicas, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo), fundada em 1995, a é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, sendo a mais antiga associação de defesa dos direitos LGBTI em Portugal, totalmente apartidária e laica.

A ILGA Portugal tem por principal objetivo a integração social da população lésbica, gay, bissexual, trans e intersexo (LGBTI) em Portugal através de um vasto programa de apoio que garanta a melhoria da sua qualidade de vida, através da luta contra a discriminação em função da orientação sexual, da identidade de gênero e características sexuais, e da promoção da

cidadania, dos Direitos Humanos e da igualdade de gênero. Tem sua sede na Rua dos Fanqueiros, 40, em Lisboa.

A Rede Ex Aequo é uma rede de apoio, quebra de isolamento e ativismo para jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans, intersexo e apoiadores, entre os 16 e os 30 anos. Uma associação de âmbito nacional, fundada como associação de jovens em 5 de abril de 2003 e legalizada a 15 de setembro do mesmo ano. Sediada no Centro LGBT<sup>14</sup>, espaço cedido pela Associação ILGA Portugal.

A ONG tem como objetivos: reivindicar a não discriminação e a integração na sociedade das jovens lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI), assim como o reconhecimento das suas necessidades, particularidades e especificidades; desenvolver e implementar estratégias e ações de intervenção a nível científico, social, cultural e/ou político referentes à juventude e à educação no âmbito da temática LGBTI; criar e fomentar o desenvolvimento de grupos locais de convívio, de apoio e de trabalho para jovens LGBTI e apoiadores.

Figura 6: Página do Facebook Rede Ex Aequo



Fonte: <http://www.facebook.com/redeexaequo>

<sup>14</sup> Endereço: Rua dos Fanqueiros 38, 3ºesq 1100-231, Lisboa. Tem como principais meios de comunicação: *site* (<https://www.rea.pt/>), telefone ( (+351) 96 878 18 41), *Facebook* (<http://www.facebook.com/redeexaequo>), *fórum* (<http://www.rea.pt/forum>), *Instagram* (<http://www.instagram.com/redeexaequo>), e-mail ([geral@rea.pt](mailto:geral@rea.pt)) e YouTube (<http://www.youtube.com/user/redexaequo>). Acesso em: 20 dez 2018.

Figura 7: Página do Site ILGA Portugal

Fonte: <http://ilga-portugal.pt/ilga/index.php>

Figura 8: Página do Site Rede Ex Aequo

Fonte: <https://www.rea.pt/>

### 2.3.4 Rede Nacional de Adolescentes LGBT

A organização da Rede Nacional de Adolescentes LGBT está profundamente ligada ao Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), que em novembro de 2015 realiza um Mapeamento Nacional de Lideranças Adolescentes LGBT. Em janeiro de 2016, ocorre a reunião, em Brasília, da UNICEF com jovens ativistas LGBT, tendo com o objetivo discutir os resultados do Mapeamento e definir critérios para que @s adolescentes mapeados (15 jovens) sejam escolhid@s para participar do Seminário Internacional de Inclusão de Adolescentes e Jovens no Ensino Médio.

Em abril de 2016 ocorre o Seminário Internacional de Adolescentes e Jovens no Ensino Médio, em Belo Horizonte. Neste evento, estavam presentes adolescentes de diversas redes apoiadas pelo UNICEF (Rede de Adolescentes Indígenas, Rede de Adolescentes pelo Esporte Inclusivo, Rede de Empoderamento de Meninas, Rede de Adolescentes Negras e Negros, Rede de Adolescente Vivendo e Convivendo com HIV e AIDS, etc) e 15 jovens LGBT mapeados.

Durante as atividades do evento, @s adolescentes LGBTs apresentaram suas demandas e reivindicações aos gestores públicos e autoridades presentes, surgindo a ideia de criar, a partir dos trabalhos desenvolvidos naquele evento, uma Rede Nacional de Adolescentes LGBT<sup>15</sup>, que seria composta pelos adolescentes LGBT participantes do Seminário e coordenada pelas ativistas Mariah Gama e Iana Mallmann, que participaram do mapeamento realizado pelo UNICEF no ano anterior.

Figura 9: Página do Facebook Rede Nacional de Adolescentes LGBT



Fonte: [https://www.facebook.com/LGBTNACIONALADOLESCENTES/?ref=ts&fref=ts&sw\\_fnr\\_id=1813643617&fnr\\_t=2](https://www.facebook.com/LGBTNACIONALADOLESCENTES/?ref=ts&fref=ts&sw_fnr_id=1813643617&fnr_t=2)

Figura 10: Página do Site Rede Nacional de Adolescentes LGBT



Fonte: <https://www.adolescenteslgbt.com.br/>

<sup>15</sup> A Rede tem como principais meios de comunicação: site (<https://www.adolescenteslgbt.com.br/>), e-mail ([ralgbt@gmail.com](mailto:ralgbt@gmail.com)), e Facebook ([https://www.facebook.com/LGBTNACIONALADOLESCENTES/?ref=ts&fref=ts&sw\\_fnr\\_id=1813643617&fnr\\_t=2](https://www.facebook.com/LGBTNACIONALADOLESCENTES/?ref=ts&fref=ts&sw_fnr_id=1813643617&fnr_t=2)). Acesso em: 20 dez 2018.

Figura 11: Manifesto da Rede Nacional de Adolescentes LGBT



NÓS SOMOS LIDERANÇAS ADOLESCENTES  
ESPALHADOS POR TODO O BRASIL  
PAUTANDO O COMBATE À LGBTFOBIA E A  
CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA  
VERDADEIRAMENTE ABERTA À DIVERSIDADE  
SEXUAL E DE GÊNERO.

NOSSA AÇÃO POLÍTICA SE DÁ A PARTIR DA  
INTERSECCIONALIDADE E DO RESPEITO ÀS  
VIVÊNCIAS, IDENTIDADES E REALIDADE DE  
TODOS OS SUJEITOS QUE CARREGAM  
MARCADORES SOCIAIS DE GÊNERO.

SEXUALIDADE, CLASSE, RAÇA E TERRITÓRIO.  
NOSSO OBJETIVO É ESTIMULAR A  
CONSCIÊNCIA POLÍTICA EM OUTROS/AS  
ADOLESCENTES, EMPODERAR AS MINORIAS  
E INFLUENCIAR POLÍTICAS PÚBLICAS DE  
NOSSO PAÍS.

LUTAMOS POR JUSTIÇA SOCIAL E  
EQUIDADE E ACREDITAMOS NA EDUCAÇÃO  
COMO GRANDE FORÇA EMANCIPADORA!

POR UMA ESCOLA DIVERSA E  
LIBERTÁRIA JÁ!

Fonte: <https://www.adolescenteslgbt.com.br/manifestodarede>

### 3 MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

As redes sociais *on-line* têm constituído uma multiplicidade de novas práticas de si, o que Zygmunt Bauman (2003) chama de jogo entre a estética da convivência e uma ecologia informacional, ou seja, a busca pela ética ambiental e política para a construção de novas condições de “viver juntos”. Assim, pensar as sociabilidades na cibercultura é questionar conceitos pré-estabelecidos, por exemplo, trazer ao debate se as redes sociais *on-line* favorecem o imediatismo e de que modo a desmaterialização do tempo, dos territórios e a redefinição dos espaços públicos e privados garantem, ou não, o reconhecimento das subjetividades.

Discuto e analiso de que modo se constituem as sociabilidades nas comunidades *on-line* e a democracia no ciberespaço, tomando como ponto de partida os conceitos de sociabilidade em George Simmel, de ciberdemocracia em Pierre Lévy e de precariedade em Judith Butler. Este processo requer vislumbrar as potencialidades das redes sociais *on-line* na constituição de novas experiências democráticas não institucionalizadas e que produzam discursos de empoderamento das vidas consideradas menos dignas de serem vividas.

#### 3.1 Discursos sobre Juventudes

Philippe Breton (2000), coadunando com o pensamento de outr@s autor@s, aponta que as novas tecnologias são endereçadas às juventudes, que a internet e seus lugares *on-line*, predominantemente, são “de jovens e para jovens. Ele é concebido como um tipo de processo de revolução permanente, no qual os jovens determinam a direção do movimento” e o que marca o

culto da juventude é a apologia sistemática da ‘velocidade’, transformada em uma nova crença: o que vai rápido é melhor, o mais perto do mundo dos espíritos. Velocidade é o que nos liberta do corpo e nos aproxima de outro constantemente. (BRETON, 2000, p.33) (tradução livre da autora)

Quem são est@s jovens ou estas juventudes para quem, supostamente, o mundo contemporâneo e *on-line* está totalmente voltado? Faço este questionamento porque os termos “jovem” e, principalmente, “juventude” são criações contemporâneas de diversas redes de poder/saber que procuram defini-los, de forma objetiva e detalhada, como se isso fosse possível e necessário.

### 3.1.1 Constituição do conceito “jovem/ns” e “juventude/s”

No Art. 227 da Constituição Brasileira, no Estatuto da Juventude e no Censo de 2010, jovem/segmento juvenil/juventude compreende o grupo etário de 15 a 29 anos. Utilizo esta definição para fins de delimitação dos sujeitos a serem pesquisados, mas entendo as juventudes como uma construção histórica e cultural, sendo transitórias e plurais, tratando-se assim, de um marcador social – o geracional.

O conceito “adolescente” foi cunhado em 1898, por Granville Stanley Hall, sendo utilizado, predominantemente, por psicólogos para explicar um período do desenvolvimento biológico do corpo humano que estaria entre a infância e a adultez. E “juventude” como uma invenção do pós-guerra que possibilitou

o surgimento de uma nova ordem internacional que formou uma geografia política em que os vencedores tinham acesso a inéditos padrões de vida e imporiam seus estilos e valores.

Configurando um discurso jurídico, um discurso escolar e uma indústria florescente, que reivindicavam a existência de crianças e adolescentes como sujeitos de direito e, especialmente, os jovens como sujeitos de consumo. (REGUILLO, 2003, p. 104) (tradução livre da autora)

Este conceito torna-se popular quase na metade do século XX, principalmente, pelo advento do “*rock and roll*”, primeira revolução cultural d@s jovens. Uma música que identificava uma geração, que transbordava sensualidade, que explode quando é levada para o cinema representada por Marlon Brando nos filmes “Um Bonde Chamado Desejo” (1951) e “O Selvagem” (1953), e James Dean em “Juventude Transviada” (1955).

O *rock and roll* passou a representar não somente uma música, mas um estilo de vida, roupas e modos de comportamento que os adultos condenavam. A camiseta branca, antes considerada “roupa de baixo”, e o jeans, antes considerado roupa de caubói ou de trabalhador de fábrica, passam a serem peças obrigatórias do vestuário da juventude, assim como o comportamento de seus ídolos. (SAVAGE, 2009)

O conceito “juventude” se constitui em contexto de guerras mundiais, da revolução industrial moderna e de globalização, tendo sua representação caracterizada pelos ideais de revolução, de transformação, de descontentamento, de reivindicação e pela contracultura. Para Rossana Reguillo (2003) devemos assumir como ponto de partida para os estudos sobre juventudes a

enorme diversidade que se encaixa na categoria "jovens": estudantes, grupos, punks, milenares, empresários, ravers, desempregados, assassinos contratados, mas todos os filhos da modernidade, da crise e do desencanto. (REGUILLO, 2003, p. 103) (tradução livre da autora)

As instituições de poder/saber pautaram as definições de “jovem” e “juventude” nos conceitos biologicistas e nos processos socioeconômicos, ou seja, estar jovem ou na juventude pode significar que o corpo do sujeito está em uma etapa intermediária do seu desenvolvimento bio/psico/social, entre a fase infantil e a fase adulta e/ou pode ser a fase dos processos de definição e de inserção social (definição da carreira profissional, inserção no mercado de trabalho, independência financeira).

Apresentando uma série de ambiguidades, a juventude foi compreendida como potência, promessa de mudança, problema social, risco e vulnerabilidade. Coaduno com a perspectiva de juventudes de Juarez Dayrell (2013) que propõe entender a juventude como uma representação social, mesmo levando em conta as transformações biológicas de uma determinada faixa etária, o tempo e espaço onde este grupo social está inserido faz com que sua representação possa ser diferente. Desta forma, devemos nomeá-la - juventudes - para representar a multiplicidades de modos de ser jovem nas sociedades contemporâneas.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p. 42)

Viver a juventude é uma experimentação de descobertas emocionantes e ambivalentes que produzem identidades e projetos de vida, sendo a construção performativa, pois se produz na relação com os outros e as normatividades da sociedade, aprendendo a escolher um dos futuros possíveis. Segundo Antônio da Costa Ciampa o "humano é sempre uma porta abrindo-se em mais saídas. O Humano é vir a ser humano. Identidade humana é vida! Tudo que impede vida impede que tenhamos uma identidade humana". (CIAMPA, 1987, p. 36).

Neste viés seguem os atuais estudos sobre cultura juvenil, superando a significação da juventude como fase de transição entre infância e adultez, deslocando-se para interpretações plurais. São estudos que legitimam a categoria juventudes como campo de conhecimento, com estatuto epistemológico próprio, fazendo um deslocamento do sujeito para as subjetividades, pressupondo uma multiplicidade de agenciamentos e possibilitando duas interpretações

intercambiáveis, uma onde as juventudes permanecem submetidas a subjetividade repetindo a alienação e a opressão; e outra que se apropria da subjetividade criando novos sentidos.

Divers@s autor@s são exemplo deste caminho epistemológico, cito primeiramente Rossana Reguillo, que ancora seus estudos nos pressupostos teóricos dos Estudos Culturais conceituando juventudes como algo fluído e nômade. Procurando investigar as práticas socioculturais como processos em movimento onde grupos juvenis utilizam ativamente novas tecnologias de comunicação e de conhecimento para minimizar a precariedade de suas vidas. Para a autora a juventude

é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma ‘eência’ e, nesse sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil está necessariamente vinculada aos contextos sócio-históricos, e é produto das relações de poder em uma determinada sociedade. (REGUILLO, 2003, p. 104) (tradução livre da autora)

Outro autor importante para os estudos da juventude é Carles Feixa, por investigar as formas de socialização que caracterizam as juventudes do século XXI e suas relações com a globalização e as novas tecnologias. Seus estudos se dedicam desde a contextualizar as juventudes na era digital, através de suas transformações de concepção e gestão do tempo, passando pelas práticas de ócio e transformação espaços público e privado, até histórias de vida que relatam a construção do processo de emancipação. O autor aponta que as novas práticas culturais comunicativas, através das redes sociais, representam para as juventudes uma nova forma de percepção e construção da sua realidade social.

Na Iberoamérica e no Caribe, as experiências e análises dos processos de mobilização agenciada por jovens são numerosas e, poderia dizer, tem se tornado uma considerável massa crítica no campo dos estudos da juventude, na participação social e no mesmo domínio dos chamados estudos políticos.

(...)

Diversos elementos do contexto global, como as trocas e contradições do mercado de trabalho, as crises financeiras, a emergência de governos progressistas e, também a reconfiguração das novas direitas democráticas abrem um novo marco para as análises e a compreensão, tanto das condições de vida das juventudes como dos modos em que transitam e constroem seus compromissos políticos. (FEIXA et all, 2016, p. 86)

O terceiro pesquisador que coaduna com os pressupostos teóricos já levantados é José Machado Pais (SOUZA, 2016) que aponta as culturas juvenis como um estudo sociológico não convencional, pois para ele uma única teoria (geracional, classista ou cultural) não dá conta dos “paradoxos da juventude”. Para fazer a análise devemos articular estas teorias e lançar mão da interdisciplinaridade entre sociologia e antropologias, entre metodologias etnográficas e

histórias de vida, tornando o conceito de juventude plural e dinâmico. Relacionando as juventudes com as tecnologias digitais o autor indica que

Nesta sociedade do espetáculo, teledirigida, a preponderância do visível sobre o inteligível implica um ver sem entender. O que acontece aos jovens quando ficam amarrados às redes sociais? Que efeitos terá essa amarração na construção da identidade dos jovens, em seus processos de subjetivação, em suas experiências reflexivas? Aqui temos um vasto campo de pesquisa ainda por explorar. Entretanto, alguns estudos sugerem que quando, nas redes sociais, se está mergulhado num contínuo fluxo de imagens, o que sobrepõe é uma cultura cibercapitalista que busca a fama, a notoriedade, a visibilidade, culminando na própria exibição narcisista da intimidade. Estamos perante uma intimidade.

(...)

No entanto, as novas tecnologias de informação e comunicação permitem também aos jovens o desenvolvimento de novas competências e saberes, superando tradicionais processos de participação cultural e política. Estamos, aliás, perante o renascimento de um modo não institucional de fazer política, uma reinvenção do próprio agir político, o chamado ciberativismo. (SOUZA, 2016, p. 232)

A partir da Segunda Guerra Mundial as noções de “inconformismo”, “rebeldia”, entre outros, se atrelaram ao conceito juventude atravessando vários espaços socioculturais e associando @s jovens um caráter positivo e renovador. Isto se deve, provavelmente, a est@s jovens serem as primeiras gerações que cresceram na era digital, configuradas por uma nova visão de mundo e de vida, a globalização cultural. Fascinadas pela internet, pelo celular e pelos videogames, encontraram nas tecnologias *on-line*, meios de diversão, comunicação, relacionamento, satisfação e aprendizagem.

Diversos conceitos foram concebidos para definir est@s jovens das redes sociais - “Milenares” (HOWE; STRAUSS, 2000), “Nativos Digitais” (PRENSKY, 2001) “Geração Digital” (MEHLMAN, 2003), “Cyberkids” (HOLLOWAY; VALENTINE, 2003), “Geração Nintendo” (BECK; WIDE, 2006), “Geração Internet” (TAPSCOTT, 2010), “Geração 2020” (MEISTER; WILLVERD, 2010) – todos compartilham a concepção que @s jovens se apropriaram das tecnologias *on-line* e incorporaram nas suas atividades cotidianas.

Ao crescerem, as crianças da “Geração Internet” olhavam para os computadores da mesma maneira que os “baby boomers” olhavam para uma tevê. Nós baby boomers não ficamos maravilhados com a tecnologia ou nos perguntamos como a televisão transfere vídeo e áudio através do ar, simplesmente assistimos ao que está na tela. A televisão é um fato da vida. O mesmo aconteceu com a Geração Internet e os computadores. E, à medida que a tecnologia evolui implacavelmente a cada mês, os jovens simplesmente a absorvem, como se fossem melhorias na atmosfera (TAPSCOTT, 2010, p.31)

Segundo Don Tapscott (2010) a “Geração Internet” é composta por jovens estrategistas ativ@s, que constroem comportamentos *on-line* dentro de uma lógica tecnológica e midiática,

não são juventudes que “apenas observam, mas também participam: perguntam, discutem, argumentam, jogam, compram, criticam, investigam, ridicularizam, fantasiam, procuram e informam”. (TAPSCOTT, 2010, p. 33).

As “juventudes conectadas”<sup>16</sup> são jovens atraídos pelas tecnologias, utilizando-as para a satisfação de suas necessidades de lazer, comunicação e aprendizagem, dominam com facilidade a usabilidade e a navegabilidade dessas tecnologias e agem na vida cotidiana como manuseiam programas e softwares, resultando em uma vulnerabilidade ao consumo e descarte de objetos e relacionamentos, implicando em novas perspectivas éticas e morais, e em novos estilos de vida com múltiplas possibilidades de comportamentos e estéticas.

Conversando com jovens da Escola Estadual Normal 1º de Maio<sup>17</sup>, durante as Ocupações das Escolas Secundaristas ocorridas em 2016, est@s se autodenominam de tribos, que aqui conceituo como um grupo de pessoas que assumem características identitárias. A autodenominação se aproxima do conceito “tribos urbanas” de Michel Maffesoli (2010) que é a junção de microgrupos sociais que elaboram e dispõem de suas próprias regras, marcados pelo individualismo, pela unissexualização do corpo e pela virtualidade. É um “neotribalismo” conectado às subjetividades d@s jovens urban@s na cibercultura e aos modos de vida, caracterizados pelo consumo e pela espetacularização.

As juventudes, este grupo social multifacetado, têm se utilizado com prazer dos ambientes *on-line*, pois proporcionam espaços de diálogo, de difusão da criatividade (textual, imagética e sonora), de diferenciação, de sociabilidade e do lúdico. A facilidade de trânsito entre o real e o virtual possibilita controlar riscos, repetir situações (dolorosas ou prazerosas), alterar roteiros e encenar diferentes personagens (medos, angústias, desejos). Estes espaços de autoria exercitam modos de ser e estar no mundo, contestando, criando e (re)significando práticas.

Como diria Zygmunt Baumann (2001), esta “juventude conectada” é uma junventude de corpos híbridos e mente fluída que se constituem na linguagem, nas sociabilidades e na estética da cultura *on-line*.

### 3.1.2 Discursos acadêmicos sobre juventudes

As sociabilidades juvenis LGBT nas redes sociais *on-line* foi o tema escolhido para a pesquisa e como *locus* foi elencado o *Facebook*, mais especificamente, a Rede de Movimento

---

<sup>16</sup> TAPSCOTT, 2010.

<sup>17</sup> Escola de Ensino Médio da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre.

Social LGBT que se constituem como ONGs não institucionalizadas que tem em sua constituição departamentos ou secretarias específicas para jovens/juventudes.

O primeiro passo metodológico foi a busca nas bases de dados de teses e dissertações<sup>18</sup>, no período compreendido entre 2010 e 2016<sup>19</sup>, a partir dos seguintes descritores: Juventude/s; redes sociais virtuais/on-line/cibercultura; sociabilidade/s; gênero/sexualidade.

No Banco de Teses e Dissertações da Capes foram encontrados 4594 registros para o termo: Juventude, sendo identificadas e catalogadas todas que estavam relacionados aos critérios de seleção acima mencionados. Após foi realizada a leitura do resumo e das palavras-chave para categorização por temática de pesquisa. (Apêndice A)

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foram encontradas 301 teses e dissertações, seguindo os mesmos descritores utilizados para a pesquisa na Capes, sendo que algumas destas produções aparecem nos dois bancos de dados, outras somente no BDTD. (Apêndice B)

No SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) foram encontrados 203 artigos a partir dos seguintes descritores: 1º Palavra-chave: Juventude; 2º Coleções: Brasil; 3º Idioma: Português; 4º Ano de publicação: 2010 a 2015; 5º Palavras-chave: redes sociais virtuais/cibercultura; 6º Palavra-chave: sociabilidade; 7º Palavra-chave: gênero/sexualidade. (Apêndice C)

Os dados obtidos a partir dos bancos de teses e dissertações, bem como de artigos científicos, pode suscitar algumas constatações: a temática das redes sociais *on-line* é pesquisada por vários campos de estudos, sendo um deles a Educação; @s pesquisador@s tem dado maior relevância as temáticas relacionadas as sociabilidades, aos movimentos sociais/políticos e as representações/escritas de si; as temáticas relacionadas as questões de gênero estão vinculadas ao debate sobre sexismo, misoginia e empoderamento das mulheres; no atravessamento da temática da sexualidade temos 4 dissertações de mestrado, sendo que duas discorrem sobre LGBT (Quadro 12).

---

<sup>18</sup> Banco de Teses e Dissertações Capes, disponíveis apenas documentos de origem da Plataforma Sucupira <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>; <<http://www.scielo.br/?lng=pt>>.

<sup>19</sup> Estado da arte realizado para o projeto de qualificação de tese.

Quadro 12: Resumo das Pesquisas Científicas

Banco de Dados	Total	Significado/ Uso	Sociabilidade/ Estar Junto	Educação/ Escola	Política	Gênero/ Sexualidade			Representação/ Escrita de si
						G	G/S	LGBT	
CAPEL	4594	6	7	9	5	1	2	0	11
BDTD	301	2	4	2	4	0	0	2	5
SciELO	203	1	1	2	2	1	0	0	1

Fonte: Autora

Através da leitura dos resumos e das referências bibliográficas das teses, dissertações e artigos (Apêndice 1, 2, 3) indico os trabalhos que mostraram um potencial teórico e metodológico para colaborar com esta pesquisa, começando pela tese “Laços de Amizade: Modos de Relacionamento Jovem em Tempos de Conectividade Digital” que tem como objetivo “questionar a metáfora familiar como modelo das relações de amizade” sem esquecer “as possíveis configurações dos laços de amizade jovem no século XXI”. (SCHWERTNER, 2010)

A dissertação “Os "avatares" do corpo rascunho: sobre a formação identitária de jovens universitários na cibercultura” indica como hipóteses de pesquisa: 1. “As redes virtuais são espaços potencializadores de sociabilidades entre jovens, independentemente do sexo, da idade e do curso de graduação”; 2. “Os jovens valorizam as práticas corporais off-line, em particular a importância dessas em relação à saúde, condição física e beleza do corpo”; 3. “O corpo representado on-line constitui um ícone identificador de um estilo de vida ativo, através de uma representação fragmentada como rascunho de um projeto identitário em construção”. Os resultados apresentados afirmam que: “os jovens constroem uma identidade nas redes virtuais de relacionamentos e que o corpo é um elemento essencial em todo esse processo”; “redes são também espaços de ampliação das sociabilidades”; “os jovens se interessam pelas práticas off-lines, porém essas também estão presentes em sua representação on-line”. (JUBÉ, 2010)

No ano de 2011 é publicado o artigo, “Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero”, que tem por objetivo analisar “o processo de ciborguização da juventude na interface entre currículo escolar e currículo do Orkut”, desenvolvendo a seguinte argumentação “as estratégias utilizadas em um currículo podem ser traduzidas no outro, por meio da interface entre eles, tendo como efeito ora a transgressão, ora o fortalecimento das fronteiras de gênero”. (SALES; PARAÍSO, 2011)

Em 2012 são produzidas três dissertações, a primeira com o título, “Redes sociais on-line e cultura digital de jovens”, parte da afirmação “que através dos relacionamentos estabelecidos nas redes sociais os jovens agregam valores importantes no âmbito da cultura e da

sociabilidade” aponta como “valores gerados no ambiente digital podem ser transferidos para a vida fora do mundo on-line, fazendo com que a apropriação das informações consumidas e produzidas nestes ambientes influencie diretamente no desenvolvimento da literacia informacional e sócio-emocional dos jovens”. (SILVA, 2012)

A segunda dissertação é “Cibercultura, Juventude e Alteridade: Aprendendo-Ensinando com o outro no *Facebook*” investiga “a relação de jovens usuários do software social *Facebook* com os saberes que circulam na referida interface”. Os resultados “ressaltam a relevância da dinâmica cibercultural do Facebook na constituição de processos de ensino-aprendizagem interativos e co-autorais que colocam em xeque as práticas educativas individuais e autorais próprias da cultura tipográfica”. (COUTO JUNIOR, 2012)

A terceira tem como título “Juventude e Ciberespaço: Implicações do Uso da Internet na Constituição da Sociabilidade Juvenil” investiga “a constituição da sociabilidade juvenil nos ambientes virtuais, como as redes sociais interativas, espaços onde a juventude tende a se sentir à vontade para expressar ideias, sentimentos e visões de mundo”, tendo como resultados: a “juventude procura o fortalecimento dos círculos sociais presenciais por meio da interação *Online* e a experimentação de atividades multimídia na internet, reveladoras de modismos e de outras maneiras de jogar a sociedade e suas normas”; os “processos de agrupamento e cooperação na rede não acontecem fora das contradições e tensões, elementos constituintes da própria dinâmica social, ganhando contornos particulares no ciberespaço, como a constituição de vínculos nas redes sociais e o status privilegiado adquirido por causa da quantidade elevada de contatos ou amigos”; o “lugar cativo que as novas tecnologias, especialmente a internet, têm ocupado na vida da juventude por causa dos estudos”; e a possibilidade de “aprendizagem interativa e desterritorializada”. (OLIVEIRA, 2012)

Em 2013 são defendidas três teses, a primeira é “Os significados da internet e das redes sociais para a juventude”, parte do pressuposto que a “geração, que chegará à maturidade na segunda metade do século XXI, nasceu sob o signo do informacional, tem a sociabilidade virtual integrada às relações de sociabilidade reais, transfere-as do mundo real para o virtual e, de maneira mais importante, usa o mundo virtual como ferramenta de comunicação e de transformação social através de redes sociais e sistemas de mensagens” tem como objetivos “entender a construção desse novo padrão de sociabilidade, em especial pela juventude, seus reflexos nos diversos usos da internet e a transformação das redes sociais em instrumentos de convocação de grandes mobilizações sociais”. (CAMACHO, 2013)

A segunda tese tem como título “A imagem das adolescentes na web: a busca pela corporeidade espetacular” que tem por objetivo “analisar e avaliar o papel que a imagem

fotográfica digital desempenha para a cultura jovem, nos atos comunicacionais que visam à sociabilidade”. (ALMEIDA, 2013)

A terceira tese é “Estou online! o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos” que teve como objetivo “analisar as práticas de compartilhamento da vida privada no espaço virtual como produtoras de sensibilidades reconfiguradas nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos”. (MARQUES, 2013)

Continuando no ano de 2013, três dissertações são defendidas, “Confissões no Facebook: Educação e Subjetivação nas Redes Sociais” que “investiga a emergência de subjetividades confessionais no Facebook” analisando “como a arquitetura, o design, as políticas e relações sociais na rede educam seus usuários para práticas confessionais que alimentam o mercado ao exporem informações sobre seus cotidianos e desejos” e tendo como resultados os seguintes aspectos: “os usuários criam para si éticas que modulam suas práticas de exposição na rede social digital” e as “práticas de resistência a essa cultura confessional entre usuários que, mesmo alimentando fortes laços na rede com sujeitos marcados pelas práticas de confissão, não costumam tomar parte nas dinâmicas da auto-exposição”. (KARDOZO, 2013)

A segunda dissertação é “*Cyberqueer*: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter” analisa as “performances desempenhadas pela personagem Katylene Beezmarcky no blog homônimo e no Twitter” abordando “as novas tecnologias como dispositivos que reconfiguram as performances de gênero na contemporaneidade” e “as tecnologias da comunicação como formas de mobilizar traços culturais de diferentes grupos como uma estratégia de construção de uma narrativa de si no ciberespaço”. Tem por objetivo “observar os usos de diferentes plataformas comunicacionais (blog e Twitter) pelo blogueiro Daniel Carvalho para a criação da personagem travesti, contextualizando a popularização da personagem em um contexto contraditório de grande homofobia característico do Brasil”, tendo como conclusão a identificação das “estratégias e usos das plataformas online enquanto performances de gênero e a mobilização de traços identitários na construção de uma narrativa”. (KRAMBECK, 2013)

A terceira, “As redes sociais - Facebook e Twitter - e suas influências nos movimentos sociais” tem por objetivo apresentar “como a Internet exerce papel central no cotidiano, e como as Redes Sociais podem influenciar o comportamento humano, levando as pessoas a participar de Movimentos Sociais originados em ambientes virtuais, mas que também ocorrem no mundo real”. Demonstrou como resultado que “os projetos de iniciativa popular podem fomentar a

participação política e abrir espaço para um diálogo entre a população e seus representantes na busca da ética na política e da fiscalização social da gestão pública”. (GUEDES, 2013)

Elenco em 2014 três dissertações, “Internet e participação política de jovens no Brasil: um estudo de caso sobre a Rede Virajovem” afirma que a “apropriação de Tecnologias da Informação e Comunicação pelos novos movimentos sociais tem possibilitado uma maior interação e articulação com outros atores sociais” elenca os jovens como os atores que ao mesmo tempo “demonstram afinidade com a utilização das TIC’s” e são vistos “como público com baixos níveis de participação”, identificando que o “processo de apropriação tem intensificado o volume e o fluxo de informações, além das discussões acerca da necessidade da mobilização e da participação política, em prol da garantia dos direitos individuais e coletivos dos cidadãos”. Os principais resultados são: “a internet é utilizada de forma muito intensa pelos jovens, mas não substitui as ações presenciais”; “a base das ações da rede está sobre três pilares: participação em espaços deliberativos, formação de jovens em participação política e uso da internet para fins políticos”; e “o papel da internet é o de potencializar e qualificar os processos desenvolvidos pelos jovens, ao mesmo tempo em que complementa as ações presenciais”. (BARBOSA, 2014)

A segunda é “Amizades e sociabilidades escolares no *Facebook*: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas” pretende “investigar as conversações e a conseqüente sociabilidade entre jovens moradores da zona rural de Pelotas” pelo *Facebook*, “perceber se os jovens estudantes da Escola Estadual de Ensino Médio Elizabeth Blaas Romano tiveram suas relações com os colegas alteradas a partir do uso deste site de rede social” e “apontar elementos que ajudem na compreensão de como os jovens rurais se inserem numa realidade globalizada de consumo de mídias e tecnologias”. Os resultados levantados foram: “o uso frequente de tecnologias enquanto ferramenta para mediação de sociabilidade, o que incidu em”; “o uso do *Facebook* também aumentou a sociabilidade com parentes e pessoas mais distantes, abriu espaço para interação com desconhecidos e possibilitou mais acesso a atualidades”; “as práticas de sociabilidade off-line continuam bastante presentes entre esses jovens, ou porque nem todos têm acesso, ou porque (ainda) não dominam as linguagens da internet e dos sites de redes sociais”. (LIMA, 2014)

A terceira dissertação, “Ativismo anti-homofobia : embates político-midiáticos da rede LGBT na internet” investiga “a crescente utilização das ferramentas de informação e comunicação disponíveis na Internet para o fortalecimento do ativismo político online e off-line”, tendo como conclusões: “os repertórios de ação (em rede, midiáticos, ciberativistas) surgem como táticas de reforço do ativismo político, visando ampliar a sua reverberação no

debate público e na esfera política; a busca pela visibilidade midiática é uma estratégia imbricada nas ações ativistas que abrange as mobilizações intermídia nas plataformas digitais e as tentativas recorrentes de pautar os veículos jornalísticos; as articulações, mobilizações e intervenções online e off-line estão correlacionadas, podendo ser iniciadas tanto nos espaços de interação mediada quanto nos espaços políticos tradicionais e vice-versa; a mobilização de ativistas ocasionais e demais parceiros informais é uma prática estratégica para visibilizar e reforçar os mecanismos de pressão; o grupo de discussão é potencialmente mais ativo nas conversações civis para fins de troca de informações, análise de conjuntura, consulta especializada, planejamento e avaliação de ações; o ciberativismo é notadamente mais bem-sucedido nas situações em que a Internet exerce um papel relevante na disseminação de canais informativos alternativos para a conscientização e o engajamento coletivos; a associação do ativismo político a uma série de repertórios midiáticos, online e em rede tem contribuído para ampliar a visibilidade pública, o conjunto de alianças e o apoio da sociedade em torno das lutas anti-homofobia no país”. (CRUZ, 2014)

Ainda em 2014 é defendida a tese “Juventude/Adolescência e Autorrepresentação no Facebook” que tem como objetivo “compreender como as jovens adolescentes guarapuavana se autorrepresentam em seus perfis no Facebook”. Os resultados obtidos foram que: “se representam em seus perfis do Facebook, projetando imagens idealizadas”; “se autorrepresentam como alguém que almejam ser, como gostariam que os interlocutores as vissem, ou, em alguns casos, como símbolos de consumo”; “se encontram no olhar do público através dos retornos positivos que recebem, em forma das curtidas”. A partir disso conclui que o “prazer de sentirem-se elogiadas e a conseqüente melhora de sua autoestima as narcotiza e faz com que elas relaxem a vigilância por sua segurança. A satisfação gerada por esse mecanismo causa uma espiral crescente de ocorrências, que cada vez mais se intensifica”. (LEONARDI, 2014)

No ano de 2015 são defendidas duas dissertações, “O Jovem Midiatizado e as Marcas de Gênero e Sexualidade: o que restou na caixa de Pandora?”, aborda “a importância das comunidades da rede social virtual para atender parte das exigências do jovem midiatizado” tem como objetivo “contextualizar os posts em relação a gênero e sexualidade” e como questionamentos centrais “Quais as percepções e marcas de gênero e sexualidade que o jovem midiatizado deixa para as gerações futuras? E qual a relação entre este jovem, e o mito de Pandora?”. Tendo como conclusão que “são as marcas que os jovens que transitam nas comunidades acessadas deixam, a expectativa do que virá, a esperança; o que restou na caixa

de Pandora; talvez, efêmera, mas que constitui a síntese das percepções dos jovens a respeito de gênero e sexualidade: a criação de um único gênero, o humano”. (SCARAMUZZA, 2015)

A segunda é “A construção das imagens de si por adolescentes em redes sociais” tem como objetivo “averiguar como tais adolescentes estão compreendendo a construção das imagens de si na inserção em novos espaços de socialização, como o das redes sociais”, sendo que as conclusões são: as “imagens aparecem como cartão postal de si e aspecto primordial de interesse dos adolescentes nas redes sociais; os adolescentes “cuidam e investem na imagem de si, utilizando performances para exibi-las na rede”; e os “*feedbacks* dados pelos amigos usuários das redes se configuram como garantia de maior aceitação e segurança no estabelecimento das relações sociais”. (TAVARES, 2015)

No universo dos 5098 produtos científicos que tem como objeto de estudo a/s juventude/s, os números mostram a pouca visibilidade conferida à temática das sexualidades. Desta forma, a importância deste estudo se justifica, pela necessidade de ampliar discussões sobre as possibilidades das redes sociais *on-line* como locais de constituição do “estar junto” e de uma política de performatividade de gêneros e de sexualidades para as juventudes LGBT. E também pela necessidade de construir ações educativas, institucionalizadas ou não, que empoderem esta juventude que vive na precariedade.

### **3.2 Espaços *On-line*: sociabilidades e política**

A “sociedade em rede” não se trata simplesmente de modismo, de argumento de venda ou de dominação da máquina sobre o ser humano, mas também modifica as relações na esfera social, onde se observa não mais a passividade da recepção diante da emissão do produto, @ espectador@ das mídias de massa sentem a necessidade de interagir, de inferir, de transformar e de (re)criar. (SILVA, 2002)

A sociedade do *wifi* possibilitou a mudança na maneira pela qual o indivíduo reage e interage com a mídia – a auto-organização – que diferencia a máquina artefato (simples) da máquina viva (complexa). Os “*clics*” do *mouse*, as múltiplas “janelas” e as “redes” móveis foram determinantes para a esfera comunicacional interativa, que tem como processo o hipertexto, um procedimento que não é mais unitário, contínuo e linear, mas que ocorre no diálogo, na multiplicidade e na perspectiva de tudo religar.

Nesta sociedade interativa não há possibilidade de um avanço para a ciência sem o avanço da perspectiva transdisciplinar de um “pensar complexo”, compreendendo os sistemas de significação do mundo, como algo que se constitui dentro da cultura, da linguagem e do poder,

numa rede mutável, aleatória e incerta. @s internautas e, em particular, as juventudes estão passando por esta “mutação perceptiva”, transitando entre a “percepção tradicional” (estática, linear) e a “colagem de fragmentos” (interconexão de textos audiovisuais).

As mudanças comportamentais e comunicacionais permeiam nosso cotidiano de maneira quase irreversível. Um exemplo disso são os conceitos de espaço e tempo, por muitas vezes, foram pensados em conjunto servindo como base para a construção do conhecimento das ciências naturais e como delimitação das ciências humanas. Ao longo da história, a humanidade ocupou espaços que mudaram a partir da ressignificação dos diferentes lugares que os compõem, sendo que na atualidade, o aparecimento dos lugares *on-line* carrega consigo uma temporalidade diferente. As fronteiras, as distâncias e o tempo já não são mais problemas, podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo.

o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma identidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não tem de ser objetos de conhecimento. (AUGÉ, 1994, p.53)

Os lugares *on-line* são conceituados por Pierre Lévy (1999) como espaços *on-line* ou ciberespaço, lugares desterritorializados que ainda dependem de um suporte físico, mas não de uma concepção de tempo e espaço clássico. A internet é *locus* da nova configuração espacial, algo que ao mesmo tempo ocupa um espaço e espaço nenhum – um ciberespaço - combinação de informações que constitui novas formas de sociabilidade que produzem novos lugares *on-line* denominados como redes sociais *on-line* - uma cibernociabilidade.

A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não-presentes’, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. [...] nem por isso o virtual é imaginário. Ele produz efeitos. (LÉVY, 1999, p. 20-21)

George Simmel, já no começo do século XX, constrói o conceito de sociabilidade, a partir da afirmação de que uma sociedade existe na interação dos indivíduos em seus contextos sociais. Essa interação decorre de diversificadas motivações que adotam formas de cooperação e colaboração transformando-os em uma unidade para satisfazerem seus interesses - uma sociação. Quando os sujeitos passam a dar mais importância para a sociação do que para as motivações constitui-se a sociabilidade, podendo ser considerada a “forma lúdica da sociação”. (SIMMEL, 2006, p. 65)

O conceito analítico de sociabilidade de Georg Simmel (2006) ajuda a pensar como a satisfação do “estar junto” no ciberespaço pode produzir um “impulso de sociabilidade”, onde seja possível o indivíduo assumir fazer parte de “algo” social. Como complementar o conceito de sociabilidade, apresento o conceito “socialidade” proposto por Michel Maffesoli, que se mostra potente para conversar com as “Políticas de Performatividades” de Judith Butler, e uma possibilidade de compreender as (rel)ações dinâmicas que ocorrem nas redes sociais.

Característica da socialidade: a pessoa (persona) representa papéis, tanto dentro da sua atividade profissional quanto no seio das diversas tribos de que participa. Mudando seu figurino, ela vai, de acordo com seus gostos (sexuais, culturais, religiosos, amicais) assumir o seu lugar, a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi* (grifo do autor). (MAFFESOLI, 2010, p. 133).

Outro conceito que pode ser agregado ao de sociabilidade no contexto *on-line* é o conceito heterotopia de Michel Foucault (2001), o qual se refere a espaços outros, que pertencem ao mundo em geral, mas se afastam do mesmo pelas mudanças que incidem nas normatizações sociais, um local em que a ordem social é colocada em suspenso, espaços de alteridade subvertidos em nome da ética do outro. Segundo o autor em qualquer cultura há

lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra-posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias. (FOUCAULT, 2001, p. 415)

A concepção da heterotopia como uma forma de contestação, ao mesmo tempo real e mítica, dos espaços sociais torna-se importante para as pesquisas nas redes sociais *on-line* (*Facebook*) ao permitir um estudo dos espaços de alteridade, pois se relacionam com diversos lugares não deixando afetar-se pelas regras destes, possibilitando compreender “relações sociais outras”, constituídas nas fissuras das heterotopias, e funcionar com fonte para “manifestações culturais outras”, que conseqüentemente são produtoras de “identidades sociais outras”. Esta concepção torna capaz a associação da espacialização das relações de poder com os “espaços outros” que emergem das páginas das comunidades *on-line*, desafiando as representações hegemônicas.

A “heterotopia *on-line*”<sup>20</sup> é extremamente funcional na constituição de performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades. Em múltiplos locais da rede vão se pulverizando as dicotômias - hetero/homossexual, feminino/masculino - abrindo passagem para uma multiplicidade de categorias que desestabilizam as naturalizações sobre sexo biológico, relações de gênero e práticas sexuais. As redes sociais *on-line*, dentre elas as comunidades LGBT, possibilitam novos arranjos de poder e novas maneiras de estar no mundo, emergindo como heterotopias *on-line*, lugares que a heteronormatividade é desconstruída e instaurando resistência aos regimes de normalização dos gêneros.

Esta resistência é o que Michel Foucault, chama de “práticas de liberdade”<sup>21</sup>, a relação entre verdade/saber/poder, que exige o reconhecimento do outro como sujeito de ação, ou seja, “o poder se exerce unicamente sobre ‘sujeitos livres’ e apenas na medida em que são livres”, se constituindo por todo o corpo social. Desta forma, a liberdade está por todas as partes, possibilitando a resistência aos sistemas de sujeição, sendo a tarefa política a defesa, a reafirmação, a reinvenção e a transformação de si mesmo e das relações com o outro, uma ética do cuidado da liberdade. (FOUCAULT, 1995, p. 244)

Podemos associar as “práticas de liberdade” ao conceito sociabilidade de Zygmunt Baumann (1997), compreendido a partir interação com a estrutura social, onde os indivíduos, ao mesmo tempo e nas condições em que se encontram, compartilham e experienciam ações. Por ser uma característica da “modernidade líquida” ocupa-se do espaço *on-line*, onde o contato interpessoal, mesmo sendo intermediado pela tela do computador, produz uma interação social. Neste ciberespaço, ambiente de comunicação interativa *on-line* da vida, podem emergir diversas interpretações conforme o lugar que escolhemos para pesquisar e os sujeitos que circulam e se relacionam no mesmo. Para Margareth Wertheim,

Embora destituído de fisicalidade, o ciberespaço é um lugar real. Eu estou lá - seja qual for o significado desta afirmação. (...) grande parte do que ali se passa não está voltado para a informação [...] mas para a interação social e comunicação – e também, cada vez mais, para entretenimento interativo. (WERTHEIM, 2001, p. 169 e 170)

Corroborando com a autora, e os quadros comparativos (5 a 11) já demonstram, em termos numéricos, o potencial que o *Facebook* tem para atingir um grupo de pessoas, mas será que podemos dizer que estes números mostram que as mesmas se unem, se aliam em torno de um

---

<sup>20</sup> Conceito cunhado pela autora a partir do conceito de “heterotopia virtual” de Anselmo Peres Alós no artigo “Heterotopias hipertextuais: Escrevendo mundos digitais em La ansiedad e Keres cojer? = guan tu fak.” **Ipotesi**. v. 14. n. 1. jan./jul. Juiz de Fora. p. 69 – 80. 2010.

<sup>21</sup> FOUCAULT, 2010b.

interesse comum ou em prol da melhoria das condições de viver do outro, da solidariedade e da alteridade, que têm construído formas de “estar junto”, de sociabilidades e de socialidades?. Segundo Howard Rheingold, já no final do século XX isso não é uma possibilidade, mas uma constatação, por ele conceituada - “comunidade virtual” que são

agregados sociais que surgem da rede virtual, quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no ciberespaço. (RHEINGOLD, 1996, p. 20) (tradução livre da autora)

A comunicação com interação proporcionada pela *internet* possibilita ao sujeito uma experiência ativa, onde este decide o que lhe convém partilhar e intervir, dando um sentido para o que está na rede. O laço social que uma comunidade inventa, através de códigos comuns (linguagem, ritos) ocorre também no virtual.

Internet é uma força que está mudando rapidamente o modo de funcionamento dos sistemas políticos e a forma como os entendemos.[...] Mas, além de um meio de comunicação, a internet é algo diferente e superior, é a área em que operam os meios de comunicação, hoje equivale a uma nova esfera pública. Isto significa que sua ação nos obriga a rever nossos conceitos sobre o funcionamento reconhecido das instituições tradicionais cujos limites têm de redesenhar.[...] As mudanças nos padrões de interação entre os aspectos públicos, privados e secretos irá condicionar a nossa compreensão da democracia como uma prática discursiva. (COTARELO, 2012, p. 4) (tradução livre da autora)

As redes sociais *on-line* são as ferramentas de comunicação mais utilizadas, permitindo o compartilhamento de conteúdo (textos e imagens), a comunicação e debates entre as comunidades, onde se destaca o *Facebook* como a rede social mais utilizada no Brasil e no mundo, começando a ser importante como um local de troca de informações onde @s usuári@s formam suas opiniões políticas, fazendo com que estes espaços de debate e de encontros com o outro permitam uma democracia *on-line*, a ciberdemocracia.

As redes de movimentos sociais *on-line* têm sido cada vez mais numerosos e importantes para modificar a política tradicional e os movimentos reacionários, diante disso questiono se este ciberativismo produziu um maior interesse político d@s internautas e que oportunidades o *Facebook* oferece para a construção de uma nova política e suas consequências para a prática diária da democracia?

A comunicação *on-line* propõe uma comunicação participativa onde se entrelaçam as práticas de autoria e leitura, se fazendo necessário um novo perfil de usuári@ mais consciente e ativ@ que pode e deve ser participativ@. @ nov@ usuári@ investiga, opina, contesta,

compara e cria conteúdo a partir de outros. E as redes sociais *on-line* são ferramentas que aproveitam a internet para a construção de espaços de trocas entre @s usuári@s através da comunicação, da comunidade e da cooperação.

Para Manuel Castells (2008) falar em política, significa falar de poder, que nesta “sociedade em rede”, é a comunicação, que significa informação, conhecimento e formação de opinião, sendo a ferramenta de poder mais importante que existe no mundo contemporâneo. O poder da comunicação é entendido como “a capacidade estrutural do ator social para impor sua vontade sobre outro(s) ator(es) social(is)”, por outro lado existe o contra poder que é “a capacidade de um ator social de resistir e desafiar as relações de poder institucionalizadas”. Como diria Michel Foucault (2010a), onde há poder existe resistência. (CASTELLS, 2008, p. 2)

A relação “entre tecnologia, comunicação e poder reflete valores e interesses opostos, afetando uma pluralidade de atores sociais em conflito”, é nela que interferem as redes sociais *on-line*, pois conectam estes atores sociais em conflito, facilitando à comunicação, o debate, a interconexão entre desconhecidos e, como diria Bauman (2005), o estabelecimento de vínculos líquidos. A internet proporcionou que est@s cidad@s passassem de meramente receptores das mensagens políticas para também emissores, convertendo-se em uma cidadania ativa. (CASTELLS, 2008, p. 3)

O conceito de “ciberpolítica” cunhado por Ramón Cotarelo (2013) contempla a afirmação anterior,

ciberpolítica torna possível, em princípio, ou, pelo menos pensável, algumas reivindicações democráticas modernas e também clássicas. Na verdade, a rede permite democracia direta uma vez que todos os cidadãos podem estar ligados em tempo real, no mesmo momento. (...) democracia participativa. Se algo pode ativá-la, é a ciberpolítica. (2013, p. 15) (tradução livre da autora)

A ciberpolítica possibilita a democracia participativa no momento em que todas as vozes têm o mesmo valor, tornando suas ideias públicas, permitindo a interação entre estas vozes, organizando-se e relacionando-se com o poder no mesmo espaço em competem normas de controle, novas formas de liberdade e múltiplas ofertas de transgressão. Como um potencial dispositivo de ação política e um possível mecanismo de ação coletiva, o ciberespaço assume um caráter performativo, pois os agentes que intervêm neste espaço podem ser coletivos (movimentos sociais, partidos) ou individuais; exclusivamente digital ou híbridos; discussão de assuntos comuns ou de ação; e a publicização do privado e privatização do público.

Nesta nova constituição social ao mesmo tempo em que somos sujeitos de individualidades triunfantes temos a necessidade de sentirmos identificados com os outros, de estarmos inseridos em comunidades, em tribos. Para Michel Maffesoli (2012) a partir da saturação do culto ao indivíduo emerge o sentido de “estar junto” presente nas comunidades da pós-modernidade. Os sujeitos mostram como a liberação da sua palavra na *Internet* pode transformar a opinião pública em produção cultural através das redes sociais, *blogs*, *wikis*, *facebook*, *twitter* e como @ cidad@ passa a ser cibercidad@, produzindo uma nova forma de “fazer sociedade” através da construção com novas ferramentas diante de um cenário menos opaco política e culturalmente.

O mapeamento das mídias *on-line* possibilita compreender de que modo a produção discursiva da atualidade, que se constitui a partir do fluxo entre as ruas e a rede, potencializam que determinadas visões de mundo se tornem verdades. Estes discursos são campos de lutas de enunciados antagônicos que pretendem a hegemonia da interpretação da realidade vivida. Neste sentido as redes de movimentos sociais se utilizam das ferramentas *on-line* para projetar seus protestos passam a operar com novas características - auto-organização, a autonomia e a divulgação em escala.

Neste contexto, a comunicação de valores e a mobilização em torno de significados tornam-se fundamentais. Os movimentos culturais (no sentido de movimentos voltados para a defesa ou a proposta de modos específicos de vida e significado) formam-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e a mídia – porque é principalmente através deles que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir a seus valores e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como todo. (CASTELLS, 2003, p. 116)

A geração anterior a web 2.0 ainda vive uma relação de amor/ódio com a tecnologia, ou seja, não consegue viver sem ela, mas não deixa de enxergá-la com algo que devemos utilizar com moderação devido ao possível isolamento do mundo virtual e ao anonimato que nos aparta das responsabilidades sociais. Já a “Geração Wifi” se utiliza com naturalidade dessas tecnologias para se informa e sociabilizar.

Os chamados “nativos digitais”<sup>22</sup> modificaram o modo e o lugar de se relacionar com a sociedade, sendo o mundo virtual algo naturalizado e habitual, tão real quanto o mundo físico, por isso as comunidades *on-line* são tão importantes nas relações das juventudes. O que @s jovens produzem nos espaços *on-line* tem seus efeitos nos espaços públicos. Desta forma, as ferramentas *on-line* permitem novas formas de organização e de ação política que tem motivado

---

<sup>22</sup> PRENSKY, 2001.

as juventudes para a participação política, não partidária e com ambições de mudanças frente o fazer político tradicional.

Podemos considerar a *internet* como um fenômeno social que possibilita as juventudes tornarem-se agentes de novos espaços culturais atravessados por diversos campos de poder/saber, tornando difusas suas fronteiras e necessitando novas alfabetizações que permitem experiências sociopolíticas e constituem suas subjetividades através das redes sociais *on-line*. Um exemplo é a crescente importância dos “nativos digitais” para as mobilizações urbanas, este êxito ocorre pela capacidade das juventudes em utilizar as ferramentas digitais para realizar ações políticas que combinam sua presença tanto no espaço físico quanto *on-line*, assumindo a responsabilidade de denunciar e difundir ações sociais.

Dessa forma, posso afirmar que a distância e a desconfiança da juventude não são a própria política e, sim, suas práticas tradicionais – falta de transparência de suas organizações, as relações verticais entre polític@s e cidad@s e a demanda por uma maior participação d@ cidad@s no processo de tomadas de decisões. E que as redes sociais *on-line*, principalmente o *Facebook*, são um espaço de transversalidade nas práticas sociais, de entretenimento e educação, sendo a referência para o consumo de notícias políticas, assim como o seu debate e possível interferência na agenda política.

Segundo Manuel Castells (2009) o diálogo e o debate sobre as questões de poder e comunicação se realizarão na *internet*, mas sua mobilização se manifestará nas ruas, como ocorreu no Brasil em 2015 e 2016 com as ocupações das escolas por estudantes secundaristas. Este espaço público híbrido, onde a luta e o debate político acontecem nas redes sociais *on-line* e suas ações no espaço físico, é importante para a passagem da esfera institucional para a comunicativa. São espaços inclusivos e transparentes que não servem apenas para serem lidos, mas também escritos coletivamente. Assim, aumenta “as possibilidades da inteligência coletiva e, por sua vez, a voz do povo”. A ideia de democracia passa a ser avaliada diante desta versão atual da Web 2.0 e entendida como ciberdemocracia “um tipo de aprofundamento e de generalização das abordagens de uma livre diversidade em espaços abertos da comunicação e de cooperação”. (LE MOS; LÉVY. 2010, p. 14 e 54)

Os usos das redes sociais *on-line* geraram grandes mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e também motivam movimentos terrivelmente reacionários e conservadores, sendo um jogo constante e interminável de forças que possibilita, ao mesmo tempo, discursos de amizade, de ajuda e de cooperação, quanto a intensificação e a propagação de discursos de ódio e de violência. Um exemplo dessa relação conflituosa e que reconfiguram a lógica da comunicação são @s *haters* (odiadores), sujeitos

motivados a demonstrar e agir em desfavor a produtos culturais de entretenimento dos quais não gosta, e como característica intrínseca da internet essas pessoas interagem entre si, criando redes de odiadores na internet. (REZENDE; NICOLAU, 2015, p. 2)

Junto com @s *haters*, pessoas responsáveis por incitar a violência e o ódio, estimulando o crescimento dos preconceitos, temos @s *trolls*, sujeitos que, necessariamente, não odeiam algo, mas se deliciam com a briga, manipulam e geram discórdia nas redes sociais. Estes sujeitos *on-line* estão em constante encontro com o “outro”, um encontro sempre perturbador e, por vezes violento. O ódio que pode surgir ao reconhecer-se no lugar do “outro”, torna-se um problema social ao ser externado pela linguagem em espaços de conversação.

A reprodução dos discursos de violência e ódio na *internet* dá visibilidade, popularidade e reputação aos *haters* e *trolls*, reforçando e expondo, principalmente, a homofobia, o racismo, o sexismo e a misoginia. Estes sujeitos não estão abertos ao diálogo, ao debate, apenas fazem críticas negativas e não respeitam uma opinião divergente. É a representação do ódio sem fundamento injustificável em espaços de interação. Estes discursos deixam suas marcas tanto nas redes sociais *on-line* quanto nas vítimas, pois os discursos podem ser reverberados atingindo milhares de pessoas. Segundo João Freire Filho

O comportamento sexual se mantém, todavia, como o alvo predileto dos ataques das antifãs que aderem ao tradicional padrão de recato feminino. As artistas que alegadamente se afastam deste modelo de conduta são tachadas de “vacas”, “piranhas”, “vadias” ou “putas”. (FREIRE FILHO, 2013, p. 16)

Os padrões morais impostos por grupos sociais dominantes são, frequentemente, legitimados pela sociedade em rede, os sujeitos visualizam calados os discursos de violência e de ódio reconstruindo representações dicotômicas (certo/errado, normal/diferente) naturalizando enunciados e verdades absolutas.

### **3.3 Juventudes LGBT: a precariedade de viver nas sombras**

O marcador social geracional<sup>23</sup>, utilizado em várias políticas públicas, é atravessado por outros constructos sociais, aqui enfatizados gênero e sexualidade, devido ao recorte de pesquisa em relação as comunidades *on-line* que foram escolhidas, que se autodenominam LGBT.

---

<sup>23</sup> Aqui o conceito de geração deve levar em conta sua dimensão genealógica constituindo um quadro referencial no qual as identidades são construídas e a subjetividade toma forma. Dando corpo ao tempo, a genealogia materializa o pertencimento geracional. (FEIXA; LECCARDI, 2010)

Gênero e sexualidade são marcados nos corpos das juventudes, corpo que se constituiu como um operador da diferenciação, nas suas formas, suas condutas e suas expressões, onde de acordo com o investimento que o sujeito faz sobre ele, estes poderão ser incluídos ou excluídos.

Segundo Judith Butler (2010), o discurso científico construiu a naturalidade do sexo através da criação do gênero, portanto o corpo não possui qualquer atribuição anterior ao sexo, sendo, simplesmente, fruto da construção cultural do gênero. A identidade é o mecanismo responsável pela perpetuação e estabilidade do sexo e do gênero, uma imposição normativa constituída por processos de significação que regulamentam e que ditam uma suposta verdade.

Para Michel Foucault (2010a), esses processos de significação podem ser nomeados como “dispositivos”, que ao serem instaurados, têm por objetivo produzir e perpetuar os discursos que afirmam a essência do sujeito, tendo como efeitos de seu poder sobre o corpo a produção dos discursos do verdadeiro homem; da verdadeira mulher. A autora Carolina Meloni (2008) conceitua a “matriz de inteligibilidade” como um dos principais processos de significação produzidos pela sociedade moderna

A matriz heterossexual define tanto a coerência como a incoerência, a continuidade como a descontinuidade. Aqueles corpos cujo gênero não é uma consequência do seu sexo anatômico, aqueles corpos cujas práticas e desejos sexuais não correspondem ao desejo heterossexual, e ainda aqueles corpos que não possuem uma definição clara de sua condição anatômica (como é o caso dos intersexuais) caem fora da matriz de inteligibilidade, sendo, por tanto, ininteligíveis ou incompreensíveis. Estes corpos serão, portanto, rejeitados, marginalizados, excluídos e às vezes patologizados. Por esta razão, devemos entender a heterossexualidade não como uma mera preferência sexual, mas como um regime de poder discursivo, hegemônico e excludente. A heterossexualidade é um regime político cujas categorias fundadoras, são "homem" e "mulher", sendo também categorias políticas normativas e de exclusão. (MELONI, 2008, p. 77) (tradução livre da autora)

Coadunando com as Teorias Pós-Estruturalistas, os Estudos Feministas, Culturais, de Gênero e *Queer* entendo que os sujeitos são construídos e se constroem num determinado *lôcus*, que não está dado. Desta forma, gênero e sexualidade não são pré-discursivos. As condições para sua produção perpassam a construção dos sujeitos em consonância com o cenário onde atuam, sendo sujeitado à inscrição cultural da sociedade heteronormativa, mas ativo no processo representacional podendo atuar de forma a subverter as normatividades sobre a sexualidade e o gênero performativo.

Ponderando para a importância na mudança efetiva nos métodos de análise e crítica sociocultural que possibilitem a desconstrução, desestabilização da heteronormatividade, da lógica binária de gênero e de sexualidade e seus efeitos controladores de classificação e exclusão, os Estudos *Queer* repensam corpos, gêneros e sexualidades a partir da diferença, da

complexificação das subjetividades ambíguas e transgressivas, onde o corpo é a superfície - a nossa tela - onde interpretamos as normas em um determinado contexto social. Ao assumirmos um gênero ou uma sexualidade, estamos em um processo performativo que tem o poder de produzir aquilo que nomeia, repetindo e reiterando as normas, mas também resistindo e subvertendo. (BUTLER, 2010)

As pessoas LGBT, devido as suas orientações sexuais e identidades de gênero, têm seus direitos humanos violados através de diferentes tipos de abusos e discriminações que são agravados pela exclusão, ódio e outras violências. As violências, que vão desde as agressões verbais até o homicídio, são atravessadas pelos marcadores sociais (raça/etnia, religião, situação socioeconômica, deficiência e idade). A homofobia<sup>24</sup> é muito mais que rejeição irracional ou ódio em relação à homossexualidade, ela qualifica as pessoas como anormais e inferiores, excluindo o diferente, o outro da sua humanidade.

Segundo o “Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013”, lançado em 2016 pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, os dados relacionados à faixa etária das vítimas seguem as tendências dos estudos mais amplos sobre Segurança Pública Brasileira, apontando @s jovens (15 a 29 anos) como a maioria das vítimas, em 2013 foram 54,9%, quantidade que havia batido os 61,16% em 2012. (BRASIL, 2016, p. 18)

Um dado preocupante é o local onde ocorrem as violações - na casa da vítima (25,7%) e nas ruas (26,8%), nos provoca a pensar onde os jovens LGBT poderiam estar seguros, uma vez que os locais de passagem ou permanência dessas pessoas são os espaços de maior insegurança. Em relação aos tipos de violações denunciadas os dados indicam que 40,1% das pessoas LGBT sofreram violências psicológicas, 36,4% discriminação e 14,4% violências físicas. (BRASIL, 2016, p. 22 e 23)

Pensando o homicídio como o limite final, outras agressões podem engrossar a lista dos crimes hediondos contra pessoas LGBT: 22,4% sofreram facadas; 21,9% foram alvejadas a tiros; 8,6% foram espancadas; 6,2% foram estranguladas; 5,2% foram apedrejadas; 4,4% sofreram pauladas; 2,6% foram asfixiadas; 1,6 foram carbonizadas e 0,5% foram afogadas.

---

<sup>24</sup> A homofobia é um conceito guarda-chuva que abriga vários sujeitos e por vezes oculta as violências empreendidas contra lésbicas e pessoas trans (mulheres transexuais, homens transexuais, travestis e transgêneros), desta forma opto por nomear homofobia como preconceito, discriminação e violências contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas; lesbofobia representa o preconceito, hostilidade e violência contra mulher que afetivamente se relacionam com outras mulheres abarcando sexismo e a misoginia; e transfobia sendo a aversão ou discriminação contra pessoas trans devido a dificuldade de aceitar a possibilidade das pessoas assumirem um gênero ou transitar entre os gêneros.

Algumas dessas vítimas sofreram mais de um tipo de agressão. Os dados apontam a homofobia - lesbofobia e transfobia - como crimes de ódio. (BRASIL, 2016, p. 40)

Os dados oficiais refletem uma parte da realidade da vida desta juventude LGBT, pois muitos não são contabilizados ou se perdem antes de virar estatística devido à falta de atendimento especializado as vítimas de homofobia (lesbofobia e transfobia) por parte da polícia e outros órgãos responsáveis. Um exemplo é a quantidade de homicídios, enquanto o Relatório de Violência Homofóbica no Brasil registrou 26, no mesmo ano (2013) foram contabilizados 312 pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), sendo que em 2016 aumentou para 328 homicídios, colocando o Brasil como um dos países mais homofóbicos.

O Balanço Geral (2011 a junho de 2018), elaborado pelo Ministério dos Direitos Humanos (MDH), sobre denúncias de violações de Direitos Humanos coletadas nos canais da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, incluindo o Disque 100, Ouvidoria Online, Clique 100, aplicativo Proteja Brasil e denúncias por canais presenciais. Esse balanço traz dados recentes sobre a violência homofóbica no Brasil, por exemplo os tipos de violação, dados de janeiro a junho de 2018: psicológica 348 (48,81%), física 217 (30,43%), institucional 89 (12,48%), sexual 15 (2,10%). Estas violações são subdivididas por especificidade:

- Discriminação: 87,29% (412) por orientação sexual, 17,80% (84) por identidade de gênero, 2,97% (14) por “gênero”<sup>25</sup> e 2,12% (10) por raça/etnia;
- Violência sexual: 80% (12) são estupros, 13,33 (2) são abuso sexual e 6,67% (1) é exploração sexual;
- Negligência: 75% (21) de amparo e responsabilização, 28,57% (8) em medicamentos/ assistência à saúde e 21,43% (6) negligência em alimentação;
- Física: 61,29% (133) lesão corporal, 39,17% (85) homicídios, 29,95% (65) maus tratos e 10,14% (22) tentativa de homicídio;
- Psicológica: 85,34% (297) hostilização, 73,56% (256) humilhação, 45,10% (150) ameaça, 20,40% (71) calúnia/ injúria/ difamação e 14,66% (51) perseguição;

---

<sup>25</sup> Os dados não fazem menção do que o órgão MDH entende e/ou diferencia discriminação de gênero e discriminação por identidade de gênero.

Quadro 13: Perfil das Vítimas LGBTs por Sexo e Identidade de Gênero

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil das Vítimas - Sexo														
Sexo	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Feminino	17	23	19	22	28	11							120	19,54%
Masculino	54	80	67	74	72	85							432	70,36%
Não informado	10	9	14	11	13	5							62	10,10%
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>112</b>	<b>100</b>	<b>107</b>	<b>113</b>	<b>101</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>614</b>	<b>100,00%</b>

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil das Vítimas - Identidade de gênero														
Identidade	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Bissexual	3	2	3	5	2	1							16	2,61%
Gay	38	25	30	34	27	32							186	30,29%
Heterossexual		1		5	7	3							16	2,61%
Lésbica	7	13	11	12	10	4							57	9,28%
Não informado	16	19	22	26	24	22							129	21,01%
Transsexual	12	14	17	15	24	14							96	15,64%
Travesti	5	38	17	10	19	25							114	18,57%
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>112</b>	<b>100</b>	<b>107</b>	<b>113</b>	<b>101</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>614</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>

Quadro 14: Perfil das Vítimas LGBTs por Cor/Raça e Tipo de Deficiência

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil das Vítimas - Cor/Raça														
Cor / Raça	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Amarela				4	4	1							9	1,47%
Branca	22	30	41	38	31	35							197	32,08%
Indígena			1	1		1							3	0,49%
Não informado	21	30	23	20	30	35							159	25,90%
Parda	30	35	22	34	30	18							169	27,52%
Preta	8	17	13	10	18	11							77	12,54%
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>112</b>	<b>100</b>	<b>107</b>	<b>113</b>	<b>101</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>614</b>	<b>100,00%</b>

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil das Vítimas - Tipo de Deficiência														
Deficiência	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Auditiva													0	0,00%
Física	2	1		1	1	1							6	0,97%
Intelectual		2				1							3	0,49%
Mental	7	6	5	10	6	3							37	5,99%
Não Informada					1								1	0,16%
Não possui	73	104	94	95	106	94							566	91,59%
Visual		1	1	1		2							5	0,81%
<b>Total</b>	<b>82</b>	<b>114</b>	<b>100</b>	<b>107</b>	<b>114</b>	<b>101</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>618</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>

Quadro 15: Perfil das Vítimas LGBTs por Faixa Etária

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil das Vítimas - Faixa Etária														
Faixa etária	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Não Informado	8	28	17	14	25	21							113	18,40%
4 a 7 anos													0	0,00%
8 a 11 anos													0	0,00%
12 a 14 anos			1										1	0,16%
15 a 17 anos		3			3								6	0,98%
18 a 24 anos	19	31	33	26	34	26							169	27,52%
25 a 30 anos	22	23	15	26	16	22							124	20,20%
31 a 35 anos	6	11	17	10	17	13							74	12,05%
36 a 40 anos	14	6	4	7	6	9							46	7,49%
41 a 45 anos	5	6	8	9	6	3							37	6,03%
46 a 50 anos	2	3	3	4	2	3							17	2,77%
51 a 55 anos	3	1	1	6	4	2							17	2,77%
56 a 60 anos	2		1	4		2							9	1,47%
61 a 65 anos				1									1	0,16%
66 a 70 anos													0	0,00%
71 a 75 anos													0	0,00%
76 a 80 anos													0	0,00%
81 a 85 anos													0	0,00%
85 a 90 anos													0	0,00%
91 anos ou mais													0	0,00%
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>112</b>	<b>100</b>	<b>107</b>	<b>113</b>	<b>101</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>614</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>

Analisando os dados do perfil das vítimas (quadros 13 a 15), o que nos salta aos olhos é o desconhecimento do órgão público sobre os diferentes conceitos: sexo biológico (macho, fêmea ou intersex); gênero (feminino e/ou masculino); identidade de gênero (transgênero (transexual e travesti) - pessoa que não se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento; e cisgênero - pessoa que se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento; orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual e pansexual); cor (amarela, branca, parda e preta), raça/etnia (branc@s, indígenas e negr@s). A mistura de “rótulos” não nos possibilita fazer um perfil mais detalhado do público que sofre homofobia. Somente o dado sobre faixa etária, parece útil para corroborar com esta pesquisa, quando aponta que o maior número de vítimas está na faixa etária entre 18 a 35 anos.

Quadro 16: Perfil dos Suspeitos de Violação contra LGBTs por Sexo/Faixa Etária/Cor

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil do Suspeito - Sexo														
Sexo	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Feminino	37	22	28	30	38	15							170	20,76%
Masculino	61	77	38	62	65	60							363	44,32%
Não informado	34	50	42	52	64	44							286	34,92%
<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>149</b>	<b>108</b>	<b>144</b>	<b>167</b>	<b>119</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>819</b>	<b>100,00%</b>

Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil do Suspeito - Faixa Etária														
Faixa etária	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Não Informado	53	107	61	79	98	81							479	58,49%
12 a 14 anos													0	0,00%
15 a 17 anos		2	1		2	1							6	0,73%
18 a 24 anos	9	5	6	7	9	5							41	5,01%
25 a 30 anos	7	11	5	11	12								46	5,62%
31 a 35 anos	10	7	4	12	7	4							44	5,37%
36 a 40 anos	10	4	5	13	10	9							51	6,23%
41 a 45 anos	7	3	9	4	6	5							34	4,15%
46 a 50 anos	17	5	2	4	6	5							39	4,76%
51 a 55 anos	4	1	8	4	4	4							25	3,05%
56 a 60 anos	9	4	2	9	2								26	3,17%
61 a 65 anos	1		3	1	6	1							12	1,47%
66 a 70 anos	3		1		3	2							9	1,10%
71 a 75 anos			1		1	1							3	0,37%
76 a 80 anos	2												2	0,24%
81 a 85 anos					1								1	0,12%
85 a 90 anos													0	0,00%
91 anos ou mais						1							1	0,12%
<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>149</b>	<b>108</b>	<b>144</b>	<b>167</b>	<b>119</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>819</b>	<b>100,00%</b>

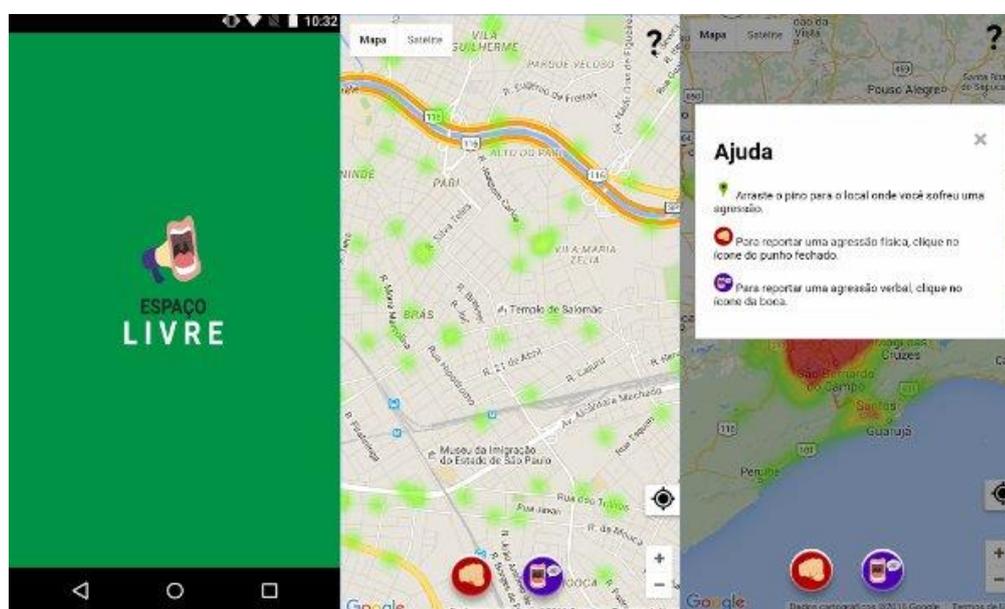
Disque 100 - Ano 2018 - LGBT - Perfil do Suspeito - Cor/Raça														
Cor / Raça	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL	%
Amarela	1												1	0,12%
Branca	42	21	19	30	37	27							176	21,49%
Indígena			2		3	1							6	0,73%
Não informado	58	109	67	87	103	77							501	61,17%
Parda	23	12	16	16	13	14							94	11,48%
Preta	8	7	4	11	11								41	5,01%
<b>Total</b>	<b>132</b>	<b>149</b>	<b>108</b>	<b>144</b>	<b>167</b>	<b>119</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>819</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: <http://www.mdh.gov.br/informacao-ao-cidadao/ouvidoria/balanco-disque-100>

O perfil dos suspeitos (quadro 16) corrobora para o perfil de sociedade patriarcal e branca, onde 44,32% dos suspeitos são homens na faixa etária dos 36 aos 40 anos, sendo 21,49% de brancos. O dado cor/raça não surpreende em uma sociedade racista, onde a maior porcentagem de suspeitos é a não informada (61,17%). Os quadros de 13 a 16 demonstram a situação de precariedade que a população LGBT perante o Estado, sem contar que os serviços que mais recebem denúncias são: Poder Executivo Estadual (361), Órgão de Segurança Pública (294), Conselhos de Direitos (234) e Órgão Sócio Assistenciais (208). Mesmo assim 86% das denúncias não são respondidas.

Na era da “virtualidade” um aplicativo (app) para celular foi criado em uma *hackathon*<sup>26</sup>, “Virada Digital” patrocinada pela Catraca Livre, a Microsoft, o Instituto Eldorado e a empresa de serviços de TI Comparex, que ocorreu no interior do “Projeto Virada Cultural 2016”, em São Paulo. Este aplicativo “Espaço Livre” tem como objetivo criar um "mapa da homofobia" mostrando em um mapa digital dos locais brasileiros que pessoas LGBT sofreram agressões físicas ou verbais.

Figura 12: App Espaço Livre



Fonte: catracalivre.com

O aplicativo multiplataforma protege a identidade d@s usuári@s, não necessitando cadastramento para a locação dos dados, basta marcar no mapa o local e selecionar o tipo de

<sup>26</sup> Evento que reúne programadores, designers e outros profissionais ligados ao desenvolvimento de software para uma maratona de programação, cujo objetivo é desenvolver um software que atenda a um fim específico ou projetos livres que sejam inovadores e utilizáveis.

agressão (verbal ou física), os dados ficam armazenados na plataforma de nuvem da Microsoft que gera um mapa de calor formado por esses dados, indicando os lugares de maior violência contra a comunidade LGBT.

Na mesma linha, a *HuffPost* Brasil e o Curso Abril de Jornalismo, desenvolveram um mapa colaborativo criado a partir de relatos por parte de vítimas e testemunhas de agressões, ofensas e outros tipos de violência, tendo como objetivo coletar histórias e constituir números mais condizentes com a realidade das agressões contra as pessoas LGBT.

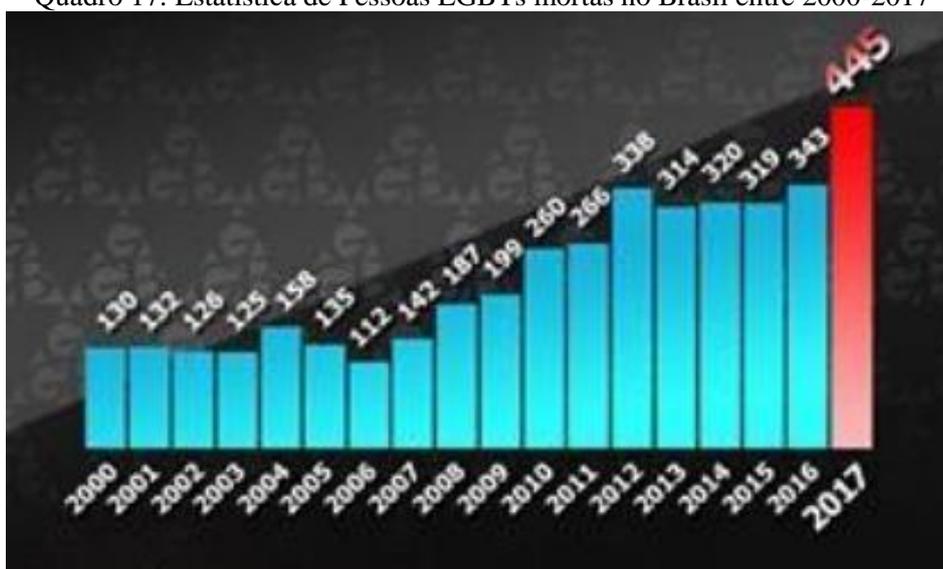
Figura 13: Mapa Colaborativo Contra o Preconceito



Fonte: <http://mtrpires.github.io/caj2016-huff/>

O Grupo Gay da Bahia (GGB) disponibiliza no site [//homofobiamata.wordpress.com](http://homofobiamata.wordpress.com) as informações sobre violência contra a população LGBT no Brasil, sendo que nos últimos anos verifica-se um aumento vertiginoso. De 2005 até 2017 (quadro 16), o Grupo calcula um total de 4.051 homicídios contra a população LGBT, só em 2016 foram 343 assassinados, na maioria com requintes de crueldade.

Quadro 17: Estatística de Pessoas LGBTs mortas no Brasil entre 2000-2017

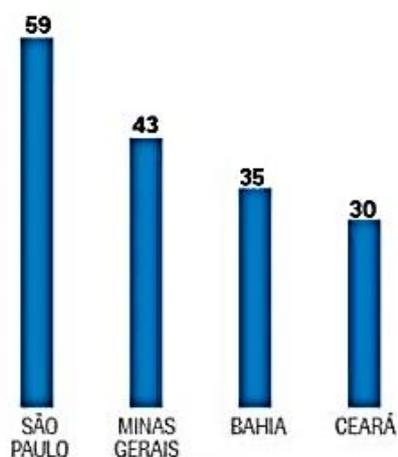


Fonte: <https://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/assassinatos-2012/#jp-carousel-26509>

O quadro 17 mostra o aumento dos índices de violência contra pessoas LGBT no ano de 2017, onde foram contabilizadas 445 mortes, na sua maioria (32,9%) de jovens entre 18 e 25 anos, entre estes 43,6% (194) gays e 42,9% (191) trans, através de armas de fogo (138) e armas brancas (111). Um dado alarmante é o número crescente de suicídios 58 (2017) e 42, somente, no primeiro quadrimestre de 2018.

Quadro 18: Perfil da Violência contra LGBT no Brasil em 2017

MAIORES NOTIFICAÇÕES DE HOMICÍDIOS E SUICÍDIOS DE LGBT: EM 2017, EM TERMOS ABSOLUTOS



IDADE DAS VÍTIMAS:



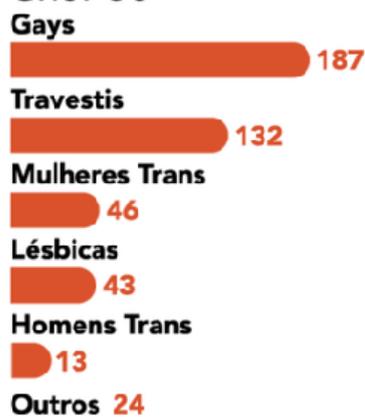
## MORTES DE LGBTs EM 2017 PROJETO #COLABORA



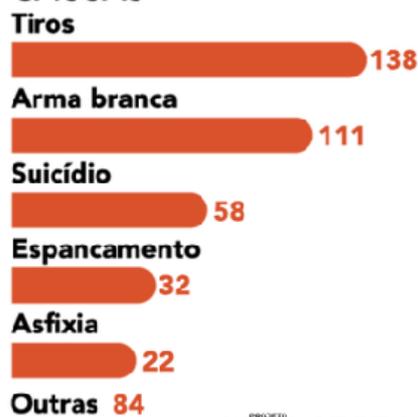
## VÍTIMAS DO TERROR HOMOTRANSFOBICO NO BRASIL

### QUEM MORRE E COMO MORRE

#### GRUPOS



#### CAUSAS



Fonte: <https://homofobiamata.wordpress.com/2017-2/>

Segundo o Relatório do GGB de 2018 (janeiro até outubro) aponta 347 vítimas da homotransfobia, já no primeiro quadrimestre apontava 111 assassinatos e 42 suicídios, desses 62 eram gays, 58 trans, 27 lésbicas, 4 bissexuais e 2 heterossexuais. Nos casos de assassinato se mantem o predominando das armas de fogo (45), seguida por armas brancas (37) tendo como vítimas na sua maioria brancas (81). Todos estes dados fazem o Brasil despontar como um dos

países mais homofóbicos e provoca ações em defesa dos direitos por parte da Organização das Nações Unidas (ONU).

A ONU promove no Brasil a campanha, “Livres & Iguais”, pela igualdade de direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, pessoas trans e intersex (LGBTI) por reconhecer “que a orientação sexual e a identidade de gênero, reais ou percebidas, são fatores importantes que estruturam, informam e reforçam desigualdades e impactam negativamente a fruição plena dos direitos humanos da população LGBTI”. (ONU, 2016a)

Em abril de 2016, um comunicado oficial a ONU destaca que

A patologização de adultos e crianças LGBT – marcando-os como doentes com base em sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero – tem sido, historicamente, uma das raízes por trás das violações de direitos humanos que eles sofrem. (ONU, 2016b)

A partir deste comunicado, foi realizada uma campanha nas redes sociais (facebook.com/ONUBrasil, twitter.com/onubrasil e instagram.com/onubrasil) com oito peças de comunicação, fornecendo dados sobre a causa no Brasil e no mundo. Sendo que, desde 1994, através do Comitê de Direitos Humanos, a ONU reconhece oficialmente que a orientação sexual poderia ser considerada base para discriminação vedada pelo Direito Internacional dos Direitos Humanos.

Em 2016, a ONU criou o cargo de especialista independente, com mandato de 3 anos, tendo como função o monitoramento da situação de pessoas LGBTI no mundo, investigação das violações de direitos humanos e avaliação da implementação de mecanismos internacionais de proteção aos direitos humanos nas questões de orientação sexual e identidade de gênero.

O especialista independente Vitit Muntarhorn, em discurso proferido no Conselho da Europa, em Estrasburgo (novembro de 2016) definiu como temas prioritários do seu mandato: descriminalização, despatologização, reconhecimento de *status*, liberalização cultural e incentivo à empatia por meio de processo educacional. Para ele, o “turbilhão de violência e discriminação, em suas múltiplas formas, frequentemente inicia-se em casa, na escola, na comunidade e no ambiente ao redor, com violações reproduzindo violações”. (ONU, 2016a)

A partir dos dados sobre as violências homofóbicas (lesbofóbicas e transfóbicas) para com as juventudes LGBT, posso afirmar que existem comunidades que apresentam graus assimétricos de exposição à condição de precariedade, um valor diferenciado concedido à sua vida humana, um processo de exclusão produzido por concepções normativas do que é humano

e pelos temores em relação ao “outro”, constituindo sujeitos sem *status civis*, multidões de “vidas invisíveis”, de “vidas precárias”, sujeitos não dignos de humanidade.

Porque as vidas das juventudes LGBT são consideradas como não dignas e, conseqüentemente, podem ser vistas fora de si mesma, da sua “autonomia”? Porque estas vidas estão autorizadas ao sofrimento que vai do físico e/ou psicológico a erradicação total do próprio ser?

Para responder aos questionamentos vou concentrar, especificamente, em torno das “vidas humanas”. Ao evocarmos o “humano” parece estarmos falando de uma unidade naturalizada, que está dada universalmente, imutavelmente e que representa todas as “vidas humanas”, mas assim categorizado tem seu aspecto excludente quando atravessamos as normatizações de gênero e sexualidade. Este “humano” pode perder sua condição quando não cumpre as normatizações sociais, sendo explorado, discriminado e violentado, em razão das performatividades que imprimem ao seu corpo, seu gênero, sua sexualidade.

Na cultura ocidental moderna o processo de significação hegemônico foi construído sob o Método Científico de Descartes (método da dúvida e da evidência), a partir da quantificação e classificação hierarquizou “o mundo” através de um sistema de marcação da diferença que se dá sempre em relação a alguma coisa, ao não diferente, na forma de oposições binárias: mulher/homem, homossexual/heterossexual, feminino/masculino, diferente/normal. Este sistema se tornou intrínseco às relações de poder/saber nomeando o “normal” como centro e fazendo com que o “diferente” tivesse uma qualificação negativa; produzindo a fronteira entre a “norma” e o “desvio”; constituindo uma imposição normativa de práticas que regulamenta e dita uma suposta verdade, a identidade.

Michel Foucault indica que o “regime de verdade” se modifica de acordo com a sociedade:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2004a, p. 12)

O “regime de verdade” procura tornar as identidades coerentes, entendidas como algo natural e compulsório, servindo como parâmetro de quais podem existir e quais não podem existir. Estas imposições não são suficientes para que os sujeitos obedeçam às normatizações

de gênero e de sexualidade, nestas subversões que se encontram alguns dos sujeitos não dignos de humanidades, aqui me refiro as pessoas que se autodeclaram lésbicas, gays, transexuais, travestis, transgêneros e *intersex*, comunidade socialmente designada como LGBT. Estas pessoas

estão, como comunidade, sujeitas à violência, expostas a sua possibilidade ou a sua realização. Isto significa que em parte, cada um de nós se constitui politicamente em virtude da vulnerabilidade social dos nossos corpos – como lugar de desejo e de vulnerabilidade física, como lugar público de afirmação e de exposição -. A perda e a vulnerabilidade parecem ser a consequência de nossos corpos socialmente constituídos, sujeitos aos outros, ameaçadas pela perda, expostos aos outros e suscetíveis à violência por causa desta exposição. (BUTLER, 2006, p.46) (tradução livre)

O conceito de “precariedade” é pensado pel@s autor@s Giorgio Agamben e Judith Butler. O autor Giorgio Agamben (2004), parte do princípio que a biopolítica baseada na disciplina dos corpos e no aumento da produção, passou, no pós-industrial, para uma biopolítica fundada no controle da vida, ou seja, não interessa mais “fazer viver ou morrer”, mas, fundamentalmente, “fazer sobreviver”.

Procurando uma convergência entre a teoria biopolítica de Michel Foucault e na desenvolvida por Hannah Arendt em “A Condição Humana”, e tendo como objetivo fazer uma interpretação das relações políticas na modernidade, Giorgio Agamben afirma que a verdadeira face da biopolítica está fundamentada na soberania, conceito retomado de Carl Schmitt, onde o soberano é aquele que tem o poder de decisão sobre o estado de exceção, ou seja, o soberano tem o poder de criar o ordenamento jurídico.

Quem decide o estado de exceção é o soberano, decidindo também sobre a vida que pode ser morta, onde ela se torna politicamente irrelevante, sem valor. Desta forma, o poder soberano e o estado de exceção são as condições necessárias para distinguirmos as formas de poder totalitárias das democráticas, mesmo que para o Giorgio Agamben (2004) não exista nenhuma diferença entre totalitarismo e democracia, as estratégias biopolíticas das democracias modernas fortalecem o poder soberano e o exercício do poder político sobre a vida, despo o sujeito de sua humanidade, transformando a vida em “vida nua”.

Judith Butler (2006) analisa a vulnerabilidade e a agressão como pontos de partida da cultura política, apontando que “existem formas de distribuição de vulnerabilidade, formas diferenciadas de distribuição que fazem algumas populações mais expostas do que outras a uma violência arbitrária”, devido algumas representações de dor ser reconhecidas e outras impensáveis, ou seja,

algumas vidas valem a pena, outras não; a distribuição diferenciada da dor que decide qual tipo de sujeito merece uma luta e qual tipo de sujeito não, produzir e manter determinadas concepções excludentes de quem é normativamente humano: quem conta como vida vivível e morte lamentável?. (BUTLER, 2006, p.14 e 17) (tradução livre)

Não desconsiderando as conexões entre a teoria da “vida nua” de Giorgio Agamben e “vida precária” de Judith Butler, coaduno com as ideias da autora de que não é somente a soberania que decide quem vive e quem é expulso da proteção política da lei. As vidas não são constituídas fora da pólis, fora das relações de poder<sup>27</sup>; não é a ausência da lei, mas os efeitos da aplicação desta que produz mais precariedade. Em Lisboa, no ano de 2015, Judith Butler abre sua conferência sobre “Por que é que os corpos importam e interessam”, com as seguintes afirmações: “somos todos potencialmente precários”, “a nossa ideia de liberdade excluiu a diferença” e

Quando se vive como um corpo que sofre um reconhecimento errado, talvez insulto, perseguição, preconceito cultural, discriminação económica, violência policial ou patologização psiquiátrica, isso leva a uma forma de viver no mundo des-realizada, uma forma de viver nas sombras não como um sujeito humano, mas como um fantasma. O fantasma de outrem. Mas estamos a vivê-lo. A pergunta ‘quem pode ser reconhecido’ estende-se a muitas populações, ao número crescente de pessoas que vivem vidas precárias. (BUTLER, 2015c, s/p)

O conceito de precariedade ao se traduzir na condição politicamente construída, onde determinadas populações são assimetricamente expostas a contextos de vulnerabilidade e de contingência (violência, perigo ou morte) passa a ser constituído por dois elementos fundamentais: a relacionalidade, dos indivíduos com mundo social e às suas contingências; e a finitude, onde o ser humano é absolutamente substituível. Pensar em “vidas precárias” está relacionado em questionar a facilidade de eliminar uma vida, para isso é necessário compreender a agressão como um ponto constitutivo para o debate sobre uma ética da não violência, através da visibilização dos temores em relação ao “outro”, ao “diferente”, para que estes temores não se tornem ações violentas, assassinas. (BUTLER, 2015a, p. 14 e 25)

Para pensar as relações entre vulnerabilidade e resistência, Judith Butler (2014) analisa a noção de ação política sustentada pelos espaços públicos de mobilização, partindo da ideia que a liberdade só pode ser exercida quando o sujeito pode falar e mover-se pelo espaço público,

---

<sup>27</sup> O poder, na concepção foucaultiana, é produtivo, disperso por toda a sociedade e ligado ao saber, ou seja, uma rede de forças onde ocorrem ajustes e acordos, onde somos dominadores e dominados, sendo assim, descentralizado, horizontal e relacional, que “permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”. (FOUCAULT, 2004, p. 8)

transpondo fronteiras. “Nada se move sem um entorno favorável e um conjunto de tecnologias”. Um sujeito corporificado se mobiliza publicamente com outros que estão nas mesmas situações precárias, ao mesmo tempo em que expõe sua vulnerabilidade, produz “uma resistência corporal plural e performativa”. (BUTLER, 2014, s/p) (tradução livre)

Os Estudos *Queer* propõem pensar a partir das alianças para combater as várias formas de precariedade que comprometem as vidas na contemporaneidade. Atrevo-me a dizer que ser *queer* não é uma identidade, mas um movimento de contestar os processos normativos que restringem, excluem e constituem as vulnerabilidades sociais, devendo ser analisados relacionando os vários marcadores sociais (gênero, sexualidade, raça/etnia, geração), com a desigualdade econômica e privação política, pois são estas transversalidades normativas que hierarquizam os corpos, construindo os grupos de pessoas “dignas” de direitos e as outras, dispensáveis e “indignas”. E mesmo que,

a apreensão da precariedade conduza a uma potencialização da violência, a uma percepção da vulnerabilidade física de certo grupo de pessoas que incita o desejo de destruí-las. Contudo, quero demonstrar que, se queremos ampliar as reivindicações sociais e políticas sobre os direitos à proteção e o exercício do direito à sobrevivência e à prosperidade, temos antes que nos apoiar em uma nova ontologia corporal que implique repensar a precariedade, a vulnerabilidade, a dor, a interdependência, a exposição, a subsistência corporal, o desejo, o trabalho e as reivindicações sobre a linguagem e o pertencimento social. (BUTLER, 2015a, p.15)

Um “regime de violência legal” afeta a vidas das pessoas LGBT por fazerem parte de um grupo nomeado como dispensável e passível de ser assassinado com impunidade. Estas pessoas não têm as mesmas condições de exercer liberdade que outras, pois as possibilidades da violência afetam o seu direito de ir e vir. É exatamente quando tudo falha, quando são abertas fissuras nas redes sociais e econômicas, que este grupo social está mais exposto ao risco, à violência.

Para Judith Butler (2014), vulnerabilidade e resistência estão imbricadas e propõe pensar que é justamente ao resistir que se traz visibilidade à vulnerabilidade. A autora faz um apelo para que “continuemos a ser reativos mesmo quando pareça que ficamos assoberbados, mesmo quando pareça que não há esperança perante as condições em que a precariedade se torna mais e mais a norma”. (BUTLER, 2015c)

Na direção da resistência, o conceito de performatividade passa a ser revisto e ressignificado por Judith Butler, para a autora

A performatividade caracteriza-se primeiro, e acima de tudo, aquela característica dos enunciados linguísticos que, no momento da enunciação, faz alguma coisa acontecer

ou traz algum fenômeno à existência.[...] é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos. (BUTLER, 2018, p. 35)

Desta forma, nossas práticas sociais são performativas, são as ações políticas de gêneros e de sexualidades que dão sentido à subjetividade e nos constituem como sujeitos, sendo assim, as normatizações podem ser questionadas, desviadas ou interpretadas de outras maneiras. Podemos chamar de “performativo” tanto esse exercício de gênero quanto a reivindicação política de igualdade corporificada, a proteção contra a violência e a habilidade de se mover junto e dentro dessa categoria social no espaço público”. (BUTLER, 2018, p. 59)

Entendendo a performatividade como um agir, uma (cri)ação, um reivindicar o poder que necessitamos, “é uma maneira de agir a partir da precariedade e contra ela”. A resignificação das normas se converte em um campo potencial para a subversão, uma ação política autenticamente transformadora da inteligibilidade, que a autora nomeia como Políticas de Performatividades. (BUTLER, 2018, p. 65)

encenação na rua, representação da liberdade de livre assembleia precisamente quando e onde tal ato é explicitamente proibido pela lei. Isto é certamente política performativa, na qual realizar reivindicação para ser legalizado é precisamente o que é ilegal, e apesar disso é realizado precisamente em desafio da lei na qual o reconhecimento é demandado. (BUTLER; SPIVAK, 2007, p. 63)

Acreditando que "os corpos não se conformam, nunca, completamente às normas pelas quais sua materialização é imposta" e compreendendo a performatividade como um processo, sempre em construção, de modelagens e de enunciados que fazem acontecer, atribuem valores, descrevem, produzem e subvertem, penso nas “políticas de performatividade” como ações dos sujeitos que possibilitam a visibilidade, a rearticulação e a constituição de representações menos excludentes, onde as categorias estejam num permanente lugar de desconstrução. (BUTLER, 1999, p. 154)

### **3.4 Amizade e Escrita de Si: potencialidades políticas e virtuais**

A atualidade tem nos imprimido uma quantidade de significativas e aceleradas mudanças sociais (globais e locais). Esta crescente quantidade e velocidade de textos, imagens e sons que nos interpela, impõe a publicização do privado, como uma forma de dominar, de lidar com o outro (público) cercando-o de sentido, inscrevendo-se no social. A produção e articulação da narratividade das juventudes através de textos, sons e imagens nas redes sociais *on-line* têm

como objetivo fixar o tempo, tornar estas narrativas – inquietações, segredos, interesses, medos, prazeres – história.

Segundo Paula Sibilia (2008), no relacionamento social, através das redes *on-line*, o fator central e aglutinador é a revelação do Eu, tornando-se muito comum nas sociabilidades *on-line* as práticas dos relatos confessionais (desabafos, rotinas diárias, informações de localização), onde o olhar do outro confere autenticidade e sentido para o Eu, o imperativo da visibilidade e da espetacularização do Eu. Esta afirmação, não invalida pensarmos nas postagens (textuais ou imagéticas) como uma escrita para se expressar, se conhecer, se sociabilizar e constituir-se como sujeito. Neste sentido, escrever é “‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro”. (FOUCAULT, 1992, p. 151)

De que modo no ciberespaço opera a escrita de si e como esta opera na constituição do sujeito? A rede disponibiliza modos de ser através dos modos de dizer-se, ela chama o sujeito a definir-se nas redes sociais *on-line*. Estas práticas de escrita de si são analisadas levando em conta os processos históricos do cuidado de si e governo dos outros. A “Escrita de Si” é uma das formas de materializar, o que Michel Foucault (1992) chamou de experiência ética da Antiguidade – o “Cuidado de Si” – processo de vivências e trocas que constitui a subjetividade. Desta forma, o autor afirma que a subjetividade é algo que se produz num contexto histórico regulado, o que ele conceitua como “tecnologias de construção de si”.

A escrita de si no ciberespaço é um olhar para fora, uma construção da imagem voltada para o outro, uma seleção e interpretação de gostos, afetos e práticas cotidianas, uma reflexividade<sup>28</sup>, sendo que neste discurso se projetam lugares que dizem sobre o sujeito e suas relações sociais. Segundo Pierre Lévy (1999), as relações *on-line* não são neutras, são modos de ser no mundo que articulam outros modos de ser, um processo de mobilidade, de transformação e de potencialidade. Desta forma, pensa o virtual como inerente às práticas humanas, uma forma de humanizar-se, de acolher a alteridade.

A potencialidade do virtual está na difusão das diversas práticas de linguagem, dentre elas a prática da escrita de si, aqui baseada nos escritos de Michel Foucault (2004b), que analisam a maneira como estas práticas instituíram o cuidado de si como forma de governo dos outros, reportando-se à antiguidade greco-latina, esta prática seria um ato e um pensamento que atenua a solidão e suscita a vergonha e o respeito, onde a produção da subjetividade ocorria pela

---

28 Para Bourdieu, reflexividade é a recursividade contínua que permite englobar a ação humana sobre a realidade como parte da tal realidade. Uma circularidade e performatividade da construção/compreensão do mundo, que parece descrever a realidade social enquanto, na realidade a constrói e assim cria as condições da própria averiguação. (BOURDIEU, 1990 apud COLOMBO, 2016, p. 19)

interiorização de valores e experiências, uma cultura do conhecimento de si. No Cristianismo, o “cuidado de si” foi substituído pelo “conhece-te a ti mesmo”, se aproximando do papel da confissão, da culpa e da renúncia, constituindo uma prática de penitência e outra tecnologia na construção de si.

Michel Foucault (1992) mostra que o conhecimento de si e sua escrita funcionariam como uma memória material das coisas (ouvidas, lidas ou pensadas) que possibilita uma posterior releitura. Trazendo para o estudo das redes sociais *on-line*, o que o sujeito posta, curte e compartilha oferece uma imagem de si para uma leitura do outro e produz reflexividade ao sujeito que disse de si. Este inventário *on-line* de coisas ditas só tem sentido na sua historicidade, quando a história do dizer é colocada para viajar na rede. Como diria Pierre Lévy (1999) a virtualização produz, através da atualização das coisas ditas, uma desterritorialização, e convoca para o movimento, uma reterritorialização.

O inventário *on-line* não é sistemático, e sim díspar, pois reúne elementos heterogêneos através de critérios de escolha baseados em locais de verdade e em valor de uso. Esta multiplicidade de fragmentos, coisas vistas e vividas, que a princípio parece (re)produzir todos os modos de ser, os espaços sociais e discursos propiciando ao sujeito uma liberdade de criar-se, de inventar-se, também cria uma expectativa de uma reação (curtida, resposta, compartilhamento, ser seguido), uma vigilância que o outro exerce sobre a sua escrita.

O processo de significação de gênero e de sexualidade em nossa sociedade foi regulado pela renúncia, pela culpa e pela necessidade de confissão, apesar disso Michel Foucault (1992) aponta o escrever para si e para outrem como uma forma de modulação do discurso que necessitamos como um exercício para aprender a arte de viver junto. Contrapondo a confissão, o conceito de confiança<sup>29</sup> como o exercício voluntário e recíproco entre dois sujeitos. Enquanto a confissão pressupõe um poder vertical, hierárquico, a confiança pressupõe um poder horizontal, onde a relação de poder entre os sujeitos, momentaneamente, está no mesmo nível.

A escrita de si pode adquirir o *status* de confiança quando “atenua os perigos da solidão; dá ao que se viu ou pensou um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro”. Nas redes sociais *on-line*, as comunidades LGBT produzem espaços de interlocução onde, no mesmo espaço discursivo, remetente e destinatário são tratados como cúmplices. Estas comunidades *on-line* se tornam esferas que possibilitam

---

29 SOUZA (1997).

confidenciar a homossexualidade, através de variadas práticas de escrita de si. (FOUCAULT, 1992, p.131)

Apesar de existir uma diferença de experimentação entre as comunidades *on-line* LGBT com relação @s usuári@s que a compõe, por exemplo, enquanto para “Geração Internet” o importante parece ser experimentar, viver e partilhar, para as gerações anteriores era mais importante se definir, assumir publicamente a homossexualidade, defender os direitos d@s homossexuais junto à sociedade. A relação de trocas entre @s usuári@s é equitativa, fazendo com que a escrita de si possa ser interpretada como uma nova “tecnologia de si”, uma recuperação da lógica do “cuidado de si”.

Esta ética do “cuidado de si” como “prática de liberdade” se faz representar nas relações *on-line*, através das resistências, das lutas, das experiências, dos modos de vida compartilhados pela escrita de si que produzem os espaços de enfrentamento e de

práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformarse. Modificar-se em seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo. (FOUCAULT, 2010b, p. 198-199)

Corroborando com esta linha de análise, Manuel Castells (1999) nos traz o conceito de “identidade de resistência”, que @s usuári@s podem possuir ou desenvolver nesses espaços *on-line* de sociabilidade, pois não somente experienciam modos de vida alternativos, mas compartilham histórias de vida, símbolos, vocabulário próprio, ou mesmo os atos de homofobia que @s atingem, suscitando um estar-junto que pode transformar os modos vida impostos *off line*, e constitui-l@s como sujeitos que transitam nas fronteiras.

Em uma entrevista Michel Foucault (1981) aponta que:

o problema não é ceder lugar a uma faixa etária de um lado a outro, mas saber o que se pode fazer em relação à quase identificação da homossexualidade com o amor entre jovens. Outra coisa da qual é preciso desconfiar é a tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema "Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?" Quem sabe, seria melhor perguntar: "Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?" O problema não é o de descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, mais importante que isso, usar, daí em diante, de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E essa, sem dúvida, é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável. Temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos. É para essa direção que caminham os desenvolvimentos do problema da homossexualidade, para o problema da amizade. (1981, p. 1)

A amizade é analisada por Michel Foucault a partir da *práxis ascética* da *philia-amicitia*, onde a *philia* (grega) e a *amicitia* (romana) como elementos constitutivos dos laços públicos, portanto, políticos e formadores da sociedade. A partir destas concepções da Antiguidade Clássica, o autor nos remete a refletir sobre a estética da existência, trazendo a amizade como um espaço de experimentação, de prazer próprio e do outro e de múltiplas formas de vidas possíveis. Tomando a cultura homossexual como possibilidade de uma reabertura da virtualidade das relações e afetividades, pensa a sexualidade como uma dimensão existencial capaz de criar e transformar formas de existência, e a homossexualidade como potência que consegue propor um “devir (cri)ativo”, um novo “direito relacional” construtivo de novas formas de relações.

Esta virada ética e estética da amizade intensifica a experimentação e criação de relações múltiplas, uma estilística da existência, que prioriza a percepção e aumento do prazer, próprio e do outro. Um espaço constituído de relações livres para o desafio e a incitação, onde as relações de poder são intensas, móveis e sem submissão do outro e que considera tanto as necessidades individuais, quanto coletivas, desconstruindo a imagem da amizade que se esgota na família e no matrimônio.

Amizade como “subjativação coletiva e forma de vida”<sup>30</sup>, recupera seu poder subversivo, onde o sujeito movimenta-se e constitui a si mesmo, sendo uma forma de sociabilidade que reinventa e retraça o espaço público recuperando atividade de criação e experimentação do político, e uma alternativa à biopolítica ao dissociar a vida privada da existência política.

Francisco Ortega (2000) considera a amizade um “exercício do político”, apontando que é necessária uma “alternativa à despolitização, ao esvaziamento do espaço público, característico da sociedade contemporânea”, essa alternativa seria “uma nova política da amizade, entendida como experimentação de novas formas de sociabilidade”. E entendendo o espaço público como local da diferença, da pluralidade e do conflito é, portanto, único lugar que possibilita a constituição de uma subjetividade diferenciada.

O público é político, o lugar de ação que possibilita o indivíduo experimentar sua história e constituir-se como sujeito. Neste sentido amizade é um estilo de vida. Francisco Ortega nos convida

a experimentar, a romper, a inaugurar, a imaginar o ainda não imaginado, a criar novas formas de vida e de comunidade. Esta tarefa constitui uma forma de resistência política, pois a ação política se define, como reconhecem Foucault e Deleuze, entre

---

30 ORTEGA, 1999.

outros, pela procura e fomento de novas formas de subjetivação, de imagens e modelos para pensar e amar. (ORTEGA, 2000, p. 117)

A amizade como ética para a vida, parte do pressuposto que assumimos o risco do confronto da diferença, preferindo no lugar da tolerância indiferente e da hipocrisia elogiosa, à crítica amistosa e a gentileza do silêncio. Uma sociedade que substitui a descoberta de si pela invenção de si, através do cultivo da distância, possibilita infinitas formas de existência. Esta liberdade de criação ocorre no espaço entre os indivíduos, no espaço compartilhado. A amizade como “exercício do político” é perceber o diferente além da proximidade, da identificação e da reciprocidade. Uma sociedade improvável, mas possível, seria fundada na amizade como garantia das diferenças.

Talvez um dia aprendamos a conviver com a imagem de um amigo que não aparece como nossa imagem espetacular, mas como algo radicalmente diferente e sejamos capazes de aceitar essa distância, essa diferença como condição da amizade. Isto, sem dúvida, suporia atravessar toda a história dos discursos da amizade e ter coragem de se adentrar em uma *terra incognita*, de experimentar e criar novas imagens para definir nossa sociabilidade e exprimir nossos sentimentos. (ORTEGA, 2000, p. 84)

O autor Giorgio Agamben (2010) segue nesta linha da potencialidade política, apontando que a amizade não é uma relação entre sujeitos e sim uma com-partilha, tendo sua potência política no com-sentir a existência do amigo, sendo um espaço de respeito à alteridade, um exercício de convivência construído pela descoberta de si e do outro.

Os amigos não dividem algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são comdivididos pela experiência da amizade. A amizade é a divisibilidade que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse com-sentir originário que constitui a política. (AGAMBEN, 2010, p. 92).

A virtude política da amizade também é apontada por Hannah Arendt (1993 e 2001), como um espaço do agir e do falar, um espaço de respeito e de interesse pela opinião do outro, enxergando o mundo com as lentes dos outros, favorecendo as experiências de resistência e enfrentamento das condições de dominação e de abjeção, sendo uma ação com condições imprevisíveis e desconhecidas.

O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo (como se

diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro – é o tipo de insight político por excelência. (ARENDETT, 1993, p. 99)

As *fan pages* do *Facebook* possibilitam um exercício pessoal de leitura e releitura de si por si mesmo e uma abertura de si mesmo ao outro, podendo ser considerada uma nova “tecnologia de si” e um espaço de amizade, desempenhando um papel importante compartilhamento intenso de informações, de pontos de vista, de projetos e de afetos e modos alternativos de viver as sociabilidades e as performatividades de gêneros e de sexualidades das juventudes LGBT. Eis meu desafio de investigação.

#### 4 LINHAS DE ANÁLISE

A produção dos dados das *fan pages* pesquisadas apresentaram quantificações, que na experiência de pesquisadora militante, foram bastante desestabilizadoras, ou seja, por vezes fiquei estarrecida com a proliferação dos discursos fundamentalistas (homofóbicos, racistas, xenofóbicos) no mundo, algo que parecia somente uma construção agressiva no Brasil, mas se constata uma “pandemia”. As Redes de Movimento Social<sup>31</sup> LGBT tem denunciado um número elevado de agressões físicas e perda de direitos provocada por reivindicações de fundamentalistas religiosos e nacionalistas. Uma onda de terror para a população LGBT, que assola países que já possuíam legislações mais equitativas, como por exemplo a Argentina.

Para entendermos as reivindicações deste recorte populacional, temos que compreender como a Doutrina do Direito está organizada. Para isso vou me valer das explicações de Sérgio Pinto Martins (2008, p. 8-9), segundo o autor o Direito tem várias classificações e subclassificações, por exemplo: Direito Natural x Direito Positivo – enquanto o Direito Natural nasce a partir do momento em que surge o homem para regular a vida humana em sociedade, de acordo com as regras da natureza, sendo universal, valendo em toda parte, imutável, estabelecendo aquilo que é bom e conhecido pela razão. No outro lado temos o Direito Positivo norma legal emanada do Estado, tendo tempo determinado, podendo ser modificado e dentro de certo espaço geográfico, estabelecendo o que é útil e conhecido por uma declaração de vontade alheia, que é a promulgação.

O Gráfico 1 demonstra as múltiplas subcategorias do Direito, sendo que esta tese se dedicará aos chamados Direitos Fundamentais, conceituados por Adriano dos Santos Iurconvite (2007) como

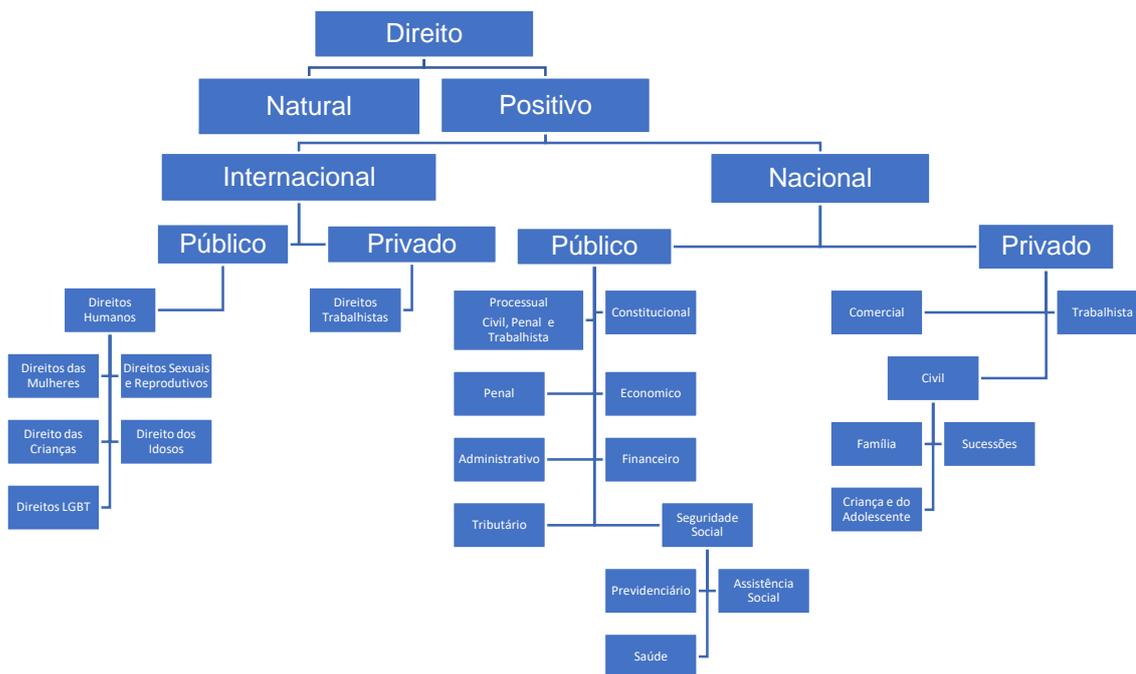
Os direitos fundamentais são também conhecidos como direitos humanos, direitos subjetivos públicos, direitos do homem, direitos individuais, liberdades fundamentais ou liberdades públicas. A própria Constituição da República de 1988 apresenta diversidade terminológica na abordagem dos direitos fundamentais, utilizando expressões como direitos humanos (artigo 4º, inciso II), direitos e garantias fundamentais (Título II e artigo 5º, parágrafo 1º), direitos e liberdades constitucionais (artigo 5º, inciso LXXI) e direitos e garantias individuais (artigo 60, parágrafo 4º, inciso IV). (IURCONVITE, 2007, s/p)

Utilizarei o conceito Direitos Humanos para me referir a estes Direitos Fundamentais, devido ser o termo mais utilizado na Rede de Movimento Social LGBT e por ser a temática que atravessa a maioria das postagens das *fan pages* pesquisadas.

---

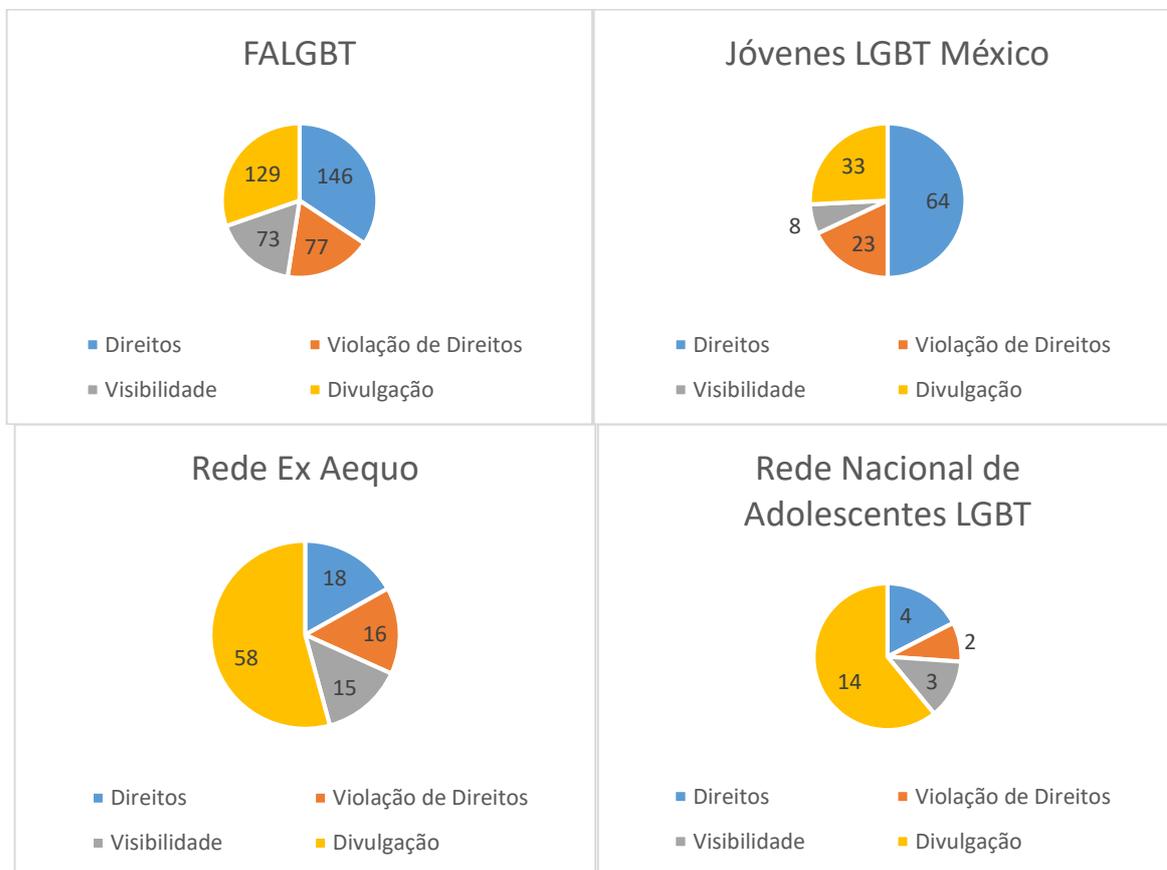
<sup>31</sup> SCHERER-WARREN (2006).

Gráfico 1: Classificações do Direito



Fonte: Autora

Gráfico 2: Principais Temática das Postagens

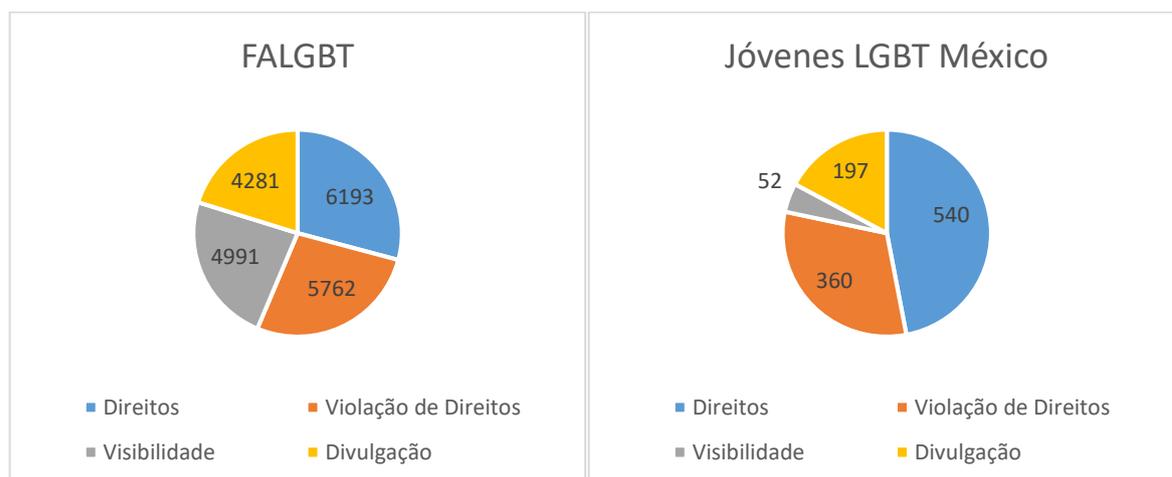


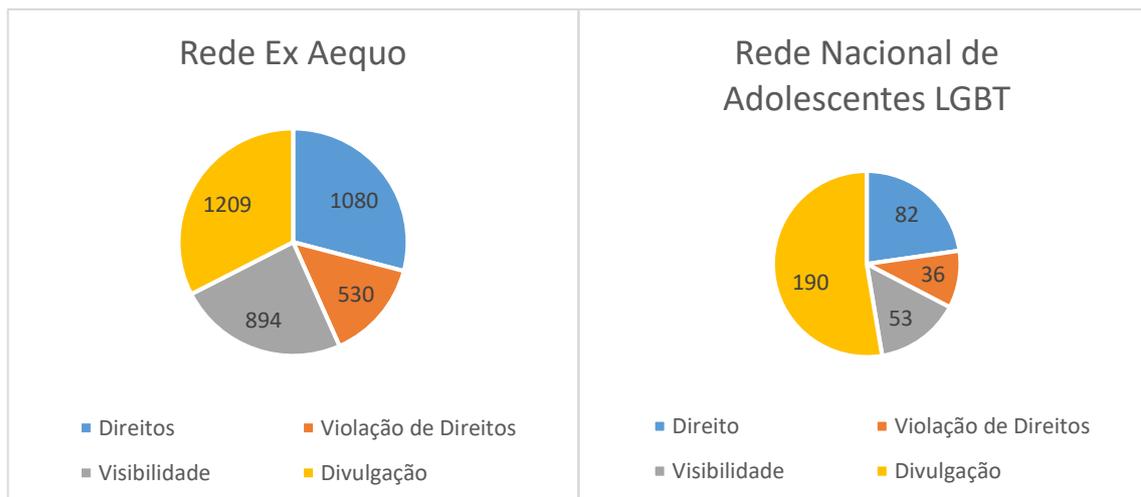
Fonte: Autora

O capítulo se constrói a partir dos dados do gráfico 2, que mapeia as temáticas mais postadas nas *fan pages* pesquisadas. Das 834 postagens, 229 estão relacionadas a seguridade ou obtenção de Direitos Humanos e 118 a violação dos Direitos Humanos (Total 347). Se compararmos com as postagens de divulgação, que totalizam 234 postagens, a margem de 41% sobre a divulgação, parece bem significativa, pois um dos objetivos principais das ONGs com o *Facebook* é apresentar, para suas/seus usuáři@s, onde estão atuando, propondo encontros ou visibilizando as intervenções que realizam durante o mês – que vão de entrevistas, apoio jurídico, participação em atos e reuniões com seus respectivos governos.

A priorização da temática dos Direitos Humanos e/ou suas violações fica mais enfática quando olhamos os dados produzidos pelas reações d@s usuáři@s as postagens (gráfico 3). São 7895 reações as postagens sobre Direitos Humanos e 6.634 sobre Violação dos Direitos (total 14.529), contra 7668 reações as postagens sobre visibilidade e divulgação, praticamente o dobro de reações, o que me leva a afirmar que estamos em um momento histórico onde, ainda a prioridade das agendas das ONGs, é a legalização dos Direitos Humanos e sua não violação. De fato, ao longo do século XXI tivemos um avanço dos Direitos Humanos para as pessoas LGBT, em contrapartida temos uma reação contrária na mesma proporção. Uma eterna luta pela aplicação dos Direitos Fundamentais.

Gráfico 3: Postagens com mais reações d@s Usuáři@s

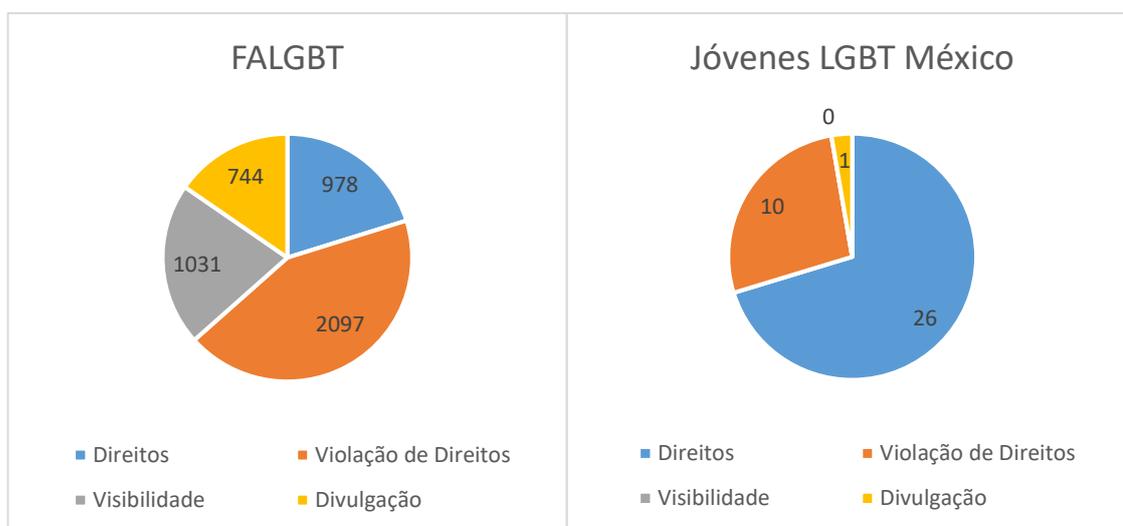


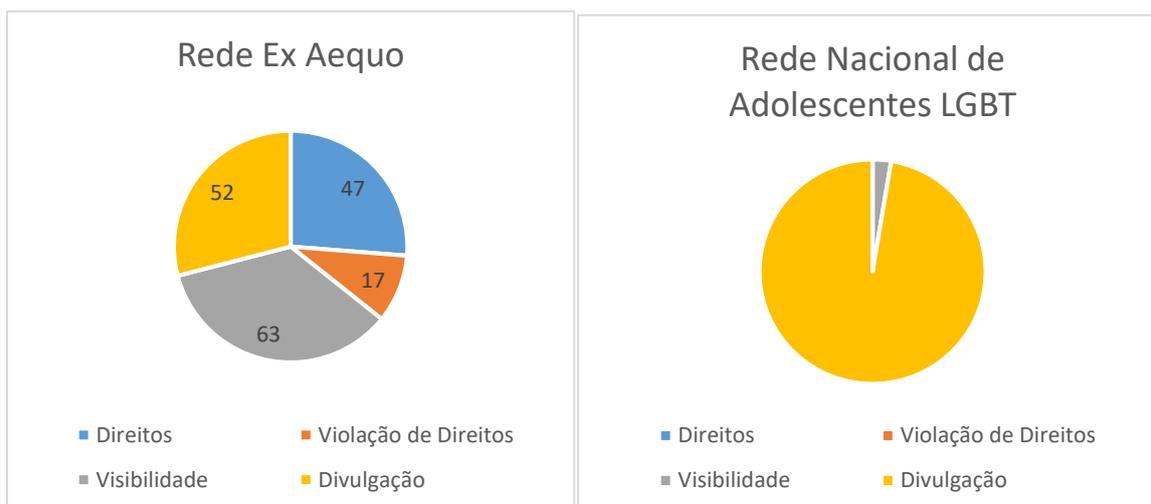


Fonte: Autora

Assitimos ao crescimento do ciberativismo no *Facebook* quando observamos os dados dos compartilhamentos (gráfico 4) realizados pel@s usuári@s que também priorizam a agenda das ONGs, com exceção da ONG brasileira, viralizando tanto as novas conquistas legais como denunciando as violências contra suas/seus amig@s de *Facebook*, ou mesmo desconhecid@s. Podemos afirmar que ainda a grande preocupação da população LGBT são as violações de seus Direitos, tanto que são 2.124 compartilhamentos, principalmente, no que tange as situações de violência física. Um pouco mais que o dobro em relação aos Direitos adquiridos em todo o mundo (1.051).

Gráfico 4: Postagens mais compartilhadas pel@s Usuári@s





Fonte: Autora

A partir da apresentação destes dados, a sua análise tem como eixo central o ciberespaço como uma Heterotopia *On-line*, onde o ciberativismo das Redes de Movimento Social LGBT estão atuando fortemente, não somente pela visibilidade, mas para formação de nov@s militantes para lutarem contra os setores fundamentalistas da nossa sociedade, desconstruindo, diariamente, a heteronormatividade. Apontando a Escrita de Si, a Sociabilidade e a Cultura do Afeto como ética da vida, como alternativa de constituição de subjetividades e possibilidades de projetos de vida para as juventudes LGBT.

#### 4. 1 Do Movimento Social para a Rede de Movimento Social

Segundo Mario Diani (1992), podemos definir o movimento social como “redes de interações informais entre uma pluralidade de indivíduos, grupos ou associações engajados em um conflito político ou cultural, com base em uma identidade coletiva compartilhada”. (DIANI, 1992, p. 13)

Os movimentos sociais estão relacionados com processos não institucionalizados e os grupos que os desencadeiam, processo que consiste em apresentar à sociedade suas demandas particulares, sendo movimentos constituídos na prática e na história, que servem como mecanismos sociais de diálogo entre a sociedade civil e as instituições. Corroborando com essa premissa Jeffrey Alexander (1998) aponta que os movimentos sociais “apenas podem ter êxito se forem capazes de empregar a metalinguagem civil para relacionar esses problemas práticos ao centro simbólico da sociedade e suas premissas utópicas”. (ALEXANDER, 1998, p. 27)

Juntamente com outras iniciativas sociais organizadas, os movimentos sociais têm por objetivo desacomodar o que está naturalizado, contestar os discursos institucionalizados, mobilizando o poder social, desconstruindo sentidos, ampliando modos de ver o mundo, possibilitando respostas efetivas para as desigualdades e injustiças sociais.

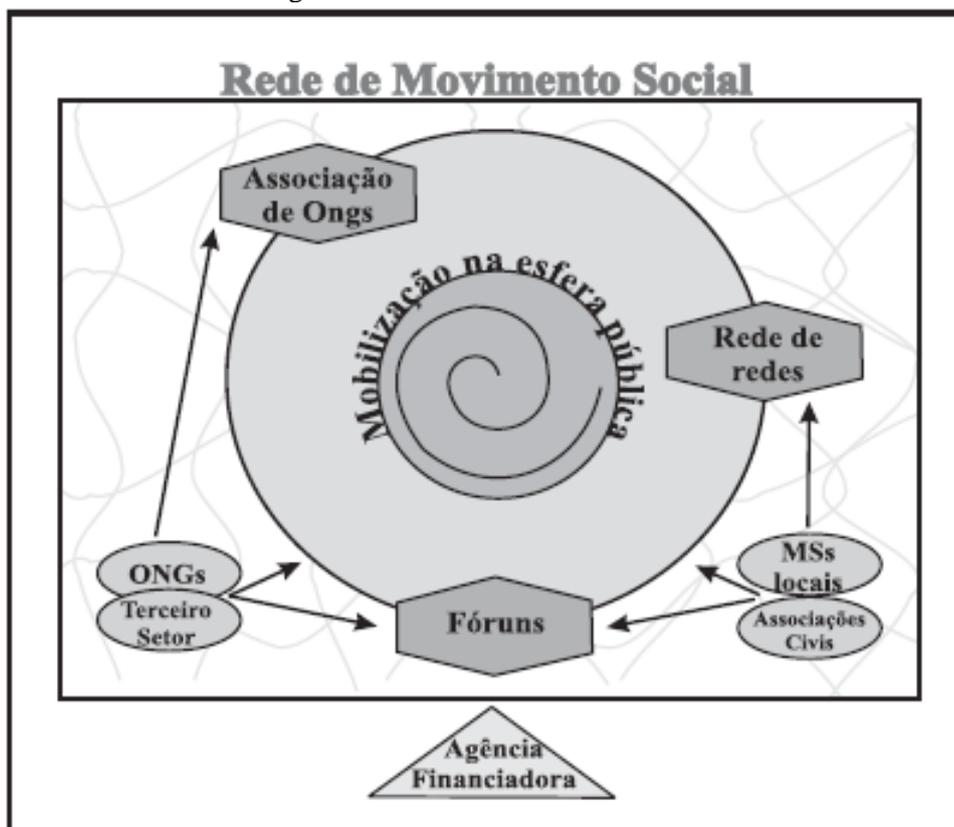
Para algumas/ns autor@s esta política de identidade fragmentou o movimento social, atrofiando e esvaziando a esfera pública, como aponta Claus Offe “estão longe de ter desenvolvido um esboço mesmo de programa para a transformação social com o mesmo grau de consistência e abrangência dos movimentos sociopolíticos anteriores”. (OFFE apud Bauman, 2000, p. 113)

Outr@s autor@s, como Ilse Scherer-Warren (2006) afirmam que:

Na sociedade das redes (para usar uma terminologia de Manuel Castells), o associativismo localizado (ONGs comunitárias e associações locais) ou setorizado (ONGs feministas, ecologistas, étnicas, e outras) ou, ainda, os movimentos sociais de base locais (de moradores, sem teto, sem terra, etc.) percebem cada vez mais a necessidade de se articularem com outros grupos com a mesma identidade social ou política, a fim de ganhar visibilidade, produzir impacto na esfera pública e obter conquistas para a cidadania. Nesse processo articulatório, atribuem, portanto, legitimidade às esferas de mediação (fóruns e redes) entre os movimentos localizados e o Estado, por um lado, e buscam construir redes de movimento com relativa autonomia, por outro. Origina-se, a partir desse fato, uma tensão permanente no seio do movimento social entre participar com e através do Estado para a formulação e a implementação de políticas públicas ou em ser um agente de pressão autônoma da sociedade civil. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113-114)

O processo de articulação entre o associativismo local (associações civis de bairro, movimentos comunitários, ONGs locais), as inter-organizacionais (fóruns da sociedade civil, associações nacionais de ONGs) e as mobilizações no espaço público, é conceituado por Ilse Scherer-Warren (2006) como Rede de Movimento Social, “um conceito de referência que busca apreender o porvir ou o rumo das ações de movimento, transcendendo as experiências empíricas, concretas, datadas, localizadas dos sujeitos/atores coletivos”. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 113)

Figura 14: Rede de Movimento Social



Fonte: SCHERER-WARREN, 2006, p. 114

Embora o ativismo revolucionário tenha perdido forças, outros tem se constituído com base nos ideais de cooperação, solidariedade e democracia, com ações voltadas para as populações com vidas mais precárias e construindo ONGs que atuam, ao mesmo tempo como produtoras de conhecimento, ativistas e prestadoras de serviço, formando uma rede de solidariedade, reciprocidade e compartilhamento que tem por objetivo o empoderamento democrático e a inclusão social, ou seja,

o combate à exclusão em suas múltiplas faces e a respectiva luta por direitos (cívicos, políticos, socioeconômicos, culturais e ambientais); o reconhecimento da diversidade dos sujeitos sociais e do respectivo pluralismo das idéias; a promoção da democracia nos mecanismos de participação no interior das organizações e nos comitês da esfera pública, criando novas formas de governança. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 123)

A rede de ativismo *on-line* é um meio de divulgação, discussão de ideias/propostas e de organização para a ação atuando tanto globalmente como localmente (glocal<sup>32</sup>). Esta rede de

<sup>32</sup> Roland Robertson (1995) defende que a relação global-local não deve ser perspectivada na aceitação fácil de uma polaridade conflitual em que um dos polos se submete no outro, isto é o local no global, e na supervalorização da dimensão espacial em detrimento da dimensão temporal, sugerindo o termo glocalização, enquanto processo em que o local e o global se entrosam para constituir o que designa por glocal. (ROBERTSON 1995, p 26).

militância e de articulação política que se utiliza do espaço *on-line* para se reunir constitui @ militante glocal, @s ativistas glociais *on-line*.

#### 4.1.1 Um Abreve Histórico dos Movimentos Sociais LGBT

O Movimento Social LGBT, originário do Movimento Feminista, tem por premissa básica defender a igualdade social para as pessoas LGBTs e a luta contra a homofobia, lesbofobia, transfobia e bifobia. Ramificado em organizações locais, regionais, nacionais e mundiais que vão desde o ativismo político até atividades culturais (marchas de rua, grupos sociais, mídia, arte, pesquisa acadêmica).

Com finalidade didática e para entender as especificidades dos Movimentos Sociais LGBT, vou traçar uma linha histórica temporal que se inicia entre os anos de 1850 a 1933, na Europa Central, principalmente na Alemanha com o sexólogo Magnus Hirschfeld, onde ocorre uma intensa luta contra a criminalização das práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo e da travestilidade. Este movimento utilizou como argumento o discurso de que a homossexualidade era uma condição inata ainda não estudada pela Medicina, disseminando as ideias de Karl Heinrich Ulrichs<sup>33</sup> e Hirschfeld de que as pessoas homossexuais eram “hermafroditas psicológicos/as”, chamando-lhes de o “terceiro sexo”; e as teorias hormonais da homossexualidade, o que levou a medicina tentasse “curar” a homossexualidade através na injeção de hormônios nos/as “doentes”.

Nos Estados Unidos até 1960 as ações em defesa dos direitos de gays e lésbicas foram promovidas por organizações conservadoras, como a *Matachine Society*, que defendiam que gays e lésbicas deveriam imitar os modelos heterossexistas patriarcais. A partir de 1961 começaram os protestos nas portas das delegacias, solicitando a libertação dos detidos, bem como ameaçavam entrar se não houvesse provas de que os mesmos se encontravam em “perfeita saúde”.

Muit@s militantes tem como marco inicial do Movimento Social LGBT a Rebelião de *Stonewall*, em 1969 na cidade de Nova Iorque. O bar gay *Stonewall Inn* sofria frequentes ações policiais violentas (verbais e físicas), mas na noite de 28 de junho de 1969, a intervenção não acabou como sempre, uma das mulheres que foi retirada do bar pela polícia resistiu a detenção e 200 pessoas que estavam na frente do bar começaram a gritar “violência policial!”, atirando

---

33 Considerado o primeiro ativista gay da era moderna, por ter publicado uma série de doze panfletos e ter assumido publicamente a sua homossexualidade.

garrafas, pedras e moedas contra os policiais. Como o bar se localizava no *Greenwich Village*, zona de vida noturna, o número de pessoas protestando duplicou rapidamente, somente não houve tiroteio porque os reforços policiais chegaram rápido. O bar abriu novamente no dia 29 de junho, mas as manifestações na rua *Christopher Street* durariam mais três dias. Devido este acontecimento, o dia 28 de junho é mundialmente conhecido como “O Dia do Orgulho LGBT”.

Na década de 1970, com a Revolução Sexual, o *Rock in Roll* e o Movimento *Hippie*, se constrói o Movimento Social LGBT, com ONGs e campanhas de (in)formação. A partir da década de 1980, com o advento da AIDS e o discurso médico e midiático produzido, ligando origem e disseminação da doença à prática sexual entre homens, o movimento LGBT passa a se envolver com as organizações de apoio às vítimas da AIDS, o que permite ao mesmo, desenvolver suas capacidades organizativas e de gestão de ONGs.

Nos anos de 2000, onde a população estava informada e a epidemia da AIDS parecia estar controlada, o Movimento LGBT passa a ter como foco os direitos civis (casamento, adoção, nome social), direitos sexuais e reprodutivos (mudança de sexo, fertilização). Mesmo com aprovação, em muitos países, de legislações anti-discriminatórias, da visibilidade na vida pública de pessoas assumidamente LGBT (polític@s, esportistas e artistas) e da temática sobre homossexualidade ser abordada em filmes, séries, telenovelas, telejornais e nas escolas, ainda é carregada de preconceitos e estereótipos.

Com o objetivo de corroborar com a premissa acima, trago os dados dispostos em 4 mapas (Geral, Criminalização, Proteção e Reconhecimento) disponibilizados no site<sup>34</sup> da *International Lesbian, Gay, Bisexual, Trans and Intersex Association (ILGA)*. O mapa 1 (anexo 5) traz uma visão geral das legislações mundiais, onde demonstra que 123 países não criminalizam a homossexualidade contra 22 países que penalizam esta relação com pena de morte ou prisão perpétua; 85 países já possuem alguma legislação que protege as pessoas LGBT e 47 países reconhecer a união de pessoas do mesmo sexo como um núcleo familiar permitindo o matrimônio e adoção. Se contarmos que existem 196 países reconhecidos pela ONU, as legislações que tem por objetivo garantir os Direitos Humanos não estão sendo cumpridas, muito menos reconhecidas como Direitos Fundamentais.

O mapa 2 (anexo 6) nos mostra que as relações homossexuais ainda são consideradas ilegais, ou seja, passíveis de criminalização e condenação, as relações lesbianas são ilegais em 45 países, e aumenta o número de países se as relações forem entre homens. Aqui podemos levantar a premissa que, muit@s governantes veem na relação entre mulheres uma relação não

---

34 <https://ilga.org/es>

acabada, por supostamente não haver penetração e/ou um fetiche sexual dos homens constituído pela mídia pornosssexual. Outro dado são as penalizações pelos chamados atos de “Sodomia”<sup>35</sup>, as condenações vão desde pena de morte (8 países), de 15 anos à perpétua (12 países), de 8 a 14 anos (23 países), de 3 a 7 anos (20 países) e de 1 a 2 anos ou multa (10 países). Um exemplo recente destas atrocidades aos Direitos Humanos das Pessoas LGBT foi em agosto de 2018, segundo a reportagem de David Mandim “Duas lésbicas da Malásia condenadas a castigos corporais”:

Duas mulheres da Malásia foram condenadas por tentar fazer sexo lésbico e serão multadas e punidas com castigos corporais - seis pancadas nas costas com uma cana -, confirmou hoje um procurador do país asiático.

(...)

As autoridades islâmicas no estado conservador de Terengganu, no nordeste do país, descobriram que as duas mulheres muçulmanas tentaram praticar atos sexuais no interior de um carro, durante uma patrulha de oficiais religiosos em abril, segundo o procurador Muhamad Khasmizan Abdullah.

As mulheres foram acusadas de acordo com a sharia (lei islâmica), que proíbe sexo lésbico. Foram sentenciadas cada uma a seis pancadas nas costas com uma cana e a uma multa de 3.300 ringgits malaios (710 euros), depois de se declararem culpadas, segundo o mesmo procurador, citado pela Reuters.

Esta condenação volta a relançar preocupações com a crescente intolerância em relação à comunidade de lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros (LGBT) na Malásia, depois de ativistas criticarem as autoridades por fazerem comentários homofóbicos nas últimas semanas.

"As relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo é proibida no Islão. É uma ofensa e é moralmente errado", disse Muhamad Khasmizan à Reuters. "Este veredicto é o primeiro para nós", acrescentou, assegurando que foi a primeira vez que pessoas foram condenadas por atos homossexuais em Terengganu.

(...)

As duas mulheres, com 32 e 22 anos, estão sob fiança até à execução da sentença em 28 de agosto, disse Muhamad Khasmizan, acrescentando que os oficiais religiosos que denunciaram as mulheres encontraram-nas nuas no carro e também descobriram um vibrador.

"O castigo corporal será realizado de acordo com as regras da sharia, elas serão chicoteadas com uma cana de vime nas costas, enquanto estão sentadas", especificou o magistrado.

É uma forma de tortura Thilaga Sulathireh, do grupo de direitos humanos *Justice for Sisters*, condenou a decisão do tribunal que classifica como uma forma de tortura. Esta ativista disse que houve casos anteriores de casais de lésbicas que acabaram presas, mas não se sabe se foram condenadas.

(...)

Na semana passada, um ministro ordenou a remoção de retratos de dois defensores LGBT de uma exposição pública de fotografia por promoverem atividades gays, o que provocou críticas de grupos de direitos humanos.

A sodomia é um crime na Malásia, que é punível com até 20 anos de prisão, embora a aplicação da lei seja rara. (MANDIM, 2018, s/p)

---

35 “Até o século XIX a palavra mais utilizada para designar as relações entre pessoas do mesmo sexo era a expressão latina sodomia, que se origina do relato do Antigo Testamento no Livro do Génesis sobre a destruição das cidades Sodoma e Gomorra pela ira divina”. PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo. Disponível em: <<https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf>>. Acesso em: 10 set 2018.

Para Tamsin Spargo (2017) no século XVI a confissão da prática de sodomia permitiria o indivíduo ter a possibilidade de ser curad@ quando compreendiam a pecaminosidade do ato, já no século XIX a ênfase passou da ação para a condição que determinava o indivíduo. Como afirma Michel Foucault,

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida da prática da sodomia para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie. (FOUCAULT, 2010a, p. 48)

O mapa 3 (anexo 7) nos aponta os países que já possuem algumas legislações sobre discriminação por orientação sexual, sendo que 86 países já constituíram a Instituição Nacional de Direitos Humanos (INDH) que inclui a proteção a orientação sexual; 39 países possuem legislações que proíbem a incitação por ódio a orientação sexual; 43 países implantaram o agravante de delito quando este é cometido por discriminação por orientação sexual; 9 países possuem em suas Constituições artigos que tipificam como ato discriminatório a homofobia; 63 países contemplam legislações antidiscriminatórias em relação a orientação sexual; e, somente, 3 países possuem legislações que proíbem as “terapias de conversão”<sup>36</sup>.

O Mapa 4 (anexo 8) está identificando os países que tem legislações que protegem os Direitos Civis e Direitos Sexuais e Reprodutivos. Em 24 países o matrimônio entre pessoas do mesmo sexo já está legalizando, já 28 países possuem alguma legislação que protege a união entre pessoas do mesmo sexo. Em relação a adoção, 26 países permitem a adoção conjunta e 27 países a adoção que permite um segundo pai ou mãe.

#### 4.1.2 Movimento Social LGBT em Portugal

Em 28 de Maio de 1926, o Estado Português sofre um golpe militar, sendo instaurada uma ditadura militar que durou até 25 de abril de 1974. Entre os anos de 1928 a 1933 ocorreu a “Ditadura Nacional” comandada por Óscar Carmona. Com a Constituição de 1933 se instituiu um novo regime autoritário de inspiração fascista, “Estado Novo”, controlado por António de

---

<sup>36</sup> Terapia de reorientação sexual (chamada ainda terapia de conversão ou terapia reparativa) compreende um conjunto de métodos que visam eliminar a orientação sexual homossexual de um indivíduo. Essas terapias podem incluir técnicas comportamentais, cognitivo-comportamentais e psicanalíticas, além de abordagens médicas, religiosas e espirituais. Estes tipos de procedimentos têm sido fonte de intensa controvérsia nos Estados Unidos, no Brasil e em outros países. O consenso científico é de que tais terapias não são efetivas e podem causar danos físicos e psicológicos. ORSI, Carlos. “O que a ciência diz sobre a terapia de reorientação sexual, a chamada 'cura gay'?”. *Gazeta do Povo*. 20 de setembro de 2017.

Oliveira Salazar, que ficou no poder até 1968, substituído por Marcello Caetano, que pôs em prática a Primavera Marcelista e dirigiu o país, até ser deposto, no dia 25 de Abril de 1974.

A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos foi movimento político e social, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo e iniciou um processo que viria implantar um regime democrático, com a entrada em vigor da nova Constituição em 25 de abril de 1976, marcada por forte orientação socialista. Esta revolução criou as condições fundamentais para as mudanças legislativas, políticas e sociais que conduziram à descriminalização e aceitação da homossexualidade em Portugal, mas as mudanças foram lentas, pois os partidos de esquerda, teoricamente mais sensíveis em relação às questões de igualdade e direitos civis, estavam com suas atenções e esforços centrados na luta pelos direitos das mulheres e dos/as jovens, sem o recorte de orientação sexual.

Neste momento começa a se constituir o Movimento Social LGBT Português, tendo como precursores o Movimento Homossexual de Acção Revolucionária (MHAR), fundado por António Serzedelo, que em maio de 1974 lança o seu Manifesto pelas Liberdades Sexuais, e o Movimento de Libertação da Mulher (MLM), grupo feminista que integrava ativistas lésbicas. O movimento foi prontamente esmagado pelo General Galvão de Melo, que em rede televisiva afirma que o 25 de Abril não foi feito para as reivindicações de homossexuais, bissexuais e prostitutas. No início da década de 1980 formam-se organizações efêmeras e de impacto reduzido, como o Coletivo de Homossexuais Revolucionários (CHOR) e os Encontros "Ser (homo)sexual", organizados pelo Centro Nacional de Cultura (CNC).

Não muito diferente do que aconteceu em algumas partes do mundo, o aparecimento da AIDS, na primeira metade dos anos 1980, levou o Movimento Social LGBT Português a ganhar consistência, visibilidade e respeitabilidade, principalmente pela sua articulação com a Comissão Nacional de Luta Contra a Sida e a Associação de Apoio a Pessoas com VIH/SIDA (Abraço). Nesta mesma época figuras públicas começam a dar visibilidade a sua sexualidade, como Carlos Castro, Guilherme de Melo, Mário Cesariny, Ary dos Santos e António Variações, morto pela AIDS, em 1984, acontecimento trágico que causou comoção e impacto em nível nacional.

Em 1991, o Partido Socialista Revolucionário (PSR), foi primeiro partido político a organizar um grupo de trabalho contra o machismo, a homofobia e a bifobia - Grupo de Trabalho Homossexual. Este GT foi responsável pela primeira comemoração pública do dia do orgulho, na discoteca "Climacz" em Lisboa (1985) e pela campanha contra a discriminação nos dicionários, com uma manifestação em frente à sede da Porto Editora, em Porto (1996).

O impacto midiático do PSR impulsionou a comunidade LGBT a organizar-se e a ganhar voz própria, com as associações: Associação ILGA Portugal, Clube Safo, Opus Gay, Revista Korpus, site PortugalGay.pt; e com os eventos: Arraial Pride, Marcha Nacional do Orgulho LGBT e Festival de Cinema Gay e Lésbico de Lisboa.

Na atualidade, as organizações atuantes em Portugal são: Clube Safo – 1996; ILGA Portugal – 1995; Opus Gay – 1999; Não te Prives - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais – 2002; Rede Ex Aequo – 2003; Panteras Rosa – 2004; Caleidoscópio LGBT – 2007; Rumos Novos - Católicos Homossexuais – 2008; Grupo de Discussão sobre Questões Lésbicas (LES) – 2009; e Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual (Ampos) - 2010. As pautas de reivindicação transitam pelas seguintes temáticas: direitos das/os transexuais; acesso ao emprego e respeito no local de trabalho; *bullying* homofóbico nas escolas e universidades; homofobia em locais públicos, na televisão, no cinema, na imprensa ou na publicidade; respeito as/aos filhas/os de homossexuais, transexuais ou bissexuais; apoio a jovens e adultos sem suporte familiar; e produção cultural (livros, música, filmes, etc...), com temáticas relacionadas a sexualidade humana, orientação sexual e saúde sexual.

Entre 1982 e 2016, foram promulgadas várias legislações sobre direitos à população LGBT, são elas:

1982 - Descriminalização da homossexualidade;

1999 - Homossexuais e bissexuais podem servir abertamente nas Forças Armadas;

2001 - Uniões de Fato (União Estável) são estendidas a casais de pessoas do mesmo sexo (os mesmos direitos que a casais de sexo diferente, com a exceção da adoção);

2003 - Código do Trabalho revisto para proteção das pessoas LGBT (acesso ao trabalho e ao emprego, proteção contra discriminação no trabalho e assédio sexual);

2004 - A orientação sexual é incluída na Constituição Portuguesa no artigo 13º - Princípio da Igualdade;

2005 - O Instituto Português do Sangue permite oficialmente a doação de sangue por homossexuais, bissexuais e Homens que fazem sexo com Homens (HSH), esta decisão foi anulada em 2009, pelo Presidente deste Instituto, Gabriel Olim;

2007 - Código Penal revisto (idade para casamento passa a ser igual à de casais de pessoas de sexo oposto, proteção contra violência e crimes de ódio);

2009 - Inclusão da temática orientação sexual na Lei de Educação Sexual nas escolas;

2010 – Aprovação, no Parlamento, da recomendação a não discriminação de homossexuais, bissexuais e HSH na doação de sangue;

2010 - O Casamento é estendido a casais de pessoas do mesmo sexo (os mesmos direitos e deveres que a casais de sexo diferente, com a exceção da adoção);

2015 - Parlamento aprova adoção e apadrinhamento civil de crianças por casais do mesmo sexo;

2016 - Parlamento aprova acesso à Procriação Medicamente Assistida (PMA) por mulheres, independentemente da orientação sexual e estado civil.

#### 4.1.3 Movimento Social LGBT na Argentina

De acordo com Antonio Andrade (2012) a história do Movimento Social LGBT na Argentina está intimamente ligada à história política do país. As primeiras organizações se instituíram a partir do final da década de 1960, no mesmo momento em que ocorria o golpe de estado contra o governo de Arturo Illia, 28 de junho de 1966, e a implantação da chamada Revolução Argentina, uma ditadura militar que adotou como principais medidas: abertura do mercado interno aos monopólios internacionais; enfraquecimento dos sindicatos; retirada dos direitos trabalhistas; repressão de greves e de atividades políticas de esquerda.

Durante o governo de Arturo Illia, se implantou ações de maior tolerância às diferentes orientações sexuais, por exemplo, em alguns espaços públicos (bares, cinemas e banhos) os homossexuais podiam viver sua sexualidade sem julgamento ou repressão. Com o governo ditatorial de Juan Carlos Onganía e do chefe de polícia Luis Margaride, estes lugares passam a ser alvo de ataques policiais. As tensões sociais provocadas pelas medidas autoritárias provocaram uma onda de protestos das esquerdas, dos sindicatos e d@s estudantes, que se alastraram por toda a Argentina e culminaram, em 1969 na cidade de Córdoba, no protesto que ficou conhecido por “Cordobazo”.

Nesse contexto, surge o Grupo “Nuestro Mundo”, criado em 1967, na localidade de Gerli, subúrbio de trabalhadores da Grande Buenos Aires, formado por homossexuais que em sua maioria eram ativistas sindicais e/ou militantes do Partido Comunista. Liderados por Héctor Anabitarte, militante comunista expulso do partido devido a sua orientação sexual, tinham um discurso, predominantemente, reformista que pleiteava uma correção nas contradições internas do Partido Comunista, ainda não tendo ligações ideológicas com os movimentos “Maio de 1968”<sup>37</sup> na França ou o “Gay Power” norte-americano. Segundo Néstor Perlongher (1997), a

---

37 Segundo o historiador Alberto Aggio, da Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Franca (SP). Foi uma grande onda de protestos que teve início com manifestações estudantis para pedir reformas no setor educacional. O movimento cresceu tanto que evoluiu para uma greve de trabalhadores que balançou o governo do então presidente da França, Charles De Gaulle. “Os universitários se uniram aos operários e promoveram a maior greve

principal atividade do grupo era enviar aos jornais de Buenos Aires, panfletos e relatórios sobre a liberação gay.

Em 1971, “Nuestro Mundo” se aproxima das ideias do “Movimento Gay Power” norte-americano através dos intelectuais Manuel Puig, Juan José Sebrelli, Blas Matamoro, Néstor Perlongher e José Hernández. Dessa aproximação resulta uma associação de defesa dos direitos dos homossexuais com tendência de esquerda e revolucionária, a Frente de Liberación Homosexual (FLH), fundada em agosto de 1971, em Once, bairro de Buenos Aires.

Originalmente, a FLH pretendia ser um movimento de tendência marxista, mas com a entrada de estudantes universitários foi influenciada pelos ideais anarquistas, oscilando, ideologicamente, entre o peronismo de esquerda e o comunismo. A oscilação ideológica pode ser vista no primeiro boletim publicado, enquanto um dos textos afirma que os movimentos de esquerda incluíam as reivindicações homossexuais em suas propostas; o outro, criticava o posicionamento das revoluções sociais diante da temática sexualidade.

A FLH teve seu apogeu entre 1972 e agosto de 1973, expresso no engajamento de outros grupos autônomos (Eros, Profesionales, Safo, Bandera Negra, Emanuel, Católicos Homossexuales Argentinos); na filiação de centenas de militantes; publicações (jornal “Homossexuales”, revista “Somos” e o artigo “Sexo y liberación”); alargamento territorial das ações (Buenos Aires, Córdoba, Mendoza e Mar del Plata); e relacionamento com outros movimentos sociais, como o feminista.

Em 1973, a FLH se mobilizou em torno do peronista Héctor José Cámpora, seduzida pelo discurso da Juventude, se apresenta na Marcha Peronista com a faixa “Para que reine en el pueblo el amor y la igualdad”, sendo atacada, tanto pelos setores da direita como os da esquerda peronista. Com a morte de Juan Perón e a ascensão ao governo de sua esposa María Estela Martínez (Isabelita Perón), aumenta, vertiginosamente, a hostilidade e perseguição a associação, tanto que, em 1975, o semanário fascista “El Caudillo” pede o fim dos homossexuais, propõe linchá-los e faz referência direta a FLH.

A ascensão dos discursos fascistas afastou, por medo da repressão, muitos dos militantes e defensores do movimento. O golpe militar de 1976 e a implantação governo ditatorial através do chamado “Processo de Reorganização Nacional”, além de impedir qualquer forma de organização, desencadeou uma perseguição sistematizada aos homossexuais, que resultou na dissolução da FLH e de todos os grupos homossexuais espalhados pela Argentina.

---

geral da Europa, com a participação de cerca de 9 milhões de pessoas. Isso enfraqueceu politicamente o general De Gaulle, que renunciou um ano depois”.

O período ditatorial (1976-1983) inicia sua queda com a derrota Argentina na Guerra das Malvinas (1982). Em 1983, com o processo de redemocratização, cria-se a revista “Cerdos & Peces”, fundada por Enrique Symns como um instrumento da contracultura, dando visibilidade, sobretudo, à comunidade gay, mas a repressão policial aos homossexuais e os crimes homofóbicos continuavam em números assustadores.

Nesse contexto, surge a Comunidade Homossexual Argentina (CHA), fundada em 1984, por cerca de 150 pessoas na boate Contramano, em Buenos Aires. Segundo Elea Maglia e Lucía de Abrantes (2010), tinha como objetivos a revogação de leis e decretos policiais que violassem as liberdades dos homossexuais; a cessação da detenção arbitrária pela investigação e repressão em lugares frequentados pela comunidade LGBT; e fim de toda a discriminação sexual no ambiente laboral, social e moral.

As propostas da CHA, bem como de outras organizações surgidas na mesma época na América Latina, tinham por objetivo desassociar o desejo homoerótico da marginalidade, através de um modelo coletivo, mais de acordo com o modelo gay norte-americano, uniformizando a comunidade homossexual através de demandas políticas que se adequam mais aos anseios de determinada parcela da classe média gay.

A década de 1990 foi promissora para o ativismo LGBT, por exemplo:

1992 – Comunidade Homossexual Argentina (CHA) faz campanha pública pelos direitos humanos das pessoas LGBT;

1992 – 1ª Marcha do Orgulho LGBT convocada pelas organizações: *Lesbian Convocation*, *Lesbian Notebooks of Life*, Transdevi, GaysDC, Grupo Isis, SIGLA e a Igreja da Comunidade Metropolitana;

1996 – Buenos Aires e Rosario promulgaram legislação que proibi a discriminação com base na orientação sexual.

Apesar do vigor do ativismo LGBT,

A AIDS continuou a matá-los como moscas e a homofobia disseminada pela sociedade parecia irreversível. Os ataques continuaram, agora sob o título de verificação de antecedentes; sujeitos que acreditavam estar contribuindo para a limpeza da moralidade argentina, perseguiram, humilharam e até assassinaram travestis e homossexuais; o mercado de trabalho continuou a expulsá-los; e o registro civil continuou a impor a condição binária de gênero. (MAGLIA; ABRANTES. 2010, p. 18) (tradução da autora)

Chega o século XXI e passamos a enxergar a Argentina, como o país da América Latina que mais protege as pessoas LGBT<sup>38</sup>. Em 2005 surge a primeira organização nacional, a Federación Argentina de Lesbianas Gays Bisexuales y Trans (FALGBT) agrupando: Area Queer, Asociacion Travestis Transgenero Transexuales Argentinas (ATTTA), Club de Osos de Buenos Aires, Fundacion Buenos Aires Sida, Grupo Nexo – Asociacion Civil, La Fulana, Vox Asociación Civil, Accion por los Derechos del Noroeste (ADN), Argentina Gay Radio (AGRADIO), Asociación en Lucha por la Diversidad Sexual (ALUDIS), Asociación Marplantense por la Diversidad Sexual (AMADI), Asociacion de Sordos Homosexuales de Argentina (ASHA), Asociacion Civil 7 Colores, Buenos Aires Leather Club, Centro Cristiano de la Comunidad GLTTB, Chubut-Diversx, COLLAGE - Recreando Realidades, Colectivo Diverso Alta Gracia, Comunidad Cristiana Nueva Esperanza Buenos Aires (CCNE), Cristianos Evangelicos Gays y Lesbianas de Argentina (CEGLA), Cuadernos de Existencia Lesbiana (CEL), Devenir Diverse, Diversa, Diversidad de Rio Negro y Neuquen, Diversidad Jotapori (JXI), Diversidad Mas Igualdad (DmasI), Fundacion Efecto Positivo, Fundacion Otras Ovejas, Acción Ciudadana para la Integración de la Diversidad Sexual (GRUPO A.C.I.D.S.), Diversidad del Alto Valle por la Igualdad de Derechos (DAVID), Grupo de Transparencia Salteña, Escuchamos Recuperamos Ayudamos Somos solidarios (GRUPO E.R.A.S., Gays y Lesbianas del Oeste del Gran Buenos Aires (GLOBA Diversidad), Identidad (Salta), Identidad LGBT Gualguay (Entre Ríos), Igualdad LGBT (Salta), Integracion LGBT Villa María (Córdoba), Judíos Gays, Lesbianas, Bisexuales y Transexuales de la República Argentina (JAG), Kinship Adventista Del Séptimo Día (SDA Kinship), La Glorieta - Espacio LGBT, Grupo LGBT de Argentinos y Uruguayos residentes en Nueva York (MATEANDO), Movimiento de Integracion Sexual, Etnica, Religiosa (MISER), Puerta Abierta, Partido Socialista - Grupo LGBT, Secretaria de Diversidad Sexual del Partido Socialista, Tucuman Diverso, Unión por la Diversidad Sexual de la Patagonia (UDISPA), Unidos Todos Asociación Civil.

Entre 2003 e 2015, foram promulgadas várias legislações sobre direitos à população LGBT, são elas:

2003 (janeiro) – Legislativo de Buenos Aires aprovou a Lei da União Civil;

2003 (abril) – Legislativo da Província de Rio Negro aprovou uma lei de união civil para casais do mesmo sexo;

---

<sup>38</sup> Estudo realizado pelo Pew Reserch Center.

2009 – Reforma da Lei Militar, a lei passa a permitir que os homossexuais e as lésbicas sirvam nas forças armadas e proíbam a discriminação em razão da orientação sexual nas forças armadas;

2009 (maio) – Conselho Deliberante de Río Cuarto (Córdoba) aprovou uma lei municipal que permite a união civil sem distinção de sexo;

2010 (julho) – Lei de Igualdade de Matrimônio;

2012 – Lei de Identidade de Gênero;

2012 – Alteração do Código Penal acrescentando a pena de prisão perpétua a crimes de ódio motivados pela orientação sexual e identidade de gênero ou sua expressão;

2013 – Lei da Reprodução Medicamente Assistida, também conhecida como ou “Lei Nacional de Fertilização Assistida”;

2015 – Novo Código Civil e Comercial, casais de igual ou diferente sexo podem acessar a figura legal denominada União de Convivência;

2015 – Nova Declaração Sócio Trabalhista do Mercosul estabelece o princípio da não discriminação, incluindo as causas proibidas de discriminação, baseadas em sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

#### 4.1.4 Movimento Social LGBT no México

A independência do México (1821) pouco modificou a realidade da homossexualidade no país, devido a legislação herdada dos espanhóis. Com a invasão francesa (1863), para apoiar o governo de Maximiliano (1864-1867), se introduziu o código penal francês<sup>39</sup>, onde não se menciona a sodomia, fazendo com que a homossexualidade deixasse de ser um crime no país. Em 1871, o novo Código Penal introduziu o "ataque à moralidade e decência", sem uma noção mais explícita do que se referia, sua interpretação foi deixada para a polícia e os juízes, que passaram a utilizá-la contra @s homossexuais.

Edward J McCaughan<sup>40</sup>, Claude J. Summers<sup>41</sup> e Miguel Hernandez Cabrera<sup>42</sup> referem-se ao “Baile dos Quarenta e Um”, como um dos grandes escândalos que atingiram a vida pública mexicana. Uma operação realizada nas ruas de La Paz (hoje rua Ezequiel Montes), em 18 de novembro de 1901, durante o mandato de Porfirio Díaz, onde foram presos 41 homens, que

---

39 Redigido na Revolução Francesa.

40 Autor de “Art and Social Movements - Cultural Politics in Mexico and Aztlán”. 2012.

41 Autor de “The Queer Encyclopedia of the Visual Arts”. 2004.

42 Autor de “Los "cuarenta y uno", cien años después”. 2001.

dançavam em uma casa privada, sendo que 22 vestidos com roupas masculinas e 19 com roupas femininas.

O governo tentou encobrir o caso, uma vez que os detidos pertenciam às classes mais altas da sociedade, a imprensa mexicana fez larga divulgação, mas os nomes nunca foram revelados. O “Baile de los cuarenta y un maricones” foi considerado uma afronta a sociedade mexicana, tanto que o número 41 tornou-se um tabu no país e sua história passou a ser usada para realizar ataques contínuos, chantagens, tortura, espancamentos e até prisões de homossexuais, utilizando-se a mera menção de que é um “ataque a moral e aos bons costumes”.

Historiadores como Victor M. Macías-González<sup>43</sup>, Pablo Picatto<sup>44</sup> e Robert Buffington<sup>45</sup>, afirmam que no final do século XIX, já existia uma subcultura homossexual, muito semelhante à das cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro, Havana, Nova Iorque e Toronto, identificando como espaços homossexuais: os banheiros públicos, as prisões, algumas praças e avenidas da capital mexicana. Na década de 1930, indicam a Alameda Cruzeiro, o Zocalo, o Paseo da Reforma e o Calle Madero como local de alguns bares e banheiros para homossexuais. Durante a Segunda Guerra Mundial, já existiam cerca de 15 bares gays, todos com autorização de funcionamento. Em 1959, na gestão do prefeito Uruchurtu, os bares foram fechados após um triplo assassinato. (MURRAY, 2004)

Os primeiros grupos LGBT foram formados no início de 1970, na Cidade do México e Guadalajara, sendo que o primeiro oficializado foi “Movimiento de Liberación Homosexual”, também chamado de “Frente de Libertação Gay”, em 15 de agosto de 1971. Em 1978, se formaram “Lambda de Liberación Homosexual”, “Oikabeth” e “Frente Homosexual de Acción Revolucionaria” (FHAR), considerado o grupo com mais notoriedade, composto majoritariamente por homens, que devido sua proximidade com organizações de ideologias de esquerda, tinha como foco de atuação o trabalho em grupos considerados marginalizados, como travestis, transexuais e população carcerária.

---

43 Autor de “Los homosexuales como sujetos peligrosos en la ciudad de México (1940-1960)”. In: *Hampones, intocables y pecatrices: Sujetos peligrosos de la Ciudad de México (1940-1960)*, ed. Susana Sosenski. Mexico City: UNAM, Forthcoming. E “Los amigos inmortales: el peso de la Historia”. In: *Hacer visible lo invisible. Otras historias de amor en el Museo del Prado*. Catálogo. Madrid: Museo Nacional del Prado, 2017. <http://www.tiendaprado.com/es/catalogos/8254-cat-9788484803874.html>

44 Autor de “Ciudad de sospechosos: crimen en la ciudad de México, 1900- 1931”, traducción de Lucía Rayas, México, Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social/Fondo Nacional para la Cultura y las Artes, 2010

45 Autor de “Uma educação sentimental para o homem trabalhador: A prensa da Cidade do México, 1900-1910” (Duke University Press, 2015), onde analisa o impacto da modernidade sobre as noções de masculinidade no início do século XX na Cidade do México. E “Uma História Global da Sexualidade” co-editado com Eithne Luibhéid e Donna Guy.

O movimento LGBT Mexicano, nos seus anos iniciais, estava intimamente ligado aos movimentos de esquerda. Em 26 de julho de 1978, a Frente Homossexual de Ação Revolucionária (FHAR) organizou a primeira marcha LGBT, vinculada ao protesto em favor da Revolução Cubana, tendo a presença de cerca de 30 pessoas. Em 2 de outubro ocorre a manifestação para comemorar o décimo aniversário do “Movimento Maio de 1968” da França, que contou com a presença dos grupos LGBT: FLH, Lesbos, Oikabeth, Lambda Gay Liberation e Sex-Pol. Em 1979, a FHAR volta às ruas, em favor da Revolução Sandinista na Nicarágua.

Em junho de 1979, no aniversário da Rebelião de *Stonewall*, realizou-se a primeira manifestação em favor dos direitos dos homossexuais, tendo como principais questionamentos: a liberdade de expressão sexual, a repressão social e da polícia. A partir deste evento, celebra-se anualmente a marcha LGBT no Dia do Orgulho Gay. O protagonismo mexicano nas manifestações de esquerda e LGBT e os regimes militares, que tornaram ausentes deste processo importantes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Santiago, fizeram na década de 1970, a cidade do México, juntamente com Buenos Aires e San Juan, sede dos debates sobre discriminação sexual e ações para políticas de direitos LGBT.

Em 1973 a escritora, atriz e diretora de teatro, Nancy Cárdenas, tornou-se uma das primeiras ativistas dos direitos LGBT e a primeira personalidade mexicana a discutir abertamente a sua homossexualidade na televisão, tendo como inspiração os movimentos LGBT da Europa e dos Estados Unidos. Em 1982, pela primeira vez um partido político (Partido Revolucionario de los Trabajadores) apresenta um candidato a deputado federal abertamente homossexual, Rosario Ibarra.

Na década de 1980, os grupos LGBT mexicanos também focaram sua luta contra a AIDS, fazendo campanhas de prevenção e informação sobre relações sexuais seguras, além de informações sobre a própria doença. As manifestações, que se tornaram anuais, reivindicavam o fim da discriminação social contra os portadores de AIDS, especialmente no trabalho, hospitais, centros de saúde e medidas preventivas, tais como a promoção do uso de preservativos.

Na década de 1990, os movimentos sociais LGBT mexicanos começaram a protestar contra os assassinatos de homossexuais, e lutando pela cidadania LGBT defendendo o respeito à diversidade sexual. Em 1992, Elsa Patria Jiménez Flores e Gloria Careaga Pérez criaram a associação “*El Clóset de Sor Juana*”, que se tornou uma das associações LGBT mais importantes do país, sendo a única ONG mexicana credenciada pela Organização das Nações Unidas para a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres (1995). Em 1997, Patria Jiménez,

filiada ao Partido da Revolução Democrática, se tornou a primeira pessoa abertamente LGBT a ser eleita para uma cadeira no Congresso Nacional Mexicano.

Apesar desta relativa visibilidade, a homofobia é generalizada na sociedade mexicana. Em 2007, a Câmara dos Deputados do México informou que entre os anos de 1995 e 2003, 887 pessoas foram mortas em crimes homofóbicos, colocando o México como o segundo país com a maior taxa de crimes homofóbicos no mundo, perdendo somente para o Brasil. A maioria dos crimes, registrados, são contra homossexuais do sexo masculino, sendo que muitos são ignorados ou investigados com pouco interesse por parte da polícia, o que resulta na impunidade em 98% dos casos.

Ricardo Baruch, membro da Rede Gay Latino, afirma que o México é um país “relativamente avançado” no reconhecimento dos direitos LGBT no nível constitucional e através de protocolos criados pelo governo federal, mas isso não se reflete na sociedade, pois a violência contra LGBT não parou. Após a iniciativa do presidente Enrique Peña Nieto em favor do casamento igualitário, adoção por casais homossexuais e identidade de gênero, iniciou-se um “ataque aberto” por um setor da sociedade liderado pela “Frente Nacional por la Familia”. (OLVERA, 2017)

Segundo a organização Asistencia Legal por los Derechos Humanos (ASILEGAL), de janeiro de 2014 a dezembro de 2016, 202 pessoas LGBT, ou percebidas como tal, foram assassinadas no México por causa de sua orientação sexual, identidade ou expressão de gênero. Dos 202 assassinatos informados, 108 foram contra transgêneros (travestis, transgêneros e transexuais), 93 foram gays ou homossexuais e 1 lésbica.

Figura 15: Dados da Homofobia no México



Fonte: SinEmbargo, 2017.

As pessoas LGBT no México se organizam de várias maneiras para defender e lutar pelos seus direitos, seja através de organizações locais, de marchas e da Comissão para Denunciar Hate Crimes<sup>46</sup>. Estas organizações estão representadas em várias grandes cidades em todo o país (Cidade do México, Guadalajara, Monterrey, Tijuana e Puebla), sendo responsáveis por numerosas publicações sobre as temáticas e demandas LGBT.

A comunidade mexicana LGBT tem conquistado alguns direitos no início do século XXI: 2003 – Em 29 de abril foi aprovada a Lei Federal para Prevenir e Eliminar a Discriminação, formalizando o Conselho Nacional para Prevenção da Discriminação (CONAPRED), que é responsável por receber e resolver casos de discriminação, além de desenvolver ações para proteger todos os cidadãos de qualquer distinção ou exclusão, com base na origem étnica ou nacional, sexo, idade, deficiência, condição social ou econômica, saúde, gravidez, língua, religião, opinião, orientação sexual, estado civil ou qualquer outro que impedir ou anular o reconhecimento e exercício dos direitos e real igualdade de oportunidades para as pessoas. Desde a aprovação da lei federal, 16 estados emitiram leis estaduais tratando da discriminação e 13 criminalizaram a discriminação baseada na orientação sexual como uma infração penal.

2004 – Entram em vigor as emendas ao Código Civil da Cidade do México permitem que as pessoas transgêneras mudem o gênero e o nome em seus certificados de nascimento,

2006 – Em novembro foi promulgada a “Ley de Sociedad de Convivencia”. Em vigor desde 16 de março de 2007, prevê direitos semelhantes ao casamento, mas proíbe a adoção aos casais homossexuais.

2010 – Em 4 de março, entrou em vigor, na Cidade do México, a lei que permite o casamento homossexual com todos os direitos a lei (adoção, pedidos de empréstimos, direito herança e a partilha de apólices de seguro).

2010 – O dia 17 de maio foi decretado como o "Dia de tolerância e respeito às diferenças".

2011 – Os partidos de esquerda “Partido da Revolução Democrática”, “Partido Trabalhista”, “Convergência”, e o partido de centro “Partido Revolucionário Institucional”, incluem a emenda ao artigo 1º da Constituição Federal proibindo a discriminação baseada na orientação sexual.

2013 – As primeiras licenças de casamento do mesmo sexo foram emitidas no estado de Colima, depois que autoridades citaram a Constituição Federal, que proíbe a discriminação por orientação sexual e a decisão do Supremo que derrubou o mesmo sexo do estado de Oaxaca proibição de casamento. E o Segundo Tribunal do Distrito Federal do Estado de Colima decidiu

---

<sup>46</sup> Crimes de Ódio.

que o Código Civil do Estado era inconstitucional em limitar o casamento a casais de sexo oposto.

2014 – Em Jalisco entra em vigor a lei que permite as uniões civis do mesmo sexo, o Congresso de Coahuila legalizou a adoção por casais do mesmo sexo, ao revogar o artigo 385-7 do Código Civil. Em 21 de março o México declara, por decreto presidencial, 17 de maio como o Dia Nacional contra a Homofobia.

2015 – Em 12 de junho, a Suprema Corte de Justiça da Nação (SCJN), através da jurisprudência 43/2015, determinou que são inconstitucionais todos os Códigos Civis estaduais que considerarem como casamento apenas a união entre homem e mulher.

2016 – O Supremo Tribunal Mexicano eliminou por unanimidade a proibição do casamento do mesmo sexo, finalizou a decisão no processo de adoção contra Campeche e emitiu uma jurisprudência nacional que vincula todos os juízes dos tribunais inferiores a se pronunciarem a favor de casais do mesmo sexo buscando adoção e direitos parentais.

#### 4.1.5 Movimento Social LGBT no Brasil

Segundo James Green (2000) e Edward Macrae (1990), a constituição Movimento Social LGBT no Brasil foi marcada pela afirmação de um projeto de politização da questão da homossexualidade em contraste às alternativas “não politizadas”, voltadas exclusivamente para a “sociabilidade”, como os pequenos jornais distribuídos em bares, fã-clubes de artistas e bailes de carnaval onde homossexuais se encontravam.

Regina Facchini (2016) divide as origens do Movimento Social LGBT brasileiro em “ondas”, a primeira entre fins da década de 70 e os anos 1980, constituída pelas mobilizações acontecidas em outros países americanos desde fins da década de 1960 e pelas redes de sociabilidade estabelecidas nas grandes cidades com Buenos Aires, Cidade do México, San Juan e New York.

Aliados aos Movimentos Feministas e Negro, os primeiros ativistas homossexuais passaram a se visibilizar, no final dos anos 1970, em meio a ditadura civil-militar (1964-1985), através de publicações alternativas, entre elas, destaque: o jornal “Lampião da Esquina”, fundado em 1978 no Rio de Janeiro, era abertamente homossexual, frequentemente denunciava a violência contra os LGBT, embora abordasse também outras questões sociais; e o jornal “ChanacomChana”, fundado em 1981 por grupo de lésbicas e comercializado no Ferro’s Bar, como a venda do jornal não era aprovada pelos donos do local, em 1983, expulsaram as mulheres de lá, o que provocou um grande protesto de lésbicas, feministas e ativistas LGBT,

que no dia 19 de agosto se reuniram em frente ao Ferro's Bar, em um ato político que resultou no fim da proibição da venda do jornal, ficando conhecido como o “Stonewall brasileiro” marcou o dia 19 de agosto, como o Dia do Orgulho Lésbico no Brasil.

A primeira onda é um período do Movimento LGBT brasileiro de caráter fortemente antiautoritário, em reação ao contexto da ditadura. Os coletivos eram, basicamente, grupos de reflexão, não institucionalizados, que tinham coordenações rotativas para evitar concentração de poder, priorizando a produção de uma identidade coletiva de “homossexual ativista”, pessoas que compartilhavam uma mesma “condição” e necessidades, uma “comunidade de iguais”. Como exemplo, cito o grupo paulista Somos de Afirmação Homossexual, permitia somente homossexuais, tinha como objetivo o compartilhamento das experiências pessoais e o esvaziamento do conceito pejorativo das palavras “bicha” e “lésbica”.

Com a agregação de um número maior de ativistas, o Somos ampliou tanto seus objetivos como suas abordagens práticas: abolição das hierarquias de gênero; a luta contra a repressão sexual, fonte de autoritarismo e de produção de violência e desigualdade, através da reflexão sobre a sujeição do indivíduo às convenções de uma sociedade sexista; e a construção de espaços onde a diversidade sexual podia ser afirmada.

Esta caminhada possibilitou em 1979, o primeiro encontro de homossexuais militantes no Rio de Janeiro, que propunha: reivindicar a inclusão do respeito à “opção sexual” na Constituição Federal; lutar contra a patologização, através de uma campanha para retirar a homossexualidade da lista de doenças; e convocar, para 1980 em São Paulo, o primeiro encontro de um grupo de homossexuais organizados.

Até o início dos anos de 1980, o Brasil contava com 20 grupos LGBT, mas começou um esvaziamento devido os estágios finais da ditadura militar que abalou os movimentos sociais no Brasil e a eclosão da epidemia de Aids. Em 1981 “O Lâmpião” deixou de ser publicado; em 1983 o grupo Somos se dissolveu; em 1984 passamos de 20 grupos para 7; e em 1985 somente 6 grupos. Segundo Regina Facchini (2016), este período que se inicia na década de 1980 onde ocorre um aumento da visibilidade da homossexualidade associada à Aids, a expansão do mercado de bens e serviços para público homossexual, é o período que conceitua como “segunda onda”.

Como ocorreu em outros países, a epidemia da Aids afetou muito o movimento LGBT, pois os homossexuais, principalmente homens, passaram a ser estigmatizados por serem o vetor da “doença mortal” e a pauta pela liberação sexual se esvaziou, muitos militantes saíram de seus grupos para atuarem diretamente contra a epidemia. Neste contexto tomam a frente do movimento os grupos: Grupo Gay da Bahia (GGB) fundado em Salvador (1980) e o Triângulo

Rosa, fundado no Rio (1985). Somente em 1992 se constitui a primeira associação travesti do país, a Associação das Travestis e Liberados (Astral).

O Movimento Social LGBT brasileiro necessitava uma nova pauta e novas formas de atuação, os grupos já não podiam utilizar modelo de organização comunitária autônoma e seu foco já não pode ser de transformação da sociedade em todos os seus aspectos (econômico, político e jurídico). Assim passamos a ter organizações formais com diretoria, cargos e funções definidas, as ações voltam-se para a garantia dos direitos civis e contra as discriminações/violências e valorização das relações com os movimentos internacionais na construção de uma imagem pública mais “aceitável”.

Um exemplo disso é a troca do termo “opção sexual” por “orientação sexual”, afastando homossexualidade da “condição inata”, não é uma escolha nem uma determinação biológica. O foco da luta passa para as questões legais de despatologização, afirmação e garantia dos direitos humanos para LGBT.

Boa parte da pauta de reivindicações do movimento LGBT atual já estava entre as demandas dos militantes homossexuais dos anos 1980. Em 1984, no encontro nacional de ativistas ocorrido na Bahia, a luta era pela despatologização da homossexualidade, por legislação antidiscriminatória, pela legalização do que na época se denominava como “casamento gay”, por tratamento positivo da homossexualidade na mídia e pela inclusão da educação sexual nos currículos escolares. (FACCHINI, 2016, s/p)

A partir da década de 1990, o Movimento Social LGBT cresceu e tomou o formato de organização não-governamental (ONG), possibilitando coordenar projetos financiados por programas estatais. Infelizmente a entrada das pautas do movimento nas políticas públicas deu-se pela política de saúde (combate às DSTs e Aids) e não pelo reconhecimento das demandas de cidadania de LGBT. Mas também se diversificou com outros tipos de organizações, além das ONGs, grupos comunitários, grupos religiosos, setores de partidos políticos e acadêmicos (grupos de pesquisa). Passamos então para a “terceira onda” do Movimento Social LGBT brasileiro. (FACCHINI, 2016)

A “terceira onda” tem como característica principal as demandas identitárias específicas dos vários sujeitos que constituíram o movimento. Em um primeiro momento podemos achar que houve uma divisão, até mesmo um enfraquecimento, pois passamos a ter grupos exclusivos – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersex. Mas, não é o que ocorreu, como aconteceu em outros movimentos como o Feminista e o Negro as pautas gerais não abarcavam os problemas específicos de cada coletivo. Por exemplo, o coletivo travesti tinha como ponto de partida as questões relacionadas ao impacto da Aids e o aumento dos casos de violência; o

coletivo transexual as demandas estavam relacionadas às lutas por acesso às cirurgias experimentais de transgenitalização (legalizada em 1997); o coletivo de lésbicas direcionava suas pautas para a luta contra o patriarcado e violência contra as mulheres.

Em 1995, funda-se a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT) reunindo cerca de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil, sendo considerada a maior rede LGBT na América Latina. A partir disso ocorre uma multiplicação de redes nacionais: Associação Brasileira de Lésbicas (ABL), Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), Associação Nacional de Travestis (Antra), Coletivo Nacional de Transexuais (CNT), Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB) e Rede Afro LGBT. E o Movimento Social LGBT passa a conquistar uma visibilidade pública através das Paradas do Orgulho LGBT, unindo protesto e celebração, se espalham por todo o país reivindicando a garantia dos Direitos Humanos, principalmente, a livre expressão de gênero e de sexualidade.

Em 2008, foi realizada a I Conferência Nacional LGBT com o tema “Direitos Humanos e Políticas Públicas: o caminho para garantir a cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais”. Ao debater como eixos temáticos Direitos Humanos, Saúde, Educação, Justiça e Segurança Pública, Cultura, Comunicação, Turismo, Trabalho e Emprego, Previdência Social, Cidades e Esportes, a Conferência Nacional, em consonância com as Conferências Estaduais, teve como objetivos: 1. Propor as diretrizes para a implementação de políticas públicas e o plano de promoção da cidadania e dos direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais; 2. Avaliar e propor estratégias para fortalecer o Programa Brasil sem Homofobia. Os resultados desta Conferência histórica devem orientar também as nossas práticas educativas. (BRASIL, 2009, p. 138)

Em dezembro de 2011 ocorreu a 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos de LGBT, tendo como tema “Por um país livre da pobreza e da discriminação, promovendo a cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais” e objetivos: avaliar e propor as diretrizes para a implementação de políticas públicas voltadas ao combate à discriminação e promoção dos direitos humanos e cidadania de LGBT no país; avaliar a implementação e execução do Plano Nacional de Promoção LGBT e propor estratégias para seu fortalecimento.

Entre 2011 e 2016, data da 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT, ocorrem várias mudanças políticas e sociais no Brasil, desde o aumento de instituições e entidades de identificação fundamentalista, como partidos políticos de extrema direita, que propõem volta da intervenção militar e leis contra os direitos humanos, igrejas que fazem apologia ao racismo, homofobia e sexismo, até comunidades *on-line* de propagação do ódio as minorias. A resposta reacionária a conquista de direitos pelas minorias, principalmente da população LGBT, veio

com o resultado das eleições de 2014 para o legislativo onde temos o congresso nacional mais conservador de todos os tempos, ganhando até do período da ditadura militar.

No Brasil ocorreu em 2013, com as Jornadas de Junho, através de bloqueios de ruas e avenidas a população protestou contra as péssimas condições de vida e os desmandos e arbitrariedades dos governantes.

As Jornadas de Junho abriram um ciclo de protestos intimamente ligado às ocupações das escolas em 2015, nos estados de São Paulo e Goiás, e em 2016, nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná. Ocupando ruas, avenidas, espaços e equipamentos públicos, reivindicam pautas como o direito à mobilidade, à educação e sua insatisfação com o “Golpe Parlamentar” impetrado à Presidenta Dilma, a falta de legitimidade do Governo de Michel Temer e a PEC 241 (atual PEC 55). (RATTO; GRESPLAN; HADLER, 2017, p. 102-103)

Como tema “Por um Brasil que criminalize a LGBTfobia” a 3ª Conferência Nacional LGBT aprovou 192 propostas na expectativa de se construir políticas públicas que respondam às necessidades e demandas LGBT, além da assinatura e publicação no Diário Oficial da União do Decreto Presidencial N° 8.727, de 28 de abril de 2016, que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional.

Uma cronologia dos principais direitos alcançados pelos LGBT brasileiros:

1830 – D. Pedro I assinou o código penal do Império eliminando todas as referências à sodomia;

1989 – A lei orgânica do Distrito Federal e as constituições dos estados de Mato Grosso, Santa Catarina e Sergipe explicitamente proibiram discriminação com base na orientação sexual, seguidos por Alagoas e Pará através de emenda constitucional;

1999 – O Conselho Federal de Psicologia, por meio de resolução, define que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão, sendo que a mesma, proibiu os profissionais a oferecer e nem participar de eventos e serviços que proponham tratamento e cura da homossexualidade;

2004 – O Rio Grande do Sul determinou aos cartórios de Títulos e Documentos que registrem uniões homossexuais;

2006 – Sancionada a Lei Maria da Penha (Lei n.º 11.340/06), a primeira lei federal no país a prever expressamente a união homossexual;

2009 – O artigo 14, inciso 3 da Constituição do Estado do Ceará foi alterada pela Emenda Constitucional n.º 65, de 16 de setembro de 2009, que proibiu qualquer tipo de discriminação com base na orientação sexual e incluindo como um dos princípios do Estado do Ceará combater qualquer tipo de preconceito (incluindo com base na orientação sexual). Desde 2009

o Estado do Ceará, tornou-se a primeira e única unidade federativa do Brasil a se comprometer em acabar com qualquer forma de preconceito e opressão;

2010 – O Ministério da Fazenda, através de uma portaria, estendeu o direito de declaração conjunta para casais homossexuais;

2011 – O STF equiparou as relações entre pessoas do mesmo sexo à de união estável;

2013 – O CNJ emitiu a Resolução 175 que proibiu que os cartórios recusem a habilitação ao casamento entre pessoas de mesmo sexo;

2016 – A presidente Dilma Rousseff assinou um decreto que permitiu transexuais e travestis usarem seu nome social em todos os órgãos públicos, autarquias e empresas estatais federais.

#### 4.1.6 ONGs pesquisadas e a Rede de Movimento Social LGBT

A emergência das TCIs, constituiu um novo sujeito político, internacionalmente articulado nas redes de movimentos sociais, muitas vezes transcontinentais e com múltiplas funções desde conscientização até ações planetárias para resolução de problemas globais. Nessa direção Ilse Scherer-Warren (2006) afirma que na sociedade da informação, os movimentos sociais se configuram diferentemente e temos que analisá-los pelos prismas da temporalidade, espacialidade e sociabilidade, ou seja, ter um outro olhar para os tempos sociais distintos, novas territorialidades, interações e relações sociais (intensidade, alcance, intenções e conectividade).

Esta pesquisa esteve voltada para a Rede de Movimentos Sociais LGBT, que tem desenvolvido capacidades de articulação em redes sociais *on-line*, especificamente o *Facebook*, tendo por objetivos compartilhar conhecimentos, experiências, ampliar as mobilizações e interações que visam possibilitar projetos de vida entre jovens. As ONGs estudadas utilizam a internet como um ambiente adicional de interação, um espaço público complementar, como afirmaram alguns/mas entrevistad@s:

*As redes sociais possuem uma grande capacidade de mobilizar pessoas e dar visibilidade a todo o tipo de lutas, podendo chegar facilmente e rapidamente a muita gente, que se podem juntar à luta política e dar-lhe força.* (Gonçalo Rodrigues, Rede Ex Aequo)

*Tem ajudado a conscientizar e sensibilizar um número maior da população em relação as discriminações por orientação de gênero e de sexualidade, mas não tenho ideia se isto faz com que mais pessoas participem dos atos, como a Marcha do Orgulho LGBT.* (Lucila Lancioni, FALGBT)

Segundo Ilse Scherer-Warren (2006), a sociedade civil contemporânea é uma sociedade de redes: organizacionais, inter-organizacionais, de movimentos e de formação de parcerias;

que constitui novos espaços participação. Neste contexto, as Redes de Movimentos Sociais transpõem as fronteiras: territoriais, articulando desde ações locais às transnacionais; temporais, lutando pela indivisibilidade de direitos humanos em suas diversas agendas; sociais, compreendendo o pluralismo, o respeito às diferenças, a autonomia da sociedade civil organizada e os limites éticos. “Essa é a nova utopia do ativismo: mudanças com engajamento com as causas sociais dos excluídos e discriminados e com defesa da democracia na diversidade”. (SCHERER-WARREN, 2006, p.127)

Nas Redes de Movimento Social encontramos no primeiro nível o *associativismo* local (movimentos comunitários, associações civis, ONGs e sujeitos sociais), posso citar como exemplo as ONGs que participam da FALGBT, que se organizam em um local específico (cidade) e vêm buscando uma articulação nacional e transnacionais com outras ONGs LGBT. No segundo nível vem as *articulações inter-organizacionais* (fóruns, conferências, ONGs nacionais e redes de sujeitos sociais), representam os associativismos locais na mediação e parceria com instituições públicas. As articulações são viabilizadas pelas redes sociais *on-line* (*Facebook, Instagram, Whatsapp, e-mail, Blogg, Site*), pois os encontros presenciais são circunstanciais e espaçados.

No terceiro nível estão as mobilizações públicas articuladas pelas redes com objetivo produzir visibilidade midiática, no sentido político-pedagógico, aqui posso citar as Paradas do Orgulho LGBT em grandes metrópoles (Buenos Aires, São Paulo, Lisboa e Cidade do México) coordenadas pela FALGBT, ABGLT, ILGA-PT e Yaaj. A rede de movimento social é este processo articulatório entre sujeitos coletivos com objetivos e valores comuns, que se constituem em torno da identificação, da demarcação dos opositores e de um projeto, mesmo que utópico, sendo um processo que resulta de múltiplas articulações.

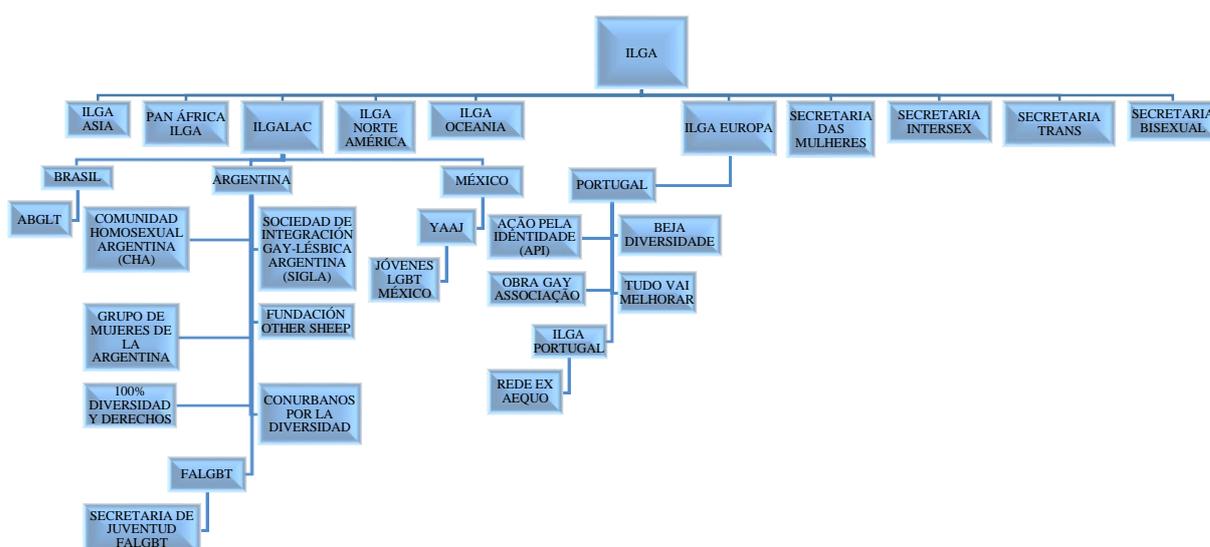
Figura 16: Site da ILGA



Fonte: <https://ilga.org/es>

No caso da Rede de Movimento Social LGBT, exemplifico com um organograma (Gráfico 5), iniciando pela organização internacional Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex (ILGA), fundada em 1978, com status consultivo no Conselho Econômico e Social (ECOSOC)<sup>47</sup>, tem por objetivo falar e defender, em fóruns internacionais, mais de 1.322 organizações membros em 141 países, que são sediados em regiões (quadro 19). Financiada por governos, fundações privadas e doadores privados, que contribuem para a luta por aqueles que enfrentam discriminação por causa de sua orientação sexual, identidade de gênero, expressão de gênero e características sexuais.

Gráfico 5: Rede ILGA



Fonte: Autora

<sup>47</sup> Órgão coordenador do trabalho econômico e social da ONU, das Agências Especializadas e das demais instituições integrantes do Sistema das Nações Unidas, formula recomendações e inicia atividades relacionadas com o desenvolvimento, comércio internacional, industrialização, recursos naturais, direitos humanos, condição da mulher, população, ciência e tecnologia, prevenção do crime, bem-estar social e muitas outras questões econômicas e sociais.



## 2. Membros Associados:

- EUR 300 para Organizações registradas como membros associados.

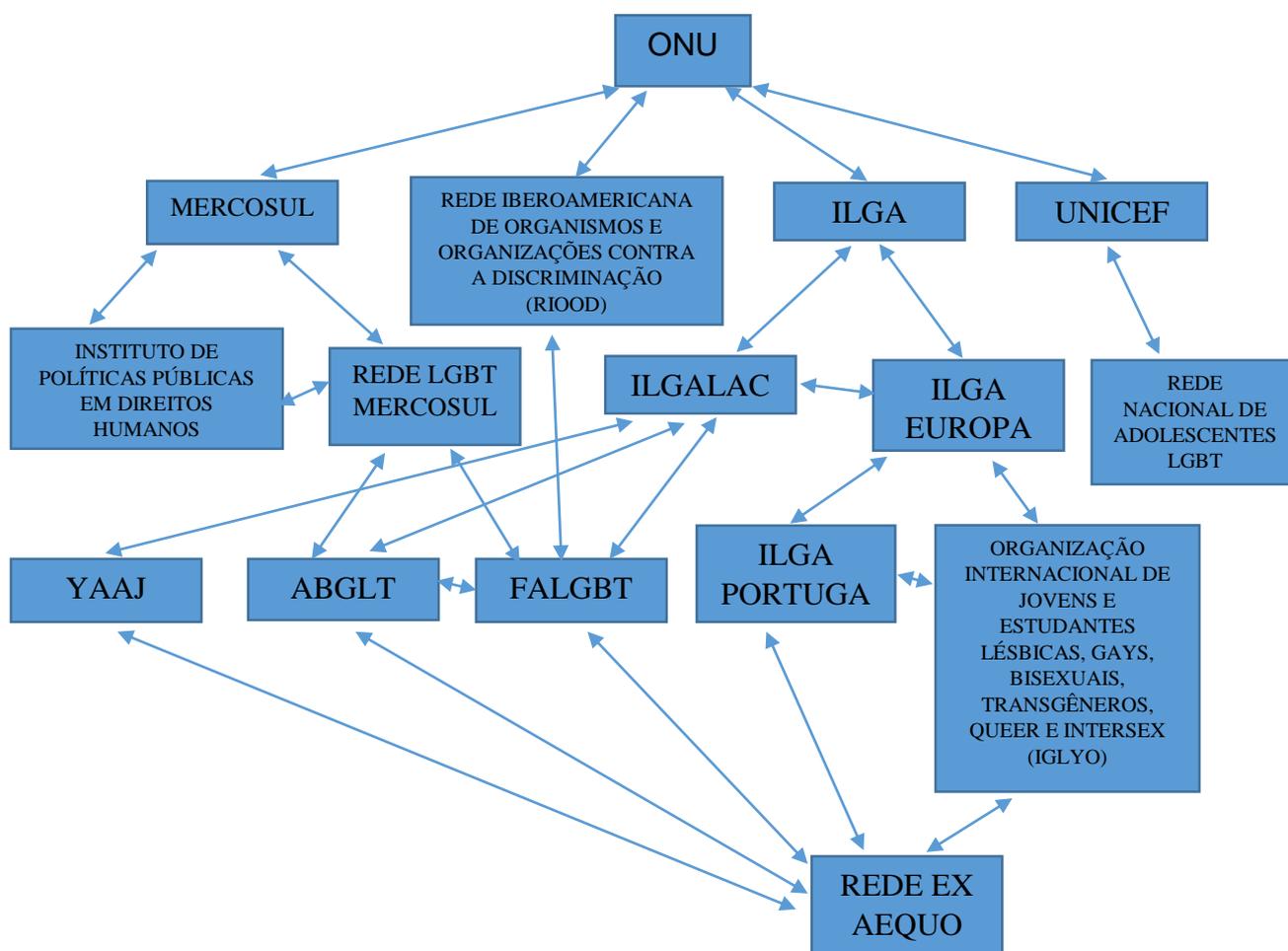
A região ILGA Latinoamérica y el Caribe (ILGALAC) se subdivide em sub-regiões:

- Sur: Chile, Argentina, Paraguai e Uruguai.
- Andina: Venezuela, Colômbia, Equador, Perú e Bolívia.
- Centro América: Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e Panamá.
- El Caribe: Antígua e Barbuda, Aruba, Bahamas, Barbados, Cuba, Dominica, Granada, Guadalupe, Guayana, Guiana Francesa, Haiti, Ilhas Cayman, Ilas Turcas e Caicos, Ilas Virgens, Jamaica, Martinica, San Cristóbal e Nieves, San Vicente e Granadinas, Puerto Rico, República Dominicana, Santa Lucía, Surinam, Trinidad e Tobago e Belice.
- Brasil
- México

A região ILGA-Europa não se subdivide, mas identifica as organizações membros por país, no caso dessa tese, Portugal é o país pesquisado no continente europeu, sendo que as organizações filiadas são: Ação Pela Identidade – API, Beja Diversidades, ILGA Portugal, Obra Gay Associação e Tudo Vai Melhorar.

O Gráfico 5 representa a rede na qual a ILGA como nó principal, uma associação mundialmente interligada com outras organizações do movimento LGBT. Já o Gráfico 6 representa a rede do movimento social LGBT tendo a Organização das Nações Unidas (ONU) como o nó principal, e as organizações que se relacionam sob o tema discriminação LGBT.

Gráfico 6: Rede do Movimento Social LGBT na América Latina e Portugal



Fonte: Autora

Michael Hardt e Antonio Negri autores dos livros “Império” (2001) e “Multidão” (2004) analisam a nova soberania, como um “poder em rede” onde se relacionam Estados-Nação dominantes, instituições supranacionais, grandes corporações capitalistas e outros poderes, formada para preservar a ordem global que só é capaz através da forma de poder imperialista, que se pauta pela guerra perpétua como instrumento de domínio. E como uma alternativa democrática constituída dentro do Império, uma rede aberta e em constante expansão, local de expressão livre e igualitária das diferenças, que proporciona meios de vivermos juntos, através da coordenação de alianças e de agendas diferentes. Esta rede seria a “Multidão” uma organização social capaz de agir em conjunto através de lutas comuns nacionais e supranacionais.

O conceito de “multidão” se contrapõe aos conceitos de povo e massa, pois estes, através dos dispositivos de sujeição, criam uma falsa unidade submetida ao soberano e uma representação de corpo social irracional e perigoso. A “multidão” direciona nosso olhar para as

fissuras, as linhas de fuga, nos fazendo perceber que “massa” é indiferença e retomando a noção de multiplicidade como articulação de inúmeros elementos que produzem constante a diferença. Um corpo biopolítico coletivo que constitui novos modos de relação e de vida.

O povo é uno. A multidão, em contrapartida, é múltipla. A multidão é composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – diferentes culturas, raças, étnicas, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares. (HARDT; NEGRI, 2004, p. 12)

Um exemplo desta multidão é a Rede de Movimento Social LGBT (Gráfico 6) que consegue agir em conjunto, não só para as demandas LGBT, mas também demandas mais globais como: violência contra as mulheres, reformas trabalhistas, recursos do ecossistema, etc, ou seja, conseguem em uma pauta maior trazer o viés LGBT. Esta rede estabelecida pelos atores, organizações e movimentos sociais constituem as conexões políticas, simbólicas, inf/comunicacionais locais, nacionais ou transnacionais, ou seja, uma rede glocal de movimentos sociais. Neste viés Ilse Scherer-Warren (2006) afirma que

Concebemos os movimentos sociais, em um mundo globalizado e multicultural, como redes de interação e prática social, simbólica e política, as quais são pouco formalizadas e institucionalizadas. Essas redes conectam cidadãos, grupos e organizações da sociedade civil engajados em torno de conflitos ou no apelo a uma solidariedade comum, baseando-se em projetos políticos ou culturais, construídos em tomo de identificações e valores coletivos. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 28)

A Rede do Movimento Social LGBT pode ser exemplificada pelo compartilhamento de notícias, de atividades públicas e culturais, cito algumas publicações que foram compartilhadas nas *fan pages* pesquisadas:

- Rede Nacional de Adolescentes LGBT: “Por que 2 meninos se beijando nos choca?” (27.11.17); “Ambiente virtual de participação de adolescentes” (01.12.17); “Nome social em todas as escolas” (18.01.18).
- FALGBT: “Los cruzados antiaborto – Entre Rios Ahora” (07.11.17), “Polémica en Turquía: en Ankara prohibieron la exhibición de películas, obras de teatros y shows relacionados a la comunidad LGBT” (21.11.17), “Marcha do Día internacional contra a violencia contra as mulheres” (24.11.17), “Con lágrimas en los ojos, Trudeau pidió perdón por la represión del estado canadiense contra los gays” (30.11.17), “1º de Diciembre Día Mundial de la Respuesta ante el VIH/SIDA - #LEYINTEGRALTRANS

- YA” (01.12.17), “A construcción de la igualdad real también se hace em casa” (15.12.17), “En Argentina los diagnósticos basados en la orientación sexual o la identidad de género están prohibidos por la ley de salud mental” (30.01.18), “5 lecciones que dejó el matrimonio igualitario para la campaña por el aborto libre” (26.02.18).
- Jóvenes LGBT México: “Presentan en la IBERO guía ‘Universidades libres de violencia’” (24.11.17), “#Stalking: El activismo y su ciclo de vida” (12.12.17), “Pink afirma que educa a sus hijos bajo la idea del género neutro” (18.12.17), “Lo mejor y lo peor en assuntos LGBT+ del 2017” (01.01.18), “Woman Suffrage” (13.02.18).
  - Rede Ex Aequo: “Rip 2 my Youth” (01.11.17), “Aula de igualdade de gênero para crianças do Quênia” (02.11.17), “Depois de ser rejeitado por 90 casais, Daniel foi adotado por Leandro e Diego. Como ser contra?” (05.11.17), “Um discurso inspirador da atriz Sara Ramirez sobre a bissexualidade, para começar bem a semana!” (13.11.17), “Australia Votes ‘Yes’ on Same-Sex Marriage, Clearing Path for Legalization” (14.11.17), “Transformações de 8 Drag Queens” (15.11.17), “Paola Carosella, jurada do MasterChef Brasil, tem um projeto de formação gratuita sobre gastronomia para pessoas transexuais” (28.11.17), “Justin Trudeau, 1º Ministro do Canadá pede desculpas em nome do governo, do parlamento e de todo povo do Canadá, pela opressão, criminalização e violência face a comunidade LGBTI!” (02.12.17), “Ninguém precisa de ser trans para lutar contra a transfobia” Palmas para a atriz brasileira Carol Duarte” (15.12.17), “Single Step” (04.01.18), “Walking while trans: dating” (07.01.18), The Powerpuff Girls (10.01.18), “Quando questionada sobre a transição do seu filho Thamy, Gretchen respondeu assim!”, (29.01.18).

Para Wellington Tavares e Ana Paula Paes de Paula (2013), um ponto importante de discussão sobre as redes de movimentos sociais são as múltiplas participações em movimentos sociais (estudantis, políticos, religiosos) permitidas pelas múltiplas afiliações que possibilitam aos atores sociais e organizações terem acesso a diferentes áreas, estabelecer relações de confiança e articular iniciativas. Isso, “leva a crer que as redes de movimentos são extremamente interligadas”, uma multidão. (TAVARES; PAULA, 2013, p. 12)

#### **4.2 Ativismo *On-line* LGBT: o direito a reivindicação da liberdade**

Algumas/ns autor@s partilham da ideia que, nas últimas décadas, o ativismo e a militância estão perdendo fôlego, se pensarmos na militância “revolucionária”, provavelmente sim, mas

um tipo de ativismo vem crescendo, aquele que tem como base os valores democráticos, solidários e cooperativos, com ações voltadas para as vidas mais precárias, ou seja, que considera a articulação discursiva de atores coletivos diversos. Juntamente com este novo ativismo a militância passa a se reconstruir, não existindo mais a divisão das ONGs em produtoras de conhecimento, ativistas e prestadoras de serviço, e sim a constituição de organizações híbridas que mesclam as suas formas de atuação.

A afirmação acima se concretiza nas ONGs pesquisadas, através dos dados produzidos no mês de novembro de 2017, com múltiplas formas de atuação, por exemplo:

#### 1. FALGBT

- Produção de Conhecimento: “Encuentro Federal de Familias Diversas” (01.11.17), Encuentro Nacional de Diversidad (01.11.17), II Palestra Legislativa sobre Violencia Institucional no Casa Trans (09.11.17), Jornada sobre diversidad sexual y derechos humanos (10.11.17), Seminario de Formación – Política, Ciudadanía y Derechos Humanos (13.11.17), Foro Internacional del Orgullo y la Inclusión (17.11.17), Panel sobre estrategias de comunicación: redes sociales, páginas web (20.11.17), Charla debate: diversidad y salud herramientas para mejorar la atención de la comunidade (23.11.17).
- Ativismo: XXVI Marcha del Orgullo LGBTIQ (01.11.17), Marcha para pedir Justicia por Santiago Maldonado (02.11.17), Inauguración del primer Centro Integral de la Mujer de la Ciudad de Buenos Aires (02.11.17), Celebración por el Dia Nacional de lxs Afroargentinxs y de la Cultura Afro (08.11.17), Nota de Repúdio Denuncia de Mendoza (10.11.17), Presentación de proyectos inclusivos de la diversidad sexual sobre la Ley Antidiscriminatoria (15.11.18), Plenario de cierre sobre salud, inclusión laboral, legislación e educación (19.11.17), V Marcha del Orgullo LGBTIQ de Bariloche (19.11.17), Nota FALGBT sobre un ataque discriminatorio en la Marcha del Orgullo de CABA (21.11.17), 7ª Marcha del Orgullo LGBTIQ – San Fernando Del valle de Catamarca (21.11.17), Para conmemorar el día de la no violencia hacia las mujeres nos ponemos la camiseta! (22.11.17), Nota de repudio contra el hostigamiento y persecución a Keily González (23.11.17), Marcha do Día internacional contra a violencia contra as mulheres (25.11.17), 2ª Reunión do Consuelo Consultivo sobre diversidad sexual (30.11.17).
- Prestação de serviço: Capacitación sobre diversidad sexual para estudiantes de la Escuela Nº 1 de Cerámica del barrio de Almagro/Buenos Aires (02.11.17),

Capacitaciones sobre diversidad para estudiantes de 1º y 2º año da Escuela Media del Polo Educativo de la Vila 20 Lugano/Buenos Aires (06.11.17), 32. Capacitación em el Seminario de Formación Política, Ciudadanía y Derechos Humanos en Casa Trans (06.11.17), Capacitación sobre diversidad sexual em el Hospital Fernández (07.11.17), Acompañamos ai niño Fabrizio, junto con su familia, a realizarse el cambio registral que le garantiza la Ley de Identidad de Género en nuestro país (08.11.17), Capacitación en el marco del Seminario Igualdad y No Discriminación de la Facultad de Periodismo y Comunicación de la Universidad Nacional de La Prata (08.11.17), Formación sobre Identidad de Género no escuela de Erm N° 3 do barrio de Villa Crespo (09.11.17), Treinamento sobre Identidad de género para Hospital Muñiz da Ciudad de Buenos Aires (10.11.17), Formación sobre diversidad sexual no escuela de Comercio n° 27 Antartida Argentina (10.11.17), Capacitación en el seminario igualdad y no discriminación no facultad de jornalismo y comunicación de la Universidad Nacional del Plata (16.11.17), Seminario Igualdad y no Discriminación – facultad de jornalismo e comunicación – Universidad Nacional de Prata (23.11.17), Torneo Nacional por la Inclusión (24.11.17), Registro civil de Blake filho de Carmen y Sebastian (24.11.17).

## 2. Rede Ex Aequo

- Produção de Conhecimento: Encontro Científico – “O portador de VIH-SIDA em contexto laboral” (21.11.17).
- Ativismo: Bullying Homofóbico e Transfóbico – reunião para jovens entre os 16 e os 30 anos (12.11.17), VII Encontro do Grupo V – Violência Interpessoal al Longo do ciclo Vital – pensar a Prevenção Painel sobre Bullying homofóbico e famílias não normativas (24.11.17).
- Prestação de serviço: Núcleo LGBTI do Porto – Comunicação Social e Média (21.11.17), Núcleo LGBTI Lisboa – Relacionamentos (21.11.17).

## 3. Jóvenes LGBT México

- Produção de Conhecimento: XI Congresso Nacional de Educación Sexual y Sexologia FEMESS (01.11.17).
- Ativismo: Presentación de la guía: Universidades Libres de Violencia (07.11.17), Apresentação del dossier e foro “Por una terapia de aceptación y no conversión” (26.11.17).

- Prestação de Serviço: Guia Universidades Libres de Violencia y Discriminación por Orientación Sexual o Identidad de Género (22.11.17).

#### 4. Rede Nacional de Adolescentes LGBT

- Produção de Conhecimento: Que tal ser coordenador/a local da rede nacional de adolescentes LGBT? (18.11.17)
- Ativismo: Nota de repúdio à censura a discussão sobre diversidade de gênero na escola municipal Denise Tavares (28.11.17)
- Prestação de Serviço: Oportunidade – Chamada para voluntariado (14.11.17)

#### 4.2.1 Ciberativismo e a Heterotopia *On-line*

As redes sociais *on-line*, neste caso o *Facebook*, afetam a ação coletiva, podendo ampliar a oportunidade d@s ator@s sociais de se envolverem e fortalecerem o ativismo e, ao mesmo tempo, são o produto resultante dessas relações. As autoras Joicemengue Ribeiro Machado, Ana Vilma Tijiboy defendem a contribuição das redes sociais *on-line* como espaços de aprendizado coletivo, de cooperação de conhecimento para “a mobilização dos saberes, o reconhecimento das diferentes identidades e a articulação dos pensamentos que compõem a coletividade”. (MACHADO; TIJIBOY, 2005, p. 8)

Os autores Donatella Della Porta e Mario Diani (2006) discordam em parte da afirmação anterior, para eles as redes sociais *on-line* não são o fator preponderante para estabelecer laços ativistas, pois alguns movimentos sociais, que já estão fortalecidos, têm maior capacidade de encorajar o ativismo. Além disso apontam que as relações em rede *on-line* podem até desencorajar indivíduos a se engajar em grupos que aparentemente tem o mesmo objetivo.

Para Ilse Scherer-Warren (2006) o ciberativismo são redes sociais *on-line* intencionais que “transcendem as fronteiras espaciais das redes presenciais, criando, portanto, territórios *on-line* cujas configurações são definidas por adesões a uma causa ou por afinidades políticas, culturais ou ideológicas”, que podem revitalizar as lutas por direitos, pois muitos sujeitos procuram este novo território (Heterotopia *on-line*) para se expressar, mesmo que anarquicamente fortalece a democracia. Já Jorge Alberto S. Machado (2007) alerta, que nesta anarcodemocracia virtual, existem zonas de descontrole e irresponsabilidade, o “hacktivismo” e o “ciberterrorismo”, que são responsáveis por ataques *on-line* a diversas organizações, um exemplo são as ações do grupo intitulado como *Anonymous*. (SCHERER-WARREN, 2006, p. 83)

Esse outro espaço<sup>48</sup>, a Heterotopia *On-line*, é lugar de liberação, de conexão mundial e de reconfiguração, um espaço coletivo de transformação através de novas tecnologias, por exemplo, os dispositivos móveis. Segundo relatório “Digital in 2018”<sup>49</sup>, divulgado pelos serviços *on-line Hootsuite e We Are Social*, em 2017 mais de 5 bilhões de pessoas (67% da população mundial) utilizam algum tipo de dispositivo móvel no mundo, sendo que, apenas, 51% desse total (3,8 bilhões) têm acesso à internet. Mesmo que tenhamos mais usuáři@s de telefones celulares do que de internet, do montante de 5 bilhões de pessoas com dispositivo móveis, 4 bilhões (80%) utilizam smartphones, que proporcionam um permanente *on-line*, um meio de comunicação e de registro das ações, a arma de luta dos ciberativistas na construção de espaços de aprendizagem política e social, de autorepresentação e de coletividade.

Os dispositivos móveis apresentaram a possibilidade de expandir o território comunicacional, melhorar a visualização do cenário político, movimentar o espaço urbano e mostrar como a liberação da palavra na Internet pode transformar a opinião pública em produção cultural e política através das redes sociais virtuais. Sob tal ótica, a cidade passa a ser uma cibercid@de. Nestes territórios móveis – celulares, notebook, Internet portátil, instrumentos sem fio, etc. – a palavra também se torna fluida e a dimensão comunicacional vai marcando uma mobilidade nômade, a qual convoca a um deslocamento dos corpos e da produção de conhecimento. (RATTO; GRESPLAN; HADLER, 2017, p. 104)

André Lemos e Pierre Lévy (2010) coadunam com a autora Ilse Scherer-Warren, para eles o “progresso” não é mais assegurado pelas “grandes narrativas” (leis da história), mas por estar conectado, a onipresença das tecnologias digitais, da economia do conhecimento, das indústrias de entretenimento ou da cultura de consumo, incorporados nas mais diversas esferas. E a partir dessa onipresença, podemos ser capazes de construir condições para produzirmos registros individuais e coletivos que garantam um conhecimento crítico das sociedades da hipermodernidade. Como afirmam os autores, uma das grandes mutações da democracia pode ser “de uma lei, de uma justiça e de um governo planetários capazes de regular a economia mundial, de preservar o ecossistema terrestre e garantir a liberdade, trabalhando para reduzir as misérias e injustiças”. (LEMOS; LÉVY. 2010, p. 171).

Na modernidade digital a velocidade e quantidade massiva de textos, imagens e sons, nos interpelam e impõem uma publicização do privado e uma nova forma de dominar, de lidar com o outro (público) cercando-o de sentido, inscrevendo-se no social. O que aqui nomeio como

---

<sup>48</sup> “Ainda que a noção de território seja polissêmica, ultrapassando a concretude física de um espaço delimitado, aqui inscrevemos seu sentido exatamente no movimento que ela convoca, na relação com o outro e em novas formas de habitar o mundo”. (RATTO; GRESPLAN; HADLER, 2017, p. 104)

<sup>49</sup> <https://digitalreport.wearesocial.com/>

Heterotopia *On-line* são estes espaços coletivos de conhecimento constituídos na relação com o processo de escrita no ciberespaço, que convida @ autor@ a uma produção coletiva e anônima, característica da “multidão” pensada por Michael Hardt e Antonio Negri (2004). Ao mesmo tempo em que testemunhamos a produção de muitas opiniões e a fomentação de ideias, não enxergamos um sujeito único, mas um jogo de signos. Para Michel Foucault “trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não pára de desaparecer”. (FOUCAULT, 2006, p. 268)

analisar o uso dos espaços virtuais enquanto campos político-estratégicos que indicam como transformações do discurso dizem de um conjunto complexo da produção de subjetividades: a coexistência dos sujeitos e suas relações com as coisas. O espaço virtual, assim possibilita pensar a narrativa das juventudes enquanto experiência limite de uma ontologia histórica sobre nós mesmos.

De tal forma, problematizamos o espaço virtual como lugar em que são possibilitadas diversas práticas políticas e éticas que emergem com o uso das redes sociais. Nesses termos, as postagens (textuais ou imagéticas), podem surgir também como uma escrita para se expressar, se conhecer, se sociabilizar e constituir-se como sujeito; [...]. (RATTO; GRESPAN; HADLER, 2017, p. 109-110)

Pensando que as redes sociais *on-line* podem possibilitar o exercício pessoal de leitura e releitura de si e uma abertura ao outro, podemos ultrapassar o mero compartilhamento intenso de informações ou pontos de vista, essa “escrita de si” pode ter um papel preponderante em um novo modo de olhar sobre si, do olhar do outro e um olhar sobre a história, um modo alternativo de viver e de compartilhar projetos e afetos, sendo uma das formas de materializar a experiência ética enquanto prática de liberdade. Essa liberdade se manifesta no conflito da produção de conhecimento, quando se questiona as formas pelas quais os sujeitos são coagidos dentro de um dado regime de verdade, rompendo-se as formas de ordenação contemporâneas.

As *fan pages* estudadas fazem esta desconstrução dos modelos padronizados, não só por utilizarem várias mídias, mas por abrir @s usuáři@s possibilidade de produzir conhecimento, como também se afastarem da abordagem da grande mídia, um exemplo são os vídeos compartilhados em dezembro de 2018:

- FALGBT: “Marcha del Orgullo LGBTIQ XXVI” (06.12.17)
- Rede Ex Aequo: “Love Wins” (04.12.17); “No Parlamento Deputado australiano Tim Wilson pede companheiro em casamento” (05.12.17); “O ícone de drag, Desmond napoles, de 10 anos, define o que significa ser verdadeiramente “feroz”” (12.12.17); “Ninguém precisa de ser trans para lutar contra a transfobia” palmas para a atriz brasileira Carol Duarte” (15.12.17); “É fim de semana, pessoal! (mas bora lá ser nós

próprios todos os dias)” (16.12.17); ““Who sounds gay?” Também já julgaste a orientação sexual de alguém pela maneira de fala? E quantas vezes já te enganaste?” (16.12.17); “É isto que acontece quando as pessoas trans são aceitas pelas suas famílias” (17.12.17); “2017 NFL Pro Bowl Kiss Cam – Love has no Labels” (19.12.17); “A Vogue Portugal a dar voz à realidade trans!” (27.12.17).

- Jóvenes LGBT México: “HIV Testing Now” (01.12.17); “Por una terapia de aceptación y no de conversión” (02.12.17); “Matrimonio en Australia” (08.12.17); “#LainclusiónComienzaEnElHogar” (16.12.17); “Todxs tenemos cualidades inherentes distintas, ninguna de ellas nos impide llevar una vida plena” (28.12.17); “? Qué podemos hacer ante las familias discriminatórias en las que muchas de nosotras vivimos?” (29.12.17).
- Rede de Adolescentes LGBT Nacional: “App brasileiro de empoderamento e proteção da comunidade LGBTI+” (22.12.17).

Segundo Victor Sampedro (2005, p. 250) o público, já algum tempo, entendeu que as reportagens jornalísticas têm por objetivo transmitir “certezas”, sem exigir dados e evidências. Desta forma, muitas vezes, somente espalham mentiras, meias verdades, silêncios cúmplices, mais parecendo propaganda publicitária do que notícias. Isto se evidencia no Brasil com a “Rede Globo” e a “Revista Veja” que expõem somente os fatos que “alguns poderosos” querem que a população acredite como “verdade”.

Uma parte da população já procura se informar através de mídias “alternativas”, aquelas que não estão “compradas” pelas grandes corporações, um exemplo, no Brasil, é a “Revista Carta Capital”<sup>50</sup>. Nos outros países pesquisados (Argentina, Portugal e México) as ONGs tem utilizado deste artifício para postar nas suas *fan pages*, reportagens de denúncia ou informação que produza uma conscientização sobre os abusos, violências, e/ou novas formas de viver nossos gêneros e sexualidades. Aponto algumas reportagens, postadas no mês de janeiro de 2018, que corroboram com a premissa levantada:

- FALGBT: “Pareja de jamaíquinos huye de discriminación sexual e inicia una nueva vida en Argentina” (10.01.18); “La frase de Carlos Tevez: “Sito a Lito no lo llevo al barrio a que le den un par de cachetazos, está ahí de doblar la muñeca”” (16.01.18); “En

<sup>50</sup> FERRAZ, Vinicius Suzigan. “Veja e Carta Capital: observações iniciais de pesquisa”. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional. Ano 20. n.20. jan/dez. p. 161-175. 2016.

Argentina los diagnósticos basados en la orientación sexual o la identidad de género están prohibidos por la ley de salud mental” (30.01.18).

- Rede Ex Aequo: “20 LGBT People who changed the word. Diz nos comentários quem achas que falta nesta lista” (02.01.18); “Eles não querem sexo e não se apaixonam: conheça os assexuais e aromânticos” (02.01.18); “Cinema. Ellen Page casa com namorada” (05.01.18); “Tome beleza! Travestis, mulheres e homens trans que venceram concursos de miss e mister em 2017” (06.01.18); “Prêmio Arco-Íris 2017 para Revista Cristina - “Chamo-me Tiago”” (06.01.18); “Há um novo bar lésbico e queer no Príncipe Real” (08.01.18); “Bragança vai ter uma Marcha do Orgulho LGBT” (10.01.18); “Pompoarismo + auto-erotismo, Conhecimento e Prazer” (11.01.18); “LGBT – Associações de LGBT querem acabar com limite de idade para mudar sexo e nome” (11.01.18); “Austrália celebra primeiras uniões entre homossexuais após legalização” (13.01.18); “Associações apelam a proibição de cirurgias a crianças e bebês intersexo” (13.01.18); “A letra L está de volta” (18.01.18); “Dentro desta casa só entram tabus – e esta série vai pô-los a nu” (22.01.18); “Misgendering: Na Analogy - Alguém se revê nesta analogia que, com um pouco de comédia toca num tema bastante importante?” (23.01.18); “Shams Rad, uma rádio LGBT pronta para mudar a Tunísia” (24.01.18); “Mais de 60% dos jovens não usam preservativo” (25.01.18); ““Ainda há quem tenha de se “esconder” para garantir a sua integridade física e moral”” (31.01.18).
- Jóvenes LGBT México: “ Lo mejor y lo peor en asuntos LGBT+ del 2017” (01.01.18); “Niños transgénero: La infancia de la pequeña Sophia” (04.01.18); “Activistas se unen para fundar la Coalición Mexicana LGTTTI+” (22.01.18); “Un arcoíris LGBT invadirá al Museo memoria y Tolerancia” (30.01.18); “Nueva York impulsa día para promover derechos de estudiantes LGBT” (31.01.18).

As postagens realizadas nas *fan pages* estudadas, nos remetem a ideia de que o *Facebook*, é um lugar de “Heterotopia On-line”, um espaço outro que pertencendo ao mundo, afasta-se do mesmo através das alterações que provocam nas normatizações sociais. Um lugar no qual a ordem social é invertida, anulada, colocada em suspenso, um espaço de alteridade onde podemos, em certa medida, subverter os regramentos sociais em favor da ética do outro. Como nos assinala Ramon Cotarelo (2012)

as redes são extraordinariamente flexíveis, o que permite a articulação de muitos tipos de ação coletiva. Isto é, a participação na esfera pública não é meramente discursiva, mas adquire muitas formas de caráter performativo. Os participantes das redes não

apenas discutem questões de interesse coletivo, mas também formam grupos de ação, assinam causas, assinam petições, financiam propostas e apóiam reformas. Elas não são mais as elites discursivas, agora são multidões, [...] formadas pela ação de múltiplos e inumeráveis indivíduos que conscientemente e deliberadamente decidiram unir seus esforços para a realização de objetivos coletivos. (COTARELO, 2012, p. 06-07)

As Heterotopias *On-line* contestam o real e o mítico dos espaços sociais, servindo como *locus* de estudo dos espaços de alteridade que, também, contemple os embates de poder nela localizados, pois é característica da heterotopia relacionar-se com diversos lugares, ou seja, mesmo permanecendo a memória dos lugares hegemônicos não se deixa afetar pelas regras dos mesmos, proporcionando a constituição de manifestações culturais outras, relações sociais outras, de identidades sociais outras, nos interstícios das heterotopias. Como afirma Michel Foucault (2001)

provavelmente não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias. É uma constante de qualquer grupo humano. Mas as heterotopias assumem, evidentemente, formas que são muito variadas, e talvez não se encontrasse uma única forma de heterotopia que fosse absolutamente universal (FOUCAULT, 2001, p. 415-416).

O autor Anselmo Peres Alós (2010, p. 70) nos invoca a pensar em heterotopias sexuais “espaços sociais nos quais os pressupostos heteronormativos de produção de identidades são colocados em suspenso, permitindo o surgimento de novas configurações de gênero e de desejo”. Este espaço explicaria como dentro da matriz heterossexual ocorre a constituição de sujeitos não heterossexuais (lésbicas, gays, bissexuais).

O conceito de heterotopia permite transitar em um universo pseudo-misógino e desvendar ali uma aguda crítica à exclusão das mulheres na esfera pública; permite compreender melhor como as fissuras nos aparelhos ideológicos do Estado possibilitam o nascimento de subjetividades sexualmente subversivas; permite avaliar o papel de espaços underground na reconfiguração do erotismo através da resignificação de ideias como corpo, prazer e violência; permite, finalmente, a atribuição de um status crítico ao ciberespaço, e uma mensuração – ainda que provisória – do papel das novas tecnologias sobre a literatura e a vida social do mundo contemporâneo. (ALÓS, 2010, p. 77)

Remetendo ao *locus* de pesquisa, acredito que as *fan pages* e outras redes sociais *on-line*, tem se constituído como uma heterotopia sexual *on-line*, local que funciona como espaço de legitimação das diferentes orientações de gênero e de sexualidade que desafiam os pressupostos heteronormativos e produzem discussões temáticas sobre amizade, solidariedade e ética, questões importantíssimas neste momento de fundamentalismos religiosos, políticos e jurídicos, que envolvem em sombras nossos projetos de vida.

#### 4.2.2 Heterotopias de Desvio: espaços de reivindicação da liberdade

Michel Foucault no texto “De Outros Espaços”<sup>51</sup> nos traz a análise do “espaço de fora”

O espaço em que vivemos, pelo qual somos lançados para fora de nós mesmos, no qual se desenrola precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo e de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos erode é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, nós não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual seria possível situar indivíduos e coisas. Nós não vivemos no interior de um vazio que se revestiria de diferentes espelhamentos; nós vivemos no interior de um conjunto de relações que definem alocações irredutíveis umas às outras, e absolutamente não passíveis de sobreposição. (FOUCAULT, 2013, p. 115)

O autor se interessava, principalmente, pelas alocações que tem a propriedade de estar em relação com outras alocações, e que possibilitam suspender, neutralizar e até mesmo inverter as relações, contradizendo-as. Michel Foucault (2013) indica dois tipos de alocações as utopias e as heterotopias e que entre elas existiria uma relação (experiência), o espelho.

O espelho, afinal de contas, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície; estou ali onde não estou; uma espécie de sombra que me confere minha própria visibilidade, que me permite olhar-me ali onde sou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente e tem, no local que eu ocupo, uma espécie de efeito de retorno; é a partir do espelho que me descubro ausente do local onde estou, já que me vejo ali. A partir desse olhar, que de certa forma se dirige a mim, do fundo desse espaço virtual do outro lado do vidro, eu retorno a mim e recomeço a dirigir meus olhos a mim mesmo e a me reconstituir ali onde estou. O espelho funciona como uma heterotopia, no sentido de que ele torna esse local, que eu ocupo no momento em que me olho no vidro, ao mesmo tempo absolutamente real, em ligação com todo o espaço que o cerca, e absolutamente irreal, já que tal local precisa, para ser percebido, passar por esse ponto virtual que está ali. (FOUCAULT, 2013, p. 116)

Trago esta afirmação de Michel Foucault, para pensar as redes sociais *on-line*, como o espelho, “heterotopias de desvio”, locais em que poderão estar alocados os sujeitos de comportamento desviante da norma. As *fan pages* pesquisadas nos confirmam isso, são locais em que os sujeitos que desviam da heteronormatividade, se expõem, se enxergam no outro, construindo uma rede de apoio que se manifesta na construção de seus projetos de vida através

---

<sup>51</sup> Conferência proferida no Cercle d'Études architecturales em 14 de março de 1967, e publicada originalmente em *Architecture, Mouvement, continuité*, n.5, outubro 1984, p.46-9. Foucault somente autorizou a publicação deste texto, escrito na Tunísia em 1967, na primavera de 1984 [Nota do Editor do Original]. A Organizadora do dossiê "O espaço na vida social" agradece a Sérgio Adorno, Marcio Alves da Fonseca, Armand Ajzenberg, Dario Luis Borelli e Alfredo Bosi o incentivo e apoio durante o processo de viabilização da cessão dos direitos de reprodução deste texto, e em especial ao editor Francisco Bilac Pinto Filho, da Editorial Forense e Forense Universitária, que gentilmente autorizou a tradução e a publicação do texto em estudos avançados. Mas agradece em particular também a Rainer Domschke por cruciais sugestões de revisão linguística.

das alianças. As duas primeiras falas estão relacionadas a postagem da FALGBT, “Ninguna política regresiva podrá quitarnos el Orgullo!”, que repudia a retirada de ajuda financeira do governo federal para a realização da XXVI Marcha del Orgullo LGBTIQ. A terceira e quarta fala estão relacionadas a postagem da Rede Ex Aequo, “Igreja Anuncia Proibição de Novos Padres Gays”, expõe a manutenção da posição da Igreja Católica em relação a homossexualidade.

*los lgbt también pagamos impuestos y se le dan plata a la iglesia de nuestros impuestos, lo menos que podrían hacer es darnos una cantidad muy pequeña para el escanario en una marcha tan multitudinaria como lo es la marcha del orgullo. (Florencia Garcia Ateiro, FALGBT, 17.11.17)*

*se equivocan en asociar los derechos lgbt con una determinada corriente política, los derechos lgbt son derechos humanos universales le corresponde a la sociedad en su conjunto respetarlos y apoyarlos, pero es verdad que en un gobierno de derecha apoyado por fanáticos religiosos (temer en Brasil, trump en usa, putin en Rusia etc) los derechos individuales están siempre en riesgo. (Roberto Victo, FALGBT, 17.11.17)*

*se há voto de celibato esta decisão é completamente desecabida. A Igreja só perde ao querer viver uma mentira ... (Andreia de Oliveira, Rede Ex Aequo, 19.11.17)*

*Vergonhoso afinal achava com este Papa as coisas mudavam. Mas estou triste ... Deus não discrimina. Mas a igreja sim (Macedo Jhpc, Rede Ex Aequo, 19.11.17)*

As próximas falas estão relacionadas as postagens de Jóvenes LGBT México “ Encuesta Nacional sobre Discriminación y Juventudes LGBTI”, realizada em 2016 e novamente compartilhada em 2017, juntamente com “A Sexualidade não é escolhida, é descoberta - #Noestoyenfermx”, uma resposta ao comentário de um usuário “*Tratan su enfermedad y así serán aceptados en sociedad*”

*Yo realmente supe de antemano que dar el paso en cuestión ha hablar conforme a mis preferencias sexuales traería cosas buenas y cosas malas pase por miles de cosas que realmente me hicieron llorar y miles que me hicieron reír y ahora aquí me encuentro queriendo a quienes me apoyan y amando a los que no y no para demostrarles a ellos alguna cosa sino para demostrar me a mi mismo que puedo ser feliz aceptando me tal y como soy. (Heriberto Castillo, YAAJ, 31.08.16)*

*Seguro que si, tenemos que hacer que los derechos de los adolescentes y los jovenes gays se hagan valer en cada familia y se les dé una vida de inclusion y respeto en un ambiente familiar san. (Óscar Ramírez Jiménez, YAAJ, 21.07.16)*

As postagens da Rede Nacional de Adolescentes LGBT (RNA LGBT) que vem ao encontro das anteriores estão relacionadas ao compartilhamento do vídeo “Por que 2 meninos se beijando nos choca?”.

*Nossa quando eu tinha 12 anos quase todo mundo já tinha beijado, as amigas da minha irmã dessa idade também e adivinha só nunca chocou ngm, oq choca é ser dois meninos sim. (Gabriela Ibrahim, RNA LGBT, 23.11.17)*

*Tem videos na internet de crianças de mesma idade ou menos, menino e menina quase fazendo coisas perto do sexo explícito e até hoje não vi nenhuma página hipócrita (essas que estão "chocadas) criticar, agora 2 meninos é o "fim do mundo". Hipocrisia, apenas hipocrisia vinda da parte da "família tradicional" aquela que além da família tem a "amante" que tem que aborta quando fica grávida pra não dar B.O. pro "pai da família tradicional brasileira". (Gustavo Pedrini, RNA LGBT, 23.11.17)*

*É engraçado, porque as pessoas simplesmente ignoram o fato de que tudo está se desenvolvendo de forma mais rápida, e isso não é nada anormal, o afeto é algo comum, e juntando com a maturidade mais cedo, se torna o comum de todos nós, não podemos simplesmente agir como se pessoas mais novas não tivessem consciência do que fazem, é algo totalmente errado e ridículo. (João Vitor Silva, RNA LGBT, 28.11.17)*

Voltando as assertivas de Michel Foucault (2013), para compreender como podemos relacionar as heterotopias de desvio<sup>52</sup> com a “reivindicação por liberdade” de Judith Butler (2018), o autor afirma que, frequentemente, as heterotopias estão associadas a recortes do tempo, ou seja, elas funcionam em sua plenitude quando os sujeitos rompem com o tempo tradicional. No ciberespaço, as redes sociais se colocam como uma ruptura temporal, pois @s usuáris se conectam e comentam postagens em temporalidades diferentes, o sujeito parece se desvanecer em seus comentários, ao mesmo tempo que é recuperado pelo comentário do outro.

Judith Butler (2018) nos aponta, como possibilidade de subversão política, a reivindicação de direitos através da reivindicação da liberdade, esta já não somente uma tarefa social, mas como uma maneira de ocupar e transformar o espaço público, mesmo quando nenhuma lei existente garante esse exercício. Isto porque, para a autora, quando grupos de excluídos dos direitos universais reivindicam estes mesmos direitos contradizem, performativamente, a noção de universalidade dos direitos fundamentais, expondo que a noção de “humanidade”, que universalmente, não abarca todos os grupos sociais.

Evidentemente, apesar do “humano” como definido anteriormente não ter incluso de antemão lésbicas, gays e mulheres, e a corrente mobilização buscar expor as limitações convencionais do humano, o termo estabelece os limites do alcance universal da lei internacional. Mas o caráter exclusivo dessas normas convencionais de universalidade não impede outros recursos ao termo, apesar de isso não significar inteiramente adentrarmos em situação na qual o significado convencional torna-se não convencional (ou impróprio). Isto não significa que nós temos a priori recurso a um critério mais verdadeiro de universalidade. Isto sugere, de todo modo, que normas convencionais e exclusivas de universalidade podem, através de reiterações perversas, produzir formulações não-convencionais de universalidade que expõem as

---

<sup>52</sup> “heterotopias de desvio: isto significa que os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida”. (FOUCAULT, 2013, p. 22)

características limitadoras e exclusivas da universalidade ao mesmo tempo em que é mobilizado uma nova série de demandas. (BUTLER, 2000, p. 39-40) (tradução da autora)

A ressignificação da contradição performativa cria possibilidade de “insurgência política”, na condição política da imanência, mostrando as limitações dos discursos jurídicos que agenciam a “inteligibilidade” às reivindicações de direitos, sendo garantida como condição para uma política radical com base na performatividade.

Uma vez rejeitado o argumento de que nenhuma posição política pode ser sustentada na contradição performativa, e possibilitada a função performativa como reivindicação e ato cujos efeitos abrem-se no tempo, então nós podemos na verdade apresentar a tese oposta: a de que não pode haver mudança política radical sem contradição performativa. Para exercer a liberdade e expressar a igualdade precisamente em relação a uma autoridade que impediria ambas é demonstrar que liberdade e igualdade pode e devem-se mover para além de sua articulação positiva. A contradição deve ser apoiada, exposta e trabalhada no sentido de algo novo. (BUTLER; SPIVAK, 2007, p. 66-67)

Judith Butler (2017) nos convida a pensar o exercício dos direitos para além do domínio judicial, pois mesmo quando somos capazes de fazer ou mudar a lei, foi porque assumimos o exercício de direitos que não nos foram outorgados, ou seja, outorgamos a nós mesmos, antes de qualquer outorga nos seja concedida. Estamos atuando politicamente na mudança dos registros legais de nossas vidas, isto só ocorre sob o alicerce das alianças, nem sempre unificadas, mas que resistem às demandas de conformidade interna, exercendo-as com implicações políticas transformadoras. A autora traz como exemplo da Turquia por ocasião da Conferência Internacional contra Homofobia e Transfobia.

o que é surpreendente sobre as alianças lá (na Turquia) é que várias organizações feministas têm trabalhado com pessoas gays, lésbicas, trans e queer contra a violência policial, unidas na sua oposição ao militarismo, ao nacionalismo e àquelas formas de machismo que os sustentam. Após a conferência, na rua, as feministas enfileiraram-se com as drag queens, genderqueer com ativistas de direitos humanos e as lésbicas de batom com seus amigos e amigas bissexuais e heterossexuais – a marcha incluiu ainda ateus, agnósticos e muçumanos. Eles ecoaram: “Não seremos soldados e não mataremos”. Opor à violência policial contra pessoas trans é, deste modo, ser abertamente contra a violência militar e a escalada nacionalista do militarismo. (BUTLER, 2017, p. 31-32)

Nas ONGs pesquisadas, estas alianças tipificadas por Judith Butler, podem ser lidas como a Rede de Movimento Social que liga grupos LGBTs com outros grupos, formando alianças, mesmo que momentâneas, sob demandas transformadoras em suas implicações políticas, por exemplo:

- FALGBT: “Inauguración del primer Centro Integral de la Mujer de la Ciudad de Buenos Aires” (02.11.17); “Segunda Charla Legislativa – Violencia Institucional e Abuso de Autoridad con la Dra. Flavia Massenzio” (08.11.17); “Celebración por el Día Nacional de lxs Afroargentinxs y de la Cultura Afro” (08.11.17); “Marcha do Día internacional contra a violencia contra as mulheres” (25.11.17); “Primer Asamblea 2018 del Frente por la Salud de las personas con VIH” (18.01.18); “Reunión con la secretaria de Políticas Integrales sobre Drogas de la Nación (Sedronar)” (24.01.18); “En Defensa de la Salud” (26.01.18); “Derecho a Manifestarse – Conflicto Social en la Actualidad” (23.02.18); “5 lecciones que dejó el matrimonio igualitario para la campaña por el aborto libre” (26.02.18); “2º Congreso Nacional y 1º Internacional de Educación Integral – infancias, adolescencias y familias del siglo XXI” (27.02.18); “Consejo de Organizaciones Sociales – “Derecho a manifestarse, conflicto social en la actualidad”” (27.02.18).
- Rede Ex Aequo: Encontro Científico – “O portador de VIH-SIDA em contexto laboral” (21.11.17); “Women aren’t the only people who get pregnant – Here’s why that matters – everyday feminism” (25.11.17); “Dia Mundial de Luta contra a SIDA” (01.12.17); “Dia dos Namorados. Para um em cada quatro jovens a violência sexual é “natural” no namoro” (15.02.18);
- Jóvenes LGBT México: “#Universidadesincludentes” (01.11.17); “XI Congreso Nacional de Educación Sexual y Sexología FEMESS” (02.11.17); “Presentación de la guía: Universidades Libres de Violencia” (07.11.17); “Morena, um jogo velho que não vê pelos jovens” (24.11.17); “Não importa a nossa causa, todos os nossos corações batem na mesma”. (09.12.17); “El PRI está fraguando un fraude en 2018 y reprimir com militares: activistas”. (11.12.17); “La Gran Brecha de los Nobel”. (11.12.17); “Iglesia católica da su apoyo a la Ley de Seguridad Interior y anuncia que combatirá el aborto.” (12.12.17); “Día Internacional de Conmemoración en Memoria de las Víctimas del Holocausto”. (27.01.18); “Instituto Mexicano de la Juventud” (07.02.18).
- Rede Nacional de Adolescentes LGBT: “Ambiente virtual de participação de adolescentes”. (01.12.17).

O exercício da liberdade em público expõe as condições de precariedade, um exemplo disso são as "Marchas do Orgulho LGBT", as pessoas se reúnem para reivindicar em público, direitos à liberdade de gênero e sexualidade, e isso só acontece porque não somos reconhecidas

como pessoas dignas de proteção (legal ou física). A política radical de performatividade só ocorre se aprendermos a pensar junt@s as diferenças e antagonismo entre as minorias. Quando pedimos junt@s por liberdade, instituindo um espaço de liberdade, mesmo que seja negado e soframos fisicamente a precariedade, esta ação de reivindicar a liberdade é ao mesmo tempo “assustadora e revigorante”, desejável e desejante.

#### 4.2.3 Corpo: *lócus* de aliança e reivindicação na virtualidade

O que é o corpo? Somente uma máquina feita de osso, músculos, sangue e hormônios, uma genética que nos mostra um caminho, uma verdade. Acredito que não, este corpo biológico está inscrito dentro das relações de poder, constituído histórica e linguisticamente. O corpo se performatiza em atos corporais que, podem ou não, ser potencialmente subversivos, nele se inscrevem os signos estéticos da nossa cultura, nele se instala e instaura modos de vida e processos de subjetivação. Para Michel Foucault “o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. (FOUCAULT, 2004b, p.132)

Segundo Michel Foucault (2006), um modo de pensar os processos de subjetivação é a partir deste “corpo infame” preso nas redes de poder, que vigia, controla e pune. “Vidas que são como se não tivesse existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis se não, aniquilá-las ou pelo menos apagá-las”. Aqui aparecem as vidas das minorias, neste caso gênero e sexualidade, que não podem ser entendidos separadamente, ou seja homofobia, transfobia e misoginia operam do mesmo modo, pois a discriminação e a violência acontecem a partir do modo como estes corpos e seus desejos são percebidos. (FOUCAULT, 2006, p. 210)

Os corpos modernos conseguem fugir desta infâmia? Para responder esta pergunta, devemos pensar em uma “visão alternativa de corpo”<sup>53</sup>, um corpo constituído na dependência de outros corpos e de redes de apoio, que está relacionado com o ambiente, com as máquinas e com “sistemas complexos de interdependência social”. Posso citar como um destes sistemas complexos, a produção de conhecimento sobre tecnologia (engenharia genética, os hormônios sintéticos, a produção de organismos transgênicos, nanotecnologia, microeletrônica etc.) tem definido novos padrões de vida, de saúde ou doença, as chamadas “Tecnologias da vida”, e um debate sobre as fronteiras entre natureza e sociedade, o modo como nos tornamos sujeitos híbridos, *cyborgs* entendidos como

---

<sup>53</sup> BUTLER (2018, p. 144)

Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados: a percepção, a imaginação, a tesão. [...] Máquinas de guerra melhoradas de um lado e outro da fronteira: soldados e astronautas quase “artificiais”; seres “artificiais” quase humanos. Biotecnologias. (SILVA, 2009, p. 12).

As redes tecnobiopolíticas<sup>54</sup> constroem nossos corpos contestando os discursos biologicistas e heteronormativos, na medida em que fissura a hegemonia do homem, branco, ocidental, católico, jovem, forte, heterossexual e capitalista, e as dualidades construídas em opostos (homem/mulher, macho/fêmea, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, mente/corpo, natureza/cultura, civilizado/primitivo, entre outras). Segundo Donna Haraway este

Mundo de cyborgs pode significar realidades sociais e corporais vividas, nas quais as pessoas não temam sua estreita afinidade com animais e máquinas, que não temam identidades permanentemente parciais e posições contraditórias. A luta política consiste em ver a partir de ambas as perspectivas ao mesmo tempo, porque cada uma delas revela tanto dominações quanto possibilidades que seriam inimagináveis a partir do outro ponto de vista. (HARAWAY, 1994, p. 46)

Na Era das Redes Sociais *On-line*, essas heterotopias, unidades de espaço-temporais, lugares onde estou ou não estou, me arrisco fazer uma analogia aos escritos de Michel Foucault (2013) quando analisa o corpo e utopias, e os lugares onde este corpo se projeta neste mundo híbrido,

Meu corpo está, de fato, empre em outro lugar, ligado a todos os lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em torno dele que as coisas estão dispostas, [...] O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma [...] Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos. (FOUCAULT, 2013, p. 14)

Segundo Judith Butler (2015a) mesmo nas Heterotopias *On-line*, o corpo está exposto as exigências da sociabilidade, das forças sociais e políticas, que podem tornar, ou não, possíveis os projetos de vidas destes corpos, pois “a precariedade não pode ser dissociada da dimensão da política que aborda a organização e a proteção das necessidades corporais. A precariedade

---

<sup>54</sup> A discussão das relações gênero, da tecnofabricação dos corpos e suas imbricações com as sexualidades serão analisadas através do conceito de tecnocorpos de Preciado (2008) que incorpora a tecnologia de Haraway (1994), tendo como foco a indústria fármaco-química. Preferimos utilizar o termo tecnobiopoder ao biopoder foucaultiano, pois, não se trata somente do poder sobre a vida, mas também do poder e controle sobre todo o tecnovivo, conectado, mediatizado, transformado em vetor de replicação, multiplicação mundial, um tecnobiopoder. (GRESPLAN; LESSA, 2016, p. 67) (tradução da autora)

expõe a nossa sociabilidade, as dimensões frágeis e necessárias da nossa interdependência”. (BUTLER, 2018, p. 131). Mas também quer dizer que nestas redes de tecnobiopoder, o corpo é interpelado por vários discursos de saber-poder, tendo possibilidade de resistência, de luta, “não só para a subversão das formas existentes de poder, mas também para a constituição de instituições alternativas de libertação. [...] aquele que não só ousa saber, mas sabe como ousar”. (HARDT; NEGRI, 2016, p. 47)

Nas *fan pages* pesquisadas os corpos dissidentes (corpos transexuais e intersex), aparecem com frequência, apoiando a premissa de que a Heterotopia *On-line* pode visibilizar, informar, constituir outras maneiras de viver nossos corpos, como também

uma forma de ativismo ou como aquilo que é de algum modo mobilizado em forma de resistência. Como sabemos, a política nem sempre acontece nas ruas; a política nem sempre coloca a vulnerabilidade em primeiro lugar, e coligações podem ser formadas a partir de diversas disposições, não necessariamente de um sentido compartilhado de vulnerabilidade. (BUTLER, 2018, p. 137)

Para explicar esta premissa trago as falas de amig@s sobre algumas postagens da temática que mais atravessa as discussões, Direitos Humanos e/ou violação do mesmo, que são, na sua maioria reportagens, sobre os corpos transexuais e intersex. Primeiro as postagens da FALGBT sobre a reportagem “Las palabras de la primera egresada trans del Carlos Pellegrini al recibir su diploma” (05/12/17); “Joven trans logró que el Ipross cubra el cambio de sexo” (12/12/17); “Sedentarismo trans: el 68% no hace ejercicio” (27/11/17); “Alumna trans cumplió el sueño de egresar en colegio de Pico” (20/12/17):

*La escuela juega un rol fundamental en la construcción de la identidad, de la que el género y la sexualidad son unos de sus pilares. Que esté preparada para acompañar a sus alumnos cuando se plantean casos de diversidad sexual y de género resulta totalmente necesario. Porque fuera de esta institución el mundo no está listo, no es un lugar seguro. (Leandra Atenea Levine Hidalgo, 05/12/2017)*

*La primera intervención para la extracción de testículos fue en una clínica privada de Bariloche el año pasado. Resultó todo bien pero el Ipross cubrió sólo el 80% de la operación y mis padres tuvieron que aportar el 20% faltante, cuando la Ley de Identidad de Género garantiza la cobertura al 100% ya sea por la obra social o el estado. De todos modos, no reclamamos porque no era tanto dinero.*

*La reconstrucción de reemplazo de genital costaba 178.000 pesos; 230.000 pesos sumando los pasajes a Buenos Aires y la estadía. La obra social me dio vueltas hasta el último día, aun habiéndoles presentado la ley dos veces. Gracias al recurso de amparo que presentamos con el juez Laboral y la Defensoría del Pueblo de Bariloche, en cinco días accedí a la cirugía 100% gratuita como corresponde por ley. (Ángela, 12/12/2017)*

*no hagan actividad física por miedo a hipertrofiar y por haber sentido discriminación desde la infancia. (mujeres transexuales neuquinas, 27/11/17)*

*debido a los roles de género, se les ha inculcado que las mujeres no deben hacer actividad física para no ser 'machonas. (mujeres transexuales neuquinas, 27/11/17)*

*al ir al río se quedan vestidos por el pudor de mostrar sus cuerpos y que las gente los discrimine. (mujeres transexuales neuquinas, 27/11/17)*

*De chica me gustaban los chicos y pensé que era gay, hasta que descubrí que era una chica, una chica trans.*

*En mi otra escuela la pasé mal. Estaba condenada a callarme. A no ser yo. Me quedaron pendientes tres materias, lo que menos me importaba era el estudio en ese momento. Por eso decidí pasarme a otra escuela. Y allí todo cambió. Creo que ahora soy la primer alumna que cumplió su sueño de egresar mujer.*

*hoy me siento muy contenta porque tengo a mis padres que me están apoyando en este camino tan lindo que decidí tomar. Estoy orgullosa y feliz de decir que soy una chica trans, y completa porque hace muy poco me llegó mi nuevo DNI y por ende puedo tener mi diploma con el nombre con el cual me identifico en esta nueva etapa. También quiero agradecerles en esta carta a mis amigos y amigas de mi curso por haberme aceptado desde el primer momento sin prejuicios ni estereotipos, dándome un lugar en cada uno de sus corazones como también lo tienen en el mío.*

*No solo recibí mi diploma con mi nuevo nombre, sino que también pude cumplir mi sueño de bajar de en mi baile de egresados como vestida de mujer. Al otro día publiqué las fotos en redes sociales y la devolución fueron esas necesarias caricias al corazón. (Yasmín Ávalo, 20/12/17)*

As reportagens “Os médicos não sabiam se eu era menino ou menina” e “Como é ser intersexo?” (28/10/2017), postadas na Rede Ex Aequo, trazem a imposição biologicista sobre o corpo, entendendo o mesmo somente como macho ou fêmea, ou seja, sob as características das genitálias, como se o gênero e sexualidade não fossem uma construção social.

*O que foi passado para mim era o que foi dito para os meus pais: que eu era um menino com uma malformação dos genitais. E cresci achando isso. (Ernesto Denardi, 28/10/2017)*

*Para mim, descobrir foi bem difícil, principalmente porque sou criado em uma família evangélica. Eu era visto como uma aberração. Cheguei a ouvir dos meus pais que sou um castigo de Deus.*

*Na internet fui vendo que tem outras pessoas. Não é comum, mas não é anormal. E entendi que se Deus me fez assim, eu preciso aceitar.*

*Eu nunca me identifiquei como menino nem menina. E, na adolescência, passei por umas questões complicadas. Tinha a igreja e a coisa de não ter certeza sobre meu gênero. Mas com 17, 18 anos, comecei a entender melhor. Hoje, não me identifico nem como homem nem como mulher. (Alexander Miller, 28/10/17)*

*Na adolescência, meus pais me obrigaram a fazer uma cirurgia forçada para descer os testículos e me injetavam 'vitaminas', que suspeito serem hormônios. Mas meu corpo nunca desenvolveu as características masculinas, e eu sempre me vi como mulher. Há dez anos, um exame mostrou que eu tenho um útero subdesenvolvido e descobri que sou intersexo.*

*Fui forçada ser criada como menino. Desde criança até o final da minha adolescência, eu apanhei de todas as maneiras existentes de meus pais por me comportar como menina. (Denise Fernandes, 28/10/17)*

A reportagem “Não era um rapaz, não era uma rapariga, não tinha existência neste mundo” (Rede Ex Aequo 17/12/17) traz o depoimento de uma pessoa intersex<sup>55</sup>, que nos interpela com as atrocidades que a sociedade faz com o diferente a partir do discurso médico que enquadra os sujeitos portadores, daquilo que se identifica como sendo uma “genitália ambígua” ou uma “genitália incompletamente formada”, primeiramente como hermafrodita, depois como intersex, e recentemente como Anomalias do Desenvolvimento Sexual (ADS) ou Distúrbios do Desenvolvimento Sexual (DDS). (GOELLNER; GRESPAN, 2014, p. 44)

*Como a história de todas as crianças intersexo que, desde os anos 1970 na Europa e desde os anos 50 nos Estados Unidos, foram apresentadas aos pais como monstros. Os meus órgãos genitais não correspondiam ao esperado. Quando tinha sete anos, começaram a abrir-me, a tirar-me o que achavam que não interessava, a injectar-me hormonas, a fazer algo que dizem que é um pénis. Fui submetido a dez cirurgias. Passei grande parte da minha infância no hospital. Sentia-me sozinho. Não compreendia o que se passava. Quando já era um jovem adulto, voltei ao hospital para investigar e o mesmo médico disse-me: és um verdadeiro rapaz desde que tomes as tuas hormonas. Fiquei furioso. A questão era o que me tinham feito, o que tinham retirado do meu corpo e porquê. Sempre soube que não era o que desejavam. Quando nasceu o meu irmão, tive a certeza. Vi-o sem roupa e o corpo dele era diferente do meu. Toda a minha vida era um absurdo. Não era um rapaz, não era uma rapariga, não tinha existência neste mundo. Diziam-me que era um rapaz e eu tentava comportar-me como um rapaz. As capacidades técnicas. Se conseguem fazer um pénis que permita urinar de pé e penetrar uma vagina, é um rapaz. Se não, é uma rapariga. Dizem que é mais fácil fazer um buraco do que um mastro. É verdade que algumas pessoas intersexo se adaptaram aos corpos que lhes fabricaram, mas foram sujeitas a mutilação genital, tortura, violação. Não conheço uma que esteja feliz com isso. A sociedade transporta uma visão binária: homem, mulher. É essa visão que intervém sobre os nossos corpos ou que nos impede de intervir sobre os nossos corpos. (Vincent Guillot, 17/12/17)*

Outra temática sobre corpo, a transexualidade, perpassa diversas reportagens da Rede Ex Aequo, por exemplo: “Carla, meses depois de deixar de ser Carlos” (19/11/17); “Reassign” ou a questão da transexualidade em Cuba” (13/01/15); “Quero dar corpo à alma que tenho, quero ser ‘André’ como um todo” (11/12/2017). Estas reportagens procuram mostrar que a transexualidade não é um “Distúrbio de Identidade de Género”, mas uma incongruência entre o sexo biológico e a identidade de género, não tendo ligação com a sexualidade.

*Na véspera da cirurgia não dormi e decidi parar com um vício que mantinha desde os 13 anos. A dr<sup>a</sup> Sara disse-me que a recuperação tanto ao nível estético como de cicatrização seria muito melhor se não fumasse. Prometi-lhe que não iria recair - e tenho cumprido. Quando entrei no bloco operatório, às 8 da manhã de 3 de Fevereiro passado, o coração batia a 100 à hora. No início da minha transformação sexual, há*

---

<sup>55</sup> Intersex é um termo de origem médica incorporado pelo ativismo LGBTI para designar as pessoas que nascem com corpos que não se encaixam naquilo que entendemos como corpos de macho e fêmea.

*cinco anos, achava que a minha vida tinha mudado imenso. Mas nada é comparável àquele dia, em que me tornei uma mulher, ponto. Sou a Carla em pleno. Costumo dizer que não tenho 31 anos, mas 1 ano, porque 2017 está a ser o período mais generoso da minha vida. A 22 de Junho pus implantes mamários.*

*Ver-me ao espelho deixou de ser um constrangimento, passou a ser algo que me dá prazer e não preciso de me tapar com uma toalha da cintura para baixo. Redobrei os cuidados na higiene íntima, porque se não me limpar três vezes por dia corro risco de infecções. O meu guarda-roupa é o mesmo, mas terá de mudar em breve. Há três semanas retomei o ginásio e já perdi três quilos; preciso de queimar mais 20, porque engordei bastante no hospital. (Carla, 19/11/17)*

*as imagens não vos pedem que "ajudem" estas pessoas, mas sim algo muito mais difícil: que reconheçam intensamente a sua existência, uma existência tão real e significante como a vossa. (Claudia Gonzalez, 13/01/15)*

*A transexualidade é um assunto que as pessoas ainda não percebem muito bem, e existem ideias que devem ser discutidas, pelo bem de toda a comunidade LGBTI. Quero mostrar a outros jovens na mesma situação que eu que não devem ter medo de ser eles próprios.*

*Desde que me lembro, sempre me senti rapaz. Existiram alturas em que tentei contrariar aquilo que sou e que sinto, e tentei obrigar-me a mim mesmo a comportar-me como uma rapariga. Usava vestidos, pintava as unhas, tentava interessar-me pelas mesmas coisas que via as outras meninas a interessarem-se, e cheguei a um ponto em que me senti completamente desesperado, não sabia o que se passava comigo, achava que era uma aberração. Sabia que se passava algo comigo, mas não fazia ideia do que era. (André Mendes, 11/12/17)*

Em 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que na Assembleia Mundial da Saúde de 2019<sup>56</sup> a transexualidade será retirada da lista de doenças mentais na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-11), sendo reclassificada de “distúrbio de identidade de gênero”<sup>57</sup> para “incongruência de gênero” e transferida para a categoria de saúde sexual ao invés de categorizada como transtorno de saúde mental. (ONU, 2018)

Na *fan page* Jóvenes LGBT México também se detém mais nas postagens sobre orientação de gênero, ou seja, nos corpos transexuais, travestis e intersex, do que reportagens falando sobre os corpos e sua sexualidade (lésbica e gays), por exemplo: “Pink afirma que educa a sus hijos bajo la idea del género neutro” (12/12/17)

*Somos un hogar sin etiquetas.*

<sup>56</sup> A CID-11 será apresentada para a adoção pelos países em maio de 2019, durante a Assembleia Mundial da Saúde. A entrada em vigor do documento está prevista para 1º de janeiro de 2022. A versão disponibilizada em 2018 é uma pré-visualização que permitirá aos países planejar seu uso, preparar traduções e treinar profissionais de saúde.

<sup>57</sup> O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) classifica disforia de gênero como distúrbio/desordem/transtorno mental. DSM-5 deixou de usar o termo transtorno de identidade de gênero e transgênero por não ser o termo médico correto, e assim usar o termo correto disforia de gênero. No entanto, a transexualidade ainda é considerada um transtorno de identidade de gênero pela Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde – CID 10, e, no Brasil, é essa classificação que garante às pessoas transexuais o direito à terapia hormonal, psicoterapia e à cirurgia de redesignação sexual.

*La semana pasada, Willow me dijo que se casará con una mujer africana. Yo dije: Genial, ¿Puedes enseñarme cómo se hace comida africana?’. Y ella me dijo: ‘Claro, y vamos a vivir contigo mientras nuestra casa se está preparando’.*

*Estaba en una escuela y el baño afuera de la guardería decía: ‘Género Neutro’ y tenía un dibujo con muchas personas diferentes. Tomé una foto y escribí: ‘Progreso’. Pensé que era algo fenomenal. Me encanta que los niños estén teniendo esta conversación.*

*Bueno, ¿cómo crees que me veo?’... Cuando las personas se burlan de mí, eso es lo que usan. Dicen que me veo como un niño, que soy demasiado masculina o que tengo demasiadas opiniones, mi cuerpo es demasiado fuerte... Niña, no cambiamos. Tomamos nuestro caparazón y hacemos una perla. Y ayudamos a otras personas a cambiar para que puedan ver más tipos de belleza. (Cantora Pink, 12/12/17)*

As falas anteriormente apresentadas nos mostram que visibilizar o modo como os corpos são constituídos requer uma desconstrução da distinção entre mulheres e homens, a partir, principalmente da

genitália, sendo acrescidos por outros, como os músculos. A utilização de hormônios no corpo e os seus efeitos evidência que sua construção não é exclusividade da biologia, mas constantemente atravessada pelas redes biotecnológicas. Desta forma, confunde as fronteiras construídas sob o fundamento do olhar anatómico sobre corpo como imperativo para designar o sexo e, conseqüentemente, o gênero dos sujeitos. (GRESPLAN; LESSA, 2016, p. 76) (tradução da autora)

A ação deste corpo híbrido na reunião com os outros, a Assembleia, pode significar os princípios de igualdade e liberdade, sendo a resistência que exige igualdade de justiça para os corpos expostos diferencialmente à morte. Segundo Judith Butler (2018) as pessoas que se reúnem em Assembleia desmontam as ideias de igualdade, liberdade e justiça, pois o exercício da liberdade parte da relação entre eu e os outros.

O “eu” é assim ao mesmo tempo o “nós”, sem estar fundido em uma unidade impossível. Ser um ator político é uma função, uma característica de agir em termos de igualdade com outros homens – essa importante formulação arendtiana permanece relevante para as lutas democráticas contemporâneas. A igualdade é uma condição e uma característica de ação política em si, ao mesmo tempo que é o seu objetivo. O exercício da liberdade é algo que não vem de você ou de mim, mas do que está entre nós, da ligação que estabelecemos no momento em que exercitamos juntos a liberdade, uma ligação sem a qual não existe liberdade. (BUTLER, 2018, p. 59)

Esta assembleia livre pode ser proibida pela legislação, o que nos remete ao conceito de contradição performática para refletirmos sobre liberdade e direitos. Segundo, Judith Butler e Gayatri Spivak (2007)

Eu quero sugerir que este é precisamente o tipo de contradição performativa que leva não a um impasse, mas à forma de insurgência. Neste ponto não significa apenas situar o canto na rua, mas expor a rua como lugar de assembleia livre. Neste âmbito, o canto pode ser entendido não apenas como expressão da liberdade ou nostalgia de libertação

– pensando, que é claramente ambas as coisas – mas também encenação na rua, representação da liberdade de livre assembleia precisamente quando e onde tal ato é explicitamente proibido pela lei. Isto é certamente política performativa, na qual realizar reivindicação para ser legalizado é precisamente o que é ilegal, e apesar disso é realizado em desafio à lei na qual o reconhecimento é demandado. [...] Eles estão exercitando esses direitos, o que não significa que eles os “terão”. A demanda é o momento incipiente da reivindicação dos direitos, seu exercício, mas não por isso sua eficácia. (BUTLER; SPIVAK, 2007, p.63)

O corpo performático é político, estético e ético, um território que se desterritorializa na plasticidade e multiplicidade do movimento, nas dobras do som, do silêncio, do não dito do impensável, nas formas de se unir em longa distância. O “corpo é menos uma entidade do que um conjunto vivo de relações. [...] Sua ação é sempre condicionada, que é um sentido do caráter histórico do corpo”. Isso implica uma nova compreensão do espaço público, interdependente e solidário que não está só na rua, está nas redes sociais *on-line* através das alianças radicalmente plurais. (BUTLER, 2018, p. 72)

#### **4.3 Escrita de Si: o estar junto e a estética da existência**

A corporeidade e a sociabilidade nas redes sociais *on-line* estão constituídas no que Michel Foucault (2011) chamaria de “jogos de verdade”, uma produção da verdade através da prática de si, práticas discursivas que são heterogêneas e historicamente condicionadas. A verdade aqui tomada como estratégia de luta atravessada por relações de poder, um exercício de si sobre si, uma ascese, onde o sujeito pode se elaborar, transformar-se e projetar modos de vida.

Dizer a verdade é um ato perigoso, sendo necessário que exista liberdade de expressão, direito de opinar e possibilidade de falar de igual para igual. Um ato político e ético, um ato de coragem que se estabelece na coerência entre o que se diz e como se vive, um exercício constante de relação de si mesmo e com os outros, o cuidado de si. Assim as tecnologias de si estão voltadas para a responsabilidade pela humanidade como exercício de liberdade, uma possibilidade própria da ética, pois nossa história se constitui daquilo que pode ser, do que se pode fazer e das possibilidades de vida.

No *locus* das Heterotopias *On-line*, os jogos de verdade devem ser analisados através dos modos como se realizam as inter-relações da subjetividade, da liberdade e da ética na escrita de si, e como esta poderá dar as condições as transformações (projetos de vida) do sujeito. A escrita de si nas redes sociais *on-line* tem características distintas, pois tem fins, situações e relações multifacetadas, devido a velocidade e alcance das redes. Para Pierre Lévy (1999) pensar nas

redes de relações sociais *on-line* implica em ter consciência que não devem ser pensadas como sendo nem boas, nem más, nem neutras, pois fazem parte do processo de construção de múltiplos modos de ser. Podendo ser uma potência das formas de humanizar-se, um processo de acolhimento da alteridade.

No caso do *Facebook*, aquilo que o sujeito posta, curte e compartilha, está sendo oferecido à leitura do outro, apresentando uma imagem do eu ao olhar social de forma instantânea e alimentado permanentemente por informações mais recentes. O que é escrito, é deixado lá para ser lido e pode não mais estar presente no momento da leitura, ou seja, a historicidade dos dizeres ali enunciados, é disfarçada pelo funcionamento da *fan page*, sendo que a leitura do inventário de coisas ditas, só terá sentido se esta historicidade estiver em jogo.

Assim, a escrita de si “trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si”, e quem sabe constituir uma outra subjetividade, que se expõe na prática do cuidado de si. As postagens são práticas dispare, de escolha e de elementos heterogêneos, mesmo assim, exercício da escrita dessas partículas heterogêneas produz um sujeito, um corpo que lê, apoderar-se de ideias vistas e vividas, que se transforma. (FOUCAULT, 1992, p. 137).

De certo modo, as *fan pages* parecem (re)produzir todas as formas-sujeito, todas as posições discursivas, todos os lugares, uma obra aberta e múltipla, mas também se observa a vigilância do outro limitando o que é possível dizer, uma expectativa de reação (*like*, citação, compartilhamento), de um devir constante de estar no mundo. Estas Heterotopias *On-line* não são um mundo paralelo ou uma fantasia, são sim lugares de construção das sociabilidades contemporâneas, onde as pessoas se posicionam, se apoiam, se contradizem, se relacionam política e socialmente, se inscrevem. Lugares regidos pela flexibilidade, pela conectividade e pelos fragmentos, parciais e provisórios com história e memória.

#### 4.3.1 Violência Ética: a imagem como forma de visibilizar as violações dos direitos humanos

Gostaria de começar considerando como pode ser possível colocar a questão de filosofia moral – questão que tem a ver com a conduta e, portanto, com o fazer – dentro de um referencial social contemporâneo. Colocar a questão nesse quadro já a admitir uma tese a priori, a saber, não só que as questões morais surgem no contexto das relações sociais, mas também que a forma dessas questões muda de acordo com o contexto – e até o contexto, em certo sentido, é inerente à forma da questão. (BUTLER, 2015b, p. 13)

O entendimento ético da humanidade passa pela análise da autonarratividade e pela crítica do sujeito moral, respondendo ao novo sentido do sujeito, a sua necessidade de autonomia crítica e redesenhando uma prática ética pautada na busca do significado de ter uma vida ética, ou seja, o sujeito deve ter a capacidade de responder: quem é o “eu” que se vê constrangido a agir de determinada maneira e a realizar certo tipo de relato de si; como (eu) devo agir; e o que (eu) devo fazer. “Essa ação ética não é totalmente determinada nem radicalmente livre. Esta luta com as condições não escolhidas da vida – uma ação – também é possível, paradoxalmente, graças à persistência dessa condição primária de falta de liberdade”. (BUTLER, 2015b, p. 29)

Judith Butler (2015a e 2015b) retoma um debate sobre reconhecimento, interrogando como dentro da reivindicação de reconhecimento pode estar contida a violência de um enquadramento prévio a partir do qual o reconhecimento pode vir a se dar. As condições de violência estão exatamente nos quadros normativos que deixam, parte da humanidade, sem sequer alcançar a condição de ser reconhecida, não tendo direito à vida, nem sendo passível de luto.

Este debate bioético, passa por compreender que a vida pode ser individual, mas seu reconhecimento é coletivo e sua manutenção está nas (rel)ações sociais e políticas. Com o objetivo de compreender quais as condições para que uma pessoa possa ser reconhecida, Judith Butler lança mão do conceito de “Ética” de Lévinas, que está no reconhecimento do outro enquanto diferente, sem qualquer exigência de que esse outro venha a ser constrangido ao meu quadro normativo, ou seja, que o outro se mantenha inteiramente outro e ainda assim seja reconhecido. A autora reformula a ética como um projeto, em que ser ético significa tornar-se crítico das normas que nunca escolhemos, mas que guiam nossas ações.

Esta ética é inseparável do que Michel Foucault chama de arte de viver sob o signo do cuidado de si. É uma atitude em relação a si mesmo, aos outros e ao mundo, um certo modo de considerar as coisas, de conduzir ações e ter relações com os outros, uma certa forma de atenção, de olhar, uma vigilância do que se pensa e do que acontece consigo mesmo diante de certas situações e desejos. Este empreendimento não tem nada de individualista, pois esta tarefa sobre si da ética é impossível para o eu isolado e desconectado – o espaço da ética é sempre o de entre-outros.

ética é o nome para o trabalho de um certo impulso criativo que pulsa em nós, mais ou menos conscientes que somos de que o eu não é uma sina, um fardo, algo imposto a nós de fora de uma vez por todas, mas também algo do que podemos ser os co-criadores. Jamais sós, porém, mas sempre no espaço do entre-outros, do among others, pois uma ética cega à alteridade é muito pior que uma toupeira. (MORAES, 2016, s/p)

Para Judith Butler (2015b) um dos efeitos da violência ética é tentar ofuscar o presente através da evocação de uma questão moral de urgência, que provoca inquisições morais contra os insurgentes, é a ideia da ética que se petrifica na norma, que não oferece modos de vida livre, que não discute, que impõe e mata. Esta violência ética é visibilizada nas *fan pages* pesquisadas, principalmente através de postagens que procuram trazer reportagens como meio de indignação diante da injustiça. “Se estamos falando de luto público ou de indignação pública, estamos falando de respostas afetivas que são fortemente reguladas por regimes de força e, algumas vezes, sujeitas à censura explícita”. (BUTLER, 2015a, p. 66)

A *fan page* da FALGBT produziu muitas postagens mostrando o quanto a sociedade Argentina continua violenta com a população LGBT, principalmente com as juventudes, são vários os exemplos de violação dos Direitos Humanos:

1. “Un joven denunció que la Policía lo detuvo “por puto”” (03.11.17): Fran Morandini jovem estudante de Ciências da Comunicação denunciou em seu *Twitter*, que aguardando o ônibus para San Martin na estação “Devoto”, a polícia o abordou solicitando o “Documento Nacional e Identidad”, relatou que mesmo muitas pessoas circulando no local, somente ele foi retido pela polícia durante 10 minutos.

Imagem 1: “Un joven denunció que la Policía lo detuvo “por puto””



Fonte: Nueva-Cidade

2. “Ataque homofóbico en la Marcha del Orgullo de Buenos Aires” (20.11.17): O jovem Juan Víctor González (33 anos) foi agredido por um grupo de homens na dispersão da “Marcha do Orgulho LGBT de Buenos Aires. Único caso de agressão relatado pela polícia, apesar de várias pessoas terem relatado que houveram várias agressões durante e após a marcha.

Imagem 2: “Ataque homofóbico en la Marcha del Orgullo de Buenos Aires”



Fonte: Agencia Presentes

3. “Mariana Gómez, la joven que por besarse con su esposa terminó presa” (29.11.17) e “Tuitazo y besazo – contra el procesamiento de Mariana Gómez detenida por besar a su esposa” (05.02.17): Mariana Gómez (24 anos) e sua esposa Rocío Girat (23 anos), no dia 02.10.17 estavam na estação do metro “Constitución”, conversando, se abraçando, beijando e fumando, quando foram abordadas pelo segurança que chamou a polícia que as obrigaram a ficar nua, agachar para a revista de drogas e a acusaram de lesões graves e resistência as autoridades.

Imagem 3: “Mariana Gómez, la joven que por besarse con su esposa terminó presa”



Fonte: Clarin.com

4. “Brutal ataque homofóbico a integrante del equipo de rugby Ciervos Pampas” (01.12.17), “Um integrante de la selección de rugby gay fue brutalmente agredido y está internado” (04.12.17), “El ódio: historia de una golpiza” (07.12.17): Jonathan Uriel Castellari (25 anos) foi agredido por 7 jovens entre 20 e 25 anos, que segundo seu companheiro de equipe de rugby “Ciervos Pampas Rugby Club” Sebastián Sierra, o seguraram, começaram a bater no seu amigo, chamar de “puto” e outros insultos homofóbicos. Jonathan relata que os jovens lhe disseram “¡Te vamos a matar por puto!”.

Imagem 4: “Brutal ataque homofóbico a integrante del equipo de rugby Ciervos Pampas”



Fonte: Agência Presentes e La Nacion

5. “Reunión con Daniel para asesorarlo sobre los pasos a seguir para efectuar una denuncia” (06.12.17): Daniel sofreu agressão física e insultos discriminatórios em um terminal de transportes “Puente la Noria”, em Buenos Aires.

Imagem 5: “Reunión con Daniel para asesorarlo sobre los pasos a seguir para efectuar una denuncia”



Fonte: FALGBT

6. ““Zurdos y lesbianas de mierda” el grito del radicalismo contra los concejales del FIT em Jujuy” (13.12.17): na posse como Conselheiros do “Conselho Deliberante de San Salvador” Guillermo Aleman e Andrea Gutiérrez após seus juramentos de posse foram recebidos por gritos discriminatórios “Zurdos y lesbianas de mierda”.

Imagem 6: ““Zurdos y lesbianas de mierda” el grito del radicalismo contra los concejales del FIT en Jujuy”



Fonte: La Izquierda Diario

7. “Denuncia que no le vendieron un ramo de flores para su novia porque es lesbiana” (13.12.17): Karen compró online un ramo de flores para su enamorada pelo aniversario de un año de namoro, tudo certo até fornecer os nomes para o cartão de felicitações, a loja enviou uma notificação de que não iriam poder enviar para aquela semana, após confrontar a loja esta respondeu "Somos una florería cuyo objetivo es reforzar los valores de la familia, como base la fidelidad, el amor y sobre todo Dios".

Imagem 7: “Denuncia que no le vendieron un ramo de flores para su novia porque es lesbiana”



Fonte: InfoBae

8. “Reunión con Fernando Arruda, brasileño que sufrió ataque violento debido sua orientación sexual” (12.01.18): Fernando Arruda brasileiro em visita a Buenos Aires, sobre ataque físico e moral no dia 31.12.17, três homens lhe agrediram verbalmente e um deles lhe deu um tapa no rosto lhe chamando de puto.

Imagem 8: “Reunión con Fernando Arruda, brasileño que sufrió ataque violento debido sua orientación sexual”



Fonte: FALGBT

9. “Conocida transexual fue brutalmente golpeada por um taxista” (01.02.18): Zulma Lobato antiga estrela de televisão, foi agredida por um taxista, na cidade de Mar del Plata ao discutir sobre o valor da viagem (corrida), pois o taxista teria realizado um trajeto muito maior do que o necessário até o “Hotel da Associação Argentina de Atores”.

Imagem 9: “Conocida transexual fue brutalmente golpeada por um taxista”



Fonte: SL24

10. “Echaron a dos hombres del boliche por besarse, quisieron hacer la denuncia y un policía los amenazó” (14.02.18): Marcelo Mangini (33 anos), da cidade de Buenos Aires, viajou Necochea junto com amigos para visitar seus familiares. O grupo assistiu o “Festival de Música Independiente” e estenderam a noite no “Tom Jones Bar”, com o intuito de dançar e se divertir, mas quando Marcelo Mangini beijou outro homem na pista de dança, os problemas começaram, o dono do local os cercou e pediu para interromper o ato, pois "Hay familias. Pueden quedarse, pero paren de besarse". Abordado pelos seguranças, Marcelo recebe golpe é levantado, arrastado no meio do público e empurrando até a porta e aos tapas lhe joga na rua. Na delegacia sofre outra humilhação, o oficial responde “que era um lugar privado, que tem suas próprias regras, que o dono decide e que ao desafiar as regras, resistindo, geraram a violência e deram poder ao dono para retirá-lo do local”.

Imagem 10: “Echaron a dos hombres del boliche por besarse, quisieron hacer la denuncia y un policía los amenazó”



Fonte: InfoBae

11. “Ni una prueba para sostener veinte detenciones – Fueron sobreseídas las 15 mujeres e los 5 hombres detenidos tras la manifestación del 8M pasado” (14.02.18): durante a dispersão da Marcha 8M 2017, a polícia prendeu 15 mujeres e 5 homens, dentre as mulheres a maioria é militante lésbica e/ou feminista. Embora tenham sido libertad@s no dia seguinte, a polícia abriu processo criminal atribuiu os crimes de agressão contra autoridade, desobediência, ferimentos leves e danos agravados.

Imagem 11: “Ni una prueba para sostener veinte detenciones – Fueron sobreseídas las 15 mujeres e los 5 hombres detenidos tras la manifestación del 8M pasado”



Fonte: Pagina 12

12. “Una Fiesta popular eclipsada por un hecho de violencia y discriminación” (15.02.18): membros da Zona FALGBT relatam que durante o carnaval mais importante de Buenos Aires, “Carnaval Lincoln”, mais precisamente quando a bandeira LGBT foi aberta, algumas pessoas passaram a insultar alguns casais que se beijavam, @s ativistas responderam com um beijaço no meio da rua, que foi respondido com aerossol, latas de cerveja que atingiram @s ativistas em várias partes do corpo, que provocaram cortes profundos, sangramentos e hematomas.

Imagem 12: “Una Fiesta popular eclipsada por un hecho de violencia y discriminación”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kJgG8VnhDH0>

13. “No madrugada do dia de hoja a compañera trans Milagres Duarte foi brutalmente atingida por un cliente” (18.02.18): Em Florencio Varela, Trans Milagres Duarte, militante da Varela Diversas Associação Civil e estudante de Trabalho Social na Universidad Nacional Arturo Jauretche (UNAJ) foi brutalmente agredida (lesões múltiplas, ruptura do septo nasal, lesões e contusões nas costas e nas pernas) por um cliente (Lucas).

Imagem 13: “No madrugada do dia de hoja a compañera trans Milagres Duarte foi brutalmente atingida por un cliente”



Fonte: Varela Diversas Associação Civil

A violência ética contra a população LGBT, principalmente o recorte da juventude, ficou bem visibilizada nas reportagens citadas, ela se processa no corpo, os agressores querem varrer este corpo de sua existência. Estamos em uma guerra, pensada como “algo que divide as populações entre aquelas pessoas por quem lamentamos e aquelas por quem não lamentamos”. A ética depende do social, as inter-relações com os outros faz com que os reconhecemos, mas é sempre incompleto e opaco, pois está limitado pelos códigos que regem o humanamente reconhecível. (BUTLER, 2015a, p. 64).

Nas outras *fan pages* pesquisadas também são relatadas as violências éticas, o que me faz apontar uma movimentação mundial para os caminhos da violência institucionalizada pelos grupos de extrema direita, ligados aos ideais nazifascistas, por exemplo as postagens dos Jóvenes LGBT México: “Acoso en escuelas: práctica común en el sistema educativo” (08.11.17); “Fuentes argumentos para defender el matrimonio y la familia “natural” (05.12.17); “Todos los días nos enfrentamos a argumentos que buscan limitar los derechos de las personas” (06.01.18); “Candidato a alcaldía propone “convertir” personas LGBT en heterosexuales” (06.02.18); “Mikel Arriola Peñalosa tu discurso no cabe en esta ciudad” (12.02.18); “Se dijo que no era enfermedad, nunca se dijo que la homosexualidad que fuera saludable” (20.02.18):

*De acuerdo al Instituto Nacional de Estadística y Geografía (INEGI), cada día del último año, 27 mujeres jóvenes fueron violadas dentro de un contexto escolar, es decir, un total de 9 mil 876 adolescentes de 15 años o más.*

...

*Además del acoso, la mujeres son intimidadas y agredidas: 3.7 millones de alumnas reportaron que por lo menos vivieron un episodio de intimidación a lo largo de su formación académica y 725 mil 497 lo sufrieron en los último 12 meses. (08.11.17)*

*Es que el esperma del hombre cuando entra a la vagina de la mujer, el esperma del hombre se convierte en una hormona natural para la mujer y así de esa manera la mujer pueda aprovechar nuestra hormona como masculinos, en su fisiología y puedan controlar sus emociones, puedan controlar sus carácter... (05.12.17)*

*La palabra de Dios disse con temor el hombre se apartara del mion ... ¿ Por que tengo hijos homosexuales? Por qué les han permitido muchas cosas... Varón y hombre los hizo dios ... Amen (06.01.17)*

*Estoy convencido que es por el sistema de la ideología de género. Si el gobierno hubiera dado su mano a torcer, Dios no hubiera castigado tanto a nuestro país. Estoy convencido porque en Chile se aprobó el matrimonio gay y tuvo un terremoto. En Perú, el presidente y las autoridades no hacen caso y estamos viviendo esta situación. (06.02.18)*

*Porque yo creo en la familia tradicional [...] Pero no entre dos personas del mismo sexo [...] Todas las modalidades que tú me digas, distinto a hombre-hombre, mujer-muje.[...] no está de acuerdo con la adopción homoparental ni con el uso recreativo de la mariguana. (12.02.18)*

*sería maravilloso que instituciones como el DIF contraten psicólogos para quitar la homosexualidad, es una necesidad pública. [...] Se dijo que no era enfermedad, nunca se dijo que la homosexualidad que fuera saludable. (20.02.18)*

*El problema es que vienen a inventar derechos y vienen a invadir a todos, ahí es el problema que tenemos en el Frente por la Familia. El Frente de la Familia organizó un evento, se ha hecho ver al frente de que hubo mentiras, sí se planeó junto con la Universidad de Tijuana. (20.02.18)*

A *fan page* da Rede Ex Aequo também corrobora com as exemplificações anteriores, principalmente nas postagens, “Igreja Anuncia Proibição de Novos Padres Gays” (18.11.17);

“Dia dos Namorados. Para um em cada quatro jovens a violência sexual é “natural” no namoro” (15.02.18); como também na Rede Nacional de Adolescentes LGBT, “Nota de repúdio à censura a discussão sobre diversidade de gênero na escola municipal Denise Tavares” (28.11.17)

*a Igreja não pode admitir aqueles que praticam a homossexualidade, apresentam tendências homossexuais profundamente radicadas ou apoiam a chamada cultura gay. [...] delitos ou situações problemáticas no âmbito da pedofilia. [...] Será de evitar a admissão de quantos sofram de patologia, manifesta ou latente (por exemplo, esquizofrenia, paranóia, distúrbio bipolar, parafilias, etc). (18.11.17)*

*Para muitos jovens (40%), se alguém impede o namorado ou a namorada de se vestir de determinada forma, isso não é violência. Se numa discussão entre os dois há insultos, isso não é violência (25%). E também não o é uma agressão corporal se dela não resulta uma ferida ou uma marca (8%). [...]18% relatam ter sido alvo por parte do parceiro de situações que se enquadram na violência psicológica; 11% reportam situações de “controlo” (proibição de falar com certos amigos ou amigas, ou de vestir algum tipo de roupa, por exemplo); 6% declaram ter sido alvo de violência física.[...] prevalência média de violência sexual é de 7%. (15.02.18)*

*Uma vez que 12% dos/as inquiridos/as revelam ter sido vítimas desta nova forma de violência no relacionamento. Dentro da violência através das redes sociais, o comportamento mais frequente é entrar no Facebook ou outra rede social, sem autorização da vítima (20%). Foram também colocadas questões sobre a partilha online de conteúdos íntimos sem autorização, e 4% dos/as jovens (sem diferenças significativas quanto ao sexo) afirmam ter sofrido esta forma de violência). (15.02.18)*

*a primeira conclusão deste estudo é que dos jovens que já tiveram uma relação de intimidade, 56% sofreram actos de vitimação que configuram a violência no namoro. A segunda conclusão é que “68,5% do total de jovens aceitam como natural pelo menos uma das formas de violência na intimidade”, física, psicológica, sexual, nas redes sociais... “Esta normalização das situações descritas reproduz a legitimação social da violência nas relações de intimidade”, sendo que esta “naturalização da violência” é ainda mais frequente nos jovens e nas jovens que identificaram ter sofrido actos de vitimação (76,9%). A terceira conclusão é que a percentagem de vítimas de violência sexual passou de 24% para 25%. A proporção dos que foram alvo de perseguição passou de 25% para 26%. As vítimas de violência física eram 6% e são agora 8%....(15.02.18)*

*evento cancelado para evitar problemas com os pais e a comunidade. 928.11.17)*

A violência ética que se constatou nos dados produzidos está relacionada com o esforço desumanizado e desumanizante de verticalizar “verdades absolutas” sobre corporeidades tornadas mudas por determinação de uma normatização, a heteronormatividade. Verificou-se um avanço mundial dos fundamentalismos, que pode ser traduzido na elocução “Tradição, Família e Propriedade”<sup>58</sup> (TFP), uma rede de vigilantes da moralidade que tem medo de perder

<sup>58</sup> Tradição, Família e Propriedade (TFP), no Brasil registrada como Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, é uma organização civil de inspiração católica tradicionalista fundada primeiramente no Brasil em 1960 por Plínio Corrêa de Oliveira. Pautada na tradição católica e no combate às ideias maçônicas,

seu “poder de verdade”, que pretende a universalização e por causa disso precisa esmagar a diversidade. Para esta nova TFP a verdade é uma ideologia pura, sem descontinuidade, assimetria ou sombra de variação, construindo uma missão identitária violenta contra os que se diferenciam deste padrão idealizado, sendo um gesto litúrgico autorizar e promover um genocídio moral e físico sobre os corpos e mentalidades divergentes.

Estes fundamentalistas regem-se pela lógica imperial, onde não é permitido revisar acordos e suas normatizações, e a comunidade ou pessoa que ouse recriar suas experiências, espaços e relações, não deve permanecer ileso e livre, ou seja os divergentes devem ser punidos e mortos. A TFP é zelosa, com olhares preconceituosos e no perigo de ser abandonada lança mão da violência ética e da colonização moral como recurso de menosprezo da vida, do lugar, da memória e da fala d@s “desviad@s”, com o objetivo de manter seus objetos-humanos em seus cativéis ideológicos.

Em contrapartida as postagens visibilizam a violência também produzem um sentimento de indignação diante da injustiça ou de uma perda irreparável, mesmo que pareça, ainda, um longo caminho a percorrer, exemplos são as falas d@s internautas sobre a postagem “Brutal ataque homofóbico a integrante del equipo de rugby Ciervos Pampas” (01.12.17); “Una Fiesta popular eclipsada por un hecho de violencia y discriminación” (15.02.18);

*Gracias, compañeros exijan que el local de a la justicia las câmaras de seguridade para identificar a éstos bestias que golpearon al compañero. (Daniel Luna, FALGBT, 01.12.17)*

*Repudio absoluto. Basta homofobia. Que los violentos respeten a los demás y cumplas con las leyes sancionadas (Ricardo Aladín Morcos, FALGBT, 01.12.17)*

*Cada uno es dueño de su vida... No entendo el porque de tanta violència... Así esta la sociedad... Siempre discriminando... es hora de respetar que cada uno haga lo que más le guste. (Suu Mabel Romero, FALGBT, 15.02.18)*

*Para um niño de 4 años es lo mismo ver a dos personas del mismo sexo o de diferente sexo besandose... los que tienen el mambo son los mayores, a los niños no les interesa, realmente no les llama la atención. Llama la atención cuando te “enseñan” lo que tiene que gustarte y ves outra cosa. (Luciana Lu, FALGBT, 15.02.18)*

O enlutar-se está relacionado a seara do afeto, nos tira do lugar confortável, perturba a ordem, desestabiliza a hierarquia, tendo um enorme potencial político, já que nos ajuda a perceber as questões éticas de dar e receber reconhecimento. Esse compromisso ético que nos faz arriscar e ultrapassar as fronteiras dos processos de inteligibilidade, fundamentado na

---

socialistas e comunistas. A sociedade baseia-se na obra "Revolução e Contra-Revolução" e propõe uma vigorosa reação (Contra-Revolução) com base no amor à ordem cristã e na aversão à desordem (Revolução).

relacionalidade interpelativa, ou seja, “Nossa ‘incoerência’ define o modo como somos constituídos na relacionalidade: implicados, obrigados, derivados, sustentados por um mundo social além de nós e anterior a nós”. Essa é uma ação performática, é a Política de Performatividade. (BUTLER, 2015a, p. 87)

#### 4.3.2 Sociabilidade como Ética da Vida

Michel Foucault (2001, 2004b) procura trazer a concepção da ética de volta para a filosofia, mostrando que as práticas de si continuam existindo e dando forma à maneira como os indivíduos estabelecem a si mesmos seus modos de vida, o que conceitua como “estética da existência”, onde o homem esculpe, reflexivamente, na arte, na vida e na subjetividade, as regras de sua existência, alcançando momentos de liberdade. Esta “estética da existência” está ligada ao conceito de “cuidado de si” que significa uma ética onde o sujeito direciona suas ações sobre si mesmo relacionadas com o mundo e com o outro.

Pensar a ética da vida em um momento de ascensão mundial da extrema-direita, por exemplo eleição de Trump (EUA) e Bolsonaro (Brasil), é uma tarefa ao mesmo tempo árdua e esperançosa. Nesta direção os autores Michel Hardt e Antonio Negri, da triologia “Império”, “Multidão” e “Bem-Estar Comum”, repensam a atualidade do comunismo a partir da atualidade do comum, analisando a atualidade da revolução, a luta de classe em nível global, as condições e tendências que possibilitariam novas formas de organizações sociais e regimes de governo que poderiam por fim a exploração capitalista.

Uma dessas tendências são movimentos e levantes, os “ciclos de protestos”, ações coletivas casuais, centradas n@s ativistas e com tomadas de decisões durante o momento de luta. Um movimento social autônomo, que tem como tática de ação direta empregada através de bloqueios, piquetes e ocupações. Esta tática de ação direta através das ocupações de espaços públicos recebeu visibilidade em 2011, com Primavera Árabe, o Occupy Wall Street (EUA) e o 15M (ESP). No Brasil ocorreu em 2013, com as Jornadas de Junho, estas

abriram um ciclo de protestos intimamente ligado às ocupações das escolas em 2015, nos estados de São Paulo e Goiás, e em 2016, nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná. Ocupando ruas, avenidas, espaços e equipamentos públicos, reivindicam pautas como o direito à mobilidade, à educação e sua insatisfação com o “Golpe Parlamentar” impetrado à Presidenta Dilma, a falta de legitimidade do Governo de Michel Temer e a PEC 241 (atual PEC 55).

As mobilizações citadas têm elementos de continuidade, primeiramente a organização autônoma das juventudes e depois o valor pedagógico da luta política. Outra aproximação entre esses movimentos é a utilização das tecnologias de comunicação para mobilização e tática de contrainformação midiática, através das redes sociais

virtuais. O apelo visual das comunicações e as manifestações nas ruas proporcionaram às ocupações a prática da ação coletiva cotidiana e do estar-junto, como também a participação e o protagonismo político das juventudes. Entende-se que estas características são intensificadas e tornadas possíveis pelos agenciamentos que se ampliam para além de fronteiras, a partir de uma relação com mecanismos tecnológicos contemporâneos. (RATTO, GRESpan, HADLER, p. 102-103, 2017)

Um outro exemplo são as ações nas redes sociais *on-line*, como “*hashtags*”, que surgiram e tornaram-se populares no *Twitter*, como uma ferramenta para organizar os conteúdos publicados nas redes sociais. Atualmente, estão disponíveis no *Facebook*, *Instagram*, *Google +*, *Pinterest* e *Youtube*, como uma forma de compartilhar assuntos e formar comunidades de ajuda, “um dos meios de publicizar as violências (morais, psicológicas, físicas, sexuais) sofridas, principalmente, por mulheres e LGBTs, criando uma rede de solidariedade entre @s usuáři@s e aumentando as denúncias sobre sexismo, misoginia e homofobia”. (RATTO; GRESpan, p. 1, 2017)

As *fanpages* pesquisadas se utilizam das *hashtags* permitindo uma reflexão sobre o potencial que as redes sociais *on-line* têm para atingir um grupo de pessoas, fazendo com que elas se unam, se juntem, se aliem em torno de um interesse comum ou em prol da melhoria das condições de viver do outro. Abaixo alguns exemplos de postagens:

- FALGBT: “#Orgullo18N ; Marcha con la FALGBT!” (14.11.17); “#Orgullo18” (18.11.17); “#ZonaPresente en la movilización por Jonathan” (02.12.17); “#RespetameComoSoy - ¡Las mujeres trans somos mujeres” (08.02.18); “#Diversamenteiguales – Encuentro de Familias Diversas” (08.02.18); “#NiUnPasoAtras” (16.02.18); “#Zona Abierta – espacio para nuevxs activistas” (27.02.18).
- Jóvenes LGBT México: “#Universidadesincluyentes” (01.11.17); “#LainclusiónComienzaEnElHogar” (16.12.17); “#LeydeSeguridadInterior” (20.12.17); “Todos en el equipo de #Yaaj” (01.01.18); “#LoveDoesn’tNeedACure” (06.01.18).

As postagens das *fanpages* vão ao encontro da concepção de obrigação ética fundamentada na precariedade, onde “não podemos entender a convivência sem entender que uma condição precária generalizada nos obriga a nos opor ao genocídio e a defender a vida em termos igualitários”. Uma proposta de abordar a vida como intercâmbio de coligações, num

processo dinâmico de interações sociais, na sociabilidade que busca um reconhecimento do outro a partir do eu. (BUTLER, 2018, p. 131)

Um exemplo da afirmação acima é a hashtag #ELENÃO que deu voz a milhares de pessoas contra a candidatura de Jair Bolsonaro para presidente do Brasil (2018), uma luta contra o Fascismo e as concepções de extrema-direita (racismo, homofobia, sexismo, misoginia, xenofobia, classismo, perseguição religiosa), assistimos, publicamos, reagimos, lutamos *on-line* para que estas ideias não fossem adiante. Apesar do candidato ter sido eleito, a força e o poder de união da Rede de Movimento Social com a sociedade foram enormes, levando para as ruas e urnas uma possibilidade de coligação para sustentar a vida. Como diz Berenice Johnson Reagon, “temos que formar coligações, porque não vou deixar vocês viverem se vocês não me deixarem viver. Há um perigo nisso, mas também uma possibilidade de que nós dois possamos viver – se você suportar isso”. (REAGON, 1983, p. 356-357)

Estas coligações, “redes colaborativas”<sup>59</sup>, estão sendo realizadas nas redes sociais *on-line*, o que poderíamos chamar de multitudes *on-line*, aglomerados descentralizados, ágeis que se auto-organizam menos em torno da praça pública e mais ao redor do gerenciamento distribuído da diferença. Coadunando com as ideias de Michael Hardt e Antonio Negri (2004) que apresentam as multitudes como a forma social coletiva da “sociedade de controle”<sup>60</sup>, onde os mecanismos disciplinares visam integrar conflitos pelo controle das diferenças e a comunicação, a colaboração, a cooperação são os meios do trabalho, bem como da revolução.

O conceito de multidão pode se agregar ao conceito de Assembleia de Judith Butler (2018), manifestações das multitudes, os corpos que juntos se congregam, se movem, falam reivindicando um espaço público. Este espaço de aparecimento não é a *polis*, “é a organização das pessoas, conforme ela surge da ação e da fala conjuntas, e o seu verdadeiro espaço está entre as pessoas que vivem juntas com esse propósito, não importa onde elas estejam”. (ARENDDT, 2001, p. 198)

---

<sup>59</sup> Segundo Camarinha-Matos e Afsarmanesh as “redes são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de causas afins. Estruturas flexíveis e estabelecidas horizontalmente, as dinâmicas de trabalho em rede supõem atuações colaborativas e se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes, caracterizando-se como um significativo recurso organizacional para a estruturação social”. CAMARINHA-MATOS, L. M. AFSARMANESH, H. Collaborative Networks: a new scientific discipline. *Journal of Intelligent Manufacturing*, v. 1, n. 16, 2005, p. 439-452.

<sup>60</sup> O Controle é um novo modo de exercer o Poder, que se afasta da Disciplina no que concerne à disposição do tempo e do espaço. Enquanto a Disciplina marcava o espaço por Territorializações, o Controle marca por processos de Desterritorialização. O Controle, melhor que a Disciplina, tem a capacidade de orquestrar a diferença prendendo-a em um circuito de consumo. Obedecer já não é mais questão de disciplina, mas de hábito. Desta forma, é inquestionável é a necessidade de questionar, posicionar-se é a primeira manobra de resistência. As “sociedades disciplinares são aquilo que estamos deixando pra trás, o que já não somos. Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (DELEUZE, 1992, p. 215).

O espaço de aparecimento pode ser o virtual, o que me faz chamar estas Assembleias Performativas<sup>61</sup> de “Manifestações das Multitudes *On-line*”<sup>62</sup>, uma aliança de corpos distintos e uma ação performativa que reivindicam projetos de futuro diferentes, que não está apenas na fala, “mas também as reivindicações da ação corporal, do gesto, do movimento, da congregação, da persistência e da exposição à possível violência”. Estas alianças das multitudes *on-line* se processam no intervalo entre o espaço de sociabilidade e de apoio, possibilitando uma ética performativa. (BUTLER, 2018, p. 86)

Os dados produzidos na pesquisa corroboram com afirmação acima, por exemplo as chamadas para participar de diversos tipos de eventos, desde participação em paradas ou marchas do Orgulho LGBT até ações de voluntariado. As *fanpages* se mostraram espaços de aparecimento, de contestação e reivindicação que produzem visibilidade das precariedades de vida LGBT, como também luta pelos projetos de vida e pela possibilidade de viver junto.

- FALGBT: “Marcha del Orgullo LGBTIQ”, “Encuentro Federal de Familias Diversas”, “Encuentro Nacional de Diversidad” (01.11.17); “XXVI Marcha del Orgullo LGBTIQ” (06.11.17); “Jornada sobre diversidad sexual y derechos humanos” (10.11.17); “V Marcha del Orgullo LGBTIQ de Bariloche” (19.11.17); “7ª Marcha del Orgullo LGBTIQ – San Fernando Del valle de Catamarca” (21.11.17); “Para conmemorar el día de la no violencia hacia las mujeres nos ponemos la camiseta!” (22.11.17); “Torneo Nacional por la Inclusión” (24/11/17); “Vóley y cultura por la Diversidad” (24.11.17); “Marcha del Orgullo LGBTIQ 2017 Villa Mercedes (San Luis)” (03.12.17); “Por una Santa Cruz Libre de Prejuicios” (11.12.17); “Reconocimiento “Orgullo Ciudadano”” (12.12.17); “Asamblea abierta por faltantes de medicamentos para personas con VIH” (25.01.18); ‘Décimo Picnic por el Mismo Amor – para todas las familias” (06.02.18); “LAMIS 2018 – Encuesta Latinoamericana por internet para hombres que tienen sexo con hombres” (14.02.18); “Acto en Repudio – Basta de Homofobia en FMED y la UBA” (20.02.18); “2º Congreso nacional y 1º Internacional de Educación Integral – infancias, adolescencias y familias del siglo XXI” (27.02.18).
- Jóvenes LGBT México: “XI Congreso Nacional de Educación Sexual y Sexología FEMESS” (02.11.17); “Presentación de la guía: Universidades Libres de Violencia” (07.11.17); “Apresentación del dossier e foro “Por una terapia de aceptación y no

---

<sup>61</sup> BUTLER, 2018, p. 193-195.

<sup>62</sup> Conceito da autora.

- conversión” (26.11.17); “Voces Diversas: transformando famílias” (26.02.18); “El rechazo familiar puede causar daños irreversibles a la salud de las personas LGBT” (28.02.18).
- Rede Ex Aequo: “Bullying Homofóbico e Transfóbico – reunião para jovens entre os 16 e os 30 anos” (12.11.17); Encontro Científico – “O portador de VIH-SIDA em contexto laboral” (21.11.17); “Núcleo LGBTI do Porto – Comunicação Social e Média” 921.11.17); “Núcleo LGBTI Lisboa – Relacionamentos” (22.11.17); “Não Importa em que equipa jogas” (03.12.17); “O Núcleo de Coimbra está de volta! Se tens entre 16 e 30 anos junta-te a nós!” (03.12.17); “Prémio Arco-Íris ILGA Portugal – Prémio rede ex aequo para grupo de estudantes da escola secundária de Vagos” (28.12.17); “Porque somos mães...” (30.12.17); “7ª Escola Ex Aequo Funchal” (08.01.18); “Núcleo LGBTI Lisboa: Feminismo” (09.01.18); “Núcleo LGBTI Funchal: identidade de gênero” (12.01.18); “Prémios Arco-Íris 2017 + After Party” (13.01.18); “Núcleo LGBTI Lisboa: mini picnic + cinema” (20.01.17); Debate sobre documentário “Rip 2 my Youth” (21.01.18); “Queres ajudar-nos a levar o projeto Educação para a #Madeira? Inscreve-te na #7escolaexaequo e torna-te orador!” (23.01.18); “8ª Escola Ex Aequo Lisboa” (10.02.18); “Tens jeito para design? Vem colaborar com a rede ex aequo” (17.02.18); “Lembrete para quem tem que marcar férias! Acampamento de Verão 18 a 26 agosto” (19.02.18).
  - Rede Nacional de Adolescentes LGBT: “Oportunidade” (14.11.17); “Que tal ser coordenador/a local da rede nacional de adolescentes LGBT?” (18.11.17); “1º sarau da Visibilidade Trans – rede Nacional de Adolescentes LGBT” (23.01.18); “Você é adolescente LGBT?” (14.02.18).

Judith Butler (2018) sugere, que somente quando os

corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária. (BUTLER, 2018, p. 17)

Desta forma afirmo que as postagens, acima citadas, receberam muitas reações e compartilhamentos, criando uma rede de informação e de sociabilidade, uma ação política pela liberdade, uma Política da Performatividade pela ética da vida.

### 4.3.3 Cultura do Afeto: a experiência coletiva da produção alternativa da subjetividade

O enunciado de fundo seria algo como: “Não lhes peço nem mesmo que desobedeçam, mas se ao menos puderem *parar de obedecer, ou melhor, parar de super ‘obedecer’*”. Aí está uma definição explosiva da liberdade, longe das determinações jurídicas ou sociais (a liberdade como direito, a liberdade como condição material): a liberdade é, antes de mais nada, uma disposição ética. (GROS, 2018, p. 55)

Frédéric Gros (2018), em seu livro “Desobedecer” nos aponta o parar de obedecer como uma disposição ética para a liberdade, através da amizade como ação política contra a obediência. A amizade que mesmo sendo de um/a para um/a, acaba construindo uma rede de discussões e compartilhamentos contra as “comunidades de obediência” que se baseiam na idolatria, no desejo de existir em outro lugar, “de se sentir alguém, através e a partir da adoração do que me domina”. (GROS, 2018, p. 62 e 61)

Na atualidade convivemos com estas “comunidades de obediência”, os fundamentalismos (religiosos, científicos, militares) ressurgidos com uma nova roupagem de um “Nós” que adora um autocrata místico, que discursa pelo pacto social que nos levaria da desordem, das paixões violentas, da multidão selvagem à ordem, à razão pacífica e à civilização. Esses novos “messias” estão espalhados pelo mundo apoiados por grandes corporações econômicas, militares e religiosas, com uma imensa estrutura midiática que se utiliza, principalmente, das redes sociais *on-line* (*Facebook, Whatsapp, Twitter*) para virilizar *fakenews* e incitar o ódio.

Em contrapartida vemos surgir, nestas mesmas redes sociais on-line, redes de amizades, do estar junto como rede de solidariedade. Um exemplo disso é a expressão “ninguém solta a mão de ninguém”, um desenho postado por Thereza Nardelli após a eleição presidencial brasileira (28.10.18), que viralizou nas redes sociais devido a eleição de Jair “Messias” Bolsonaro representante da elite fundamentalista que é contrária aos Direitos Humanos. Segundo Thereza Nardelli, a frase foi dita por sua mãe anos atrás: “A gente atravessava um momento difícil na nossa vida pessoal, mas o país também passava por dificuldades. Aí ela virou para mim e disse, ‘ninguém solta a mão de ninguém’”<sup>63</sup>.

---

<sup>63</sup> PIMENTEL, Thais. 'Ninguém solta a mão de ninguém', desenho que viralizou no país, é criação de tatuadora mineira. G1 Minas — Belo Horizonte. 29/10/2018.

Figura 17: Ninguém Solta a Mão de Ninguém



[Visualizar mais no Instagram](#)



55,099 curtidas

zangadas\_tatu

a resistência só começou. ninguém solta a mão de ninguém. // pra quem perguntou: a art é minha, mas quem me falou a frase foi a minha maravilhosa mãe, que desde pequenininha me ensinou de que lado da história a gente tá. // fico feliz demais de participar de alguma forma positiva desse momento // vou colocar um link pra img no perfil pra quem quiser baixar com boa resolução // tamo junto demais ☐

[visualizar todos os 2.359 comentários](#)

Adicione um comentário...



Fonte: *Instagram* zangadas\_tatu

A mesma expressão foi muito utilizada durante a ditadura militar, quando os agentes do regime invadiam o local de funcionamento do curso de Ciências Sociais da USP, as luzes das salas de aula eram cortadas e @s estudantes buscavam as mãos umas/uns d@s outr@s e se agarravam ao pilar mais próximo, quando a luz voltava faziam chamada d@s colegas, caso alguém não respondesse já estava pres@ pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)<sup>64</sup>.

A viralização da frase, provavelmente, está atrelada ao sentimento de incerteza com o futuro do país, de temor, especialmente, por parte da população LGBT, negra, feminina e indígena, diante das abomináveis declarações e atitudes que marcaram a trajetória do ganhador do pleito presidencial, adorador do torturador Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, também era conhecido pelo codinome Dr. Tibiriçá, chefe do Destacamento de Operações de Informação

<sup>64</sup> Durante o Regime Militar, além da repressão política, o DOPS tinha a atribuição de censurar os meios de comunicação através da Divisão de Censura e Diversões Públicas. Em alguns estados existiam as Delegacias Especializadas de Ordem Política e Social (DEOPS).

- Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política, durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985).

As postagens pesquisadas também demonstram este tipo de resistência solidária da frase “Ninguém solta a mão de ninguém” diante de episódios de retrocesso dos Direitos Humanos, de violência incitada por discursos fundamentalistas, seja através de notas de repúdio como as postagens: “Nota de repúdio à censura a discussão sobre diversidade de gênero na escola municipal Denise Tavares” e “Nota de la FALGBT sobre la XXVI Marcha del Orgullo LGBTIQ”,

*É inaceitável, em um momento como esse, que locais destinados à educação e a formação integral de cidadãos restrinja e proíba o debate sobre uma questão tão central no país como a diversidade de gênero. O Brasil segue sendo país que mais mata pessoas transgêneros no mundo, tendo 50 mil casos de estupros notificados por ano e sendo o 5º país do mundo no ranking de violência doméstica, isso pra não estendermos a coleção de violências nas quais nossa nação e recordista.*

*Essa cruzada conservadora contra uma suposta “ideologia de gênero” que estaria sendo implantada nas instituições de ensino nada mais é do que uma resposta do conservadorismo aos recentes avanços em termos de visibilidade e direitos políticos que a população LGBTQ+ tem conseguido conquistar. Na verdade, a única ideologia de gênero existente é essa imposta há séculos pela sociedade que visa normatizar, regular e hierarquizar corpos e que é uma das principais motivações do extermínio institucionalizado de mulheres e pessoas LGBTQ+. (Di Nascimento do Coletivo Trans pra Frente, Rede Nacional de Adolescentes LGBTQ, 28.11.17)*

*No vamos a dar ni un passo atrás. El trabajo sostenido com políticas públicas a la diversidad sexual em todo el territorio nacional es un camino que construimos desde la militancia de las organizaciones de la diversidad y de la sociedad civil, aunque entendemos que falta todavia mucho para alcanzar esa igualdad real que todos queremos. El Estado tiene una deuda histórica com la población trans, luego de décadas de persecución y silencio. En esta nueva Marcha del Orgullo volvemos a exigir plena igualdad de oportunidades y que pare toda forma de violencia hacia nuestra comunidade, desde ela coso y el hostigamiento hasta la violencia física y las más extremas expresiones que ocasionan suicídios y crímenes de odio hacia las personas LGBTQ, con especial énfasis hacia la comunidade trans. El Estado tiene que acionar para que cesse la violencia, provenga de donde provenga, y mucho más si es institucional, de organismos como la Policía que tiene que velar por nuestra seguridad y no perseguirnos y torturarnos. Por eso volveremos a gritar Basta de Femicidios a Travestis, Transexuales y Transgêneros. Basta de Violencia Institucional. Orgullo para Defender los Derechos Conquistados. (Marcela Romero, FALGBT, 17.11.17)*

Seja através de postagens de reportagens que visibilizam as múltiplas subjetividades e modos vida, por exemplo a do site UOL, “Os médicos não sabiam se eu era menino ou menina”; como é ser intersexo?”<sup>65</sup>, publicada em 28.10.17 e postada pela Rede Ex Aequo em 01.11.17, onde através de depoimentos de intersex, mostram os problemas que surgem com as “cirurgias

<sup>65</sup> BERTHO, Helena. “Os médicos não sabiam se eu era menino ou menina”; como é ser intersexo?”, publicada em 28.10.17. <https://www.geledes.org.br/os-medicos-nao-sabiam-se-eu-era-menino-ou-menina-como-e-ser-intersexo/>

de correção” realizadas na hora do nascimento, as maneiras que el@s criaram para se aceitarem e ajudar outras pessoas, como página Visibilidade Intersexo, criada pelo entrevistado Ernesto e um amigo, em 2015, e que hoje é constituída por 3.768 membros.

*O que foi passado para mim era o que foi dito para os meus pais: que eu era um menino com uma malformação dos genitais. E cresci achando isso.*

*Fui vendo que tem outras pessoas. Não é comum, mas não é anormal. E entendi que se Deus me fez assim, eu preciso aceitar.*

*Eu nunca me identifiquei como menino nem menina. E, na adolescência, passei por umas questões complicadas. Tinha a igreja e a coisa de não ter certeza sobre meu gênero. Mas com 17, 18 anos, comecei a entender melhor. Hoje, não me identifico nem como homem nem como mulher. (Ernesto)*

*E existia um olhar muito mais patológico, se falava em distúrbio. Hoje, isso é visto diferente. São as pessoas com anatomia sexual ou reprodutiva que destoa do que é esperado de um corpo masculino ou feminino.*

*O sofrimento não é por ser intersexo em si, é pelo olhar do outro e o preconceito. (Ana Karina Canguçu Campinho, psicóloga e doutora em saúde pública)*

*Para mim, descobrir foi bem difícil, principalmente porque sou criado em uma família evangélica. Eu era visto como uma aberração. Cheguei a ouvir dos meus pais que sou um castigo de Deus. (Alexander Miller)*

*Crianças intersexo não precisam ser consertadas. Elas são perfeitas exatamente como são. (Site da ONU)*

*Na adolescência, meus pais me obrigaram a fazer uma cirurgia forçada para descer os testículos e me injetavam ‘vitaminas’, que suspeito serem hormônios. Mas meu corpo nunca desenvolveu as características masculinas, e eu sempre me vi como mulher. Há dez anos, um exame mostrou que eu tenho um útero subdesenvolvido e descobri que sou intersexo.*

*Fui forçada ser criada como menino. Desde criança até o final da minha adolescência, eu apanhei de todas as maneiras existentes de meus pais por me comportar como menina (Denise Fernandes)*

Ou reportagem de denúncia como a de PlumasAtomicas.com, “Acoso en escuelas: práctica común en el sistema educativo”, publicada em 07.11.17 e postada na *fanpage* Jóvenes LGBT México em 08.11.17, o texto traz uma variedade de dados numéricos que comprovam a violência contra as mulheres nas escolas e universidades do México.

*Esto genera un escenario en el que se justifica la violencia y se responsabiliza a las víctimas. Hay que tener presente la relación de poder de los maestros con las alumnas, que puede depender de una calificación negativa el poder pasar o salir de esse período educativo. Hay hostigamiento por parte de los docentes, [per] no hay mecanismos de denuncia ni de protección y las víctimas, la mayoría mujeres, tienen pocas oportunidades para negarse. (Juan Martín Pérez García, diretor de la Red por los Derechos de la Infancia en México – REDIM)*

*La cultura machista no tiene lugar de excepción. Con los adolescentes de 15 a 18 años se juegan muchas condiciones de poder y la lógica que se teje entre alumna y maestro. El temor a futuro que genera un montón de ansiedad y permite que el sexo se vea como una posibilidad de ser recompensado con calificaciones*

*oreconocimiento social. Existe complicidad dentro del sistema, porque cuando una víctima quiere denunciar a un maestro que es acosador, lo que pasa, por lo regular, es que nadie le cree. (Nisaly Brito Ramírez, directora ejecutiva de la organización Comenta Diálogo de Saberes)*

Através dos exemplos acima citados, posso afirmar que as ONGs pesquisadas têm produzido ações de desobediência civil, que significa

um “desobedecer juntos” que faz o coração do contrato social bater, dá corpo, por ocasião de uma contestação comum, ao projeto de “fazer-sociedade”, para além das instituições que se empenham, sobretudo, em perpetuar a si mesmas e a perenizar o conforto de uma elite. (GROS, 2018, p. 149)

A constestação comum está ligada ao viver juntos sob novas bases, ou seja, um projeto comum de futuro, que só pode ser constituído através do amor, aquele centrado na produção da vida social e do comum. Uma paixão revolucionária que soma a força intelectual, a força física e a ação política, “desobstruindo os processos de produtividade e criatividade da multidão que podem revolucionar nosso mundo e instituir um bem-estar comum e compartilhado”. (HARDT; NEGRI, 2016, p. 14)

O “amor”, aqui entendido no seu conceito político, como “um processo da produção do comum e da produção de subjetividade. [...] uma ação, um acontecimento biopolítico, planejado e realizado em comum”. Este amor está ligado ao conceito foucaultiano de amizade, uma ética e estética da existência que se desdobra da autoelaboração até a prática coletiva, numa relação que proporciona alívio ao desamparo, solidariedade, alteridade, viver as diferenças, problematização, criação e compartilhamento. (HARDT, NEGRI, 2016, p. 208)

Esta amizade se demonstra através dos diversos comentários efetuados pel@s amig@s das *fanpages* pesquisadas, por exemplo: “Marcha sin escenario pro con Orgullo – El gobierno nacional retiró el apoyo a la manifestación de la comunidad LGBTIQ” (FALGBT, 17.11.17); “En Argentina los diagnósticos basados en la orientación sexual o la identidad de género están prohibidos por la ley de salud mental” (FALGBT, 30.01.18); “Dentro desta casa só entram tabus – e esta série vai pô-los a nu” (Rede Ex Aequo, 22.01.18); “Tiffany Abreu é uma grande jogadora de voleibol na liga brasileira feminina!” (Rede Ex Aequo, 06.02.18)

*David, los lgbt también pagamos impuestos, y si le dan plata a la iglesia de nuestros impusestos, lo menos que podrían hacer es darnos una cantidad muy pequena para el escenario en una marcha tan multitudinária como lo es la marcha del orgullo. (Florencia Garcia Ateiro, 17.11.17)*

*Estás ciego! Decir que este gobierno no está contra nosotros. Y el que da vergüenza sos vos que sientes vergüenza por los tuyos, cada quien tiene el derecho de decir o*

*actuar como quiera y ser libre!! Si eso te molesta o te avergüenza, no dejas de ser un persona perjudiciosa que se crer perfecta y superior a los demás. (Clau Sedron, 17.11.17)*

*Claro, torturas con frío, calor y electricidad, pero después los enfermos son los homosexuales no? (Karo Tripoli, 30.01.18)*

*Es verdade cuando mi hijx me dijo cuál era su verdadera identidad de género una supuesta amiga lo quiso llevar y pagar acá en Caba a un psiquiatra que se especializaba en eso supuestas “tratamientos” está demás decir donde la mande. (Barby Magarelli, 30.01.18)*

*Glamoriza demasiado o consumo alcohólico (isso é um reflexo dos media atuais e não se cinge a esta série), mas entendo que reflita a realidade de um grupo de amigos que começam a viver juntos com liberdade total. Espero é que não tenham o mesmo perfil de consumo por muitos anos senão é cirrose certa! Quanto à temática LGBT é sempre de louvar. (André Candelária, 22.01.18)*

*Eu não percebo nada de voleibol, mas fico a pensar .. o pessoal está preocupado com o facto de ela ter treinado durante tantos anos com homens .. então, estamos a dizer que o treino que os homens fazem é melhor que o treino que as mulheres fazem? É que então, o problema não é da Tiffany, que agora é uma MULHER, e portanto, joga com mulheres. Será que o problema não será a forma como treinamos as jogadoras? É que quando treino quero que o meu treinador exija apenas o melhor de mim. Não o melhor de mim na condição de “mulher” ou “homem”. (Anabela Caetano Santos, 06.02.18)*

Bem como as reações e compartilhamentos das postagens relacionadas as garantias dos direitos humanos:

- FALGBT: “El Amor no hace Diferencias – Licencia Igualitária” (01.11.17); “GAPEF: deporte por la inclusión gay en los clubes porteños “ (02.11.17); “Ni regulacionismo ni abolicionismo: reconocimiento de derechos laborales – LatFem” (02.11.17); “Entre Rios: un nenê trans de 7 años logro el cambio de DNI” (03.11.17); “Australia le dice “sí” al matrimonio igualitário” (15.11.17); “Aprobaron la ordenanza de Cupo laboral para Personas Trans” (23.11.17); “Identidad de género: en cinco años y medio, 24 personas tramitaron su DNI” (27.11.17); “100 millones de dólares para restituir a las víctimas gays canadienses” (29.11.17); “Se aprobó el Día de la Promoción de los derechos de las personas trans” (01.12.17); “Um diputado homossexual australiano pidió la mano a sua pareja durante um debate de matrimonio gay” (04.12.17); “La Corte Cosntitucional de Austria autoriza el matrimonio homossexual” (06.12.17); “Alumna trans cumplió el sueño de egresar en colégio de Pico” (21.12.17); “Condena por travesticidio” (21.12.17); “Una obra social deberá cubrir el tratamiento de una mujer transgénero” (22.12.17); “Canadá prohíbe a una pareja de cristianos adoptar niños debido a su comprovada homofobia – que la inocência te valga” (22.12.17); “20

- jugadores podrían salir del closet en Rusia 2018” (27.12.17); “En Argentina los diagnósticos basados en la orientación sexual o la identidad de género están prohibidos por la ley de salud mental” (30.01.18).
- Jóvenes LGBT México: “Ciudad de México estrena baños ‘para todo género’” (01.11.17); “Matrimonio en Australia” (08.12.17); “Não importa a nossa causa, todos os nossos corações batem na mesma” (09.12.17); “Pink afirma que educa a sus hijos bajo la idea del género neutro” (18.12.17); “Una mujer lesbiana gana juicio al IMSS por viudez” (25.12.17); “Todxs tenemos cualidades inherentes distintas, ninguna de ellas nos impide llevar una vida plena” (28.12.17); “Prohíben la expulsión de militares trans del ejército estadounidense” (02.01.18); “La Corte Interamericana de Derechos Humanos dio su opinión consultiva a favor del matrimonio igualitario” (12.01.18); “Ter una orientação sexual diferente da heterossexual não é nenhuma doença” (16.01.18); “Quando a família apoia, a sociedade não discrimina” (19.01.18); “Nueva York impulsa día para promover derechos de estudiantes LGBT” (31.01.18); “En tres meses, 24 familias registran a hijos con apellido materno al inicio” (04.02.18); “Voces Diversas: transformando familias” (26.02.18).
  - Rede Ex Aequo: “Um discurso inspirador da atriz Sara Ramirez sobre a bissexualidade, para começar bem a semana!” (13.11.17); “Cor-de-Rosa ou azul? Não importa, tu também” (14.11.17); “Australia Votes ‘Yes’ on Same-Sex Marriage, Clearing Path for Legalization” (14.11.17); “NYC Transport replaces ‘Ladies and Gentlemen’ with gender-neutral announcements” (15.11.17); “Vive-se com VIH. O que mata é o preconceito” (01.12.17); “Podcast do Género. “Sou negra e sapatão” – e isso é um acto de resistência” (02.12.17); “Justin Trudeau, 1º Ministro do Canadá pede desculpas em nome do governo, do parlamento e de todo povo do Canadá, pela opressão, criminalização e violência face a comunidade LGBTI!” (02.12.17); “No Parlamento Deputado australiano Tim Wilson pede companheiro em casamento” (05.12.17); “Áustria vai permitir casamento de pessoas do mesmo sexo a partir de 2019” (06.12.17); “O ícone de drag, Desmond napoles, de 10 anos, define o que significa ser verdadeiramente “feroz”” (12.12.17); “O que é ser trans: entrevista com Helena Vieira” (12.12.17); ““História em Espanha”: “Operação Triunfo” mostra beijo gay na televisão pública” (20.12.17); “RTP estreia “primeira série portuguesa abertamente LGBT”, mas nem todos os comentários são positivos” (21.12.17); “Artista Marie Uve abraça a sexualidade” (04.01.18); “Tome beleza! Travestis, mulheres e homens trans que venceram concursos de miss e mister em 2017” (06.01.18); “Austrália celebra primeiras

uniões entre homossexuais após legalização” (13.01.18); “Associações apelam a proibição de cirurgias a crianças e bebês intersexo” (13.01.18); “A letra L está de volta” (18.01.18); “Dentro desta casa só entram tabus – e esta série vai pô-los a nu” (22.01.18); “Falemos sobre Género” (03.02.18); “Primeira mulher transgênero a dar de mamar graças a tratamento experimental” (16.02.18); “Judoca Célio Dias assume homossexualidade” (28.02.18).

- Rede Nacional de Adolescentes LGBT: “Ambiente virtual de participação de adolescentes” (01.12.17); “App brasileiro de empoderamento e proteção da comunidade LGBTI+” (22.12.17).

A amizade nas redes sociais *on-line* aparece como constituinte da potência revolucionária, uma combinação produtiva de desejos e afetos para subverter as malhas da sociedade de controle, o que conceituo como Cultura do Afeto. As redes colaborativas e a militância glocal produziram fissuras, produziram um movimento de libertação que não opera pelo poder, mas pela resistência constituída no comum, articulada em multidão e agenciada por redes de afeto. Esta Cultura do Afeto é movida por uma espécie de Amor Revolucionário, que ganha sentido na resistência, porque resistir é, ao mesmo tempo desejável e desejante. E é do resistir (cri)ativo que podemos construir um mundo melhor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As juventudes, objeto deste estudo, são um grupo social multifacetado, que utilizam os ambientes *on-line* como espaços de diálogo, de difusão da (cri)atividade, de diferenciação, de sociabilidade e do lúdico. Estes espaços de autoria exercitam uma junventude de corpos híbridos e mente fluída e seus modos de ser e estar no mundo, contestando, criando e (re)significando práticas que se constituem na linguagem, nas sociabilidades e na estética da cultura *on-line*.

As estatísticas mostradas ao longo do trabalho apontam as juventudes LGBT como um dos segmentos da sociedade que tem sua vida mais precária e colocam o *Facebook* como a principal rede social *on-line* utilizada nos países pesquisados, principalmente por pessoas entre 18 e 34 anos, sendo que a apropriação de suas funcionalidades e serviços foi se modificando da utilização instrumental para relacional, possibilitando novas experiências individuais e coletivas, novos modos de escrita, redefinição das fronteiras, constituindo e visibilizando novos modos de viver nossas “vidas precárias”.

O mote desta pesquisa militante foi entender como a juventude LGBT se relaciona com as redes sociais *on-line* e com a Rede de Movimento Social LGBT, tendo como objetivo compreender de que modo o exercício da ciberdemocracia, da amizade e da escrita de si entre jovens, que se relacionam pelo *Facebook*, podem se constituir como uma política de performatividade e um dispositivo de enfrentamento das precariedades.

Os espaços heterotópicos *on-line*, neste caso possibilitados pelo *Facebook*, são de suma importância para as pesquisas nas redes sociais *on-line*, pois permitem um estudo da alteridade, uma compreensão de “relações sociais outras”, que funcionam com fonte para “manifestações culturais outras” e que produz “identidades sociais outras”. São estes “espaços outros”, Heterotopias *On-line*, que emergem das páginas das ONGs pesquisadas, possibilitando novos arranjos de poder e novas maneiras de estar no mundo que podem desafiar as representações hegemônicas e recriar nossas formas de existência.

Desta forma, podemos considerar a *internet* como um fenômeno social que possibilita as juventudes tornarem-se agentes sociais de novos espaços culturais atravessados por diversos discursos, tornando difusas suas fronteiras, gerando, ao mesmo tempo, grandes mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e motivando também movimentos terrivelmente reacionários e conservadores, um jogo constante de poder/saber que possibilita, ao mesmo tempo, discursos de amizade, de parceria e de cooperação, tanto quanto discursos de ódio e de violência.

A pesquisa, tendo como *lócus* a rede social *on-line*, trouxe mudanças durante a produção de dados, como páginas que se desativam ou poucas postagens, mas também, grandes possibilidades como desconstruir preconceitos, por exemplo, @s amig@s das *fanpages* não utilizam tanto os comentários para se posicionarem sobre uma postagem e sim reações e compartilhamentos. Ou, infelizmente comprovar “nossas verdades”, como o crescente ataque mundial dos fundamentalistas aos Direitos Humanos.

As 683 postagens (textuais e imagéticas) que construíram a Cartografia dos bancos de dados e interações, foram analisadas através das ferramentas metodológicas de Análise de Rede Social (ARS), Análise de Discurso de Michel Foucault e Análise Imagética de Gillian Rose, sendo utilizado como arcabouço teórico de análise os Estudos Feministas, Culturais, de Gênero e, sobretudo, os Estudos Queer, sustentado em três eixos conceituais – Políticas de Performatividades, Precariedade e Sociabilidades.

A concepção teórico-metodológica adotada, situa a pesquisa como exploratório-descritiva, netnográfica, de caráter qualitativo e relacionada aos processos educacionais que constituem os sujeitos no ciberespaço, sendo desenvolvida em três linhas de análise: Rede de Movimento Social, Ativismo *On-line* LGBT e Escrita de Si.

As linhas de análise têm como eixo principal o ciberespaço como uma Heterotopia *On-line*, onde o ciberativismo está atuando fortemente nas Redes de Movimento Social, como prestadoras de serviço, produtoras de conhecimento e ativistas, tendo como ideais a cooperação, solidariedade e democracia, vividas e não apenas teorizadas. São organizações híbridas que formam uma rede de solidariedade, reciprocidade e compartilhamento que tem por objetivo o empoderamento democrático e a inclusão social.

Na produção desta tese podemos constatar que as ONGs pesquisadas fazem parte de uma Rede de Movimento Social, o LGBT, pois encontramos desde o associativismo local (as ONGs que participam da FALGBT), passando pelas articulações inter-organizacionais (os associativismos locais na mediação e parceria com instituições públicas), até as mobilizações públicas articuladas pelas redes (Paradas do Orgulho LGBT coordenadas pela FALGBT, ABGLT, ILGA-PT e Yaaj). Uma “multidão”, uma organização social capaz de atuar em conjunto em lutas comuns nacionais e supranacionais, não só para as demandas LGBT, mas também demandas globais (violência contra as mulheres, reformas trabalhistas, recursos do ecossistema, etc).

O ciberativismo é lugar de práticas de liberdade, de conexão mundial e de reconfiguração, uma ação coletiva produto das relações d@s ator@s sociais que amplia a oportunidade de seu envolvimento e fortalece o ativismo. É um exercício pessoal de leitura e releitura de si e uma

abertura ao outro, um modo alternativo de viver e de compartilhar projetos e afetos, sendo uma das formas de materializar a experiência ética enquanto prática de liberdade.

As *fanpages* estudadas podem ser consideradas “heterotopias de desvio”, locais que alocam os sujeitos de comportamento desviante da norma – da heteronormatividade – que se expõem, se enxergam no outro, construindo uma rede de apoio que tem poder de subversão política através a reivindicação de direitos e, conseqüentemente, reivindicação da liberdade, condição para uma política radical com base na performatividade que se manifesta na construção de seus projetos de vida através das alianças.

Nestas “heterotopias de desvio” os corpos híbridos e precários expõem as exigências da sociabilidade, das forças sociais e políticas, que podem tornar, ou não, possíveis os projetos de vidas. Essas redes de tecnobiopoder, interpelam o corpo com vários discursos, visibilizada na pesquisa pelos corpos dissidentes (corpos transexuais e intersex) construindo a premissa de que a Heterotopia *On-line* pode visibilizar, informar, constituir outras maneiras de viver nossos corpos e possibilitar a resistência.

A resistência exige igualdade de justiça para os corpos expostos diferencialmente à morte, sendo uma ação de reunião e de aliança dos corpos híbridos em Assembleia. Este corpo performático é político, estético e ético, um território que se desterritorializa nas formas de se unir em longa distância, fazendo repensar que o espaço público como interdependente e solidário e que não está só na rua, mas também nas redes sociais *on-line* através das alianças radicalmente plurais.

As postagens analisadas relatam a violência ética contra as juventudes LGBT, aquela ética que se petrifica na norma e se processa no corpo, inquisições morais que não discutem, que não oferecem liberdade, que impõem dor e matam. Uma espécie de guerra está em processo, onde os agressores – normalmente grupos de extrema direita, ligados aos ideais nazifascistas – querem varrer os corpos dissidentes.

@s autor@s sociais que participam dessas *fanpages* exercitam junt@s a liberdade em público expondo suas condições de precariedade, instituindo um espaço, mesmo que seja negado e sofrido, um espaço de ação, de aprendizagem do pensar junt@s as diferenças e antagonismos entre as minorias. Somente a resistência ética pode visibilizar a violência e a produção do afeto de indignação diante da injustiça ou de uma perda irreparável. Essa é também uma ação performática, uma política radical de performatividade.

A política radical de performatividade está ligada com o pensar uma ética da vida onde o sujeito direciona suas ações sobre si relacionadas com o mundo e com o outro. Uma proposta de abordar a vida como intercâmbio de coligações, na sociabilidade que busca um

reconhecimento do outro a partir do eu, representada pelo movimento social autônomo, que interligado às Redes de Movimento Social, produzem táticas de ação direta (bloqueios, piquetes e ocupações de espaços públicos) e mobilização das redes sociais *on-line* (compartilhamento de assuntos e comunidades de ajuda), uma possibilidade de aliança para sustentar a vida.

As mobilizações nas redes sociais *on-line* produzem conexões que podemos chamar de “multitudes *on-line*”, aglomerados descentralizados, ágeis, que se auto-organizam e se atualizam, menos em torno da praça pública e mais ao redor do gerenciamento distribuído da diferença. Este espaço que nomeio de Assembleias Performativas, se constitui na aliança de corpos distintos e como uma ação performativa que reivindica projetos de futuro diferentes.

Esta reivindicação está alicerçada na resistência, como uma disposição ética para a liberdade, que se processa através da amizade como ação política contra a obediência. Esta amizade constitui uma rede de discussões e compartilhamentos, do estar junto como rede de solidariedade contra as “comunidades de obediência” – os fundamentalismos religiosos, científicos, militares – para construir um projeto comum de futuro com base no afeto, uma potência revolucionária que coliga a força intelectual, a força física e a ação política.

O (en)lutar-se está relacionado a esta Cultura do Afeto, que nos tira do lugar confortável, perturba a ordem, desestabiliza a hierarquia, tendo um enorme potencial político, já que nos ajuda a perceber as questões éticas de ofertar e receber reconhecimento. Desta forma, a Cultura do Afeto como ética da vida é uma alternativa de constituição de subjetividades e uma possibilidade das juventudes LGBT colocarem em prática seus projetos de vida.

Enfim, o longo e árduo, mas também gratificante trabalho de pesquisa, permitiu formular e sustentar a Tese, segundo a qual, a amizade nas redes sociais *on-line* pode ser constituinte de uma potência revolucionária, uma combinação produtiva de desejos e afetos que subvertem as malhas da sociedade de controle, já que as redes colaborativas e a militância glocal produzem fissuras, práticas de liberdade que não operam pela vontade de dominação, mas pela resistência constituída no comum, articulada em multidão e agenciada por redes de afeto. A isso denominei *Heterotopias On-line*.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Jeffrey C.. Acção colectiva, cultura e sociedade civil: secularização, actualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. **Revista Brasileira Ciências Sociais**. 13 (37). pp. 5-31. 1998.

ANDRADE, Antonio. Piquetes e Charutos: sobre críticas de Perlongher e Sarduy à repressão romossexual. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo**. nº 19 – Janeiro-Junho de 2012. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num19/> 50>. Acesso em: 29 de maio de 2018.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos. 2010.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2004.

ALMEIDA, Mariane Tojeira Cara. **A imagem das adolescentes na web: a busca pela corporeidade espetacular**. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2013.

ALÓS, Anselmo Peres. Heterotopias hipertextuais: Escrevendo mundos digitais em La ansiedad e Keres cojer? = guan tu fak. **Ipotesi**. v. 14. n. 1. jan./jul. Juiz de Fora. p. 69 – 80. 2010.

ARENDT, Hannah. **A Dignidade da Política: ensaios e conferências**. Trad: H. Martins, 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1993.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad: R. Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2001.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 1ª ed. Campinas: Papyrus, 1994.

BARBOSA, Andre Luiz Ferreira. **Internet e participação política de jovens no Brasil: um estudo de caso sobre a Rede Virajovem**. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2000.

BRAGA, Adriana. Usos e Consumos de Meios Digitais entre Participantes de Weblog: uma proposta metodológica. In: **Anais do XVI Encontro da Compós**, UTP, Curitiba, 2007. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_162.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf). Acesso em: 08 jun. 2015.

BRASIL, Secretaria Especial de Direitos Humanos - Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: ano 2013**. Brasília, 2016. Disponível em: < <http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

BRETON, Philippe. El culto Internet: Contracultura y exaltación de la juventud. Dossiê: Midia. In: **Le Monde Diplomatique**. N. 016. outubro 2000. p. 33. Disponível em: <<http://www.insumisos.com/diplo/NODE/2553.HTM>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. Revisão Técnica: Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.

BUTLER, Judith. Alianças queer e política anti-guerra. Tradução: Kaciano Barbosa Gadelha. **BAGOAS**. n. 16. 2017. p. 29-49.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra** - Quando a Vida é Passível de Luto?. Rio de Janeiro: Editora: Civilização Brasileira. 2015a.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Autêntica. 2015b.

BUTLER, Judith. Por que é que os corpos importam e interessam. Conferência em Lisboa, 2015. **Gênero, sexo e economia: “Somos todos potencialmente precários”**. Reportagem de Joana Amaral Cardoso. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2015/06/03/culturaipilon/noticia/genero-sexo-e-economia-somos-todos-potencialmente-precarios-1697774>>. Acesso em: 20 dez. 2015. (2015c).

BUTLER, Judith. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. Conferencia impartida el 24 de junio de 2014. **XV Simposio de la Asociación Internacional de Filósofos (IAPH)**. Alcalá de Henares. España. <https://www.youtube.com/watch?v=hEjQHv0R6rQ>. Disponível em: < [http://www.cihuatl.pueg.unam.mx/pinakes/userdocs/assusr/A2/A2\\_2195.pdf](http://www.cihuatl.pueg.unam.mx/pinakes/userdocs/assusr/A2/A2_2195.pdf) >. Acesso em: 20 mar. 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith **Vida precaria**: el poder del duelo y la violencia. Trad: Fermín Rodríguez. Buenos Aires: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. Restaging the Universal: Hegemony and the Limits of Formalism. In: Butler, Judith; Laclau, Ernesto; Žižek, Slavoj. **Contingency, Hegemony, Universality**. Contemporary Dialogues on the Left. New York: Verso, 2000.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri. **Who sings the Nation-State?** Language, Politics, Belonging. New York: Seagull. 2007.

CAMACHO, Jose Fernando. **Os significados da internet e das redes sociais para a juventude**. Tese de Doutorado em Geografia. Universidade Federal de Uberlândia. 2013.

CAMARINHA-MATOS, L. M. AFSARMANESH, H. Collaborative Networks: a new scientific discipline. **Journal of Intelligent Manufacturing**. v. 1. n. 16. p. 439-452. 2005.

CASTELLS, Manuel. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedad red (I). Los medios y la política. **Telos: Cuadernos de comunicación e innovación**. 74. 13-24. 2008. Disponível em:

<<https://telos.fundaciontelefonica.com/telos/articuloautorinvitado.asp?idarticulo=1&rev=74.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet; Reflexões Sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y Poder**. Madri: Alianza Editorial. 2009.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARDEL, Pierre-Antoine. “Société du risque, nouveaux médias et conscience morale. Pour une écologie informationnelle”. In: **Conflit des interprétations dans la société de l’information. Ethique et politique de l’environnement**. Pierre-Antoine Chardel, Bernard Reber et Cédric Gossart (sous la direction de), Paris, Hermès Editions, 2012.

CIAMPA, Aantônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense. 1987.

COLOMBO, Enzo. Reflexividade e escrita. **Revista do Centro de Educação**. vol. 41. n. 1. janeiro-abril, 2016, pp. 15-26.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do. **Cibercultura, Juventude e Alteridade: Aprendendo-Ensinando com o outro no Facebook**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2012.

COTARELO, Ramón La dialéctica de lo público, lo privado y lo secreto en la ciberpolítica. **Más Poder Local Magazine**. Especial Septiembre 2012. Madrid: Departamento de Comunicación Política e Institucional. Fundación Ortega-Marañón.España. p. 4 – 12. Disponível em: <<http://www.maspoderlocal.es/files/revistas/13-E5052d7e8131347606504-revista-1.pdf>>. Acesso em : 27 set 2016.

COTARELO, Ramón. De la política de partidos a la política de multitudes, In: Cotarelo, R. (coord.). **Ciberpolítica. Las nuevas formas de acción y comunicación políticas**. Valencia: Tirant lo Blanch. 2013.

CRESWEL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRUZ, Carole Ferreira da. **Ativismo anti-homofobia : embates político-midiáticos da rede LGBT na internet**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. nº 24. set/dez. 2003. p. 40-52. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>>. Acesso em: 15 set. 2016.

DAYRELL, Juarez. Por uma pedagogia da juventude. **Revista Onda Jovem**. 2013. p. 1-4. Disponível em: < [http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude\\_juarez-dayrell.pdf](http://aic.org.br/wp-content/uploads/2013/11/por-uma-pedagogia-da-juventude_juarez-dayrell.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2016.

DELEUZE, Gilles. Controle e Devir. In: **Conversações, 1972-1990**. Trad: Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1992.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. **Social movements: An Introduction**. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2006.

DIANI, Mario. The concept of social movement. **Sociological Review**. Keele. UK. n. 40. 1992. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1111/j.1467-954X.1992.tb02943.x>>. Acesso em 21 de março de 2018.

ELLISON, Nicole. B.; BOYD, Danah. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton. W. H. (Ed.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press. 2013. pp. 151-172.

FACCHINI, Regina. Histórico da Luta de LGBT no Brasil. **Revista Universo**. Nº 61. Dez 2016 – Jan 2017. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.W0GQCtVKiUk>>. Acesso em: 15 dezembro 2017.

FEIXA, Carles; VÁZQUEZ, Melina; DOMÍNGUEZ, María Isabel. Acción colectiva, activismos juveniles y Estado en Iberoamérica y El Caribe - Introducción al dossier temático. **Universitas - Revista de Ciencias Sociales y Humanas de la Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador**. Año XIV, nº. 24, 2016. p. 85-90. Disponível em: < <http://universitas.ups.edu.ec/index.php/universitas/article/view/1333/1090>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 25. nº 2. maio/agosto. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/estado/article/view/2710/2269>>. Acesso em: 05 jan. 2017.

FERRAZ, Vinicius Suzigan. “Veja e Carta Capital: observações iniciais de pesquisa”. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**. Ano 20. n.20. jan/dez. p. 161-175. 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, novembro, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault revoluciona a pesquisa em educação?. **Perspectiva**. v. 21. n. 2. 2003. Florianópolis. p. 371-389.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. De l'amitié comme mode de vie. Entrevista dada à R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. **Jornal Gai Pied**. nº 25, abril de 1981. pp. 38-39. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>>. Acesso em: 03 out 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?**. Lisboa: Passagens. 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. “O Sujeito e o Poder”. In: Dreyfus, Hubert e Rabinow, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, pp. 231-249. 1995

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Manoel Barros da Motta (Org.). Trad: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal. 2004a.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes. 2004b.

FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Vontade de Saber: História da Sexualidade I**. São Paulo: Graal, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política / Ditos e Escritos V**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010b.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade: o governo de si e dos outros II**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2011.

FOUCAULT, Michel. De Espaços Outros. Dossiê O espaço na vida social. **Estudos Avançados**. vol.27. n.79. São Paulo. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142013000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142013000300008)>. Acesso em 26 agosto 2018.

FREIRE FILHO, João. A Comunicação Passional dos Fãs: Expressões de Amor e de Ódio nas Redes Sociais. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus. 2013. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-2085-1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-2085-1.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Manual para o Uso Não Sexista da Linguagem: o que bem se diz bem se entende**. Porto Alegre: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital. 2014.

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

GRESPLAN, Carla Lisboa; LESSA, Patrícia. Las biotecnologías y la performatividad de los cuerpos: algunos discursos sobre el doping en el mixed martial arts femenino. **Revista GénEros**. Vol. 22. Núm. 18. 2016. p. 65-89.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução: Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora. 2018.

GOELLNER, Silvana Vilodre; GRESPLAN, Carla Lisboa. XXY: intersexualidade, corpo e desejo. IN: Gomes, Ana Carolina Vimieiro; Carvalho, Ely Berço de. **História da Ciência no Cinema V**. 1. Ed. Belo Horizonte: Fino Traço. 2014.

GUEDES, Taís Morais. **As redes sociais - Facebook e Twitter - e suas influências nos movimentos sociais**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade de Brasília. 2013.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem-estar Comum**. Tradução: Clóvis Marques. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Ed. Record. 2004.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record. 2001501 pp.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: Hollanda, H. B. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IURCONVITE, Adriano dos Santos. Os direitos fundamentais: suas dimensões e sua incidência na Constituição. **Revista Âmbito Jurídico**. Ano X. n. 48. Rio Grande. 2007. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=artigos\\_leitura\\_pdf&artigo\\_id=4528](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=artigos_leitura_pdf&artigo_id=4528)>. Acesso em: 06 set 2018.

JUBÉ, Carolina Nascimento. **Os "avatares" do corpo rascunho: sobre a formação identitária de jovens universitários na cibercultura**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade de Brasília. 2010.

KARDOZO, Felipe Camilo Mesquita. **Confissões no Facebook: Educação e Subjetivação nas Redes Sociais**. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. 2013.

KOZINETS, Robert V.. **Netnografia: A Arma Secreta dos Profissionais de Marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. 2010. Disponível em: <[http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia\\_portugues.pdf](http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2016.

KRAMBECK, Rafael Soares. **Cyberqueer: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. UNISINOS. 2013

LEMO, André.; LÉVY, Pierre. **O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LEONARDI, Elisa Ferreira Roseira. **Juventude/ Adolescência e Autorrepresentação no Facebook**. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Francisco Silva de. **Amizades e sociabilidades escolares no facebook: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2014.

MACHADO, Joicemengue Ribeiro; TIJIBOY Ana Vilma. Redes Sociais Virtuais: um espaço para efetivação da aprendizagem cooperativa. **Novas Tecnologias na Educação**. CINTED-UFRGS, V. 3 Nº 1, Maio, 2005.

MACHADO, Jorge Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. **Sociologias**. n.18. July/Dec. Porto Alegre. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222007000200012>>. Acesso em 21 de março de 2018.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da Abertura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: O declínio do individualismo na sociedade de massa**. trad. Maria de Lourdes Menezes; trad. do anexo e prefácio Débora de Castro Barros, 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAGLIA, Elea; ABRANTES, Lucía de. Genealogía de la Homosexualidad en la Argentina. **VI Jornadas de Sociología de la UNLP**. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Sociología, La Plata. 2010.

MANDIM, David. Duas lésbicas da Malásia condenadas a castigos corporais. **Diário de Notícias**. 14 Agosto 2018, Disponível em:< <https://www.dn.pt/mundo/interior/duas-lesbicas-da-malasia-condenadas-a-castigos-corporais-9716312.html>>. Acessado em: 10 de set. 2018.

MARQUES, Cíntia Bueno. **Estou online! o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

MARTINS, Sérgio Pinto. **Instituições de Direito Público e Privado**. 8ª ed. . São Paulo: Atlas. 2008.

MELONI, Carolina. Judith Butler y la genealogía. La Torre del Virrey: **Revista de Estudios Culturales**. Madrid, n. 5, p. 75-81, 2008. Disponível em: <<http://www.latorredelvirrey.es/pdf/05/carolina.meloni.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2012.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2012.

MIRZOEFF, Nicholas. *An Introduction to Visual Culture*. Londres: Routledge. 1999.

MIRZOEFF, Nicholas. *The Visual Culture Reader*. Londres: Routledge. 2002.

MORAES, Eduardo Carli de. Por uma ética da desposseção de si – sobre Judith Butler e seu “Relatar a Si Mesmo – Crítica da Violência Ética”. **A Casa de Vidro**. 2016. Disponível em: <<https://acasadevidro.com/2016/11/25/judith-butler-relatar-a-si-mesmo-critica-da-violencia-etica-editora-autentica-2015-200-pgs-livraria-a-casa-de-vidro/>>. Acesso em: 24 set 2018.

MURRAY, Stephen O. **México Encyclopedia**. GLBTQ. 2004. Disponível em: <<http://www.glbtq.com>>. Acesso em: 25 de junho de 2018.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet?. **Revista Organizações em Contexto**. v. 6, n. 12. São Paulo. jun. 2010. p.107-133. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/2697>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

OLIVEIRA, José Reinaldo. **Juventude e Ciberespaço : Implicações do Uso da Internet na Constituição da Sociabilidade Juvenil**. Orientador: Carlos Ângelo de Meneses Sousa. Dissertação. Universidade Católica de Brasília. 2012.

OLVERA, Dulce. Somos el segundo país con más crímenes contra la comunidad gay: 202 asesinatos en 2 años. **SinEmbargo**. 2017. Disponível em: <<http://www.sinembargo.mx/07-07-2017/3257407>>. Acessado em: 25 de junho de 2018.

ONU, Organização das Nações Unidas. Comitê de Direitos Humanos. **Campanha da ONU lança apelo às famílias de pessoas LGBTI**. Publicado em 23/12/2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/campanha-da-onu-lanca-apelo-as-familias-de-pessoas-lgbti/>>. Acesso em: 27 dez. 2016. (2016a)

ONU, Organização das Nações Unidas. Comitê de Direitos Humanos. **ONU lembra Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia; veja principais ações no Brasil**. Publicado em 17/05/2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-lembra-dia>>

internacional-contra-a-homofobia-e-a-transfobia-veja-principais-acoes-no-brasil/>. Acesso em: 27 dez. 2016. (2016b)

ONU, Organização das Nações Unidas. **OMS lança nova classificação internacional de doenças**. Publicado em 18/06/2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-lanca-nova-classificacao-internacional-de-doencas/>>. Acesso em: 20 dez 2018.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2000.

ORSI, Carlos. O que a ciência diz sobre a terapia de reorientação sexual, a chamada 'cura gay'?. **Gazeta do Povo**. 20 de setembro de 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**. v. 34. n. 122. p. 283-303. 2004.

PERLONGHER, Néstor. Prosa plebeya Ensayos 1980-1992. **Puñaladas**. Christian Ferrer y Osvaldo Baigorria (selección y prólogo). Buenos Aires: Colihue. p. 262. 1997.

PERON, Allan. [Infográfico] Facebook Marketing – Dados de 2016 da Maior Rede Social do Mundo. Disponível em: <http://www.allanperon.com.br/facebook-marketing/>. Acesso em: 24 nov. 2016.

PRENSKY, M. Digital natives, Digital immigrants. **Revista On the Horizon**, vol. 9, nº 5, outubro. 2001.

PRETES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil**: da sodomia ao homossexualismo. Disponível em: <<https://vetustup.files.wordpress.com/2013/05/historia-da-criminalizacao-da-homossexualidade-no-brasil-da-sodomia-ao-homossexualismo-tc3balio-l-vianna.pdf>>. Acesso em: 10 set 2018.

RATTO, Cleber Gibbon; GRESPAN, Carla Lisbôa; HADLER, Oriana Holsbach. “Ocupa 1º de Maio”: Ciberdemocracia, Cuidado de Si e Sociabilidade na Escola. **ETD- Educação Temática Digital Campinas**. São Paulo.v.19 n.1. p. 99-118. jan./mar. 2017.

RATTO, Cleber Gibbon; GRESPAN, Carla Lisbôa. **Hashtags e Sociabilidade**: potencialidades e possibilidades da Ciberdemocracia. *Artefactum – Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*. Ano IX – Nº 01. 2017. p. 1-13. Disponível em: <<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1385/679>>. Acesso em: 27/12/2018.

REAGON, Berenice Johnson. Coalition Politics: Turning the Century. IN: Home Girls: A Black Feminist Anthology. Org: Barbara Smith. Womemof Color Press. p. 356-357. 1983.

REBS, Rebeca Recuero. Em Busca do Concreto: Dos Lugares Virtuais para os Lugares Físicos. Trabalho apresentado no GP – Cibercultura do DT 5 – Multimídias. IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Curitiba. 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1440-1.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o Estudo das Redes Sociais na Internet: O caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. **Revista Fronteiras (Online):** Vol 16, p.1, 2014.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia.** Porto Alegre: Sulina. 2015.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação.** n°. 23. maio/agosto. 2003. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a07.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

REZENDE, Nathalia; NICOLAU, Marcos. Odiadores na internet: características, práticas e significância dos haters de produtos culturais. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. DT 5 - Rádio, TV e Internet. Natal 2015. Disponível em: <[www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1777-1.pdf](http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-1777-1.pdf)>. Acesso em: 05 jan. 2017.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Uma Sociedade sin Fronteiras.** Colección Límites de La Ciencia. Barcelona: Gedisa Editorial. 1996.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

ROBERTSON, Roland. Glocalization: Time-space and homogeneity-heterogeneity. In: Mike Featherstone, Scott Lash e Roland Robertson (org). **Global Modernities.** Londres: Sage Publications. p. 25-44. 1995.

ROSE, Gillian. **Visual methodologies: an Introduction to the Interpretation of visual materials.** London: SAGE, 2007.

SALES, Shirlei Rezende.; PARAÍSO, Marlucy Alves. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. **Revista Estudos Feministas.** vol. 19. n° 2. agosto de 2011. p. 535 – 548.

SAMPEDRO, Víctor. **13M: Multitudes Online.** Asociación de los libros de La Catarata, 2005.

SANTINO, Renato. Mesmo em crise, Facebook continua crescendo em número de usuários. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/noticia/mesmo-em-crise-facebook-continua-crescendo-em-numero-de-usuarios/75724>>. Acesso em: 26 de julho de 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez Editora, 5ª ed., 2008.

SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Tradução: Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCARAMUZZA, Arlete Guisso. **O Jovem Midiatizado e as Marcas de Gênero e Sexualidade: o que restou na caixa de Pandora?** Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias. Universidade Est. Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro. 2015

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**. 21 (1). pp. 109-130. 2006.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. **Laços de Amizade: Modos de Relacionamento Jovem Em Tempos De Conectividade Digital**. Tese de Doutorado em Educação. UFRGS. 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Simone de Assis Alves da. **Redes sociais on-line e cultura digital de jovens**. Dissertação de Mestrado em Informática. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. 2012.

SILVA, Marco. **Sala de Aula Interativa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Quartet. 2002.

SILVA, Tomas Tadeu da. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SMITH, Marc S. Prefácio: conectando o poder das redes sociais. In: **Análise de redes para mídia**. RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. Porto Alegre: Sulina. 2015.

SOUZA, Pedro. **Confidências da Carne**. O público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas: Editora da Unicamp. 1997.

SOUZA, Marcela Fernanda da Paz de. Cotidiano, cultura e juventude: olhares Intercruzados - Entrevista com José Machado Pais. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 219-235.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a Teoria Queer**: seguido de Ápage e êxtase: orientações pós-seculares. Tradução: Heci Regina Candiani. Pós-facio Richard Miskolci. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

TAVARES, Ilana Camurça Landim. **A construção das imagens de si por adolescentes em redes sociais**. Orientadora: Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade Federal do Ceará. 2015.

TAVARES, Wellington; PAULA, Ana Paula Paes de. Movimentos Sociais em Redes Sociais Virtuais: Possibilidades de Organização de Ações Coletivas e Ativistas no Ciberespaço. **XXXVII Encontro da ANPAD**. Rio de Janeiro. 7 a 13 de setembro de 2013. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013\\_EnANPAD\\_EOR200.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR200.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2018.

WERTHEIM, Margareth. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes. 2007. p. 7-72.

## APÊNDICE A – Banco de Teses e Dissertações Capes

	TESES E DISSERTAÇÕES
SIGNIFICADO / USOS	MENDES, Daniele Cristina. Navegando por entre trilhas digitais com velhas e novas gerações. 01/06/2010 101 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
	BRAGA, Moema Mesquita da Silva. Lógica dos usos e apropriações da Internet por jovens dos setores populares. 01/07/2011 127 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza
	SILVA, Simone de Assis Alves da. Redes sociais on-line e cultura digital de jovens. 01/06/2012 104 f. Mestrado em Informática Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
	FERREIRA, Luciana Gomes. Tecendo rede: usos tecnológicos por jovens em uma metrópole brasileira. 01/08/2012 114 f. Mestrado em Sociologia e Antropologia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
	CAMACHO, Jose Fernando. Os significados da internet e das redes sociais para a juventude. 30/10/2013 230 f. Doutorado em Geografia Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.
	MOURA, Diocsianne Correia de. Meio e Mensagem: Usos e Apropriações do Smartphone nas Interações Cotidianas de Jovens Universitários Curitiba 2014. 07/02/2014 132 f. Mestrado em Comunicação e Linguagens Instituição de Ensino: Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba.
SOCIABILIDADE / ESTAR JUNTO	SCHWERTNER, Suzana Feldens. Laços de Amizade: Modos de Relacionamento Jovem Em Tempos De Conectividade Digital. 01/03/2010 203 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre.
	SOUSA, Nadia Jane de. Globalização, tecnologia e mídias: elementos constituintes do estar junto juvenil na contemporaneidade. 01/10/2010 195 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa Biblioteca.
	BERNARDES, Márcia. Jovens e internet: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento. 01/03/2012 151 f. Mestrado em Ciências da Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos, São Leopoldo.
	CRUZ, Daniel Viana Abs da. Juventude e Jogos Digitais: Envolvimento e Relações Sociais em Massive Multiplayer Online Role Play Games. 01/03/2012 112 f. Doutorado em Psicologia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
	RIBEIRO, Tatiana Costa. A Dinâmica das Relações Cotidianas: sociabilidade juvenil e seus códigos de identificação na cidade. 16/12/2013 163 f. Mestrado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador.
	LIMA, Francisco Silva de. Amizades e sociabilidades escolares no facebook: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas. 11/04/2014 164 f. Mestrado em Ciências da Comunicação Instituição de Ensino: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
	AZEVEDO, Douglas dos Santos. Online Full Time: A Sociabilidade das Gerações Y & Z no Cotidiano Tecnológico. 30/03/2016 140 f. Mestrado em Mídia e Cotidiano Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói.
EDUCAÇÃO / ESCOLA	SANTO, Shirlei Rezende Sales do Espírito. Orkut.com.escol@:currículos e ciborguização juvenil. 01/02/2010 234 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
	RAMOS, Marta Calil Nascimento. O jovem, o Orkut e a escola : suas relações. 01/08/2010 168 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro.

	<p>ROSA, Ana Carolina Pereira da Silva. "Se meu pai viesse aqui hoje nessa escola, ele não ia aprender": Cibercultura e Processos de Ensino-Aprendizagem. 01/04/2011 124 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro.</p> <p>JUNIOR, Dilton Ribeiro do Couto. Cibercultura, Juventude e Alteridade: Aprendendo-Ensinando com o outro no Facebook. 01/05/2012 135 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro.</p> <p>FERREIRA, Fatima Ivone de Oliveira. Juventude e redes sociais online: culturas mediadoras no contexto da escola básica. 09/12/2013 223 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro.</p> <p>BITENCOURT, Kelly Ramos de Souza. Novas sociabilidades e protagonismo juvenis : a escola vista no ciberespaço. 24/02/2014 115 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Católica de Brasília, Brasília.</p> <p>FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino. Dinâmicas de uma juventude conectada: a mediação dos dispositivos móveis nos processos de aprender-ensinar. 25/02/2014 274 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro.</p> <p>SALATINO, Andre Toreli. Entre laços e redes de sociabilidade. Sobre jovens, celulares e escola contemporânea. 29/04/2014 undefined f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo.</p> <p>BATISTA, Lucineia de Fatima Sena. Jovens Youtubers: Processos de Autoria e Aprendizagens Contemporâneas. 13/08/2014 171 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.</p>
POLÍTICA	<p>CAVALCANTE, Claudia Valente. Jovens e Estratégias Educativas de Apropriação dos Espaços Urbano e Virtual. 01/09/2010 134 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.</p> <p>LIMA, Nataly de Queiroz. Redes sociais, juventude rural e desenvolvimento local: apropriações de propostas de comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas pelos jovens do cariri cearense. 01/03/2011 107 f. Mestrado em Extensão Rural E Desenvolvimento Local Instituição de Ensino: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.</p> <p>BARBOSA, Andre Luiz Ferreira. Internet e participação política de jovens no Brasil: um estudo de caso sobre a Rede Virajovem. 14/02/2014 134 f. Mestrado em Comunicação E Cultura Contemporânea Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador.</p> <p>SANTO, Cintia Sacramento do Espirito. Táticas, Usos e Representações: A Rede Social como Espaço de Afirmação e Pertencimento Territorial da Juventude Periférica. 19/05/2014 114 f. Mestrado em Crítica Cultural Instituição de Ensino: Universidade do Estado Da Bahia, Alagoinhas.</p> <p>REIS, Juliana Batista dos. Transversalidade nos Modos de Socialização e Individuação: Experiências Juvenis em Rede. 31/07/2014 224 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.</p>
	<p>BACZINSKI, Maira Goncalves. Nas Teias do Orkut - Construção de Sexualidade e Gênero Entre Jovens. 01/02/2010 100 f. Mestrado em Educação em Ciências e Saúde Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.</p>
	<p>BASSALO, Lucélia De Moraes Braga. Entre Sentidos e Significados: Um Estudo sobre Visões de Mundo e Discussões de Gênero de Jovens Internautas. 01/04/2012 255 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.</p>
	<p>SCARAMUZZA, Arlete Guisso. O Jovem Mídiaizado e as Marcas de Gênero e Sexualidade: o que restou na caixa de Pandora? 10/09/2015 106 f. Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias Instituição de Ensino: Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Rio Claro, Rio Claro.</p>
REPRESENTAÇÃO	<p>JUBÉ, Carolina Nascimento. Os "avatars" do corpo rascunho: sobre a formação identitária de jovens universitários na cibercultura' 01/07/2010 183 f. Mestrado em Educação Física Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.</p>

<p>SOUZA, Julia Salgado Valentini de. De Confissões Pessoais ao Compartilhamento Geral: mudanças nas representações midiáticas da juventude. 01/04/2011 144 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.</p>
<p>ALVES, Nilza Gonzaga. Minha vida é uma tela aberta: diários de Jovens no Youtube. 01/08/2011 117 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói.</p>
<p>LACOMBE, Renata Barreto. Cala a boca já morreu. Quem manda aqui sou eu? Uma reflexão sobre a produção cultural da juventude contemporânea no universo das novas mídias. 01/12/2011 280 f. Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.</p>
<p>BOLL, Cintia Ines. A Enunciação Estética Juvenil em Vídeos Escolares no Youtube. 26/02/2013 150 f. Doutorado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.</p>
<p>OLIVEIRA, Rosana Alves de. A produção de vídeo por celular e a representação de identidades juvenis: estudo com estudantes participantes do projeto Telinha de Cinema. 28/02/2013 135 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília.</p>
<p>ALMEIDA, Mariane Tojeira Cara. A imagem das adolescentes na web: a busca pela corporeidade espetacular . 23/05/2013 249 f. Doutorado em Comunicação E Semiótica Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.</p>
<p>LEONARDI, Elisa Ferreira Roseira. Juventude/Adolescência e Autorrepresentação no Facebook' 26/02/2014 180 f. Doutorado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.</p>
<p>BRITO, Rosaly de Seixas. Diferentes, Desiguais e Conectados(?) - Vivências Juvenis, Representações Midiáticas e Negociação de Sentidos na Cena Metropolitana' 29/04/2014 257 f. Doutorado em Sociologia E Antropologia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Pará, Belém.</p>
<p>SOUZA, Juliano Ferreira de. Imagens das Juventudes: uma mirada sobre o comportamento midiático-digital dos jovens de Bauru. 14/08/2015 162 f. Mestrado em Comunicação Instituição de Ensino: Universidade Est.Paulista Júlio de Mesquita Filho/Bauru, Bauru.</p>
<p>AGUIAR, Jacqueline Gomes de. Identidades Juvenis na Cultura da Convergência: Um estudo a partir do fandom online de Jogos Vorazes. 23/03/2016 172 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Luterana do Brasil, Canoas.</p>

Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

## APÊNDICE B - Banco de Teses e Dissertações da BDTD

	TESES E DISSERTAÇÕES
SIGNIFICADO / USOS	BERNARDES, Márcia. Jovens e internet: usos sociais e sociabilidades juvenis femininas em uma instituição de acolhimento. Orientador: Cogo, Denise Maria. Unisinos 2012.
	OLIVEIRA, José Reinaldo. Juventude e Ciberespaço: Implicações do Uso da Internet na Constituição da Sociabilidade Juvenil. Orientador: Carlos Ângelo de Meneses Sousa Dissertação Universidade Católica de Brasília 2012.
SOCIABILIDADE / ESTAR JUNTO	MARQUES, Cíntia Bueno. Estou online! o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2013.
	BITENCOURT, Kelly Ramos de Souza. Novas Sociabilidades E Protagonismo Juvenis: A Escola Vista No Ciberespaço. Dissertação de Mestrado. Pós- Graduação em Educação. Universidade Católica de Brasília, 2014.
	GOLDBERG, Leonardo Andre Elwing. Redes sociais "virtuais": o Facebook na Sociedade do espetáculo. 2014. 73 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
	MARTINS, Luciane Cristina Paschoal. Os temas e as dinâmicas sociointeracionais em nove grupos criados e gerenciados por mulheres no Facebook. Orientadora: Inês Signorini. Tese. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. UNICAMP. 2015.
EDUCAÇÃO / ESCOLA	KARDOZO, Felipe Camilo Mesquita. Confissões no Facebook: Educação e Subjetivação nas Redes Sociais. Orientadora: Bernadete de Lourdes Ramos Beserra. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2013.
	LIMA, Francisco Silva de. Amizades e sociabilidades escolares no Facebook: um estudo sobre a conversação online entre jovens moradores da zona rural de Pelotas. Orientador: Amaral, Adriana da Rosa. Unisinos. 2014.
POLÍTICA	FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. Conectadas: uma análise de práticas de ajuda mútua feminina na era das mídias digitais. 2013. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
	GUEDES, Taís Morais. As redes sociais - Facebook e Twitter - e suas influências nos movimentos sociais. 2013. 159 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
	BARREIROS, Bruna Provazi. Estratégias de visibilidade e articulação no ciberespaço : uma análise do ativismo feminista brasileiro no facebook. Orientador: Cláudio Luis de Camargo Penteado. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, 2013.
GÊNERO / SEXUALIDADE	DEPIERI, Caroline Stefany. Queer as Folk: Os Assumidos: aa Tv às Redes Sociais. Orientadora: Geni Rosa Duarte. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em História. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2013.
	CRUZ, Carole Ferreira da. Ativismo anti-homofobia : embates político-midiáticos da rede LGBT na internet. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Sergipe. 2014.
REPRESENTAÇÃO / ESCRITA DE SI	KRAMBECK, Rafael Soares. Cyberqueer: performances de gênero e mobilização de traços identitários na construção da narrativa da personagem Katylene no blog e no Twitter. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. UNISINOS. 2013.
	FERREIRA, Silvia Regina. Identidade, comunicação e cidadania no facebook: uma análise do diário de classe de Isadora Faber. 2013. 149 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013.

	<p>STASSUN, Cristian Caê Seemann. Sociedade do espelháculo: Facebook gadget como dispositivo de governo das informações, das circulações e do desejo. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2014.</p>
	<p>TOMAZETTI, Tainan Pauli. Movimentos Sociais em Rede e a Construção de Identidades: a Marcha Das Vadias SM e a Experiência do Feminismo em Redes Comunicação. Dissertação de Mestrado. Pós- Graduação em Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria. 2015.</p>
	<p>TAVARES, Ilana Camurça Landim. A construção das imagens de si por adolescentes em redes sociais. Orientadora: Profa. Dra. Inês Sílvia Vitorino Sampaio. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2015.</p>

Fonte: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>

## APÊNDICE C – Artigos SciELO

	<b>TESES E DISSERTAÇÕES</b>
<b>SIGNIFICADO / USOS</b>	GUSHIKEN, Yuji; HIRATA, Tatiane. Processos de consumo cultural e midiático: imagem dos 'Otakus', do Japão ao mundo. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Dez 2014, Volume 37 N° 2 Páginas 133 – 152.
<b>SOCIABILIDADE / ESTAR JUNTO</b>	SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. Educação em Revista, Mar 2012, Volume 28 N° 1 Páginas 395 – 420.
<b>EDUCAÇÃO / ESCOLA</b>	PRETTO, Nelson. Redes colaborativas, ética hacker e educação. Educação em Revista, Dez 2010, Volume 26 N° 3 Páginas 305 – 316.
	SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Escola, Orkut e juventude conectados: falar, exibir, espionar e disciplinar. Pro-Posições, Ago 2010, Volume 21 N° 2 Páginas 225 – 242.
<b>POLÍTICA</b>	LIMA, Nataly de Queiroz; SANTOS, Maria Salett Tauk dos. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento em redes globalizadas. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Dez 2012, Volume 35 N° 2 Páginas 225 – 246.
	RIBEIRO, Elisa Maria Barbosa de Amorim; BASTOS, Antônio Virgílio Bittencourt. Redes sociais interorganizacionais na efetivação de projetos sociais. Psicologia & Sociedade, Ago 2011, Volume 23 N° 2 Páginas 282 – 292.
<b>GÊNERO / SEXUALIDADE</b>	SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. Revista Estudos Feministas, Ago 2011, Volume 19 N° 2 Páginas 535 – 548.
<b>REPRESENTAÇÃO / ESCRITA DE SI</b>	TOMAZ, Renata. A invenção dos tweens: juventude, cultura e mídia. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Dez 2014, Volume 37 N° 2 Páginas 177 – 202.

Fonte: <http://search.scielo.org/?q=juventude&where=ORG>

## ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Heterotopias *On-line*: sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no *Facebook*”

Instituição: Universidade La Salle

Responsáveis: Carla Lisbôa Grespan e Cleber Gibbon Ratto

Estamos convidando você para participar do estudo intitulado “Heterotopias *On-line*: sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no *Facebook*”. Neste estudo pretendemos compreender como as relações de amizade nas comunidades - Jovens LGBT México (México), Secretaría de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Rede Nacional de Adolescentes LGBT (Brasil) - podem ajudar nos projetos de vida de jovens LGBT.

O *Facebook* é a maior rede social virtual da atualidade, onde as interações entre grupos sociais, neste caso as juventudes LGBT, têm produzido textos, imagens e áudios que provocam discussões sobre os mais variados temas, queremos compreender como os temas – corpo, gênero e sexualidade – têm sido discutidos na comunidade virtual que você participa e como estas discussões podem tem ajudado no seu projeto de vida e de seus/suas amigos/as *on-line*.

Você foi convidado/a para este estudo porque é membro ativo de uma comunidade virtual LGBT, sendo completamente voluntária, ou seja, é sua escolha participar ou não. Caso escolher não participar, em nada mudará sua relação com a comunidade virtual ou com a pesquisadora. Você pode mudar de ideia mais tarde e deixar de participar até mesmo se concordou no início.

Se você aceitar participar da pesquisa será solicitado a conversar informalmente com a pesquisadora Carla Lisbôa Grespan através do *Messenger* do *Facebook* ou por e-mail. Este estudo apresenta risco de desconforto ao compartilhar informações pessoais ou ao responder algum questionamento, porém, não desejamos que isto venha acontecer. Durante as conversas você poderá não responder quaisquer um dos questionamentos, sem prejudicar o andamento das discussões. Não haverá nenhum benefício direto para você, mas é provável que sua participação nos ajude a compreender como as amizades *on-line*, dentro das comunidades juvenis LGBT, podem possibilitar a construção dos projetos de vida. As conversas serão salvas em arquivos e mantidas em sigilo e anonimato.

Se você tiver qualquer pergunta antes ou depois de aceitar este convite pode contatar Carla Lisbôa Grespan, doutoranda em Educação pela Unilasalle/Canoas, pelo e-mail [carla.grespan@ufrgs.br](mailto:carla.grespan@ufrgs.br) e/ou pelo telefone +5551981469440, e Cleber Gibbon Ratto pesquisador e professor da Unilasalle/Canoas, pelo e-mail [cleber.ratto@unilasalle.edu.br](mailto:cleber.ratto@unilasalle.edu.br) e/ou pelo telefone +5551992333368. Esta proposta foi revisada e aprovada pelo Comitê de Ética Unilasalle/Canoas, que é um comitê cuja tarefa é ter certeza que aqueles participantes de pesquisa serão protegidos de qualquer dano. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo mandar um email para - [cep.unilasalle@unilasalle.edu.br](mailto:cep.unilasalle@unilasalle.edu.br).

Eu, \_\_\_\_\_, tendo sido orientado(a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Dados do(a) participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	
e-mail:	
Nº do Registro de Identificação	

Local e data

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura do(a) Participante

## ANEXO 2 - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: “Heterotopias *On-line*: sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no *Facebook*”

Instituição: Universidade La Salle

Responsáveis: Carla Lisbôa Grespan e Cleber Gibbon Ratto

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar do estudo “Heterotopias *On-line*: sociabilidades e performatividades juvenis LGBT no *Facebook*”. Neste estudo pretendemos compreender como as relações de amizade nas comunidades - Jovens LGBT México (México), Secretaría de Juventud - Federación Argentina LGBT (Argentina), Rede Ex Aequo (Portugal), Rede Nacional de Adolescentes LGBT (Brasil) - podem ajudar nos projetos de vida de jovens LGBT.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é considerar o *Facebook* como a maior rede social virtual da atualidade, onde as interações entre grupos sociais têm produzido textos, imagens e áudios que provocam discussões sobre os mais variados temas. E acreditar que os temas – corpo, gênero e sexualidade – discutidos nas comunidades *on-line* de juventudes LGBT podem ajudar na construção de projetos de vida.

Para participar deste estudo você precisará conversar informalmente com a pesquisadora Carla Lisbôa Grespan através do Messenger do Facebook. Você foi escolhido para participar porque é membro ativo de uma comunidade virtual LGBT.

Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou se recusar a participar. Para fazer parte deste estudo o seu responsável legal (pais ou tutores) deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você ou o seu responsável poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, sem prejuízos para o seu tratamento e/ou acompanhamento, se for o caso. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido.

Este estudo apresenta risco de desconforto ao compartilhar informações pessoais ou ao responder algum questionamento, porém, não desejamos que isto venha acontecer. Durante as conversas você poderá não responder quaisquer um dos questionamentos, sem prejudicar o andamento das discussões. Não haverá nenhum benefício direto para você, mas é provável que sua participação nos ajude a compreender como as amizades *on-line*, dentro das comunidades juvenis LGBT, podem possibilitar a construção dos projetos de vida.

A pesquisadora garante que irá tratar a sua identidade e seus dados com padrões de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição quando finalizada. Seu nome ou material que indique sua participação não serão liberados sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável. Este termo de consentimento encontra-se em um formulário *google docs* que poderá ser impresso, uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

As(os) pesquisadoras(es) envolvidas(os) com o referido projeto são Carla Lisbôa Grespan (doutoranda em Educação pela Unilasalle/Canoas) e Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto (Professor e Orientador de Tese da Unilasalle/Canoas) e com elas(es) você poderá manter contato pelo e-mail [carla.grespan@ufrgs.br](mailto:carla.grespan@ufrgs.br)/[cleber.ratto@unilasalle.edu.br](mailto:cleber.ratto@unilasalle.edu.br) e/ou pelo telefone +5551981469440/+5551992333368.

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, reclamação ou qualquer tipo de denúncia você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Unilasalle pelo email [cep.unilasalle@unilasalle.edu.br](mailto:cep.unilasalle@unilasalle.edu.br).

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e que posso mudar minha decisão em participar desta pesquisa em qualquer momento, bem como o meu/minha responsável poderá modificar a decisão sobre a minha participação, caso assim o desejar. Tendo o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) meu(minha) responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo.

Dados do participante da pesquisa	
Nome:	
Telefone:	
e-mail:	

Local e data

Assinatura do(a) Participante

Assinatura da Pesquisadora

### ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Primeiro Bloco

1. Nome:
2. Idade:
3. Localidade (País/Cidade):
4. Autodesignação de Gênero:
5. Autodesignação de Sexualidade:
6. Comunidades LGBT do *Facebook* que participa:

#### Segundo Bloco:

1. Comente sobre sua trajetória no movimento LGBT?
2. Qual o seu objetivo(s) ao se filiar a uma Associação LGBT?
3. Em que momento você se engajou na militância LGBT digital?
4. De que maneiras as redes sociais podem se relacionar com a juventude LGBT?
5. Como você vê a relação das redes sociais com a luta política?

#### Terceiro Bloco:

1. Você participava da ONG antes dela ter uma página no Facebook?
2. O que se modificou na ONG após a introdução das redes sociais?
3. Quanto tempo existe a página da ONG no Facebook e qual o seu objetivo(s)? Este objetivos tem se modificado?
4. Qual o caminho que você percorreu, dentro da ONG, para ser administrador da página do Facebook?
5. Você é o responsável pelas postagens na página do Facebook? Caso não seja o responsável, quem tem esta função?
6. Como são escolhidos os objetos postados (reportagens, vídeos, etc) na página do Facebook?
7. As pessoas que curtem a página do Facebook participam de atividades propostas pela ONG?
8. De que maneira a página do Facebook contribui para esta associação alcançar o objetivo apoiar a juventude LGBT nas questões de orientação sexual, identidade e expressão de gênero?
9. Você acredita que as postagens que são realizadas na página da ONG no *Facebook* podem produzir alguma mudança nas práticas de vida ou ajudar a concretizar os projetos das juventudes LGBTI?

## ANEXO 4 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA ASSOCIADA À TESE

### Artigos Publicados

#### **1. Mulheres em combate: representações de feminilidades em lutadoras de Boxe e MMA**

Ano: 2015

DOI: 10.4025/reveducfis.v26i3.26009

Home page: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/26009/15466>

Periódico: REVISTA DA EDUCAÇÃO FÍSICA (UEM. IMPRESSO)

ISSN: 0103-3948 Volume: 26 Série: 3 Página inicial/ Número artigo eletrônico: 367

Autor@s:

GRESPLAN, Carla Lisboa

FERNANDES, Vera

GOELLNER, Silvana Vilodre

MOURÃO, Ludmila

#### **2. Performativity of Gender and Sexualities: The Implications in the Education of Youths**

Ano: 2016

DOI: 10.4236/ce.2016.711165

Home page: <http://www.scirp.org/Journal/PaperInformation.aspx?PaperID=68875>

Periódico: CREATIVE EDUCATION

ISSN: 2151-4771 Volume: 07 Série: 11

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 1615 Página final: 1626

Autor@s:

RATTO, Cleber Gibbon

GRESPLAN, Carla Lisboa

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de

#### **3. Performatividades de Gêneros e de Sexualidades: implicações na educação das juventudes**

Ano: 2016

DOI: 10.21723/RIAEE.v11.n2.p746

Home page: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/8549/5825>

Periódico: REVISTA IBERO-AMERICANA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

ISSN: 1982-5587 Volume: 11 Série: 2

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 746 Página final: 766

Autor@s:

RATTO, Cleber Gibbon

GRESPLAN, Carla Lisboa

LACERDA, Miriam Pires Corrêa de

#### **4. Las Biotecnologías y la performatividad de los cuerpos: algunos discursos sobre el doping en el mixed martial arts femenino**

Ano: 2016

Home page: <http://http://bvirtual.ucol.mx/consultaxcategoria.php?seccion=5&categoria=1>

Periódico: GénEros

ISSN: 1405-3098 Volume: 18 Série: 2

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 65 Página final: 89

Autoras:

GRESPLAN, Carla Lisboa

LESSA, Patrícia Lessa

#### **5. Arte de Viver Junto: juventudes e perspectivas de futuro**

Ano: 2016

Home page: <http://revistadiversidadeeducacao.furg.br/index.php/ct-menu-item-1.html>

Periódico: Revista Diversidade e Educação

ISSN: 2358-8853 Volume: 4 Série: 7

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 14 Página final: 17

Autor@s:

GRESPLAN, Carla Lisboa

RATTO, Cleber Gibbon

ROTTMANN, Hans Gert

#### **6. “Ocupa 1º de Maio”: ciberdemocracia, cuidado de si e sociabilidade na escola**

Ano: 2017

DOI: 10.20396/etd.v19i1.8647733

Home page:

<http://https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8647733/15196>

Periódico: ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL

ISSN: 1676-2592 Volume: 19 Série: 1

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 99 Página final:118

Autor@s:

RATTO, Cleber Gibbon

GRESPLAN, Carla Lisboa

HADLER, Oriana Holsbach

### **7. Hashtags e Sociabilidade: potencialidades e possibilidades da ciberdemocracia**

Ano: 2017

Home page:

<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php?journal=artefactum&page=article&op=view&path%5B%5D=1385&path%5B%5D=679>

Periódico: ARTEFACTUM (RIO DE JANEIRO)

ISSN: 1984-3852 Volume: 14 Série: 1

Página inicial/ Número artigo eletrônico: 1 Página final: 13

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

RATTO, Cleber Gibbon

### **Livro**

#### **1. Mulheres no Octógono: performatividades de corpos, de gêneros e de sexualidades**

Ano: 2015

ISBN: 9788581928975

Número de volumes: 01 Número de páginas: 180 Número da edição/revisão: 01

Nome da editora: APPRIS Cidade da editora: Curitiba

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

### **Capítulos de Livros**

#### **1. O Octógono: performatividades de gênero no esporte**

Ano: 2016

Home page: <http://www.abeh.org.br>

Título do Livro: Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero

Organizadores: Fernando Seffner; Márcio Caetano

ISBN: 9788561702373

Número do volume: 2 Página inicial: 1413 Página final: 1429 Número da edição/revisão: 1

Nome da editora: Editora Realize Cidade da editora: Campina Grande

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

## **2. Juventudes e Direitos Humanos no Plural**

Ano: 2018

Título do livro: Educação em Direitos Humanos: Dos dispositivos legais às práticas educativas

Organizadores: Dirléia Fanfa Sarmento; Jardelino Menegat; Antonio Carlos Wolkmer

ISBN: 9788567442976

Número do volume: 1 Página inicial: 45 Página final: 66

Número da edição/revisão: 1 Série: 1

Nome da editora: Editora CirKula Cidade da editora: Porto Alegre

Autor@s:

GRESPLAN, Carla Lisboa

RATTO, Cleber Gibbon

## **Trabalhos Completos Publicados em Anais de Eventos**

### **1. Simpósio Temático - Práticas Corporais e Estéticas Subversivas**

Ano: 2015

Home page: <http://www.desfazendogenero.ufba.br/>

Nome do evento: II Seminário Internacional Desfazendo Gênero Cidade do evento: Salvador

Título dos anais do evento: Anais do II Seminário Internacional Desfazendo Gênero

ISBN/ISSN: 2447-2190

Autor@s:

GRESPLAN, Carla Lisboa

PRADO, Vagner Matias do

## **2. O Octógono como palco da misoginia**

Ano: 2015

Home page:

<http://eventos.idvn.com.br/sies2015/trabalhos/pesquisar/filtro/O%20Oct%C3%B3gono%20como%20palco%20da%20misoginia/ano/2015>

Nome do evento; IV Simpósio Internacional de Educação Sexual - Feminismos, Identidades de Gênero e Políticas Públicas Cidade do evento: Maringá

Título dos anais do evento: Anais do IV Simpósio Internacional de Educação Sexual - Feminismos, Identidades de Gênero e Políticas Públicas

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

## **3. Espaços Virtuais de Sociabilidades Juvenis: performatividades de gêneros e de sexualidades no Facebook**

Ano: 2015

Home page: <http://anais.unilasalle.edu.br/index.php/sefic2015/article/view/283/222>

Nome do evento: XI SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE - SEFIC 2015 - I Consórcio Doutoral Cidade do evento: Canoas

Título dos anais do evento: Anais da XI SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE -SEFIC 2015  
ISBN/ISSN: 1983-6783

Página inicial: 1 Página final: 5

Nome da editora: Editora Unilasalle

Cidade da editora: Canoas

Autor@s:

GRESPLAN, Carla Lisboa

RATTO, Cleber Gibbon

## **4. As Hashtags e a Sociabilidade: potencialidades e possibilidades da ciberdemocracia**

Ano: 2016

Home page: [http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo11\\_CARLA-LISB%C3%94A-GRESPAN.pdf](http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo11_CARLA-LISB%C3%94A-GRESPAN.pdf)

Nome do evento: ANPED SUL - Reunião Científica Regional da ANPED

Cidade do evento: Curitiba

Título dos anais do evento: ANAIS DA XI ANPED SUL

ISBN/ISSN: 9788584650132

Página inicial: 1 Página final: 12

Nome da editora: Setor de Educação da UFPR Cidade da editora: Curitiba

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

### **5. Sociabilidades Juvenis LGBT(IQ): o Facebook e sua potencialidade para as políticas de performatividades**

Ano: 2017

Home page:

[http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1494371809\\_ARQUIVO\\_ArtigoCompleto.pdf](http://www.sbece.com.br/resources/anais/7/1494371809_ARQUIVO_ArtigoCompleto.pdf)

Nome do evento: 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação

Cidade do evento: Canoas

Título dos anais do evento: Anais do 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação / 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação.

ISBN/ISSN: 2446-810X

Página inicial: 1 Página final: 13

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

### **6. Facebook: espaço de sociabilidades e de resistências**

Ano: 2017

Home page:

<https://wp.ufpel.edu.br/imagensdajustica/anais/anais-do-iii-seminario-internacional-imagens-da-justica-curriculo-e-educacao-juridica/>

Nome do evento: III Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica

Cidade do evento: Pelotas

Título dos anais do evento: Anais do III Seminário Internacional Imagens da Justiça, Currículo e Educação Jurídica

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa

**7. As Comunidades Juvenis LGBT no Facebook: as potencialidades da sociabilidade**

Ano: 2017

Home page:

[http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1494373712\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Completo.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1494373712_ARQUIVO_Artigo_Completo.pdf)

Nome do evento: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 Cidade do evento: Florianópolis

Título dos anais do evento: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11

ISSN: 2179-510X

Página inicial: 1 Página final: 13

Autora:

GRESPLAN, Carla Lisboa







## ANEXO 8 - MAPA MUNDIAL SOBRE RECONHECIMENTO DE DIREITOS DAS PESSOAS LGBTs

